



Serviço Público Federal
Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Psicologia - IP
Programa de Pós-graduação em Psicologia



ESTRUTURA E DINÂMICA DAS RELAÇÕES
FAMILIARES DE UMA COMUNIDADE RIBEIRINHA DA
REGIÃO AMAZÔNICA.

Simone Souza da Costa Silva

Brasília
2006

Simone Souza da Costa Silva

ESTRUTURA E DINÂMICA DAS RELAÇÕES
FAMILIARES DE UMA COMUNIDADE RIBEIRINHA DA
REGIÃO AMAZÔNICA.

*Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Psicologia do Instituto de Psicologia da UnB,
como parte dos requisitos para a obtenção do título
de Doutor em Psicologia.*

Orientadora: Profa. Dra. Julia Bucher-
Maluschke

Brasília
2006

AGRADECIMENTOS

Ao povo ribeirinho - presente durante toda minha vida - que me ensinou a possibilidade de viver grandes experiências de modos extremamente simples.

A CAPES pela concessão de uma bolsa fundamental para o desenvolvimento deste trabalho.

A Universidade Federal do Pará e ao Campus de Soure pela licença para desenvolver esse trabalho.

Aos amigos Toninho e a Leila que dispuseram as instalações do Hotel-Fazenda São Francisco do Marajó de forma incondicional e confiante, sem jamais sugerir qualquer reembolso.

Ao Departamento de Psicologia Experimental e ao Programa de Pós-graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará pelo apoio na cessão das instalações físicas, uso de equipamentos e incentivo para realização deste trabalho.

Ao Prof. Dr. William Lee Berdel Martin que está sempre a disposição para resolver as minhas dificuldades de escrita na língua inglesa.

À Profa. Júlia Bucher-Maluschke não apenas por ter me ajudado a perceber o que era para mim relevante estudar, mas também pelos freqüentes momentos de desespero que pude contar com seu apoio e paciência.

Aos amigos e equipe de pesquisa (Abraão, Dani Reis, Dani New, Eric, Laiane, Leila, Lorena, Mamá, Sarah Dani e Taty) que nunca mediram esforços para a execução deste trabalho.

Às amigas Prof. Dra.Celina Magalhães e Prof. Dra. Marilice Garotti pela paciência em ouvir os meus lamentos.

Ao meu pai que embora não tenha conhecido na maturidade sua filha caçula deixou a esta seus bens mais valiosos, o respeito pelos outros, o gosto pelo conhecimento e pelo trabalho e o amor à família.

A minha mãe que de forma silenciosa me ensinou a nunca desistir de seus propósitos por mais que estes pareçam inalcançáveis.

A minha irmã Celi que ao longo deste trabalho se revelou através de suas palavras de incentivo e conforto uma grande amiga.

Aos amigos César, Deusivania e Isalena cuja companhia foi fundamental para enfrentar o período difícil em que morei em Brasília.

Ao coordenador do projeto “Contextos de desenvolvimento em uma comunidade ribeirinha do marajó: pares, família e escola”, Professor Dro. Fernando Augusto Ramos Pontes, que me concedeu muito mais do que apoio, mas sua amizade que se revelava nas reflexões críticas durante as primeiras viagens ao Marajó até os momentos finais de análise e discussão do material.

Ao meu marido, companheiro, eterno parceiro, meu melhor amigo que se manteve e ainda se mantém incansavelmente presente na minha vida até nos momentos em que penso em desistir, dando-me força com palavras e ações que nunca me permitiram recuar.

As minhas filhas que foram geradas ao longo do processo desta formação, quando ganharam não apenas uma estrutura orgânica, mas também sentido ao longo dos anos.

A maioria dos moradores do lugar possui alguns desses animais, que eles mantêm presos em pequenos cercados feitos de taquaras. Todos ali eram mamelucos, e todos nos tratavam com muita gentileza. Contudo, não conseguimos comprar deles muita coisa em matéria de alimentos frescos. Creio que isso se deve ao fato de nunca terem eles na além do estritamente necessário ao seu próprio sustento. Nessas regiões, onde os habitantes contam exclusivamente com o peixe para lhes fornecer carne, há uma época do ano em que eles passam fome; por isso, dão grande valor a qualquer sobra de mantimentos que possam guardar. Eles respondiam quase sempre negativamente quando lhes perguntávamos, com o dinheiro na mão, se tinham galinhas, tartarugas ou ovos para vender, dizendo, “não há, sinto não poder lhe servir”, ou “Não há meu coração”.

Como nossa marcha era muito vagarosa, de vez em quando atracávamos a canoa no barranco e íamos visitar as casas, que eram numerosas, não só na beira d'água como nas ilhas maiores. As que pertenciam a gente pobre eram muito precárias, consistindo praticamente de uma armação montada sobre pilares e cobertas de folhas de ubuçu.... A gente do lugar me pareceu alegre e feliz, mas a ociosidade e a miséria se faziam notar através de alguns sinais iniludíveis.

LISTAS DE FIGURAS.....	VIII
LISTA DE QUADROS E TABELAS.....	XI
RESUMO.....	XII
ABSTRACT.....	XIII
INTRODUÇÃO	1
Contextualização da Pesquisa.....	2
Fundamentação Teórica	5
Bases teóricas do pensamento relacional sistêmico.....	5
Características dos sistemas.....	8
Concepção Estrutural da família.....	10
Padrões de Fronteiras Internas e classificação das famílias: emaranhadas versus desligadas.....	14
Classificação das famílias – da relação com o mundo: centripetas versus centrifugas.....	17
Coesão.....	18
Hierarquia.....	19
Conflito.....	21
Comunicação.....	25
Papéis Sociais.....	25
Estrutura, Dinâmica e Ciclo de vida familiar.....	26
Rotinas Familiares: Uma síntese.....	27
Cultura: sociedade, família e o modelo de Bronfrenbrenner.....	29
A família brasileira no contexto internacional.....	36
Fundamentação da escolha metodológica.....	40
O modelo qualitativo.....	42
O estudo de caso.....	43
DEFINIÇÃO DO PROBLEMA, PRINCIPAIS QUESTIONAMENTOS E OBJETIVOS.	47
Objetivos	50
MÉTODO.....	51
Contexto geográfico da Pesquisa	52
Base de Pesquisa.....	55
Participantes.....	56
A comunidade.....	56
Informante.....	58
As Famílias Focais (FF).....	59

Equipe de investigação	59
Instrumentos e Técnicas	59
1) Inventários	60
- Inventário Sócio-demográfico (ISD)	60
- O Inventário de rotina (IR).....	61
2) Situações estruturadas de investigação (SEI).....	61
- O Miriti:	61
- A solução de problemas:.....	62
- As Fotos:	63
- Semelhança e diferenças:.....	64
- Nível de satisfação – ciclo vital:	64
3) Diário de campo (DC)	65
4) Genealogia da Comunidade (GC):	65
5) Genograma das Famílias Focais (GFF):	66
6) Ecomapa das Famílias Focais (EFF):	66
7) Mapa de rede das Famílias Focais (MRFF):.....	66
8) Observação e notas de campo sobre o Ambiente de comunicação (ONC-AC)	66
Procedimentos.....	67
Preparativos preliminares	67
Preparação e teste preliminares dos instrumentos e técnicas	67
Preparação da equipe de pesquisa e forma de organização de coleta no campo.....	67
Contato inicial	69
Coleta de dados	70
Caracterização da comunidade.....	70
Estudos de Casos	72
Análise dos resultados	73
RESULTADOS E DISCUSSÃO	77
Caracterização da comunidade do Araraiana	78
Origem e perspectivas de locação familiar.....	78
Características das residências familiares	83
Constituição familiar.....	91
Ocupação, modo de sobrevivência e renda	94
Educação	96
Saúde	98
Medos	101
Uma apreciação geral	102
Genealogia da comunidade.....	104
Genealogia das Famílias Focais, através dos genogramas elaborados	105
Família B/D	105
Família B/M	106
Família C/N	106
Família M/S	108
Rotinas Familiares	109
Ajustes metodológicos	109
Subsistemas de rotinas das famílias focais.....	112
A família B/D	112
- Dias de semana	112
- Fim de semana (domingo)	114
Os subsistemas de atividades da Família Bor/Dia.	115

A família B/M.....	119
-Dias de semana	119
- Fim de semana (domingo).....	121
Os subsistemas de atividades da Família B/M.....	122
A família C/N:.....	126
- Dias de semana	126
- Fim de semana (domingo).....	128
Os subsistemas de atividades da Família C/N.....	130
A família M/S:.....	141
- Dias de semana.....	141
- Fim de semana (domingo).....	144
Os subsistemas de atividades da Família M/S.....	145
Especificidades culturais dos subsistemas de rotina encontrados: algumas considerações preliminares.....	147
Redes de relações.....	151
Ecomapas e Mapas de Rede.....	151
A Família B/D.....	155
A Família B/M.....	159
A Família C/N.....	162
A Família M/S.....	166
Especificidades culturais dos Ecomapas e Mapas de rede encontrados: algumas considerações preliminares.....	171
Padrões e organização das relações maritais, parentais e familiar.....	174
Considerações Iniciais	174
Família B/D	178
a) História da relação conjugal.....	182
b) Identidade familiar: origem e manutenção da família	184
c) Relações conjugais e parentais: modelos identificatórios.....	187
d) Representações atuais em torno dos membros	191
Família B/M.....	194
a) História da relação conjugal.....	197
b) Identidade familiar: origem e manutenção da família	200
c) Relações parentais: modelos identificatórios.....	204
d) Dificuldades conjugais e conflitos relacionais entre os irmãos.....	208
e) Representações atuais em torno dos membros	210
Família C/N	213
a) História da relação conjugal.....	218
b) Identidade familiar: origem e manutenção da família	223
c) Relações conjugais e parentais: modelos identificatórios.....	225
d) A relação entre os irmãos e a chegada do B.....	231
e) Representações atuais em torno dos membros	232
A Família Mig/San.....	235
a) História da relação conjugal.....	236
b) Identidade familiar: família de origem X família de criação	238
c) Relações parentais: modelos identificatórios.....	239
d) Representações atuais em torno dos membros	242
e) Valores emocionais e econômicos: Uma questão de fronteiras.....	247
f) A família M/S e as fronteiras com J	248
g) As fronteiras e a formação de novas famílias.....	249
Especificidades culturais dos Padrões e organização das relações maritais, parentais e familiares: algumas considerações preliminares.....	253
CONCLUSÃO	257

Dinâmica das relações intra familiares	262
A história das relações familiares	266
A dinâmica das relações familiares e os outros contextos	268
Cultura ribeirinha: contexto físico e simbólico	273
Coletivismo e Individualismo	274
Uma das possibilidades de continuidade	277
Recomendações Finais	278
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	280
ANEXOS	301
ANEXO 01 - INVENTÁRIO SÓCIO-DEMOGRÁFICO (ISD)	302
ANEXO 02 - O Inventário de rotina (IR) 1ª Versão	312
ANEXO 03 - O Inventário de rotina (IR) 2ª versão	314
ANEXO 04 – Termo de consentimento livre e esclarecido	316
ANEXO 05 – Mapa das relações genealógicas na comunidade do Araraiana	318

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1: Configuração dos sistemas ecológicos segundo o modelo de Bronfenbrenner.	31
Figura 2: Representação da relação entre família e cultura.....	49
Figura 3: Mesoregião do Marajó com destaque para o município de Ponta de Pedras.....	52
Figura 4: Mata ribeirinha aonde se destacam pés de Miriti, paisagem típica da região.....	54
Figura 5: Mapa representativo do local onde se situa a comunidade do Araraiana/Marajó/Ponta de Pedras/Pará.....	55
Figura 6: Hotel fazenda São Francisco do Marajó, base da pesquisa.	56
Figura 7: Distribuição de freqüência do total de moradores por faixa etária.	57
Figura 8: Representação esquemática da distribuição das residências no rio Araraiana.....	57
Figura 9: Religião admitida pelos chefes de família.	58
Figura 10: Um dos momentos de reunião da equipe de pesquisa na situação de campo.	68
Figura 11: Descrição esquemática das fases do procedimento e as etapas e instrumentos a serem aplicados.	72
Figura 12: Total de casais por tempo de convívio.	78
Figura 13: Local de origem das famílias não originárias do Araraiana.....	79
Figura 14: Freqüência de respostas em categoria de motivos de migração.....	80
Figura 15: Local de origem dos pais dos atuais moradores do Araraiana.....	80
Figura 16: Freqüência de respostas dos chefes de família para a questão de se há interesse em permanecer no local.	81
Figura 17 e 18: Freqüência de motivos alegados para ficar e não ficar no Araraiana.....	82
Figura 19: Exemplo de fachadas de algumas residências do Araraiana.....	85
Figura 20: Fotografias representativas da sala de algumas das casas.....	86
Figura 21 Fotografias representativa de acondicionamento de pertences.....	86
Figura 22: Fotos representativas de disposição organizada de pertences.....	87
Figura 23: Fotografias representativas de arranjo interno de ornamentos nas paredes.....	87
Figura 24: Fotografias representativas de ornamentação do teto e de divisão de ambientes com cortinas feita de sucatas de garrafas plásticas tipo PET verificado na casa da Família Mig/San.....	88
Figura 25: Fotografias de decoração de arranjo do entorno das residências com plantas decorativas.....	89
Figura 26: Utensílios domésticos de posses das famílias do Araraiana.....	90
Figura 27: Total de arranjos familiares presentes nas residências do Araraiana.....	91
Figura 28: Freqüência do estado civil dos casais das famílias do Araraiana.....	92
Figura 29: Total de casais que fizeram ou não ritual de casamento	93

Figura 30: Distribuição do tipo de arranjo familiar do total de famílias em função do total de residentes por moradia.	93
Figura 31: Total de pessoas por ocupação relatada nos entrevistados.	94
Figura 32: Total de famílias em função da renda per capita familiar.	95
Figura 33: Total de famílias que criam animais sem confinamento.	95
Figura 34: Total de famílias que cultivam a terra para fins de agricultura.	96
Figura 35: Porcentagens de sujeitos dentro e fora da escola nas devidas faixas etárias.	97
Figura 36: Total de sujeitos por grau de escolarização dos que não freqüentam a escola.	97
Figura 37: Total de residências que utilizam e a origem e o tipo de tratamento de água de beber.	99
Figura 38: Diversos tipos de destino do lixo residência utilizados nas suas residências relatados pelos entrevistados.	99
Figura 39: Principais tipos de controle da natalidade e a freqüência de sua citação efetuada pelos casais entrevistados.	100
Figura 40: Faixas etárias e freqüência da primeira gravidez.	100
Figura 41: Diversos tipos de medos e a freqüência em que foram citados pelos entrevistados.	102
Figura 42: Genograma da família Bor/Dia.	105
Figura 43: Genograma da família Bua/Mar (membros que residem junto).	106
Figura 44: Genograma da família Car/Noc.	107
Figura 45: Genograma da família Mig/San.	108
Figura 46: Atividades/tarefas desenvolvidas e subsistemas envolvidos família Bor/Dia nos dias de semana.	116
Figura 47: Atividades/tarefas desenvolvidas e subsistemas envolvidos família Bor/Dia no fim de semana (domingo).	117
Figura 48: Atividades/tarefas desenvolvidas e subsistemas envolvidos família Bua/Mari nos dias de semana.	122
Figura 49: Atividades/tarefas desenvolvidas e subsistemas envolvidos família Bua/Mari no fim de semana (domingo).	123
Figura 50: Atividade de Subsistência Econômica desenvolvida e subsistemas envolvidos família Car/Noc nos dias de semana.	131
Figura 51: Atividade de Subsistência Econômica desenvolvida e subsistemas envolvidos família Car/Noc no fim de semana (domingo).	132
Figura 52: Atividade de Subsistência Alimentar e Tarefas Domésticas e subsistemas envolvidos família Car/Noc nos dias de semana.	133
Figura 53: Atividade de Subsistência Alimentar e Tarefas Domésticas e subsistemas envolvidos família Car/Noc no fim de semana (domingo).	133
Figura 54: Atividade de Cuidado Físico e subsistemas envolvidos família Car/Noc nos dias de semana.	135
Figura 55: Atividade de Cuidado Físico e subsistemas envolvidos família Car/Noc no fim de semana (domingo).	136
Figura 56: Atividade de Lazer e subsistemas envolvidos família Car/Noc nos dias de semana.	137
Figura 57: Atividade de Lazer e subsistemas envolvidos família Car/Noc nos dia de domingo.	138
Figura 58: Atividades/tarefas desenvolvidas e subsistemas envolvidos família Mig/San nos dias de semana.	145

Figura 59: Atividades/tarefas desenvolvidas e subsistemas envolvidos família Mig/San no fim de semana (domingo).	146
Figura 60: Ecomapa da família Bor/Dia.....	155
Figura 61: Mapa de rede de Bor.....	157
Figura 62: Mapa de rede de Dia.....	158
Figura 63: Ecomapa da família Bua/Mari.	159
Figura 64: Mapa de rede de Mari.	161
Figura 65: Mapa de rede de Bua.....	162
Figura 66: Ecomapa da família Car/Noc.	163
Figura 67: Mapa de rede de Car.	165
Figura 68: Mapa de rede de Noc.....	166
Figura 69: Ecomapa da família Mig/San.	167
Figura 70: Mapa de rede de Mig.	169
Figura 71: Mapa de rede de Sam.....	169

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1: Síntese dos elementos do banco de dados com os principais objetivos, procedimentos de tratamento e elementos de análise utilizados para cada componente do banco de dados.	75
Quadro 2: Síntese dos principais aspectos positivos e negativos levantados no decorrer da situação estruturada.	192
Quadro 3: Síntese dos principais aspectos positivos e negativos levantados no decorrer da situação estruturada.	211
Quadro 4: Síntese dos principais aspectos positivos e negativos levantados no decorrer da situação estruturada.	233
Quadro 5: Síntese dos principais aspectos positivos e negativos levantados no decorrer da situação estruturada.	243
 Tabela 1: Situação de Moradia e Quantidade de cômodos na residência das famílias do Araraiana.....	 84

Silva, Simone, S. C. *Estrutura e dinâmica das relações familiares de uma comunidade ribeirinha da região amazônica*. Brasília, 2006. 338p. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília.

RESUMO

O presente trabalho se propôs a investigar a estrutura e dinâmica de famílias pertencentes a uma comunidade ribeirinha na região Amazônica, seu funcionamento interno, assim como as interações familiares com o contexto cultural no qual elas estão inseridas. Diante da complexidade do contexto de investigação, optou-se por uma abordagem de coleta e análise dos dados estruturados através de múltiplas metodologias que se concretizaram na forma de instrumentos e técnicas quantitativos e qualitativos. Os dados indicaram que as famílias estudadas apresentam padrões de relação semelhantes àqueles encontrados nas sociedades tradicionais, onde a diferença entre os gêneros constitui uma variável fundamental que define a qualidade das relações intra e entre os subsistemas, assim como o tipo de tarefa executada. Os padrões relacionais conjugais e parentais apresentam perfil altamente hierárquico e poucas situações de negociação. Os conflitos são resolvidos com base no status ocupado pelos membros, sendo que as figuras masculinas, que pode ser marido, pai e irmão, ocupam o lugar de maior poder. As relações entre as fronteiras dos subsistemas conjugal e parental apresentam tendência ao emaranhamento. Nas famílias focais estudadas, assim como nos contextos urbanos, existe uma forte interconexão entre a qualidade dos vínculos conjugais e parentais. A divisão de papéis é característica das mulheres se encarregam dos cuidados com as crianças e das tarefas domésticas, enquanto os homens são responsáveis pelas atividades que garantem a subsistência, ou seja, o trabalho. Os espaços de convivência das mulheres se restringem a família (casa) e a igreja enquanto os homens dividem seu tempo com atividades de trabalho e de lazer. Percebe-se que alguns elementos presentes no interior da família fazem parte do mundo simbólico da comunidade. O estado de isolamento social em que a comunidade se encontra contribui com a manutenção dos padrões relacionais que tendem a se repetir ao longo do tempo no interior da família e na comunidade. Entende-se que esses e outros dados referentes ao modo de vida das famílias ribeirinhas podem servir de base às instituições governamentais na elaboração de políticas públicas compatíveis com o funcionamento das famílias e das comunidades que moram as margens do rio.

Palavras-chaves: Estrutura e dinâmica familiar, Cultura, Comunidade ribeirinha.

Silva, Simone, S. C. The Structure and Dynamics of Family Relationships in a Riverine Community in the Amazon Region. *Brasília*, 2006. 338p. Thesis (Doctor). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília.

ABSTRACT

The purpose of this project was to investigate the structure and dynamics of families residing in an Amazon riverine community, as well as their internal functions and familial interactions within their social milieu. Considering the cultural complexity of the investigation, an ethnographic approach was used in the collection and analysis of data, including both quantitative and qualitative measures. The data indicate that the families studied present patterns of relationship similar to those found in traditional societies, where gender constitutes a basic variable that defines the quality of relations within and between subsystems, as well as the type of chores performed. The pattern of conjugal relations shows a hierarchic profile with little room for negotiation. Conflicts are resolved on the basis of the status occupied by the members, wherein the masculine authority figures—husbands, fathers, and brothers—hold the most power. In the riverine environment, the relational patterns at the conjugal and parental levels tend to be intertwined. Similar to urban contexts, among the families studied there is a strong connection between the quality of conjugal and kin relationships. In this community the women take care of the children and perform the domestic tasks, whereas men are responsible for subsistence activities. In terms of living space, women confine themselves to family and church affairs, and men divide their time between work and leisure. It was observed that certain elements present within the family network relate to the symbolic aspects of the community. The situation of relative social isolation characteristic of this community contributes to the maintenance of long term stable patters of intra- and interfamilial relationships. These and other data concerning the life way of the riverine families may serve as a guide for the government when it implements public policies for this segment of the population.

Key words: Family structure and dynamics; culture, riverine community.

Introdução

Para ser universal, basta cantar o seu quintal.

Leon Nikolaievitch Tolstoi

Contextualização da Pesquisa

A sociedade moderna tem presenciado importantes transformações dentre as quais, pode-se destacar o declínio da fertilidade e conseqüentemente do tamanho das famílias, as mudanças relativas ao início da maternidade e paternidade, o aumento da participação da mulher na força de trabalho, o aumento das taxas de divórcio, e do número de famílias recasadas (Parke, 1996, Elder, 1998, Bucher, 1999). Por outro lado, o homem deste final de século convive com o crescimento de problemas sociais, tais como a violência, a doença física e mental, as distorções éticas que permeiam as relações, o aumento do número de abandono infantil, enfim, problemas que colocam tanto o cidadão comum quanto o cientista diante do desafio de entender o funcionamento do homem moderno. Neste sentido, as ciências de modo geral e em particular a psicologia têm buscado investigar a dinâmica da vida humana neste último século. Os trabalhos empíricos provenientes de diferentes disciplinas como a antropologia, sociologia e psicologia têm concluído que este novo contexto social se encontra em estreita relação com o universo familiar.

No geral, grande parte dos estudos de família, que são organizados no Brasil ou no exterior, têm sido desenvolvidos em contextos urbanizados, geralmente no entorno das cidades, das grandes metrópoles. Entende-se que essa tendência pode fazer bastante sentido nos países “industrializados”, pois o contexto urbano tende a dominar o cenário sócio-geográfico e por esse motivo, demanda problemas teóricos e práticos prementes. Contudo, compreende-se que as diferenças estruturais e culturais desses países em relação aos que estão “em desenvolvimento” são consideráveis, o que implica em problemas de generalização desses achados. Desse modo, considerando a diversidade de contextos sócio-culturais brasileiros, seguir essa tendência de modo cego, refletiria, no mínimo, uma alienação do pesquisador de seu próprio contexto sócio-cultural.

Com base na literatura e na experiência acumulada ao longo dos anos, seja durante a infância vivida no Marajó, seja naquela que foi adquirida posteriormente na cidade de Belém, surgiu o interesse de construir um projeto de pesquisa cujos resultados pudessem representar o modo de vida das

famílias que vivem na Amazônia, particularmente, aquelas que vivem às margens dos rios.

O presente trabalho se propõe à investigação pioneira sobre o funcionamento de famílias pertencentes a uma comunidade ribeirinha, seu funcionamento no âmbito intrafamiliar, assim como nas interações com o contexto no qual elas estão inseridas. A comunidade escolhida como foco desta pesquisa, apresenta um modo de vida de um ribeirinho tipicamente amazônico. Além de estarem distantes geográfica e simbolicamente do resto do mundo, as famílias que moram as margens do rio, dentre outros aspectos, distinguem-se das demais por apresentarem uma importante peculiaridade: o rio atua como elemento de estabelecimento de vínculos e de restrições aos mesmos.

Os membros de uma família ribeirinha estabelecem entre si um contato mais constante quando comparados com famílias metropolitanas moradoras de bairros periféricos. Pode-se dizer que este fator torna-se amplificado em efeitos quando considerado a cultura de sobrevivência ribeirinha, da qual se salienta o fato de as atividades de trabalho e sobrevivência estarem relacionadas ao imediato - não há acúmulo ou provisões -, o que resulta em uma grande parte do tempo de não-trabalho ou ócio, levando, por sua vez, em um tempo maior de contato entre os membros familiares.

Este projeto foi desenvolvido como parte de um plano de pesquisa mais amplo denominado “Contextos de desenvolvimento em uma comunidade ribeirinha do Marajó: pares, família e escola”, sob a coordenação do professor Doutor Fernando Pontes do Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará, o qual contou com apoio financeiro do CNPq. Deste modo, configurou-se uma extensa equipe formada por alunos de doutorado, mestrado e de iniciação científica e outros pesquisadores nacionais dentre esses, a orientadora deste trabalho, professora Doutora Julia Bucher-Maluschke.

O conhecimento inicial do contexto no qual o projeto seria desenvolvido indicou a necessidade da equipe de pesquisadores se aproximar de modelos metodológicos mais etnográficos, onde o pesquisador deveria depreender parte

dos desdobramentos investigatórios a partir do seu próprio envolvimento no seio da comunidade e das famílias em análise.

Por se entender que a metodologia qualitativa era a mais adequada para se alcançar os objetivos pretendidos, a equipe de pesquisadores contou com auxílio da Profa. Julia Bucher que, a após a sua visita a comunidade, coordenou um intenso processo de treinamento da equipe no modelo qualitativo de pesquisa. Estes treinamentos foram organizados na forma de reuniões de trabalho onde se discutiam textos teóricos e materiais gerados durante as visitas realizadas na comunidade ribeirinha. Nestes encontros, os principais temas abordados eram: grupo-focal, entrevistas semi-dirigidas, notas de campo, organização de categorias qualitativas, etc. Toda essa capacitação possibilitou a configuração de uma equipe e de um empreendimento de pesquisa integrado.

A seguir será apresentado o conjunto de informações teóricas e empíricas que adquiriu sentido ao longo dos quatros anos deste doutoramento. Em um primeiro momento, apresenta-se a fundamentação teórica, os principais arcabouços teórico-conceituais e metodológicos que sustentaram, em parte, o interesse inicial, que permitiram a execução do projeto e que deram, posteriormente, sentido aos dados coletados. Em um segundo momento, no método, será apresentado detalhadamente o contexto sócio-geográfico da pesquisa, a base de pesquisa onde a equipe de pesquisadores ficava hospedada, os participantes, a equipe de investigação, os instrumentos e técnicas utilizadas, os procedimentos de coleta e o tratamento a ser dado à análise dos resultados. A seção de resultados será apresentada em conjunto com a seção discussão. Neste sentido, os dados serão apresentados acompanhados de reflexões com base nos conceitos destacados na fundamentação teórica. A última seção, intitulada, conclusão apresenta algumas considerações gerais teóricas sobre os dados e implicações em futuros trabalhos e em políticas públicas.

Fundamentação Teórica

Um conjunto de observações clínicas que indicavam que funcionamento individual está diretamente associado com a dinâmica da família onde este indivíduo se encontra inserido, foram determinantes para o surgimento do interesse no grupo familiar. Essas observações têm sido compartilhadas por pesquisadores do desenvolvimento (Burgess, 1926; Feiring & Lewis, 1978; Belsky, 1981, 1984; Goldberg & Easterbrooks; 1984; Minuchin, 1985, 1988; Radke-Yarrow, Richters & Wilson, 1988; Sroufe & Fleeson, 1988; Stevenson-Hinde, 1988; Kreppner, 1992, 2000; Cicirelli, 1994; Dessen, 1997; Zamberlan, 1997; Deal, Hagan, Bass, Hetherington & Clingempeel, 1999; Collins, Maccoby, Steinberg, Hetherington & Bornstein, 2000) que têm postulado a existência de um jogo dinâmico de influências mútuas entre o subsistema marido-esposa e genitores-criança, influenciando por sua vez, no funcionamento infantil.

De fato, já é consenso na área de desenvolvimento a idéia de que a relação conjugal influencia na relação parental e que ambas influenciam o desenvolvimento infantil. A meta-análise de Erel e Burman (1995) sobre os estudos da inter-relação das relações conjugais e parentais indicou a existência de uma correlação positiva entre estas relações. Neste sentido, quanto melhor a qualidade da relação marital, melhor o ajustamento entre os genitores e seus filhos e vice-versa.

Este novo olhar sobre as inter-influências presentes dentro do grupo familiar e desse com a cultura tem sido possível graças à teoria sistêmica, esta que representa um movimento que enfatiza a família enquanto um sistema constituído por subsistemas que mantêm entre si relações de interdependência. Estudar a estrutura e a dinâmica das relações familiares em contextos diversos sob a ótica da teoria sistêmica nos permite compreender o funcionamento do grupo familiar.

Bases teóricas do pensamento relacional sistêmico.

A visão sistêmica da família surgiu como reação e insatisfação aos modelos existentes, tais como a psicanálise, que privilegiava o indivíduo sem considerar o contexto no qual este estava inserido. Esta perspectiva parte da

noção de que qualquer membro está intrinsecamente embutido dentro de um amplo sistema familiar o que impossibilita seu total entendimento independentemente de seu contexto (Minuchin, 1985; Kreppner & Lerner, 1989). Tendo como objetivo envolver a família no processo terapêutico, a psicologia dirigiu sua atenção para diferentes movimentos teóricos, principalmente a teoria geral dos sistemas e a cibernética, sob os quais se encontram os principais fundamentos dos conceitos sistêmicos.

A interpretação dos sistemas vivos - biológicos e sociais-, e por sua busca dos princípios e leis para compreensão do funcionamento desse tipo de sistema, a teoria geral dos sistemas apresenta uma natureza organicista,. Segundo Ludwig Von Bertalanffy, biólogo que sistematizou a teoria geral dos sistemas, “um organismo é uma coisa organizada” (Bertalanffy, 1967, p.103).

Bertalanffy (1968) foi pioneiro da idéia de que um sistema era mais do que a soma de suas partes. Segundo ele, quando as partes de um sistema são organizadas dentro de um padrão, algo emerge deste e do relacionamento das partes que é maior ou diferente, do mesmo modo como a água emerge da interação do hidrogênio com o oxigênio. Assim, enfatizou a importância de se concentrar no padrão dos relacionamentos dentro de um sistema ou entre os sistemas, e não na substância de suas partes (Bertalanffy, 1968).

Bertalanffy (1972, 1982) define sistema como um conjunto constituído por elementos que possuem características próprias e estão em interação, assim como as próprias interações. Um sistema pode apresentar uma natureza física, biológica, psicológica, sociológica ou simbólica, podendo ser composto de sistemas menores e pode também ser parte de um sistema mais amplo. Conseqüentemente, a mesma entidade organizada pode ser encarada como um sistema ou como um subsistema, dependendo do foco de interesse do observador.

A existência de interação ou de relações entre os componentes de um sistema é o aspecto central que identifica a existência do sistema como entidade, distinguindo-o de um simples aglomerado de partes independentes umas das outras, deste modo, na interação sistêmica há uma interdependência. Interação significa que os elementos p estão em relações R ,

de tal modo que o comportamento de p na relação R é diferente do seu comportamento em outra relação (Hinde, 1979, 1997). Portanto, o contexto no qual a interação acontece exerce um papel fundamental sobre esta. Assim, não é possível descrever e compreender processos relacionais sem descrever os contextos, sem ampliar o foco de observação. Contexto é a palavra necessária na descrição de fenômenos relacionais.

Outra área que se desenvolveu e trouxe uma importante contribuição ao estudo da família, em especial da terapia familiar, foi a da cibernética. Esta, por sua vez, apresenta uma natureza mecanicista por sua associação com as máquinas ou sistemas artificiais, com a técnica de controle, automatização e inovações tecnológicas.

A cibernética foi desenvolvida e nomeada, no início da segunda grande guerra, pelo matemático Norbert Wiener, que investigava questões médicas no Massachusetts Institute of Technology. A palavra cibernética vem do grego *kybernetes*, que significa piloto, condutor e *kybernetike*, que representa a arte de pilotar navios e a arte de governar os homens, e remete diretamente às idéias de mecanismos de regulação ou recursos de contra-reação (David, 1965). Para Wiener (1948) o termo cibernética se refere a todo o campo do controle e da comunicação na máquina e no animal que se relacionam por meio do elemento mensagem. Em 1950, este autor já destacava a importância da comunicação para as ciências sociais. Segundo ele, “a sociedade só pode ser compreendida através de um estudo das mensagens e das facilidades de comunicação de que disponha” (Wiener, 1950, p. 16).

Na lógica cibernética a simples definição dos componentes do sistema não determina o modo de acoplamento, ou seja, o seu funcionamento, o que determina o comportamento do todo são os pormenores que envolvem estes componentes. Neste sentido, o estado de cada parte é função das condições proporcionadas pelas outras partes e cada parte tem poder de veto sobre os estados do todo (Vasconcellos, 2002).

Características dos sistemas.

Com base nos trabalhos de Bertalanffy, Haley, Satir e outros, Minuchin (1985) discute a noção de que a diferença entre um sistema e um simples aglomerado de elementos é o aspecto relacional que existe entre as partes de um todo, e destas partes com o todo que constitui. É neste sentido que a autora destaca cinco características fundamentais do sistema que são apresentados nos itens subseqüentes:

a. Totalidade ou globalidade: Um sistema é um todo integrado cujas propriedades não podem ser reduzidas às propriedades das partes. Neste sentido, não é possível conhecer o todo através das partes nem vice-versa. Portanto, a parte não retrata o todo, nem tampouco o todo reflete o funcionamento das partes. Esta totalidade sistêmica aponta para uma segunda característica do sistema que é a sua natureza interdependente.

b. Interdependência: A concepção de interdependência entre todos os elementos de um sistema traz consigo noções sobre o modo como esses elementos se influenciam uns aos outros. Surgem as noções de não-linearidade ou bidirecionalidade: as influências não são unilaterais, não vão apenas de A para B, mas também de B para A. A existência deste tipo de influência bidirecional foi também chamada de circularidade, ou de causalidade circular, a circularidade é então destacada como propriedade dos sistemas em geral. Deste modo, em termos metodológicos é impossível descrever o sistema considerando apenas características específicas de cada um de seus elementos individuais. Torna-se, portanto, imprescindível que se coloque o foco nas relações.

c. Historicidade: O modo de se comportar de um sistema sofre influência da sua história de funcionamento ao longo do tempo. Os indivíduos **carregam** para outras relações, informações sobre relações anteriores que influenciam na qualidade da relação que está sendo estabelecida no momento presente.

d. Homeostase versus Mudança: Embora todo sistema seja aberto, haja vista que busca evoluir e mudar conforme o contexto no qual está inserido, o

sistema busca constantemente estabelecer e manter a estabilidade de seus padrões de funcionamento.

Em termos do grupo familiar, a homeostase, ou seja, a estabilidade do sistema se mantém graças às regras de interação familiar (Satir, 1980). Jackson (1957) considera que toda família é um sistema governado por regras, ou seja, que a unidade familiar desenvolve seu tipo de relacionamento compartilhando definições mutuamente aceitas conscientes ou inconscientemente. Bucher (1985) anuindo com o conceito de Jackson afirma que “são as regras ou normas estabelecidas pela família que nortearão a conduta de seus membros” (pág. 115). No entender de Bücher, embora haja um conjunto de regras e rituais similares, essas irão variar de família para família, sendo algumas dessas regras muito condicionadas pela classe social à qual as famílias pertencem.

e. Subsistemas: Os sistemas complexos são compostos por subsistemas separados por limites ou fronteiras e as interações entre os subsistemas são governadas por regras implícitas. As fronteiras não são sistematicamente concebidas como barreiras, mas sim como o “o lugar das trocas” que controlam a intimidade e as ações conjuntas. As fronteiras distinguem os subsistemas de outros subsistemas e determina a forma como se relacionam.

Apesar das características aqui citadas serem mais estreitamente relacionados ao objeto principal deste trabalho, ressalta-se que, dentro de uma epistemologia sistêmica, tais características se aplicam a qualquer unidade que assim possa ser considerada.

A compreensão dessas características é fundamental para o entendimento do conceito de estrutura. A estrutura é a configuração de relações concretas que caracteriza um sistema como um caso particular de determinada classe, com específica identidade ou organização. A estrutura do sistema pode alterar-se sem que se perca a organização distinguida pelo observador.

O conceito de estrutura em termos da teoria sistêmica familiar é essencial para compreender os padrões familiares, haja vista que a família não é uma

sociedade de iguais (Minuchin, 1982). Entre os membros familiares há uma clara distribuição de poder, papéis e hierarquia.

Concepção Estrutural da família.

Nenhum sistema vivo sobrevive sem padrões e estrutura (Hoffman, 1981). Em termos das teorias sistêmicas, boa parte dos autores dá um destaque ao conceito de estrutura, usado de forma bastante equivalente. Contudo, pode-se dizer que a ênfase dada, para cada autor nesse conceito é dirigida por seus objetivos. É nesse sentido que, por exemplo, Lewis, Bearvers, Gosset e Phillips (1976), preocupados em compreender a saúde familiar, enfatizam no conceito de estrutura familiar a noção de poder. No entender desses autores, todo o sistema social possui uma estrutura que determina um campo de poder, no qual é esperado encontrar uma hierarquia ou “pecking order”. Para estes autores, as famílias variam em grande forma em sua estrutura de poder e as diferenças podem estar intimamente relacionadas com a saúde familiar. Em famílias mais flexíveis, o poder é partilhado e a competência está relacionada ao desenvolvimento de experiências com líderes generosos e benignos.

Em outro sentido, tal a ênfase dada ao conceito de estrutura, que o próprio sistema teórico é autodenominado de abordagem estrutural familiar. O principal representante da abordagem estrutural é Salvador Minuchin que em 1967, em colaboração com uma equipe interdisciplinar, publicou o livro *Family of the Slums*, onde ressaltaram a importância do estudo mais aprofundado da relação entre o sistema social mais amplo e o sistema familiar dos grupos socialmente menos privilegiados. A principal contribuição de Minuchin talvez tenha sido o desenvolvimento de uma teoria da estrutura familiar e um conjunto de diretivas para organizar as técnicas terapêuticas (Nichols & Schwartz, 1998).

A abordagem estrutural das famílias está baseada no conceito de que a família é mais do que a biopsicodinâmica individual de seus membros. Os membros da família se relacionam de acordo com certos ajustes que conduzem suas ações. Ainda que, habitualmente ou explicitamente enunciados ou mesmo reconhecidos, estes ajustes familiares formam um todo denominado de **Estrutura Familiar**. As demandas são estabelecidas diante de cada

subsistema que executa através de seus membros as funções específicas que permitem a manutenção do equilíbrio homeostático e conseqüentemente a identidade do sistema (Minuchin, 1974).

Bucher (1991) em seu trabalho sobre a migração familiar, identidade e mudança sócio-cultural, apresentou a estrutura interna do sistema familiar enquanto espaço micro-social. Neste trabalho a autora, indica a contribuição dos diversos subsistemas: conjugal, parental e fraternal próprio das famílias nucleares na qual cada um dos membros desempenha diferentes papéis afetivos e sociais.

Cox e Paley (1997) destacam que a organização e a manutenção das características do sistema familiar são possíveis graças às regularidades, regras e estrutura do sistema. No entanto, as regras, normas, estratégias assim como a estrutura estão sujeitas a mudanças que podem ocorrer em função do nascimento de uma criança ou perda de um dos membros da família através de morte, separação ou divórcio.

Na abordagem estrutural, quatro aspectos são essenciais: estrutura, regras, subsistemas e fronteiras. A **Estrutura** pode ser compreendida como o padrão organizado e repetitivo baseado em **Regras** que são, na maioria das vezes veladas, mas regulam as transações familiares. Desse modo, uma família é um sistema que opera através de padrões transacionais. Na medida em que as ações se repetem, estabelecem-se padrões de como, quando e com quem se relacionar, o que reforça a identidade do sistema. Portanto, a estrutura familiar é o conjunto invisível de exigências funcionais que organiza as diferentes maneiras através das quais os membros da família interagem. Estrutura e regras formam dois conceitos interconectados. Assim, as regras definem as hierarquias e expectativas recíprocas. Como será visto posteriormente, a rotina apresentada pelos membros da família nas suas tarefas diárias e nos seus encontros familiares são poderosos indicadores dessas regras.

De acordo com Nichols e Schwartz (1998) a estrutura da família é moldada por limitações universais e idiossincráticos. Todas as famílias têm algum tipo de estrutura hierárquica mínima, com diferentes graus de

autoridade, por outro lado, os membros das famílias também tendem a ter funções recíprocas e complementares essas que são definidas de maneira própria em cada família. A origem das expectativas está mergulhada em anos de negociações explícitas e implícitas entre os membros familiares, decorridas freqüentemente nos pequenos eventos cotidianos.

Um aspecto fundamental a ser destacado é que a recorrência de padrões transacionais estimula expectativas que determinam futuros padrões, freqüentemente eles se tornam tão arraigados que sua origem é esquecida e eles são considerados mais necessários do que opcionais, *“os padrões permanecem como se fosse um piloto automático, como uma acomodação mútua e de eficácia funcional”* (Minuchin, 1990, pág. 57)

Como se pode verificar, apesar de Minuchin não centrar somente no conceito de poder como o faz Lewis, Beavers, Grosset e Phillips (1976) este o incorpora. Deste modo, as diferenças em torno do conceito de estrutura, não necessariamente levam a colisão das teorias, elas devem-se a ênfase dada aos objetivos especificados por determinado autor.

O sistema familiar diferencia e leva a cabo as suas funções através de subsistemas. Esses podem ser formados por fatores como geração, sexo, interesse, função ou natureza das tarefas a serem cumpridas. Abrangendo apenas um dos membros (o indivíduo), uma díade (sistemas conjugais e parentais) ou vários membros (fátoria), que alinham-se em torno de projetos comuns ou se fundem em alianças de caráter passageiro. Cada indivíduo pertence a diferentes subsistemas, nos quais tem diferentes níveis de poder e onde aprende habilidades diferenciadas. A organização dos subsistemas de uma família proporciona um treino valioso no processo de manutenção do “eu sou” diferenciado, ao mesmo tempo em que fornece um exercício de habilidades inter-pessoais em diferentes níveis (Minuchin, 1990).

Em termos gerais, pode-se dizer que o termo estrutura familiar refere-se ao modo como a família se materializa, ou seja, sua composição numérica, idade, gênero, renda, escolaridade, etc. Todavia, estes aspectos não se colocam isoladamente, mas, com base na lógica sistêmica, mantém entre si relações que geram o que tem sido chamado de dinâmica.

A despeito da conotação implicitamente assumida por diversos autores, o termo dinâmica, quando aplicado ao estudo da família, tem implicado na noção de movimento, ou seja, o modo como a família se movimenta em suas relações. Neste sentido é que se pode considerar que a dinâmica familiar é determinada tanto pela sua organização interna como por sua posição interna na comunidade mais geral em que participa. É desse modo que Bucher (comunicação pessoal, dezembro de 2005) refere-se a este conceito como “*o movimento que ocorre no interior da estrutura familiar*”. Neste sentido, entende-se dinâmica familiar como os ajustes na estrutura familiar decorrentes do conjunto de forças presentes dentro do sistema.

É neste sentido que embora a teoria de Salvador Minuchin seja denominada de estrutural, esta apresenta em seu arcabouço aspectos que se refere ao conceito de dinâmica. Minuchin (1974) destaca que para o funcionamento apropriado da família, os limites, isto é, as **Fronteiras** entre os subsistemas devem ser nítidas, claras, de modo que permitam que os membros dos subsistemas executem suas funções, sem interferência indevida, ao mesmo tempo em que admitem contato entre os membros de diferentes subsistemas.

As fronteiras entre os subsistemas resultam dos tipos de regras que definem a qualidade de suas relações, isto é, quem e como participa de certo grupo. As fronteiras são como barreiras invisíveis que envolvem os indivíduos e os subsistemas. Portanto, a função das fronteiras é de proteger a diferenciação, isto é, a identidade do sistema. Os subsistemas que não são adequadamente protegidos por fronteiras restringem o desenvolvimento de habilidades inter-pessoais que podem ser adquiridas.

Desse modo, a nitidez das fronteiras é um parâmetro útil para avaliação do funcionamento familiar (Minuchin, 1990). Por exemplo, o subsistema do casal deve ter uma fronteira que o separe dos pais, dos filhos e do mundo exterior. Diante do nascimento dos filhos é bastante comum que os parceiros abandonem o espaço que necessitam para apoiar um no outro, uma fronteira clara deverá permitir às crianças interagirem com seus pais ao mesmo tempo em que irá excluí-las do sistema conjugal. Minuchin (1974) enfatiza a

importância de se manter clara, mas permeável as fronteiras entre os subsistemas conjugal e parental para a saúde da família, uma vez que as tarefas colocadas para cada subgrupo são distintas e não podem deixar de serem executadas. Neste sentido enquanto figuras parentais, o casal deve garantir a socialização da criança e enquanto parceiros, a díade deve apoiar-se mutuamente.

Padrões de Fronteiras Internas e classificação das famílias: emaranhadas versus desligadas.

É com base nas peculiaridades das fronteiras que Minuchin (1982) classifica os subsistemas característicos das famílias. No seu entender, todas as famílias são concebidas como incidindo em algum ponto de um continuum, cujos pólos são dois extremos: por um lado ***fronteiras difusas***, onde há excesso de comunicação e preocupação entre os seus membros e conseqüentemente uma menor distância entre eles, são fronteiras anuviadas, no outro lado, estão as ***fronteiras rígidas***, que impedem a comunicação e as funções protetoras da família, são explicitamente restritivas permitem pouco contato com os subsistemas externos resultando em um maior distanciamento. No ponto médio deste continuum estariam as ***fronteiras permeáveis ou nítidas***, onde se configuram a maioria das famílias.

Esses dois tipos extremos de fronteiras caracterizam sistemas familiares igualmente opostos. Fronteiras difusas caracterizam ***famílias emaranhadas***, apresentam um sentido elevado de apoio mútuo, mas à custa da independência e da autonomia, são famílias que giram em torno de si próprias. Fronteiras rígidas, por outro lado, caracterizam as ***famílias desligadas***, onde os indivíduos tendem a funcionar de maneira autônoma com fraco sentimento de fidelidade e pertencimento ao grupo.

Nas famílias aglutinadas as fronteiras dos subsistemas são nebulosas representando uma diferenciação difusa do sistema familiar o que dificulta a identificação da família. Em geral, estes grupos constituem um sistema voltado para si mesmo e desenvolve seu próprio mundo, a excessiva comunicação e preocupação entre os membros familiares faz com que o comportamento de um afete imediatamente o comportamento do outro, já que, as tensões

atravessam as fronteiras individuais de forma intensa que repercutem rapidamente sobre os sistemas vizinhos. Estas famílias podem se tornar sobrecarregadas e carecer de recursos necessários para se adaptar e mudar quando as pessoas estão diante de circunstâncias estressantes. Seus membros chocam-se com várias dificuldades relacionadas ao exagero do sentimento de pertencimento e à submissão a autonomia.

Nas famílias desligadas, o intenso distanciamento entre seus membros torna a comunicação entre os subsistemas extremamente difícil e as funções de proteção inerentes à família raramente são exercidas. O funcionamento autônomo e seu senso de independência mostram-se como que pervertido. Entre eles, os sentimentos de fidelidade e de pertencimento são tão frágeis que as pessoas são incapazes de perceber a si mesmas como interdependentes e não são capazes de solicitar a ajuda e o conforto de que tem necessidade.

No que se refere a autonomia a diferença entre os dois tipos de famílias mostram pólos de reação. Os membros de subsistemas, ou famílias aglutinadas, podem ser prejudicados no sentido que o sentimento incrementado de pertencimento requer uma máxima renúncia de autonomia. A falta de diferenciação do subsistema desencoraja a exploração autônoma e o domínio dos problemas. Particularmente nas crianças, as habilidades cognitivo-afetivas são desse modo inibidas. Os membros de subsistemas ou famílias desligadas podem funcionar autonomamente, mas tem um sentido distorcido de independência e carecem de sentimentos de lealdade e de pertencimento, bem como de capacidade de interdependência e de solicitação de apoio, quando necessário. Um sistema voltado para o limite extremo de desligamento tolera uma larga amplitude de variações individuais em seus membros. As fronteiras são tão marcadas que o estresse num membro da família não tem nenhuma extensão a não ser quando apresenta repercussões importantes o suficiente para ativar os sistemas de apoio da família.

Ambos os tipos de relação causam problemas familiares, quando são evocados mecanismos adaptativos. A família aglutinada responde a qualquer variação do habitual, com excessiva rapidez e intensidade. A família desligada tenderá a não reagir, mesmo quando se faça necessária uma reação.

Contudo, como ressalta Minuchin (1990), em termos humanos, o emaranhamento e o desligamento se referem a um estilo transacional ou a preferência por um tipo de interação, e não a diferença qualitativa entre funcional e disfuncional. A maioria das famílias tem subsistemas emaranhados e desligados. O subsistema mãe-filhos pode tender ao emaranhamento enquanto as crianças são pequenas, e o pai pode assumir uma função desligada em relação aos filhos, a medida que as crianças crescem o pai pode assumir uma posição mais ligada.

Todavia, as operações nos extremos indicam áreas de possível patologia. Um subsistema altamente emaranhado de mãe e filhos, por exemplo, pode excluir o pai que se torna extremamente desligado. O enfraquecimento do grupo familiar resultante da independência dos filhos poderia constituir um fator importante no desenvolvimento de sintomas.

A questão da flexibilidade e rigidez das famílias está ligada à sua capacidade de se perceber como um sistema em constante transformação. Andolfi, Angelo, Menghi. e Nicolò-Corigliano (1984) consideram que, em famílias onde qualquer mudança nas relações é percebida como ameaçadora, é observada uma progressiva rigidez do esquema interacional presente e da função de cada membro. Além disso, os papéis se tornam cristalizados em inter-relações estereotipadas e com evitação de experiências e informações novas que dificulta o processo de diferenciação e individuação de seus membros que estão na base do funcionamento patológico das famílias.

O processo de individuação, que é operacionalizado no contexto relacional, consiste na formação das características individuais que permite ao sujeito ver a si mesmo, nos mais diversos contextos interpessoais, como sendo separado, distinto, mas ao mesmo tempo em relação com o outro (Bowen, 1978; Stlerlin, 1972). Minuchin (1982) compartilha do ponto de vista de Stlerlin ao considerar que a identidade humana tem dois elementos, sendo um referente ao sentido de pertencimento e o outro de ser separado. Neste sentido, o processo de individuação e separação ocorre através da participação em diferentes subsistemas familiares, diferentes contextos, e através da participação em grupos extra-familiares.

Classificação das famílias – da relação com o mundo: centrípeta versus centrífuga.

A questão da individuação e separação parece estar ligada ao modo como a família reage ao crescimento do indivíduo e as suas entradas e saídas no sistema familiar. Com base nesta noção, Beavers e Blumberg (1968) coloca a existência de duas forças opostas na família: a **centrípeta** e a **centrífuga**, que determinam as famílias. O estilo centrípeta é caracterizado pela coesão interna, a família é vista como a principal fonte de satisfação das necessidades de seus membros. O estilo centrífugo é caracterizado pela forte orientação para o mundo externo onde as necessidades dos indivíduos podem ser atendidas. Deste modo, esses dois padrões corroboram com os anteriores, por indicarem diferentes formas dos sistemas familiares se relacionarem com o mundo.

De acordo com as mudanças que o sistema familiar sofre ao longo do seu ciclo de vida, a família precisara operar de modo flexível entre estes dois estilos para conseguir crescer, pois como Minuchin (1982) destaca, as tarefas que são colocadas para o grupo familiar exigem a sua reestruturação e adaptação.

Para Gomes (1987) quando o sistema familiar é muito rígido, a troca com o meio externo é muito difícil o que torna a família cada vez mais centrada em torno de si mesma e com maiores dificuldades de manter contato com a sociedade. No entanto, se os limites da família são extremamente frágeis, torna-se vulnerável às invasões do mundo externo. De fato, tal como sugere Gomes (1987) os dois extremos são patológicos.

A partir da avaliação das fronteiras entre os subsistemas, recentes estudos de díades e tríades têm mostrado que as famílias podem ser mais aglutinadas ou apartadas e apresentarem um padrão mais centrípeta ou centrífugo de acordo com o tipo e número de subsistemas envolvidos (Bonacich, Grusky & Peyrot, 1985; Gjerde, 1986; Liddel, Henzi & Drew, 1987).

Johnson, Cowan e Cowan (1999) e Minuchin (1974) consideram que a presença dos dois genitores favorece a estruturação de sistemas mais equilibrados, uma vez que nestes, é forte a possibilidade dos pais representarem uma autoridade clara, unificada, onde os limites entre os

subsistemas são claros e flexíveis o suficiente para nutrir sentimentos de interconexão entre os membros da família e o mundo exterior.

Delineados os elementos principais que compõem a estrutura familiar, na seqüência será descrito outros conceitos que detalham, corroboram e amplificam a perspectiva estrutural familiar.

Coesão

Detalhando a noção de subsistemas encontra-se o conceito de coesão. A definição de coesão passa, segundo Johnson e cols. (1999), pela medida do quanto os membros de uma família parecem unidos e emocionalmente conectados um ao outro. Esta perspectiva é confirmada por Bowen (1960) e Kelsey-Smith e Beavers (1981) ao destacar que o termo coesão é geralmente definido como vínculo emocional ou apego entre os membros da família. Gehring (1993) considera que esta palavra é usada para descrever o quanto os membros da família vêem a si mesmos como um todo coerente.

Nos últimos anos tem aumentado o número de estudos que visam determinar os diferentes tipos de estrutura familiar baseado sobre os níveis familiares de coesão e hierarquia (Beavers & Voeller, 1983; Olson, Russell & Sprenkle, 1983; Wood, 1985; Gehring & Marti, 1993). Estudos com famílias clínicas e não clínicas tem mostrado que famílias psicologicamente estressadas têm uma grande tendência de exibir valores extremos em torno da coesão e da hierarquia (Anderson & Gavazzi, 1990; Green, Harris, Forte & Robinson, 1991). Enquanto os dados têm revelado que a coesão é geralmente pouco freqüente em famílias estressadas, a hierarquia pode se apresentar com ou sem freqüência. As relações em famílias de drogados, por exemplo, são avaliadas como sendo extremamente hierárquicas ou igualitárias (Friedman, Utada & Morrissey, 1987). Assim, considera-se que enquanto há uma relação linear entre desenvolvimento psicossocial saudável e coesão nas famílias, esta mesma relação não é possível de ser feita com a dimensão da hierarquia. Não há evidências empíricas para a hipótese freqüentemente ouvida entre os clínicos de que as “famílias problemas” são geralmente marcadas por emaranhamento ou coesão (Green & cols. 1991; Green & Werner, 1996).

Em suma, comparadas com famílias não clínicas, famílias com problemas psicossociais geralmente mostram menos coesão e são hierarquicamente desequilibradas (muito igualitária ou muito hierárquica), com grande incidência de limites inter-geracionais obscuros (coalizões trans-geracionais e hierarquia invertida). Em famílias saudáveis os membros são próximos emocionalmente um do outro, e as relações entre as gerações são equilibradas em termos de hierarquia, sendo nem igualitária nem muito hierárquica.

Hierarquia.

O conceito de hierarquia é fundamental para a compreensão da estrutura da família. O funcionamento eficaz de uma família requer que os pais e os filhos aceitem o fato de que o uso diferenciado da autoridade é necessário para o bom funcionamento do sistema familiar. Minuchin (1982) afirma que a família não é uma sociedade de iguais e que o funcionamento eficiente do sistema requer que pais e filhos exerçam sua autoridade de modo diferenciado.

Para Soifer (1983) o poder parental sustenta-se na transmissão do conhecimento que ajuda os filhos a discriminarem entre a fantasia e a realidade e compreenderem os conceitos de limite. Os progenitores ensinam não apenas porque esta é a sua tarefa, mas porque detém mais conhecimento do que os mais jovens. Existem claros limites geracionais referente à hierarquia, em que os pais têm maior poder de decisão graças a sua experiência, responsabilidade e fontes materiais.

Cada indivíduo pertence a diferentes subsistemas onde tem distintas habilidades e diferentes níveis de poder. Uma vez que os subsistemas podem ser formados por geração, sexo, interesse ou por função, percebe-se que existem basicamente dois tipos de subsistemas familiares: aqueles cujos membros pertencem à mesma geração e aqueles com limites transgeracionais (Wood & Talmon, 1983; Feldman, Wentzel, Weinberger & Munson, 1990; Stlerlin, 1972). Em famílias saudáveis, as regras que governam as interações nestes dois tipos de subsistemas são diferentes. Por exemplo, o subsistema conjugal geralmente exibe um grau de coesão maior do que no subsistema dos pais com os filhos adolescentes.

A forma como o poder e a hierarquia são estabelecidos é influenciada pela fase de desenvolvimento em que se encontra a família. Haley (1976) observa que, na medida em que as crianças crescem e os pais e avós se tornam mais velhos, as hierarquias mudam. No chamado ciclo de vida familiar existe uma extraordinária reversão da hierarquia, mudanças nas fronteiras, limites e papéis de cada um, de modo que, quem antes colocava as regras passa a obedecer e quem outrora obedecia torna-se o líder.

Minuchin (1982) concorda com Haley (1976) e acrescenta que quando as crianças são muito pequenas, predominam as funções de nutrição, sendo que ao tornarem-se adolescentes o controle e a orientação tornam-se a prioridade. À medida que os filhos crescem, suas necessidades, tanto de orientação como de autonomia, se modificam, demandando aos pais novas estratégias para satisfazê-las.

Embora seja importante que a hierarquia e o poder sejam mantidos, é igualmente relevante que a autoridade dos pais possa ser questionada e que as regras familiares sejam flexíveis e coerentes. A manutenção da família como um sistema depende da acessibilidade de padrões transacionais alternativos e da flexibilidade para mobilizá-los, quando necessário. Flexibilidade nos sistemas familiares é definida como a habilidade de se adaptar a coesão e a hierarquia (Carter & MacGoldrick, 1995; Steinberg, 1981; Cooper, Grotevant & Condon, 1983).

Numerosos estudos empíricos têm mostrado que em famílias saudáveis os membros são próximos emocionalmente um do outro, e que as relações entre as gerações são equilibradas em termos de hierarquia, sendo nem igualitária nem muito hierárquica. A estrutura de tais relações familiares é flexível diante das demandas do desenvolvimento (Minuchin, 1985; Youniss & Smollar, 1985; Olson, 1986). De acordo com suas idades, os membros da família, são capazes de expressar suas diferentes necessidades e percepções coerentemente, e trabalhar em direção a um consenso baseado em objetivos comuns (Oliveri & Reiss, 1987).

No geral, as hierarquias disfuncionais podem ser excessivamente fracas e ineficazes, ou excessivamente rígidas e arbitrarias (Nichols & Schwartz, 1998).

Tanto em um caso como em outro - a ausência ou excesso de delimitação-, os indivíduos podem ser impelidos em “lutas de poder”. Uma hierarquia funcional é necessária para estabilidade de uma família saudável, por outro lado, a flexibilidade é necessária para seus membros se adaptarem à mudança.

Este jogo entre a flexibilidade e a rigidez é uma característica não apenas quando se discute a hierarquia, mas também quando se pensa em outros conceitos estruturais como fronteiras e conflitos. Ao destacar a importância dos limites entre os subsistemas, Minuchin (1974) considera a necessidade de se garantir a autonomia do grupo dos irmãos para solucionar seus problemas, mesmo que estes possam recorrer as figuras parentais quando necessário. É nesse sentido que Brody, Stoneman e Burke (1987) e Kendrick e Dunn (1983) sugerem que freqüentes intervenções dos pais nos conflitos entre os irmãos dificultam o processo de construção das regras de negociação que regulam as interações dentro de suas relações.

Conflito

Pode-se dizer que a noção de conflito é uma decorrência dos conceitos de subsistema e de fronteiras, ou seja, a presença ou ausência de fronteiras claras entre os subsistemas pode desencadear conflito entre os membros da família. Como se pode derivar, na dinâmica da família, em função dos subsistemas os conflitos são manejados freqüentemente através de alianças.

A expressão mais comum do medo da mudança é a evitação do conflito. As famílias distanciadas evitam o conflito evitando o contato, as famílias super envolvidas evitam o conflito negando as diferenças ou com constantes alfinetadas, extravasando, desse modo, os sentimentos e diferenças sem pressionar um ao outro para a mudança ou resolução do conflito.

Diante da interdependência das relações familiares, Hetherington (1988) e Jenkins (1992) enfatizam que as relações negativas entre os irmãos estão associadas a relações maritais discordantes. Neste sentido, os conflitos nas díades maritais podem se estender a outras partes do sistema familiar (Gano-Phillips & Fincham, 1995). De fato, a associação entre discórdia marital e problemas de ajustamento infantil é antiga (Baruch & Wilcox, 1944; Hubbard &

Adams, 1936; Towle, 1931), assim como a relação entre o funcionamento psíquico de crianças que pertencem a famílias conflituosas com vulnerabilidade para desordens (Emery, 1982; Fincham & Osborne, 1993; Grych & Fincham, 1990; Katz & Gottman, 1993). A lógica que está por detrás destas considerações é que a função parental é mais facilmente executada quando os cônjuges dispõem do apoio mútuo. As tomadas de decisões são mais fáceis quando os parceiros vêem a criança enquanto um empreendimento comum, cuja responsabilidade é igualmente partilhada. O sentimento de parceria presente em algumas relações conjugais fortalece individualmente os parceiros que se tornam mais capazes de transmitir segurança e firmeza diante do sujeito em desenvolvimento.

A segurança parental representa um modelo para a criança que vê no outro um padrão a ser seguido. Cox e Owen (1993), Cox, Owen, Lewis e Henderson (1989), Cummings e O'Reilly (1997) e Katz e Gottman (1995) têm destacado que o aumento de problemas comportamentais, psicológicos, emocionais e sociais de crianças em desenvolvimento é decorrente do enfraquecimento da parentalidade derivada da discórdia marital.

O'Leary e Smith (1991) notaram que casais estressados emitem mais declarações negativas e menos positivas e exibem, nas situações em que precisam solucionar um problema, maior reciprocidade de comportamentos negativos. Com o objetivo de descrever a seqüência comportamental durante o conflito, Burman, John e Margolin (1992) e Gottman (1994) verificaram que a seqüência negativa de comportamentos sofre um processo de escalonamento que está diretamente associado com o estresse marital. De fato o grande desafio para os casais que mantém entre si trocas negativas é encontrar um modo adaptado de enfrentar o conflito (Weiss & Heyman, 1997). Os casais estressados tendem a responder aos afetos negativos, portanto continuando o ciclo da discussão. Isto torna suas interações mais estruturadas e previsíveis o que implica dizer que são relativamente estáveis ao longo do tempo (Gottman, 1994 e Weiss & Heyman, 1997). Por outro lado, os casais não estressados parecem ser mais capazes de reparar suas tentativas e saírem mais rapidamente de suas trocas negativas. A seqüência de suas interações parece ser mais randômica e menos previsível (Weiss & Heyman, 1997).

Em curto prazo, no dia-a-dia, os conflitos maritais tornam a vida familiar desagradável. Em médio prazo, os conflitos maritais podem causar quebras na disciplina e reduzir a sensibilidade e responsividade dos pais diante das necessidades infantis. Em longo prazo, os intensos conflitos maritais têm implicações negativas para a integridade da família e bem estar geral da criança.

Existem evidências de que dimensões do conflito, tais como: frequência, intensidade e conteúdo afetam as reações infantis. Cummings, Zahn-Waxler e Radke-Yarrow (1984) indicaram que crianças que são expostas mais frequentemente a conflitos maritais em casa demonstram mais reações emocionais negativas do que crianças menos expostas. O'Brien, Margolin, John e Krueger consideram que conflitos que envolvem agressões podem ser mais prejudiciais a criança do que aqueles que ocorrem sem agressão. O conteúdo do conflito interparental afeta a resposta infantil (Dunn & Munn, 1985). Situações em que a educação da criança está relacionada ao conflito está associada a crença infantil de poder ajudar a solucionar a discórdia e conseqüentemente a sua auto-imagem (Grych & Fincham, 1993).

Segundo Christensen e Pasch (1993) o conflito pode refletir o nível de engajamento ou o isolamento de um dos parceiros diante do problema. Apesar das evidências apresentadas pela literatura, Cummings, Ballard, El-Sheikh e Lake (1991) vêem os conflitos como elementos inevitáveis das relações, que podem desempenhar uma função positiva principalmente quando são resolvidos ou quando são expressos construtivamente (Easterbrooks, Cummings & Emde, 1994). As disputas podem servir para promover a intimidade e crescimento no casamento graças a comunicação e podem ser necessários para manter a harmonia familiar por um longo tempo (Gottman & Krokoff, 1989). Além do mais, o conflito pode ser uma situação que permite entender as diferenças que de outro modo poderiam promover ressentimentos, raiva, emoções negativas ou isolamento entre os parceiros (Gottman, 1994; Gottman & Krokoff, 1989; Notarius & Markman, 1993).

Uma outra função positiva das situações de conflito destacada por Cummings (1994), Grych e Fincham, (1990) consiste na oportunidade oferecida

às crianças de aprenderem modos, estratégias apropriadas e inapropriadas de manejar as diferenças inter-pessoais com amigos, parceiros e amores que muito lhes serão úteis na vida adulta.

Cummings e Davies (1996) destacam que as crianças não reagem ao conflito enquanto fato, mas a representação mental elaborada a partir da avaliação da situação conflituosa, as crianças não rejeitam a ocorrência de conflito marital, mas as implicações construtivas ou destrutivas deste para si e para o funcionamento da família. No entanto, as representações infantis do conflito são mudadas quando os conflitos são resolvidos (Shifflett-Simpson & Cummings, 1996). A resolução do conflito reduz o estresse infantil quando os atores expressam sua raiva de modo controlado (Cummings, Vogel, Cummings & El-Sheikh, 1989).

Para Cummings, Ballard, El-Sheikh e Lake (1991) a observação infantil do conflito não é a única forma das crianças obterem informações em torno do aspecto construtivo e destrutivo do conflito. Um modo de amortecer o impacto negativo dos conflitos maritais sob o funcionamento infantil é explicando o que significa o conflito para a relação conjugal e conseqüentemente para a família como um todo. Ao garantir a segurança e estabilidade da vida familiar para a criança elimina-se a idéia ameaçadora que o conflito representa para o sujeito.

Estudos recentes que tiveram por objetivo identificar as formas de conflitos destrutivos e construtivos sugerem que os primeiros incluem agressão física em direção ao parceiro, agressão física em direção a objetos, hostilidade verbal, hostilidade não verbal, perseguição, isolamento e submissão. Por outro lado, os comportamentos construtivos se apresentam na forma de discussão calma, apoio, humor, afeição, compromisso, desculpas, acordos e mudança de assunto (Cummings, Vogel, Cummings & El-Sheikh, 1989; Cummings, Ballard, El-Sheikh & Lake, 1991; Grych & Fincham 1993; O'Brien, Margolin & John, 1995; Grych, 1998; Davies, Myers, Cummings & Heindel, 1999; Goeke-Morey, 1999; Crockenberg & Langrock, 2001; Goeke-Morey, Cummings, Harold & Shelton, 2002).

A dinâmica dos conflitos e o modo como a coesão e a hierarquia são estabelecidas dentro do sistema familiar são expressos nos padrões de comunicação encontrados entre os membros do grupo familiar.

Comunicação

Sob a influência da cibernética, da teoria da informação e da teoria dos sistemas, Bateson formulou no período pós-guerra a teoria da comunicação que destacava a relação em detrimento do aspecto individual (Ruesch & Bateson, 1951 e Bateson, 1972). Na perspectiva de Bateson, a comunicação ocorre através de gestos e palavras que ocorrem entre quem envia e quem recebe a mensagem, todavia a comunicação só ganha sentido no contexto da relação.

De fato, é grande a contribuição de Bateson não somente para o estudo de famílias, mas também em termos de intervenção. Bateson em conjunto com o grupo de Palo Alto influenciaram a terapia familiar na medida em que destacou a importância de se conhecer os padrões de comunicação e a natureza da família como sistema.

Papéis Sociais

Apesar da ênfase sobre o contexto de relação, entende-se que a comunicação ocorre entre pessoas que por estarem se relacionando ocupam lugares que os distinguem através de papéis específicos. Segundo Taylor, Peplau e Sears (1997, p. 474) um papel social é um conjunto de normas sociais que definem como uma pessoa que ocupa uma posição específica deve se comportar e mais, a partir do qual se constrói expectativas comportamentais.

Luo Lu e Yu Yi Lin (1998) destacam o gênero enquanto um fator fundamental para definir os papéis nos grupos familiares chineses. De fato, o gênero associado com os valores culturais de cada grupo é fundamental no estabelecimento das tarefas que mantêm o funcionamento do sistema familiar.

Além da cultura, do gênero e de tantas outras variáveis que podem ser aqui apresentadas, existe uma que é fundamental e que não pode se deixar de

citar. De fato, todos os construtos aqui apresentados se organizam e se expressam de acordo com o momento do ciclo que a família estar vivendo. Neste sentido, os conflitos, as negociações, os padrões hierárquicos e de comunicação, os papéis, etc. se alteram de acordo com o modo como a família se estrutura em um dado momento. A compreensão do **ciclo familiar** não permite apenas visualizar a história da família, mas perceber como e estrutura intervêm na dinâmica.

Estrutura, Dinâmica e Ciclo de vida familiar

Pode-se dizer que a valorização dada pelos terapeutas familiares em torno do ciclo vital é recente. Em 1995 Carter e McGoldrick (Carter & McGoldrick, 1995) lançaram a primeira versão o livro intitulado “As mudanças no ciclo de vida familiar” onde sistematizaram o conceito de ciclo de vida familiar, tornando-o objeto do conhecimento de muitos profissionais.

O termo ciclo vital destaca a historicidade da família, associando esta com a função do grupo familiar que se concretiza através de diferentes tarefas que são colocadas em cada fase do ciclo. Com base nas famílias de classe média americana, Carter e McGoldrick (1995) destacam seis estágios do ciclo de vida, sendo eles: lançamento do jovem adulto solteiro, formação do novo casal, transição para a paternidade (família com filhos pequenos), família com filhos na adolescência, lançando os filhos e seguindo em frente e a família no estágio tardio da vida.

Apesar das especificidades contextuais apresentadas no texto de Carter e McGoldrick, a compreensão do ciclo vital passa pelo entendimento não apenas das tarefas de cada momento da vida da família, mas também pela compreensão das dificuldades inerentes a cada estágio de desenvolvimento do sistema. A execução de cada tarefa traz em si desafios peculiares a cada momento.

Além da noção de ciclo vital enquanto um elemento que envolve os conceitos que aqui foram apresentados é importante lembrar que estes se concretizam no dia-a-dia, no modo como a rotina da família organiza-se. Neste sentido, a observação cuidadosa das regras diárias norteadoras e

organizadoras das relações que ocorrem no decorrer da rotina permite o acesso à organização e estrutura da família. Deste modo, alguns pesquisadores têm centrado atenção nas rotinas ou vivências das regras pré-estabelecidas, nos rituais familiares enquanto unidades básicas de análise.

Rotinas Familiares: Uma síntese

Assim como o ciclo de vida familiar interfere e se apresenta na estrutura e dinâmica dos grupos familiares, as rotinas, o cotidiano, sintetiza em padrões comportamentais, os aspectos estruturais e dinâmicos das relações familiares próprias de cada ciclo.

Boyce, Jensen, James e Peacock (1983) definiram rotinas familiares como aqueles comportamentos observáveis, repetitivos que envolvem dois ou mais membros da família e que ocorre com regularidade e estão sujeitas a previsibilidade ao longo da vida familiar. A “rotinização” das famílias tem sido definida como padrões recursivos e previsíveis que caracteriza o dia-a-dia, as semanas, os meses e os anos de uma dada unidade familiar. As rotinas familiares são a unidade organizacional da vida normal das famílias, uma vez que a ritimicidade dos padrões servem como um princípio ordenador ao longo da vida.

No artigo de 1983, Boyce, Jensen, James e Peacock consideraram que o fenômeno das rotinas familiares pode ter uma base biológica e uma predisposição humana intrínseca em direção a atividade rítmica. Neste sentido, argumentam que certo grau de regularidade comportamental é uma característica universal das famílias. Com base neste argumento, as rotinas familiares são potentes descritores da vida familiar.

Embora, poucos estudos sistemáticos tenham sido conduzidos sobre as rotinas das famílias, Boyce, Jensen, James e Peacock (1983) classificaram os estudos existentes sobre rotinas em três grandes categorias: os estudos descritivos, os estudos de ritual e os estudos avaliativos. Os descritivos sustentam-se na natureza e na característica das rotinas familiares. Dentro desta perspectiva, Dollard (1935), Burr, Hill e Nye (1979) consideraram que

cada família constrói seu próprio conjunto de rotinas que oferece a estrutura em torno da qual as atividades familiares são organizadas.

Lewis (1955) usou a técnica de descrição profunda de um típico dia para capturar os estilos de interação estabelecidos dentro das famílias. Este estudo confirma a existência de padrões previsíveis na vida familiar e sugere que exames de tais padrões possam prover “insights” úteis sobre a natureza e característica da unidade familiar. Os dados de Lewis sugerem que algo da própria família parece estar contido nas rotinas que são escolhidas. Este algo lembra o que Serpell, Sonnenschein, Baker e Ganapathy (2002) chamam de cultura íntima da família, isto é, o resultado da ação do filtro da família sobre a cultura mais ampla.

A variação do estilo comportamental das famílias, encontrada por Lewis (1955), refletem as diferenças inter-famílias sobre a rotinização e o conteúdo das rotinas. Os estudos descritivos sugerem que estas questões deveriam ser estendidas a outras culturas, uma vez que, as rotinas familiares parecem ser uma rica fonte de informações descritiva sobre uma família individual e um indicador sensível das similaridades e diferenças entre as famílias.

Os estudos de ritual destacam o conteúdo simbólico das rotinas. Estas podem adquirir um status de ritual, na medida em que comportamentos sociais repetitivos são capazes de invocar significado simbólico dentro de uma dada família. Neste sentido, Boyce, Jensen, James e Peacock (1983) hipotetizam que qualquer rotina familiar tem o potencial teórico de tornar-se um comportamento ritualizado.

Boyce, Jensen, James e Peacock (1983) destacam que a transição da rotina para o ritual ocorre quando um limite indefinido é atravessado entre ações de funções puramente instrumental e ações simbólicas. A distinção entre instrumental e simbólico é arbitrária, portanto, os limites entre rotina e ritual são imprecisos. As rotinas tornam-se rituais quando elas provêm uma representação simbólica da identidade familiar ou algum outro valor que transcenda ao seu papel prático enquanto elemento organizacional no estilo de vida familiar.

Boyce, Jensen, James e Peacock (1983) consideram que os estudos avaliativos, investigam os efeitos da rotinização da família sobre a saúde e bem-estar dos membros da família. Eles sugerem que a rotina familiar pode funcionar como uma regra que provê ordem e previsibilidade na vida da família, ou como um ritual que expressa e promove a crença de que a família protege a si mesma.

As rotinas são destacadas por Boyce, Jensen, James e Peacock (1983) enquanto um conjunto de convenções comportamentais que podem funcionar como uma reserva de consistência que promove força e adaptação. Tal como os rituais, as rotinas familiares podem atuar como um símbolo afetivo de permanência durante os momentos de maiores mudanças.

Boyce, Jensen, James e Peacock (1983) descrevem parte dos dados obtidos em um estudo piloto conduzido em 1975 para explorar o possível significado das rotinas familiares enquanto uma variável interveniente na relação entre estresse e doença. Verificaram que, embora certas rotinas fossem notadas por serem mais freqüentes em famílias de uma dada classe social ou grupo étnico, os achados apontam para a aparente falta de relação entre as características das rotinas familiares e seu status sócio-demográfico. Assim, os dados sugerem que as diferenças entre as famílias em termos de suas rotinas é uma conseqüência de diferenças idiossincráticas no estilo de vida e não um atributo dos membros de uma família pertencente a um grupo étnico ou classe social específica.

Embora aceite-se o fato das famílias produzirem padrões, estilos de vida próprios, inerentes a sua organização, é consenso na área de família a relevância da cultura na qual o sistema familiar está inserido para o seu funcionamento. Nesta perspectiva, os estudos culturalistas têm contribuído com o entendimento da família ao desenvolverem projetos que associam a dinâmica familiar com diferentes modelos culturais.

Cultura: sociedade, família e o modelo de Bronfrenbrenner.

Os pesquisadores em psicologia têm compartilhado nos últimos anos da certeza que é impossível compreender o comportamento do indivíduo fora do

seu contexto. Todavia, o contexto imediato no qual o indivíduo está inserido é a família, que por sua vez, mantém com a cultura na qual está embutida relações de reciprocidade. Neste sentido, trabalhos têm sido conduzidos considerando o indivíduo no contexto familiar (Kaslow, 1987; Liddle, 1987) e cultural (Sampson, 1988; Sue & Zane, 1987). Szapocznik e Kurtines (1993) consideram que é preciso entender o indivíduo no contexto da família, e que esta só pode ser compreendida dentro da cultura.

Analisando a relação entre família e cultura fica claro que estas unidades são subsistemas, partes constituidoras de um sistema maior. Neste sentido, não apenas o conhecimento em torno da família passa pela investigação da cultura, mas também compreender a cultura requer entender a família.

A ênfase dada a cultura, ao contexto onde a família e o sujeito estão inseridos é compartilhada por vários pesquisadores, um de seus pioneiros é Urie Bronfenbrenner (Bronfenbrenner, 1977, 1979; 1986) que apresenta uma sugestão metodológica que visa dar conta desta complexa relação entre família e cultura. Ele destaca a falta de atenção que as teorias psicológicas dão ao contexto e argumenta em torno da dicotomia entre pesquisa básica e aplicada.

Cecconello e Koller (2003) apresentam um relato extenso em torno do modelo ecológico onde, dentre outras coisas, destacam as duas fases de construção deste modelo, sendo que a primeira caracteriza-se por forte ênfase ao papel do ambiente e menor atenção aos processos individuais. Nesta nova perspectiva, Bronfenbrenner (Bronfenbrenner, 1999; Bronfenbrenner & Ceci, 1994; Bronfenbrenner & Evans, 2000; Bronfenbrenner & Morris, 1998) considera que as diferentes formas de interação das pessoas não são função do ambiente, mas derivam dos processos, isto é, das relações entre o ambiente e as características do indivíduo. Com esta nova perspectiva, o modelo ecológico passou a ser denominado modelo bioecológico (Cecconello & Koller 2003; Bronfenbrenner & Morris, 1998 e Bronfenbrenner & Ceci, 1994).

O modelo bioecológico de desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 1999; Bronfenbrenner & Ceci, 1994; Bronfenbrenner & Evans, 2000) compreende o desenvolvimento como um fenômeno decorrente da ação dos processos proximais, isto é, as relações estabelecidas entre o organismo

humano biopsicológico e as pessoas, objetos e símbolos em seu ambiente imediato, o que implica na consideração simultânea das variáveis relativas ao processo, à pessoa, ao contexto e ao tempo.

O processo é o fator fundamental no modelo, com um destaque especial aos processos proximais, ou seja, as formas particulares de interação entre o organismo e o ambiente que operam ao longo do tempo e são os principais motores do desenvolvimento (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

Enquanto um segundo componente do modelo, a pessoa envolve tanto as características determinadas biopsicológicamente como aquelas que foram construídas na interação com o ambiente. As características da pessoa são ao mesmo tempo produto e produtoras do desenvolvimento influenciando na forma, força, conteúdo e direção dos processos proximais e sistemicamente decorrem da interação conjunta dos elementos que se referem ao processo, à pessoa, ao contexto e ao tempo (Bronfenbrenner, 1999).

Com o objetivo de organizar estas variáveis, Bronfenbrenner (1994) classificou o ambiente ecológico em um conjunto de estruturas, uma dentro da outra, denominadas de: microsistema, mesossistema, exossistema, macrosistema e cronossistema (ver figura 1).

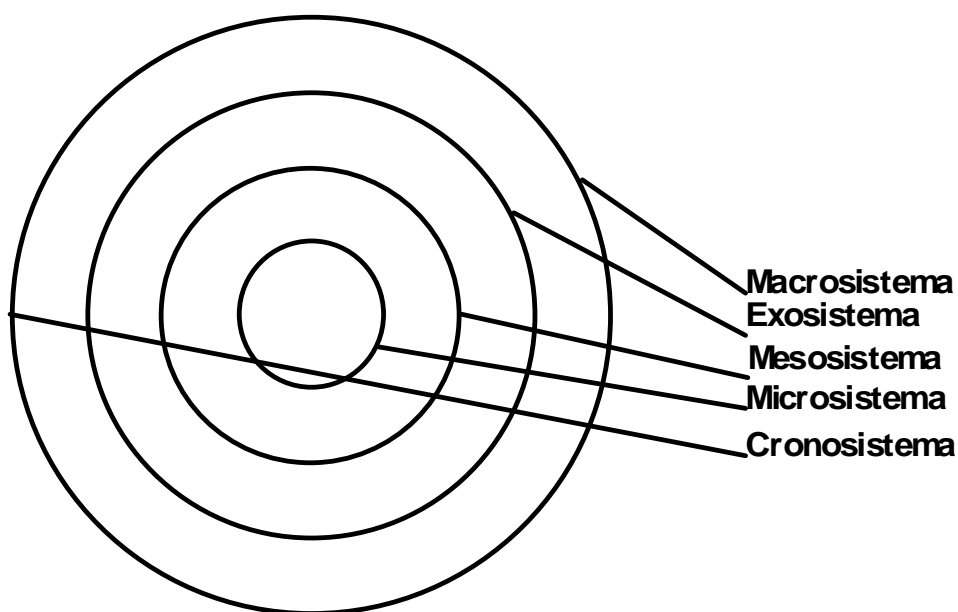


Figura 1: Configuração dos sistemas ecológicos segundo o modelo de Bronfenbrenner.

O microsistema é o ambiente imediato do indivíduo, no qual os processos proximais operam para produzir e sustentar o desenvolvimento. O mesossistema refere-se às relações e processos estabelecidos entre dois ou mais contextos, sendo que um deles contém a pessoa em desenvolvimento. O exossistema constitui-se nas relações e processos que ocorrem entre dois ou mais contextos, sendo que um não tem relação direta com a pessoa, embora influencie indiretamente os processos no contexto imediato em que a pessoa vive. O macrosistema consiste na conjugação dos padrões do micro, meso e exossistema característicos de uma dada cultura ou subcultura, com referência particular ao sistema de crenças, corpo de conhecimentos, fontes materiais, costumes, estilos de vida, estrutura de oportunidades, opções do curso de vida. O cronossistema diz respeito à noção de tempo histórico, como uma propriedade do ambiente e não somente do curso de vida.

Apesar de Bronfenbrenner ter construído o modelo bioecológico como uma proposta metodológica de investigação do processo de desenvolvimento e do fato do presente trabalho não ter como objetivo imediato a discussão deste fenômeno, acredita-se que este referencial oferece elementos que auxiliam a compreensão da relação das dinâmicas familiares com o contexto mais geral da comunidade ribeirinha estudada.

De fato, o termo contexto tem sido amplamente usado na literatura, no entanto Bronfenbrenner foi um dos pesquisadores que melhor sistematizou este conceito. Além de classificar o contexto, Bronfenbrenner destaca a importância de se estudar a interação nos quatro núcleos básicos: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

Segundo Antoni e Koller (2000) o modelo ecológico contribui com a produção do conhecimento na medida em que oferece uma estrutura que permite não apenas organizar os dados estabelecendo as relações de interdependência que existe, mas também dar sentido as informações obtidas.

O uso do modelo ecológico como uma ferramenta organizadora dos dados torna-se mais relevante quando se pensa que este é utilizado em delimitamentos de pesquisa onde o pesquisador se torna um membro que participa da vida da

comunidade estudada. No entanto, vale a pena lembrar a indissociabilidade entre organismo e contexto discutida anteriormente.

Para a teoria dos sistemas ecológicos, cultura é definida como contexto. No entanto, quando se trata de estudos culturalistas, vários arcabouços teóricos podem ser encontrados juntamente com suas definições particulares de cultura. De fato, o conceito de cultura tem sido tradicionalmente objeto de análise das ciências políticas e sociais.

Na perspectiva dos teóricos que trabalham com os conceitos de individualismo X coletivismo (Triandis, 1996, Kitayama & Markus, 1995; Markus & Kitayama, 1991) cultura é um conjunto de valores que estabelece as diferenças entre indivíduos que pertencem a grupos culturais distintos. Para a teoria ecocultural e sociocultural, cultura é definida como um conjunto de ferramentas universalmente adaptadas cujos conceitos permite entender similaridades e diferenças através das culturas e variações dentro de um grupo como uma função das interações dinâmicas.

Segundo Greenfield, Keller, Fuligni e Maynard (2002) cultura é um processo social interativo de construção envolvendo dois componentes principais: atividades e significados compartilhados que se acumulam e se transformam ao longo do tempo. Segundo Lehman, Chi-yue Chiu e Schaller (2004) toda definição de cultura representa a união de normas comportamentais discretas e cognições compartilhadas pelos indivíduos dentro de alguma população que é distinta daquela partilhada dentro de outra população. Os significados e comportamentos são transmitidos para novos membros da cultura, de modo que as normas que definem uma cultura podem persistir por um longo período de tempo.

Barkow, Cosmides e Tooby. (1992) destaca a sugestão de algumas análises teóricas de que a cultura emerge como um extraordinário e altamente flexível conjunto de adaptações evolucionárias. Segundo Greenfield (2002), Keller (2002) e Fiske (2000) os processos culturais são baseados na natureza biológica dos humanos. Neste sentido cultura e biologia não são opostos, mas intrinsecamente interrelacionados e complementares.

Em consonância com a perspectiva evolucionista Harton e Bourgeois (2004), Latané e L'Herroue (1996) e Latané e Bourgeois (2001) considera que as características da cultura, isto é as crenças e normas partilhadas por uma população, pode ser criada simplesmente como uma consequência da comunicação interpessoal que pode conferir vantagens adaptativas por facilitar a coordenação eficiente de atividades necessárias para a sobrevivência (Barkow & cols., 1992).

Se, de fato, a cultura emerge enquanto um produto das comunicações interpessoais, então o conteúdo específico das culturas são prováveis de serem influenciados pelo nível individual que governa os conteúdos da comunicação. Crenças e comportamentos que são mais comunicáveis são mais prováveis de tornarem-se culturalmente normativas.

Os conteúdos das comunicações são limitados por diferentes aspectos psicológicas que por sua vez exercem influências indiretas sobre a cultura. De fato, os processos psicológicos influenciam a cultura que atua sobre os processos psicológicos. Os pensamentos e ações dos indivíduos influenciam as normas e práticas culturais atuais e do futuro.

Geertz (1966) argumenta que as representações culturais ocupam um papel constitutivo na evolução da personalidade ao oferecer orientações de como regular o comportamento das crianças e como integrá-las dentro do mundo cultural e prescrevendo como as pessoas devem se comportar para solucionar os problemas da vida diária.

Diante da relevância da cultura para a organização das famílias Small e Newman (2001) destacam que a preocupação com a influência da pobreza da vizinhança sobre a vida das pessoas tem produzido muitas pesquisas. Wilson (1987) argumenta que a concentração de pobreza resulta no isolamento da classe pobre da classe média. Ele considera que ser pobre em uma vizinhança constituída por pessoas de diferentes camadas sociais é menos perigoso do que ser pobre em uma vizinhança onde todos são muito pobres. Os efeitos da concentração aumentam a probabilidade de ser um desempregado (Vartanian, 1999; Elliott, 1999), de ficar fora da escola (Crane, 1991) entrar no mundo do

crime (Sampson & Groves, 1989) e de ficar grávida muito cedo (Crane, 1991; Anderson 1991, 1999; South & Crowder, 1999).

Small e Newman (2001) identificam duas categorias gerais que justificam os efeitos negativos da pobreza: os mecanismos de socialização que descreve como os vizinhos socializam suas crianças e mecanismos instrumentais que descreve como os recursos estão disponibilizados na vizinhança aos indivíduos.

A tese fundamental refere-se a rede de isolamento que argumenta que sendo pobre, ou extensivamente desempregado, a vizinhança colabora com a desconexão dos indivíduos da rede social de pessoas empregadas, tornando difícil para eles obterem informações sobre oportunidades de trabalho (Elliott, 1999; Tigges, Browne & Green, 1998; Wilson, 1996, 1987). Uma das formas destacadas por Sampson e seus colaboradores para romper com este circuito fechado consiste na organização social da comunidade. Seus trabalhos demonstram que vizinhos com alto grau de organização social apresentam baixas taxas de crimes independente do nível da pobreza.

Com o objetivo de identificar a relação entre as crenças parentais referente a socialização, a percepção parental atual do comportamento social infantil e a cultura de imigrantes latinos-americanos, Leyendecker, Lamb, Harwood e Scholmerich (2002) verificam que pais de nível socioeconômico baixo apresentam valores de obediência e conformidade às regras sociais, enquanto pais que provêm de altos níveis socioeconômicos consideram a habilidade de negociar mais importante do que a obediência.

Os dados de Leyendecker e cols. (2002) indicam que os imigrantes latino-americanos, depositam, apesar de suas condições externas, grande expectativas sobre a performance acadêmica, pois vêem a educação como o caminho que prover acesso ao estilo de vida de classe média. Por outro lado, as mães imigrantes não enfatizam aspectos como auto-confiança e independência. Neste sentido, o desenvolvimento de habilidades cognitivas pode existir em combinação com crenças e valores socioeconômicos tradicionais.

Esta relação entre o funcionamento familiar e a cultura também é ratificada no trabalho de Goncū, Mistry e Mosier (2000) ao verificarem que cuidadores que valorizavam a brincadeira, engajavam-se em situações lúdicas com suas crianças durante atividades de cuidados como banho e vestir o que reflete o modo como a estrutura social desta comunidade estabelece os estilos que a família deve assumir ao executar suas funções no dia-a-dia.

Na cultura ocidental, nas grandes cidades o bom pai é aquele que participa ativamente da vida doméstica, e conseqüentemente o equilíbrio, a saúde assim como a crise estar relacionada a este fator quando nasce o segundo filho. No entanto, este pode não ser uma variável relevante em outros grupos culturais onde o bom pai é o provedor material, que fornece o alimento e os bens básicos que garantem a sobrevivência. Neste contexto, a divisão das tarefas domésticas não representa um valor ou algo que faça parte da vida da comunidade.

Os trabalhos culturalistas revelam especificidades de grupos que constroem ao longo do tempo seu próprio mundo simbólico representado por suas crenças, valores e práticas que dão sentido a vida cotidiana, estabelecendo padrões de relações dentro e fora da família, influenciando nas relações conjugais, parentais e entre os irmãos. Neste sentido, para os pesquisadores que trabalham com família torna-se fundamental conhecer as especificidades culturais em que este grupo está inserido, principalmente quando se trata de grupos pouco conhecidos pelo meio científico.

Embora ainda sejam poucos os trabalhos que investiguem as famílias brasileiras, uma vez que se trata de um país com dimensões geográficas extremamente amplas, existem vários estudos sobre as famílias no Brasil que precisam ser destacados uma vez que são extremamente relevantes para o pesquisador que pretende explorar micros contextos da cultura brasileira e sua relação com a dinâmica das famílias.

A família brasileira no contexto internacional

No Brasil, são vários os pesquisadores que tem investigado as mudanças que ocorreram na família brasileira no último século. Bucher e Costa (2003) no

texto *Family Therapy in Brazil* apresentam uma síntese dos estudos sobre a família brasileira apontando para as origens do movimento da Terapia Familiar no contexto brasileiro. É consenso que a situação de vulnerabilidade das famílias encontra-se diretamente associada à sua situação de pobreza e ao perfil de distribuição de renda no país que tem vigorado a várias gerações.

Romanelli (1986, 1998), destaca que desde a década de 60, a sociedade brasileira tem passado por alterações no modelo de desenvolvimento econômico que acarretaram a concentração da renda, a pauperização de grande parte da população e o aumento da força de trabalho infanto-juvenil e feminina. Paralelamente a esse processo, ocorreram mudanças internas na família, caracterizadas pela emergência de novos modos de relacionamento interpessoal, afetivo e sexual e o aparecimento de modelos culturais ordenadores dessas relações (Romanelli, 1986, 1998; Vaitsman, 1994).

Ao rever a literatura que trata das mudanças nas relações familiares, nota-se que a entrada da mulher no mundo do trabalho representou um marco na história da família não apenas no Brasil, mas também em outros países. Karpowitz (1980) e Bronfenbrenner (1985, 1995) identificaram fatores que tem afetado a família contemporânea norte-americana, dentre estes destacam o aumento de tarefas femininas fora de casa, e conseqüentemente a redução do período dedicado a procriação, diminuição do tamanho da família, distanciamento dos laços afetivo, afastamento entre os vizinhos, entrada cada vez mais cedo da criança na escola, etc.

Tendo como base, a entrada da mulher no mercado de trabalho, Romanelli (1986, 1998) analisa as mudanças nas relações de poder que ocorreram dentro da família brasileira. Ela destaca que o chefe da família, isto é, o pai, deixou de ser o principal provedor financeiro devido à participação crescente das esposas. Ao mesmo tempo, o saber paterno perde sua eficácia, pois as experiências que ele continua a traduzir estão situadas em um passado que não é mais congruente com um presente marcado por mudanças intensas e rápidas. A hierarquia existente na família tende a ser substituída, gradativamente, por vínculos de relativa igualdade entre marido e esposa, o que mina substancialmente a autoridade do marido e pai.

Com referência ao papel da esposa, sua autoridade tende a ampliar-se mesmo que de modo limitado. Tudo indica que a autoridade da mãe sofre menos abalos do que a do pai, justamente por aquela ter um dos suportes de sua legitimidade fundado na afetividade que atua também como elemento mediador nas relações de autoridade entre a mãe e seus filhos. Mesmo considerando que as experiências vividas pela mãe, consubstanciadas em determinada forma de saber, sejam também desatualizadas no presente e de pouca valia para orientar os filhos de ambos os sexos, esses ainda continuam a procurá-la quando enfrentam problemas diversos (Romanelli, 1986, 1998).

O fato de as mães das camadas médias permanecerem como interlocutoras privilegiadas dos filhos remete ao modo como elas exercem sua autoridade sobre a prole. Em oposição às ordens formais do pai, a mãe valia-se e vale-se ainda de recursos informais para conseguir a obediência dos filhos. O uso destes recursos indiretos e da afetividade permite estabelecer uma relativa igualdade nas relações entre a genitora e os filhos, o que contribui de modo decisivo para aproximação de ambos e para preservar parte da autoridade materna.

No curso do processo de mudança, ocorre o declínio da autoridade do chefe da família e mesmo da capacidade dele de exercer seu poder sobre a esposa e os filhos, enquanto amplia-se o controle das mães sobre a prole, deslocando o centro da família “da autoridade patriarcal para a afeição maternal” (Ryan, 1981, apud Giddens, 1993:53).

Simionato-Tozo e Biasoli-Alves (1998) compararam a atual rotina de famílias de classe média com crianças pequenas do interior de São Paulo com o relato dos pais referente a rotina que viveram quando criança com seus pais. Estas pesquisadoras também destacam a entrada da mulher no mercado de trabalho enquanto um determinante das mudanças que ocorreram na vida familiar a partir dos anos 50. Uma das principais conseqüências deste fato foi a aproximação da figura paterna do grupo familiar, o crescimento de serviços oferecidos a família com o objetivo de auxiliar nos cuidados e na educação das crianças, como as empregadas domésticas, as creches, atividades esportivas, escolas de línguas, etc. Outro aspecto destacado por Simionato-Tozo e Biasoli-

Alves (1998) é o afastamento da criança do convívio da vizinhança, a mudança nos valores parentais tradicionais que antes estavam centrados em torno da autoridade paterna para a mãe que deixou de priorizar a higiene, os cuidados com a casa e com os filhos e passou a privilegiar a proximidade com estes.

A mudança no modo de organização da vida moderna gerou situações desconhecidas e não mapeadas culturalmente, para as quais a experiência dos adultos revela-se de pouca valia. Segundo Simionato-Tozo e Biasoli-Alves (1998), a criação de filhos hoje se tornou mais difícil do que na geração anterior, uma vez que a urbanização e o progresso tecnológico, o aumento dos assaltos e seqüestros, do consumo de bens disponíveis no mercado, do uso de drogas, etc. coloca os pais diante de situações que nunca fizeram parte da sociedade onde cresceram o que limita sua capacidade de orientar e educar as crianças.

Mead (1971) e Touraine (1974) consideram que as imensas transformações registradas nas sociedades ocidentais tendem a fazer com que a experiência dos adultos seja considerada, pela nova geração, inadequadas para oferecer modelos que possam organizar e orientar suas formas de sociabilidade. Neste sentido, hoje, os filhos transmitem aos pais saberes e novos modelos de comportamentos adequados para situações desconhecidas.

Estas mudanças suscitam uma redefinição do modelo de família. Todavia, neste processo de transformações, ainda não se produziu um modelo suficientemente claro para ordenar a conduta dos sujeitos diante de novas situações geradas pela reordenação familiar. Neste sentido, as famílias atuais, marcadas pela transição do interséculo, mantêm ainda, valores e ideais correspondentes a distintos tempos, o que acentua o conflito da eleição e apropriação das propostas, sempre delineadas para cada ser humano.

De fato, a família brasileira passa por um momento de transição onde como considera Cervený (1987) e Bucher (2003) o moderno e o tradicional convivem, isto é a tendência de romper com o passado compete com o forte apego a posturas tradicionais. No entanto, as pesquisas que tem destacado este conflito nas representações das famílias não partiram da investigação de grupos culturais brasileiros que estão em estado de grande isolamento. É

possível que nestes grupos, esta transição não seja real, mas que estejam ainda vivendo em um mundo simbólico que lembra aquele descrito pelos sujeitos que participaram da pesquisa de Simionato-Tozo e Biasoli-Alves (1998) ao falar de sua infância.

Os conceitos aqui apresentados serviram de base teórica que norteou a elaboração, execução e análise dos dados encontrados nesta pesquisa. A seguir serão abordados os fundamentos principais que orientaram a escolha metodológica da presente investigação.

Fundamentação da escolha metodológica

Desenvolver um estudo que vise entender a dinâmica da cultura e da família e como estas se influenciam mutuamente consiste em uma árdua tarefa principalmente no que se refere as tomadas de decisões que precisam ser feitas em termos metodológicos.

Um dos maiores impedimentos a execução deste trabalho refere-se ao estado de isolamento da comunidade escolhida. De fato, para a comunidade a convivência no dia-a-dia com estrangeiros é algo incomum. Esta dificuldade não só é desconfortável como poderia ter dificultado o processo de coleta de informações. Por outro lado, esta situação poderia ter sido difícil para a equipe de pesquisadores envolvida na execução do projeto, uma vez que teriam dificuldade para conhecer o modo de vida das pessoas e conseqüentemente de assimilar algumas informações básicas que permitiram estabelecer os objetivos específicos do projeto, a elaboração de instrumentos adequados, etc.

Vale destacar que a construção dos instrumentos constituiu uma etapa difícil do projeto, uma vez que as questões formuladas pelos pesquisadores estavam sustentadas em uma lógica diferente daquela experimentada pelas pessoas da comunidade. Os treinamentos em forma de seminário proporcionados a equipe de pesquisadores, citados na introdução deste trabalho, foi fundamental para construção e adequação de instrumentos à população. Um bom exemplo diz respeito a dificuldade das pessoas pensarem as questões que envolviam a noção de tempo, como horas e dias da semana ou quando demandava dos sujeitos o entendimento de aspectos qualitativos

como ruim, regular, bom e ótimo. Diante destes impedimentos, o grupo de trabalho precisou adaptar seus instrumentos ao modo de vida, a forma de organização cognitiva do homem ribeirinho.

Uma vez que esta pesquisa parte da visão sistêmica de família e cultura enquanto uma só unidade, cujas relações são complexas e que mantém entre si uma ligação de interdependência, cuja compreensão da dinâmica familiar permitirá o entendimento do contexto cultural e vice-versa preferiu-se desenvolver uma proposta metodológica que contemplasse estes dois subsistemas: isto é, que esteja sustentada pela tradição culturalista e pela prática clínica.

Na perspectiva culturalista, a prática mais comum entre os pesquisadores tem sido adotar uma metodologia qualitativa ou combinar esta com os modelos quantitativos. Por outro lado, a clínica de famílias se diferencia da clínica do indivíduo, uma vez que o grupo familiar é atendido não apenas por um terapeuta, mas por uma equipe de terapeutas. Esta prática é adotada por diferentes segmentos da terapia familiar, mas foi um dos pontos fortes da escola de Milão que fez uso intenso do espelho unidirecional que permitia a participação de inúmeros observadores que, além de participarem da sessão através de um interconector, discutiam conjuntamente a sessão observada e estabeleciam os passos seguintes da intervenção (Boscolo, Cecchin, Hoffman & Penn, 1993).

A prática adotada pela escola de Milão serviu de inspiração neste projeto uma vez que a equipe de pesquisadores realizava observações naturalísticas conjuntamente, seguidas pelo registro pessoal de suas observações e posteriormente discutiam o observado. Esta metodologia permitiu o aprimoramento do dado, já que os observadores checavam seus registros o que permitia ampliar seu olhar em torno da realidade.

De fato, esta postura da equipe de pesquisa que sofreu forte influência da prática adotada pela clínica foi combinada com o modelo qualitativo de pesquisa. A seguir serão apresentadas as bases teóricas deste modelo e a descrição mais detalhada de seus conceitos principais.

O modelo qualitativo.

Embora o desenvolvimento da pesquisa qualitativa tenha se efetivado mais fortemente nos anos 60, a literatura descreve uma longa e rica tradição desta área até se tornar o que é hoje. Trata-se de um movimento cujas origens podem ser encontradas em diferentes disciplinas, o que justifica sua natureza transdisciplinar.

O modelo qualitativo apresenta algumas características que são extremamente relevantes neste estudo quando se considera as peculiaridades deste projeto. Vejamos algumas delas que consideramos as principais: a) Destaque ao ambiente natural: Os pesquisadores qualitativos entendem que as ações podem ser mais bem compreendidas quando observadas no seu ambiente natural de ocorrência, isto é, no seu contexto. b) natureza descritiva: O mundo é examinado de forma minuciosa, uma vez que parte do princípio de que nada é trivial tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo, c) pensamento indutivo: As hipóteses não são construídas previamente, ao invés disso, as abstrações são construídas à medida que os dados vão sendo agrupados, d) importância do significado, isto é no modo como as pessoas dão sentido às suas vidas, reveladoras da dimensão subjetiva inerente ao seu fazer.

Independente da técnica utilizada, o pesquisador utiliza-se de um importante recurso que Bogdan e Biklen (1994) nomearam de notas de campo. Os chamados **diários de campo** consistem no relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decorrer de uma coleta. Nestes o pesquisador descreve as pessoas, os objetos, lugares, acontecimentos, atividades e conversas, assim como, suas idéias, estratégias, reflexões e palpites.

O sucesso de uma observação participante e de outras formas de investigação qualitativa, segundo Bogdan e Biklen (1994), sustenta-se em notas de campo detalhadas, precisas e extensivas. Neste sentido, Bogdan e Biklen consideram que as notas de campo são constituídas por dois tipos de material. O primeiro é descritivo, em que a preocupação é a de captar uma

imagem, por palavras, do local, pessoas, ações e conversas observadas. O outro é reflexivo: a parte que apreende mais o ponto de vista do observador, as suas idéias e preocupações.

O material descritivo das notas de campo envolve os seguintes aspectos: descrição minuciosa dos sujeitos, reconstrução meticulosa dos diálogos, descrição detalhada do espaço físico, relatos de acontecimentos particulares e rica descrição das atividades.

A porção reflexiva dos diários de campo é a parte mais subjetiva das notas. A ênfase é na especulação, sentimentos, problemas, idéias, palpites, impressões e preconceitos do pesquisador e seus planos para investigações futuras. Nesta parte o pesquisador pode relatar seus erros, seus preconceitos, seus gostos e aversões. Pode especular acerca daquilo que está a aprender e qual o resultado do estudo que está a empreender.

A parte reflexiva deve conter: especulações sobre o que está a apreendendo, os temas que estão a emergir, padrões que podem estar presentes, conexões entre pedaços de dados, adição de idéias e de pensamentos que lhe ocorram, reflexões sobre o método, sobre problemas encontrados no estudo, comentários sobre sua relação com sujeitos particulares, reflexões sobre conflitos e dilemas éticos, etc.

O estudo de caso.

Uma das estratégias que tem sido utilizada pelos pesquisadores qualitativos é o estudo de caso. Este tipo de estudo se propõe a satisfazer três objetivos da metodologia qualitativa: descrever, entender e explicar. Tellis (1997) destaca que o estudo de caso tem sido utilizado por pesquisadores que se encontram diante da necessidade de investigar profundamente um dado fenômeno. Esta perspectiva tem sido apresentada desde 1988 por Merriam que considerava que o estudo de caso consistia na observação detalhada de um contexto, um indivíduo ou um acontecimento específico.

As perguntas elaboradas para serem respondidas através de um estudo de caso nunca são muito específicas. Por outro lado, tal como sugere Feagin,

Orum e Sjoberg (1991) os estudos de casos buscam o entendimento holístico do sistema cultural de ações.

Inicialmente, o pesquisador que optou trabalhar com estudo de caso procura locais ou pessoas que possam ser objeto do estudo ou fontes de dados e, ao encontrarem aquilo que pensam interessar-lhes, organizam uma malha larga onde procuram indícios de como deverão proceder e qual a possibilidade do estudo se realizar. Começam pela coleta de dados, revendo-os e explorando-os, e vão tomando decisões acerca do objetivo do trabalho. Organizam e distribuem seu tempo, escolhem as pessoas que irão entrevistar e quais os aspectos a aprofundar. Podem por de parte algumas idéias e planos iniciais e desenvolvem outros novos. À medida que conhecem melhor o tema em estudo, os planos são modificados e as estratégias selecionadas. Com o tempo tomarão decisões no que diz respeito aos aspectos específicos do contexto, indivíduos ou fonte de dados que irão estudar. A área de trabalho é delimitada. De uma fase de exploração alargada passam para uma área restrita de análise dos dados.

De fato, esta metodologia permite explorar detalhadamente o ponto de vista dos participantes através de múltiplas fontes de dados. As análises feitas sobre os estudos de casos são construídas a partir de múltiplas perspectivas. Isto significa que o pesquisador considera não apenas a voz e a perspectiva dos atores, mas também do grupo de atores e a interação entre eles.

O estudo de caso tende a ser seletivo, focalizando sobre uma ou duas questões que são fundamentais para o entendimento da unidade de análise que consiste em um sistema de ações e não um indivíduo ou um grupo. A seleção dos casos é uma tarefa difícil, no entanto permite maximizar o conhecimento que será apreendido durante o tempo disponível para o estudo.

Neste trabalho foi realizado o estudo de caso de 4 famílias. Na verdade em um primeiro momento foi investigada a comunidade como um todo que permitiu a seleção dos casos que, por sua vez possibilitaram o acesso ao universo mais específico das famílias. Esta metodologia permitiu, ao fechar o foco em algumas unidades familiares, compreender o grupo mais amplo.

No presente projeto foram utilizadas quatro técnicas fundamentais: a entrevista estruturada e entrevista semi-estruturada, a observação participante e a filmagem. Bogdan e Biklen (1994) definem uma entrevista como uma conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, dirigida por uma destas, com o objetivo de obter informações sobre a outra.

Nas investigações qualitativas, as entrevistas surgem, segundo Burgess (1984), com um formato próprio. Elas podem constituir a estratégia dominante para a recolha de dados ou podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas. Em todas estas situações, a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma idéia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo.

As entrevistas oferecem ao entrevistador uma amplitude de temas consideráveis, que lhe permite levantar uma série de tópicos e oferecem ao sujeito a oportunidade de moldar o seu conteúdo.

A qualidade dos dados coletados através de entrevista está associada com o tipo de relação que foi construída entre investigador e sujeito. Para Whyte (1984), o vínculo entre sujeito e pesquisador depende do quanto este é capaz de colocar o outro disponível. Quando o entrevistador controla o conteúdo de uma forma demasiado rígida, quando o sujeito não consegue contar a sua história em termos pessoais, pelas suas próprias palavras, a entrevista ultrapassa o âmbito qualitativo.

As entrevistas variam quanto ao grau de estruturação. Neste sentido, elas podem ser estruturadas, isto é, guiadas por questões gerais (Merton & Kendall, 1946) ou podem ser muito abertas. Neste caso o entrevistador encoraja o sujeito a falar sobre uma área de interesse e, em seguida, explora-a mais aprofundadamente, retomando os tópicos e os temas que o respondente iniciou. Neste tipo de entrevista, o sujeito desempenha um papel crucial na definição do conteúdo da entrevista e na condução do estudo.

As entrevistas semi-estruturadas ocorreram durante toda a coleta dos dados. As questões norteadoras destas entrevistas tinham por objetivo aprofundar temas que podiam já ter sido abordado, como por exemplo durante a aplicação do ISD, do IR, das SEI ou poderiam estar sendo abordadas pela primeira vez. De fato, a idéia era poder ter acesso a um numero maior de informações que se julgava relevante para o estudo. As principais questões diziam respeito a: relação conjugal, relação parental, historia da família, relação com a família estendida, rede de apoio, expectativas em relação ao futuro, crenças e valores, escolarização das crianças, religião, etc. Os dados coletados nas entrevistas semi-estruturadas se juntavam as informações colhidas através de outros instrumentos e permitiam uma visão mais completa das famílias investigadas.

Ao discutir os possíveis papéis que os observadores podem desempenhar, Gold (1958) considera que num dos extremos situa-se o observador completo. Neste caso, o investigador não participa em nenhuma das atividades do local onde decorre o estudo. No outro extremo encontra-se o investigador que tem um envolvimento completo com a instituição, existindo apenas uma pequena diferença discernível entre os seus comportamentos e os do sujeito. É necessário calcular a quantidade correta de participação e o modo como se deve participar, tendo em mente o estudo que se propôs elaborar. No entanto, o modo como se participa depende, não somente da natureza do trabalho, mas também de quem é o pesquisador, dos seus valores e da sua personalidade.

Foi a partir dessa fundamentação teórica que se optou pelo método de trabalho que será descrito após a definição dos seguintes objetivos de investigação.

Definição do problema, principais questionamentos e objetivos.

Enxergar o que temos diante de nossos narizes exige uma luta constante.

George Orwell

Afora os modos de sobrevivência, a dinâmica de morar às margens do rio na Amazônia, configura uma característica relevante neste estudo para investigação dessa população. Os ribeirinhos apresentam um grande isolamento tanto com a cultura mais geral (nenhum acesso a mídia escrita e pouco ou restrito acesso a mídia televisiva e radiofônica) como também entre os próprios moradores da comunidade, já que a distância entre as moradias é de aproximadamente 300 metros com acesso entre as moradias somente pelo rio pois as casas situam-se em terreno de várzea.

Em termos interacionais o rio atua como obstáculo ambiental e meio de contato, uma barreira e ponte ambiental, criando e restringindo as possibilidades de interação principalmente entre as crianças. Para Harris (2000) o rio representa a “metonímia do ser ribeirinho”, aquilo que ao mesmo tempo cria vínculos e isolamentos entre as pessoas. Desse modo, essa peculiaridade de isolamento desta população constitui um dos aspectos que delinea a relevância deste estudo.

Em função dessas observações sobre o modo de vida ribeirinho, e com base nos conceitos teóricos apresentados na revisão de literatura sobre estrutura e dinâmica familiar foi possível elaborar um conjunto de questões sobre o seu modo de organização familiar que serão apresentados a seguir:

- 1) Quais as etapas do ciclo vital das famílias ribeirinhas estudadas ?
- 2) Como se define a estrutura familiar da família ribeirinha:
 - do ponto de vista das organizações dos subsistemas;
 - do ponto de vista da organização das fronteiras;
 - do ponto de vista da organização da hierarquia entre seus membros;
 - das formas e métodos comunicacionais;
 - da organização dos papéis familiares e sociais;
 - do estabelecimento de regras e sua manutenção.
- 3) Como está identificada a dinâmica familiar desse grupo estudado?
- 4) O estudo das rotinas é capaz de responder a essas indagações?

5) Como se define a cultura familiar e a cultura comunitária?

Em outro sentido, acredita-se que a resposta a essas questões mais do que caracterizar a estrutura das famílias estudadas, possibilita também, em função das pressuposições teóricas aqui envolvidas, conhecer etnograficamente a própria cultura da população estudada. Deste modo, a abordagem epistemológica aqui adotada entende uma dupla via entre o desvendar da estrutura e da dinâmica familiar e o revelar do perfil etnográfico da cultura em que essas famílias estão envolvidas, isto é, o específico enquanto revelador do mais geral e o mais geral enquanto contendo propriedades do mais específico. Neste sentido, ao investigar as peculiaridades de cada família pretende-se abstrair as propriedades mais gerais que as caracterizam enquanto membros de uma determinada comunidade. A estratégia aqui utilizada implica em conhecer o que o caso tem de particular e como derivação desta particularidade o que possui de geral. Essas considerações em termos de estratégia de pesquisa do problema investigado estão representadas na figura 2 abaixo.



Figura 2: Representação da relação entre família e cultura

Objetivos

1) Apresentar as etapas de desenvolvimento das famílias ribeirinhas a partir do estudo do seu ciclo vital.

2) Descrever a estrutura familiar observada a partir dos conceitos identificados na teoria do sistema: organização dos subsistemas, das fronteiras; da organização hierárquica entre os seus membros, das formas e conteúdos comunicacionais, da organização dos papéis familiares e sociais, do estabelecimento das regras.

3) Descrever a dinâmica familiar compreendida como o jogo interacional entre os seus membros e nas suas interações com o mundo exterior à família.

4) Analisar as interações entre a cultura intra-familiar e a cultura extra-familiar.

5) Identificar as redes de apoio dessas famílias.

6) Organizar um banco de dados visando comparações com outros estudos.

Método

*Nem tudo que pode ser contado conta, e
nem tudo que conta pode ser contado .*

Albert Einstein

Contexto geográfico da Pesquisa

A Ilha do Marajó está situada na região Amazônica e faz parte do Estado do Pará. É constituída por 13 municípios, sendo que Ponta de Pedras – município onde foi realizada a pesquisa - é um dos mais pobres desta região, pois apresenta os níveis mais baixos de renda *per capita* de toda a ilha.

O Município de Ponta de Pedras faz parte da Mesoregião geopolítica do Marajó (ver figura 3 abaixo), com latitude 01° 23' 25" Sul e a longitude 48° 52' 16", sendo um dos municípios mais próximos da capital. A área deste município está em torno de 3.365,30 km², com uma população de 20.067 habitantes, tendo portanto uma densidade demográfica de 5,96 hab/km² (Estatística municipal, Pontade Pedras, 2005).



Figura 3: Mesoregião do Marajó com destaque para o município de Ponta de Pedras.

A hidrografia de Ponta de Pedras é caracterizada pela presença de quatro rios principais: o rio Arari que serve de limite natural entre Ponta de Pedras e Cachoeira do Arari, o rio Anabiju a oeste do município, que serve de limite entre Ponta de Pedras e Muaná, o rio Anajá em sentido contrário ao rio Anabiju, que serve de limite parcial entre Ponta de Pedras e Anajás e o rio Marajó-Açú, em cujas margens se localiza a sede do município. Esse rio se interliga, com vários rios, furos e igarapés, e deságua na baía do Marajó.

Ao longo dos meses, as águas de suas praias sofrem alterações, de modo que, em alguns períodos, sob a influência do oceano, se apresentam salgadas e verdes ou, graças à proximidade dos rios amazônicos, doces e barrentas.

A cobertura vegetal dominante é a de Campos cerrados, seguida da floresta densa aluvial, ao longo das margens dos rios, com grande incidência de palmeiras e com menor extensão pela capoeira (Mata Secundária).

A vegetação é constituída por árvores de grande, pequeno e médio porte. As principais árvores encontradas na região são: A palmeira do açai (Euterpe Oleracea Mart), do Miriti (*Maurita flexuosa L.*), Jupati (*Raphia vinifera*, *Raphia taedigera*), a Paxiuba (*Socratea exorrhiza*), aninga (*Montrichardia linifera* (Air Scott), andiroba (*Carapa guianensis Aubl*) e árvores frutíferas de variadas espécies.

A Euterpe Oleracea, vulgarmente chamada como “açai”, é uma das palmeiras de grande tradição tanto econômica como social, pois representa muito para a dieta alimentar dos moradores da região. O aproveitamento desse vegetal se dá de muitas maneiras, pela extração do fruto que produz suco bastante nutritivo e pela extração, mas recente do palmito (parte retirada do caule), pouco aproveitado na tradição alimentar da região.

O Miriti (*Maurita flexuosa L.*) é uma palmeira das mais importantes da Amazônia, desempenhando papel relevante no cotidiano das populações da região, porque dela tudo se aproveita. Também denominada de buriti do brejo, é uma palmeira abundante na Amazônia, predominando nos locais baixos e alagadiços. Por intermédio dela é possível tirar o “vinho” do fruto, do talo de sua palma é possível retirar material para se construir brinquedos, os

conhecidos “brinquedos de miriti”, muito utilizados pelas crianças da região e também retirar sua tala para fazer o matapi¹. Seu tronco serve ainda como entreposto entre o rio e a terra firme ou beira das casas caboclas, uma vez que flutua na água, subindo e descendo conforme a maré. (ver figura 4).



Figura 4: Mata ribeirinha aonde se destacam pés de Miriti, paisagem típica da região.

No município de Ponta de Pedras, é possível encontrar várias comunidades ribeirinhas, dentre as quais, a do rio Araraiana, comunidade foco desse estudo. De menor expressividade na bacia hidrográfica do município, o rio Araraiana, situa-se próximo a Ponta do Malato e tem como coordenadas: S0 1° 30' 162" e W0 48° 54' 728" (ver figura 5). Não existe transporte sistemático para essa comunidade, somente é possível acesso por intermédio de locação de barco para o local. A duração do deslocamento de Belém para a Ponta do Malato se dá em torno de cinco a seis horas de viagem.

¹ Armadilha de pesca formada por esteiras armadas em tala de miriti de forma cilíndrica com aberturas nas duas extremidades.



Figura 5: Mapa representativo do local onde se situa a comunidade do Araraiana/Marajó/Ponta de Pedras/Pará.

Base de Pesquisa

O local de hospedagem dos pesquisadores quando no exercício da pesquisa foi o Hotel-fazenda São Francisco do Marajó, local mais conhecido pelos ribeirinhos como “Ponta do Malato” (ver figura 6). Através de acordo com os proprietários foi feita a cessão da hospedagem dos pesquisadores sem custos, sendo garantido, por parte dos pesquisadores as despesas de alimentação e os custos de combustível relativos ao consumo de energia. Este local conta com uma infra-estrutura confortável e segura, o qual, devido a existência de gerador de energia elétrica, possibilitou o arquivamento dos dados coletados em computador.

Esta base é estratégica também pelo fato de se tornar uma parada intermediária entre o continente e as várias comunidades próximas, dentre elas a do Araraiana. Este fato possibilita ao local um papel “satélite” no fluxo de informações entre os acontecimentos do continente e da comunidade, permitindo desse modo, um grande acesso às ocorrências cotidianas da comunidade.



Figura 6: Hotel fazenda São Francisco do Marajó, base da pesquisa.

Participantes

Como se verá posteriormente, devido às fases envolvidas neste projeto, em “graus” diferentes, todos os moradores da comunidade podem ser considerados participantes desta pesquisa. Contudo, pode-se sistematizar a participação dependendo da fase ou papel que o sujeito assumiu na coleta de dados.

A comunidade

O início da coleta de dados se deu nos primeiros meses do ano de 2004 quando residia no rio Araraiana, aproximadamente 22 famílias, sendo que este número variou ao longo da coleta que encerrou no segundo semestre de 2005 com 23 famílias. Assim, no início da pesquisa, a população apresentava um total de 125 pessoas e ao seu final 129. Os dados aqui analisados referem-se ao período inicial da coleta, momento em que o inventário sócio-demográfico foi aplicado. Neste período a maior concentração de pessoas situava-se na faixa etária de 0 a 19 anos (ver figura 7 abaixo).

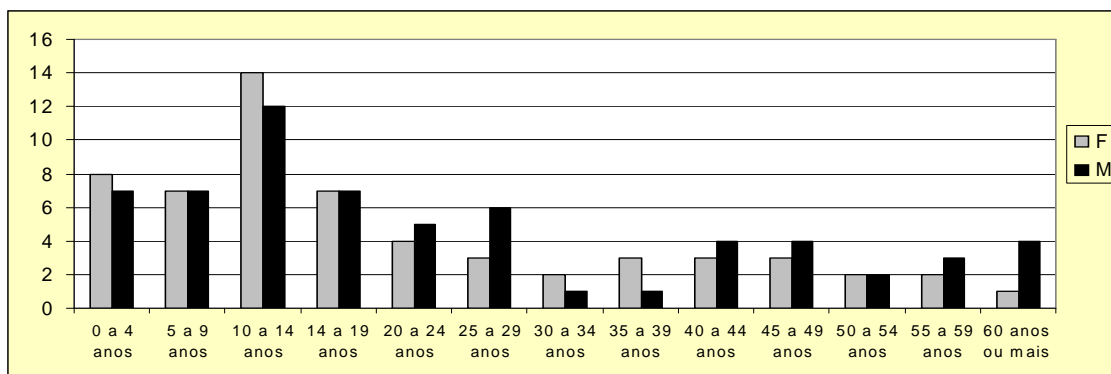


Figura 7: Distribuição de freqüência do total de moradores por faixa etária.

As residências dos moradores encontram-se distribuídas no decorrer do rio, tendo uma distância aproximada de no mínimo 300 metros entre cada residência. A escola encontra-se mais próxima a foz, aproximadamente a 1/3 de distância do fim da última residência do rio. O desenho esquemático da figura 8 abaixo procura representar a distribuição das casas no rio.

Existem poucos caminhos de comunicação por via terrestre. Quando estes existem, são feitos de troncos da palmeira de Buriti. Os locais referenciais na comunidade são: a escola (15), a antiga igreja evangélica (11) e os dois campos de futebol (9 e 1). Apesar do estado precário, o campo de futebol mais utilizado é o que se situa atrás da residência da família Naz/Mar (9).



Figura 8: Representação esquemática da distribuição das residências no rio Araraiana.

Em termos de religião há basicamente duas, a cristã e a evangélica (Assembléia de Deus). Alguns chefes de família entrevistados dizem participar indistintamente dos dois grupos. A opção religiosa admitida pelos chefes de família na comunidade pode ser visualizada na figura 9 abaixo.

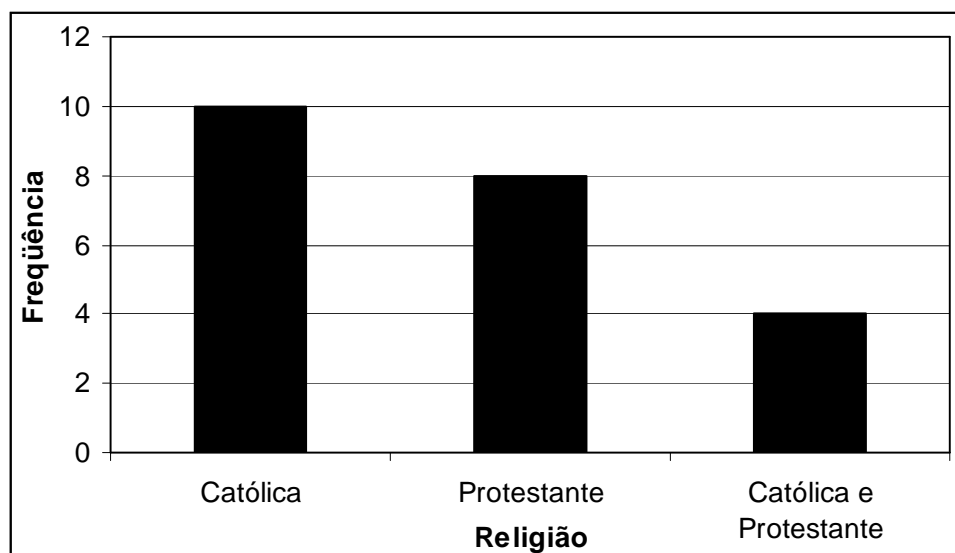


Figura 9: Religião admitida pelos chefes de família.

Mais detalhes em torno da caracterização da comunidade será discutido no item do resultado caracterização geral da comunidade.

Informante

O acesso à comunidade foi possibilitado por um morador da região, nativo e com família residente no local a varias gerações. Profissionalmente, o informante assume a função de administrador do Hotel-fazenda onde se situa a base de hospedagem dos pesquisadores. Trata-se de uma pessoa que conhece todos os moradores, possui liderança e dispõe de boas relações com todos os moradores da comunidade.

Como foi identificado acima, o fato do informante ser administrador do hotel-fazenda, base da pesquisa, proporciona a ele um papel estratégico na obtenção de informações e contato com o restante da comunidade.

As Famílias Focais (FF)

A escolha das FF foi efetuada considerando aspectos de acessibilidade, disponibilidade e atributos idiossincráticos que as configurava de acordo com determinado perfil estrutural característico representativo a ser estudado ou hipoteticamente relevante para o estudo; tais parâmetros foram considerados levando em conta o conjunto da população em estudo. Deste modo, o olhar do pesquisador não estava direcionado para o encontro de um tipo de família determinado de acordo com critérios previamente estabelecidos.

Em função de entender-se que tais aspectos são parte dos resultados deste trabalho, a descrição detalhada das FF e dos critérios envolvidos na escolha constará na secção dos resultados.

Equipe de investigação

Como se verá posteriormente, a equipe de investigação nesta pesquisa desempenhou um papel além da coleta de dados, haja vista que contribuiu com a construção, desenrolar e mais particularmente na análise dos mesmos.

Como esse projeto se inseriu em um programa de pesquisa do qual outros pesquisadores também fazem parte, constituíram a equipe de modo mais proximal um professor de psicologia com doutoramento – enquanto coordenador geral -, duas alunas de mestrado, uma aluna de doutorado e sete alunos de graduação em psicologia (quatro bolsistas de iniciação científica do CNPq e três participantes voluntários), estes últimos (alunos) que podiam alternar em suas participações de coleta e análise conforme a sua disponibilidade. Desse modo, a equipe não funcionou invariavelmente no decorrer de todo o trabalho, mais evidentemente sua contribuição fundamental foi na coleta dos inventários, dos primeiros diários de campo e da montagem da Genealogia da Comunidade.

Instrumentos e Técnicas

Na perspectiva contemporânea as abordagens multi-metodológicas parecem ser as mais adequadas para acercar-se de problemas complexos. Deste modo, aproximou-se das questões aqui em jogo através de um conjunto

de instrumentos e técnicas. No conjunto, os dados provenientes de distintas fontes corroboraram na constituição de uma visão de diferentes perspectivas de modo a formar um banco de dados geral que possibilitou cruzar aspectos inter-relacionados.

Para fins de, inicialmente, caracterizar a comunidade, seu dia-a-dia e os respectivos componentes de sua população, foi utilizado um Inventário demográfico e um Inventário de rotina.

1) Inventários

- Inventário Sócio-demográfico (ISD)

O ISD é constituído por 88 itens sendo que, para os interesses relativos a esta pesquisa apenas 51 serão considerados (ver anexo 1). Este instrumento foi testado inicialmente com três famílias ribeirinhas. Após este teste, foram aperfeiçoados os itens bem como a sua respectiva organização seqüencial. Os pesquisadores que não participaram da construção do instrumento foram treinados em reuniões posteriores, onde se discutiu todos os itens do Inventário.

O ISD inclui questões relativas aos seguintes itens:

A) Identificação dos sujeitos pertencentes ao grupo familiar (nome, idade, gênero, parentesco, estado civil, etc.);

B) Dados demográficos (renda, escolarização, religião, bens, tamanho da residência etc.);

C) Aspectos referentes ao modo de vida familiar (modo de sobrevivência, redes de relação extra-familiar, alimentação típica, atividade de lazer, atividades sociais, hábitos de saúde e higiene, etc.);

D) Caracterização do sistema familiar (tempo de convivência, membros consangüíneos e não consangüíneos morando na residência, lembranças e aspectos do relacionamento do casal, perdas familiares, cuidados com os filhos, e características da rede social de apoio etc.);

- O Inventário de rotina (IR)

O IR consistiu inicialmente em um instrumento simples constituído por uma planilha onde na linha consta o horário disposto em escala de uma hora e na coluna a atividade, o local e a companhia (ver anexo 2). Contudo, a inadequação deste instrumento à população demandou a troca da parte da planilha que constava o horário disposto em escala de hora para simplesmente o turno do dia (ver anexo 3). Detalhes sobre a adequação da aplicação deste instrumento à população podem ser verificados no item rotinas familiares.

2) Situações estruturadas de investigação (SEI)

Para fins de obtenção de dados referentes à estrutura e dinâmica da organização familiar foram criadas algumas situações estruturadas com objetivo de possibilitar a manifestação de diferentes qualidades relativas ao objetivo. Todas as situações elaboradas consideravam aspectos que poderiam ser significativos - e, portanto motivadores - em termos da cultura local. Foram elaboradas cinco SEI, a saber: o miriti, solução de problemas, as fotos, semelhanças e diferenças, nível de satisfação – ciclo vital.

Para fins de identificar a aplicabilidade das SEI na produção dos efeitos desejados e de possíveis aperfeiçoamentos no procedimento, foram feitos pilotos com famílias ribeirinhas de perfis semelhantes às estudadas. A escolha de pequenos blocos de situações deve-se ao fato de que, nas pesquisas-piloto foi identificado uma maior facilidade desta população entediar-se com tarefas de maior duração. Por esse motivo optou-se por tarefas que duravam no máximo 20 minutos sendo elas aplicadas em momentos diferentes. Todas as situações foram vídeo-filmadas.

- O Miriti:

Baseado na sexta questão da tarefa familiar de Minuchin (1974)², foi desenvolvida a tarefa do miriti. A utilização do miriti enquanto pivô foi baseada nas observações que demonstraram a existência de uma verdadeira cultura em torno do miriti; dele tudo pode ser aproveitado e a maioria dos moradores da

² A sexta questão da tarefa de familiar de Minuchin apresenta o seguinte comando: Copiar graficamente um modelo construído em madeira que existe na sala.

comunidade têm habilidade para manipular esta palmeira para o fabrico tanto de utensílios como de brinquedos.

Com a família reunida, a pesquisadora solicitava que gostaria de ver como a família “trabalha” com o miriti. Em seguida era dado um conjunto de palmas de miriti aos membros da família que eram solicitados a confeccionar qualquer objeto, que poderia ser um brinquedo, um utensílio doméstico, etc. Não era estabelecido se esta atividade deveria ser feita em grupo ou individualmente.

A “intimidade” cultural com a tarefa possibilitou o engajamento que poderia acontecer de modo isolado ou em conjunto. Tanto em um caso como no outro, essa situação propiciou o aparecimento de aspectos estruturais familiares, como papéis, competição, cooperação, hierarquia, liderança e conflito.

- A solução de problemas:

Todas as tarefas de solução de problemas foram inspiradas na tarefa 1 do instrumento Entrevista Familiar Estruturada (EFE) desenvolvido por Terezinha Féres-Carneiro (Féres-Carneiro, 1983)³. A solução de problemas consistiu na solicitação que os membros da família solucionem um problema previamente estabelecido pelo pesquisador a partir de três histórias hipotéticas. A semelhança dos objetivos da EFE, para este trabalho essas tarefa tinha por objetivo revelar como a família funciona em conjunto, a comunicação familiar, os papéis de cada membro, as regras familiares, como a família lida com conflitos, se surgirem, e aspectos de fronteira ao verificar como respeitam a individualidade de cada membro. No geral, as três histórias utilizadas permitiram avaliar a noção de unidade familiar presente em cada membro da família. Na primeira e na segunda está em jogo a ameaça de quebra ou de perda da unidade; na terceira história a unidade familiar pode confrontar com as possíveis tendências motivacionais peculiares a cada membro. Pela predisposição de suscitarem conflitos, estas tarefas possibilitaram também a avaliação de subsistemas, alianças e coalizões.

História hipotética 01: “Todos vocês saíram para viajar para Ponta de Pedras em uma sexta-feira à noite. Quando já estavam distante do Araraiana, a

³ A tarefa 1 da EFE de Feres-Carneiro apresenta o seguinte comando: vamos imaginar que vocês teriam que mudar-se de casa onde moram no prazo de um mês. Gostaria que vocês planejassem agora, em conjunto essa mudança.

baía começa a ficar agitada, a noite fica muito mais escura do que o habitual, começa a chover, um tronco de árvore solto no rio bate e fura o barco. O que vocês fariam?” Na seqüência pede-se para que cada um fale sobre o que faria nesta situação.

História hipotética 02: “Chegou a época do Círio de Nazaré⁴. A família toda viajou para Belém para acompanhar a procissão, sendo que tinha muita gente na procissão, muito barulho, muito tumulto, empurra de um lado, empurra do outro e nessa confusão uma das crianças se perdeu. O que vocês fariam?” Na seqüência pede-se para que cada um fale sobre o que faria nesta situação.

História hipotética 03: “Imaginem que vocês ganharam na loteria e estão com bastante dinheiro, porém vocês só receberão o dinheiro se conseguirem dizer 5 coisas que seja do desejo de todos comprar. Caso vocês não consigam chegar a um acordo vocês não receberão o dinheiro. Que coisas vocês escolheriam?” Estimula-se a participação das pessoas e procura-se confrontar as opiniões.

- As Fotos:

Baseada na terceira questão da tarefa familiar de Minuchin (1974)⁵. Foi dado aos membros do grupo familiar fotos das pessoas que compõem a família. Estes foram orientados a não mostrar para ninguém a foto que tinha em mãos. A pesquisadora solicitou que com apenas duas palavras, as pessoas dissessem de quem é a foto que tinham em mãos. Diante das dicas verbais o restante do grupo tinha que adivinhar a pessoa a que se estava referindo. O único critério nesta tarefa é que estas duas palavras representassem algo bom e algo ruim. Por exemplo, “eu peguei a foto de uma pessoa, ai eu digo, bem a foto que eu peguei é de uma pessoa muito danada e muito carinhosa. Quem é a pessoa?” Essa tarefa possibilitou a identificação de papéis e estereótipos no grupo familiar.

Esta tarefa apresentou-se bastante motivadora para a participação dos membros da família. A grande maioria das famílias não possui registro

⁴ Tradicional procissão religiosa que ocorre em Belém do Pará no segundo domingo de outubro, tida como a maior procissão religiosa da América Latina reunindo em torno de um milhão e meio de pessoas nas ruas.

⁵ A terceira questão da tarefa de familiar de Minuchin apresenta o seguinte comando: Designar rótulos para cada membro da família.

fotográfico de seus membros e o confronto com tais imagens é sempre motivo de muita brincadeira e risos. O fato das fotografias serem posteriormente entregues às famílias tornou-se um elemento adicional motivador.

- Semelhança e diferenças:

Esta tarefa é semelhante à sétima tarefa da primeira entrevista de Virgínia Satir (Satir, 1967). Procura-se aqui identificar, papéis estereótipos, subsistemas, e a transmissão transgeracional de papéis e padrões.

Estando presentes todos os membros da família, foram feitas as seguintes perguntas:

1. A cada um dos pais:

1.a. Qual filho ou filha é mais parecido consigo e qual é mais parecido com o parceiro e por que.

1.b. Qual filho ou filha é mais diferente de si e qual é mais diferente do parceiro e por que.

2. A cada um dos filhos:

2.a. Com qual dos pais ele se acha mais parecido e por que.

2.b. Com qual dos pais ele se acha mais diferente e por que.

3. Aos membros do casal:

3.a. Em que eles se parecem e em que são diferentes do outro e por que.

3.b. Em que eles se parecem e em que são diferentes dos seus pais.

- Nível de satisfação – ciclo vital:

A investigação do nível de satisfação – ciclo vital foi baseada na tarefa do teste marital de Lewis, Beavers, Gossett e Phillips (1976). Com o objetivo de identificar a história do casal e seu nível de contentamento na relação marital através de antigos e novos padrões durante o ciclo vital, a pesquisadora solicitou que os cônjuges descrevessem a sua relação antes de casarem, destacando sua relação com os seus pais e irmãos. Em seguida, a

pesquisadora pediu que cada cônjuge descrevesse as várias etapas da relação conjugal, de acordo o ciclo de vida da família, isto é, namoro, antes das crianças nascerem, crianças pequenas e filhos adolescentes.

3) Diário de campo (DC)

De acordo como observado acima, o diário de campo torna-se uma importante ferramenta nos trabalhos com uma perspectiva etnográfica, tal como esta. Pretendeu-se nos diários de campo descrever de maneira impressionista todos os contatos com a população ou quaisquer eventos que a ela se refira. Os diários de campo foram sempre escritos *a posteriore* ao contato ou após as discussões do grupo de pesquisa.

Mesmo nos contatos mais estruturados, como os previstos nas situações estruturadas, foram tomadas anotações de campo que foram, dentro das condições possíveis, de natureza descritiva e reflexiva. Nos relatos de natureza descritiva deu-se uma atenção particular para os indicadores verbais e não verbais dos vínculos e relações entre as pessoas, e mais particularmente entre os membros da família, como por exemplo, proximidade física, posturas, toque, presença de sincronia ou assincronia interacional⁶, gestos, etc. Adicionalmente procurou-se fazer também uma descrição dos sujeitos, reconstrução meticulosa dos diálogos, relatos de acontecimentos particulares e rica descrição das atividades. Na descrição de natureza mais reflexiva foram feitas especialmente especulações ou hipóteses sobre as relações ou a aspectos que posteriormente deveriam ser investigados. Tanto os aspectos descritivos como os reflexivos foram discutidos de forma intensa no grupo de pesquisa, aspectos que podiam ser reconsiderados em função desta discussão.

4) Genealogia da Comunidade (GC):

Baseado no Inventário sócio-demográfico e nas contribuições do informante foi montado um mapa genealógico da comunidade que foi baseado somente na constituição presente das atuais famílias e suas relações genealógicas com outras famílias. Desse modo constaram deste mapa as

⁶ Em termos não-verbais a sincronia interacional pode ser identificada por igualações posturais e a assincronia pela presença de posturas incongruentes (Cappella, 1981).

seguintes variáveis: sexo, idade, membros constituintes da família, composição do agregado que vive sob o mesmo teto, unidade de representação do agrupamento. O GC tem por finalidade identificar a rede de parentesco entre os membros da comunidade, sua história mais geral de relacionamento e ajudar na escolha das FF.

5) Genograma das Famílias Focais (GFF):

Tomando como referência o Inventário sócio-demográfico, os dados das situações estruturadas e os diários de campo foi montado um genograma familiar (McGoldrick, Gerson. & Shellenberger, 1999) das FF.

6) Ecomapa das Famílias Focais (EFF):

Considerando o Inventário sócio-demográfico, o inventário de rotina; os dados das situações estruturadas e os diários de campo foi montado um Ecomapa (Calix, 2004) para cada Família Focal. Esse ecomapa teve por objetivo representar as redes relacionais de cada família.

7) Mapa de rede das Famílias Focais (MRFF):

Considerando o Inventário sócio-demográfico, o inventário de rotina; os dados das situações estruturadas e os diários de campo foi montado um mapa de rede (Sluzki, 1997) das Famílias Focais. Esse mapa de rede pretendeu descrever os diferentes tipos de envolvimento dos mais distintos membros do grupo familiar entre si e entre as várias categorias de relações desenvolvidas no interior da comunidade.

8) Observação e notas de campo sobre o Ambiente de comunicação (ONC-AC)

Para cada ambiente relevante de interação identificados no contexto familiar , por ex.: casa da família focal, escola, locais de brincadeira, foi feita uma descrição do ambiente físico em que foram salientados os seguintes aspectos: a) áreas restritas, b) áreas expostas, c) arranjo do entorno, d) decoração, e) divisão de cômodos, f) disposição de móveis e objetos, g) áreas de interação, h) pontos de brincadeira, i) pontos típicos de interação. Esses

aspectos serviram de base para a caracterização da comunidade, da FF e a identificação de elementos significantes e simbólicos das variáveis estudadas.

Procedimentos

Pela natureza desta pesquisa e para o sucesso deste empreendimento foram tomados alguns cuidados por entender que estes são relevantes no processo de produção do conhecimento.

Preparativos preliminares

Preparação e teste preliminares dos instrumentos e técnicas

Para fins de teste e treino dos procedimentos de pesquisa, os instrumentos e procedimentos foram inicialmente planejados e posteriormente foram testados com famílias residentes em um bairro de periferia de Belém. Diversos ajustes foram feitos e na seqüência foram testados em três famílias de perfil semelhante às aqui pesquisadas. Em todos os instrumentos foram avaliadas a adequação e compreensão de linguagem, estratégias de contato, postura etc.

Preparação da equipe de pesquisa e forma de organização de coleta no campo.

A perspectiva deste trabalho - de produção coletiva do conhecimento-, demanda uma equipe com domínio teórico, organizada e entrosada com todos os detalhes da mesma. Deste modo um aspecto a ser destacado do procedimento refere-se ao treino e acompanhamento da equipe.

Antes de começar a pesquisa propriamente dita, foram convidados alunos do quarto semestre do curso de psicologia para participar do projeto. Foi formada uma equipe de 7 alunos sendo destes 5 mulheres e 2 homens, sendo quatro bolsistas de iniciação científica (somente um vinculado ao projeto guarda-chuva do programa de pesquisa) e três voluntários. Em conjunto com esses alunos de graduação, também compunham a equipe o professor de psicologia da Universidade Federal do Pará, duas alunas de mestrado e uma de doutorado. (ver figura 10 abaixo)



Figura 10: Um dos momentos de reunião da equipe de pesquisa na situação de campo.

Com a equipe formada, antes de iniciar a pesquisa de campo, foram feitas discussões de temas teóricos e metodológicos relevantes à pesquisa, dentre eles, conceitos fundamentais de teoria sistêmica; modelo ecológico de desenvolvimento de Bronfrenbrenner; metodologia qualitativa, uso do diário de campo, estratégias de pesquisa participante. Além dessas temáticas foram discutidos aspectos mais estritamente relacionados à pesquisa, como por exemplo, como preencher os inventários e o que relatar no diário de campo e aspectos práticos relativos à viagem, como divisão de tarefas, responsabilidades, lista de compras, lista de equipamentos, lista de instrumentos de pesquisa, etc.

No campo de pesquisa, os pesquisadores foram divididos em subgrupos de díades ou tríades. Após um planejamento das atividades do dia, a equipe foi orientada em todos os meandros. A coleta de dados iniciava aproximadamente às 08h00min e terminava às 15:00h.

Logo após a chegada na base de pesquisa e ao almoço, eram feitas as reuniões de discussão dos diários de campo, onde a pesquisadora dirigia as

discussões dos aspectos desta pesquisa de seu interesse. A metodologia de discussão obedeceu a seguinte seqüência e pauta mínima: 1) relato objetivo de cada subgrupo das famílias visitadas (tarefas cumpridas, pessoas entrevistadas; 2) relatos dos diários descritivos de campo; 3) relatos dos diários reflexivos de campo; 4) discussões acerca dos diários de campo. Os principais aspectos discutidos eram anotados pela pesquisadora. Em seguida, levando em conta as discussões desenvolvidas no grupo, os subgrupos reuniam-se para reorganizar o material da pesquisa, mais especificamente o diário de campo. Neste mesmo momento, para fins de preparar a reunião da noite do grupo, a pesquisadora fazia uma síntese dos principais elementos relatados na discussão. À noite, após o jantar, o grupo voltava a se reunir para fazer a avaliação das atividades e discussões do dia e planejamento do dia seguinte. Nesta reunião eram também coordenados pela pesquisadora os aspectos de seu interesse de pesquisa.

Como observado acima, esta configuração de trabalho foi típica do período de coleta dos inventários e dos primeiros diários de campo. As etapas posteriores foram conduzidas mais diretamente pela pesquisadora, colegas de pós-graduação e três alunos de iniciação mais diretamente envolvidos com o programa.

Contato inicial

A escolha da comunidade foi feita tomando como critério principalmente o isolamento que caracteriza as comunidades ribeirinhas mais distantes. Inicialmente foram feitos contatos com comunidades que ficam próximas à Universidade Federal do Pará (UFPA). Essas comunidades seriam bastante convenientes para pesquisa, em função dos custos financeiros envolvidos e da praticidade de estar próximo da UFPA. Contudo, nenhuma dessas comunidades visitadas preencheu o critério de isolamento, em virtude de todas estarem em grande contato com a metrópole. Adicionalmente, em todas essas comunidades uma boa porção das famílias não possuía mais o modo de vida extrativista, com alguns moradores trabalhando em Belém.

Foi neste sentido que buscou-se contatos com outras comunidades ribeirinhas, sendo estas bastante abundantes na região. Dos contatos

possíveis, a mais primitiva em termos do modo de sobrevivência foi a do Araraiana na Ilha do Marajó. A vantagem de encontrar uma comunidade que apresenta as especificidades desejadas no que diz respeito ao estado de isolamento se contrapõe a dificuldade de acesso a mesma – situada em torno de cinco horas de barco de Belém. Todavia essa dificuldade foi compensada pela predisposição de uma excelente base de pesquisa situada em um Hotel fazenda e pela originalidade e desafio de pesquisa em tais condições.

O contato inicial com os moradores da comunidade foi possibilitado pelo informante, que como já salientado, assume a função de administrador do Hotel-fazenda. Em função do papel de liderança e de sua rede de relações, foi possível a apresentação de toda equipe de pesquisa para os membros da comunidade.

Foram visitadas todas as residências, onde o informante apresentava os pesquisadores enquanto professores e pesquisadores da UFPa que estavam interessados em fazer uma pesquisa cujo objetivo era conhecer os moradores daquela localidade.

Após esse primeiro contato foram feitas outras visitas (no total de quatro) sem necessariamente ser dado início à coleta de dados, o objetivo desses contatos era aproximar os pesquisadores dos moradores da comunidade e começar a conhecer as peculiaridades das famílias.

Somente após este período de ambientação do pesquisador e conseqüente dessensibilização dos pesquisadores à comunidade é que foi dado início a coleta de dados propriamente dita.

Coleta de dados

Pode-se dividir o procedimento de coleta de dados em dois momentos, o primeiro relativo à caracterização da comunidade com a conseqüente escolha das FF e o segundo referente à coleta de dados mais detalhados (estudos de caso) o que compreenderá as análises relativas à estrutura e dinâmica das FF.

Caracterização da comunidade

A coleta de dados começou pela caracterização da comunidade. Esta compreendia a aplicação do inventário sócio-demográfico e do inventário de rotina. Para cada unidade familiar era solicitado para que o casal respondesse algumas questões da pesquisa. Foi deste modo apresentado o objetivo da pesquisa e sua vinculação com a Universidade Federal do Pará. Nesta ocasião era explicitado os benefícios da pesquisa, o modo como a população participaria e a garantia do anonimato dos participantes. Diante da concordância do morador, o pesquisador apresentava o consentimento informado (anexo 4) - que na maioria das vezes era lido - e solicitava após a leitura, caso o morador concordasse com os termos do documento, a assinatura.

A aplicação dos Inventários sócio-demográficos ocorreu durante o período de cinco dias consecutivos, sendo que no primeiro dia, o grupo de 8 pessoas foi dividido em dois grupos onde se encontrava necessariamente um membro que havia participado da aplicação do piloto. Ao final de cada dia, o grupo reunia para avaliar o trabalho. Ao término da aplicação, uma grande planilha foi construída onde as díades de pesquisadores introduziam as informações registradas no instrumento a fim de evitar que informações que não foram anotadas claramente fossem perdidas.

Os dados relativos ao inventário de rotina foram obtidos, à semelhança do inventário sócio-demográfico, através de um ou mais membro da família. Era solicitado para o (a) entrevistado (a) que descrevessem um dia típico de semana e um dia típico de domingo na família. O entrevistador anotava na planilha do inventário as respostas nos turnos a medida que esses fossem relatados.

Em geral, o respondente era a pessoa que se encontrava na residência no momento da visita dos pesquisadores e que conhecia as atividades dos demais membros. Neste sentido, a entrevista era dirigida de modo que a descrição oferecida pela pessoa não era restrita a um indivíduo em particular, e sim da família como um todo. Para fins de possibilitar a averiguação do registro de modo o mais fidedigno possível ao relato, todas as entrevistas foram áudio-gravadas.

Para coleta do inventário de rotina foram gastos 8 dias consecutivos de visita às famílias da comunidade.

Esses dois momentos tinham por objetivo caracterizar a comunidade como também possibilitar a captação de elementos para escolha das FF. Na seqüência foram feitas as coletas dos estudos de casos.

Estudos de Casos

Pode-se dizer que as visitas sistemáticas para coleta dos dados de caracterização da comunidade, seus respectivos dados e as visitas assistemáticas, possibilitaram o estabelecimento de vínculos com os moradores da comunidade. Contudo, de qualquer modo, alguns mais do que outros, se mostraram acentuadamente disponíveis e “a vontade” à presença dos pesquisadores. Com base nesses elementos foi possível escolher as FF, que foram o centro das análises nos estudos de caso.

Para retratar cada estrutura e dinâmica familiar de forma completa e profunda, foram utilizadas as técnicas de situações estruturadas (acima descritas).

Descreve-se no esquema da figura 11 abaixo as fases do procedimento e as etapas e instrumentos aplicadas nesta pesquisa.

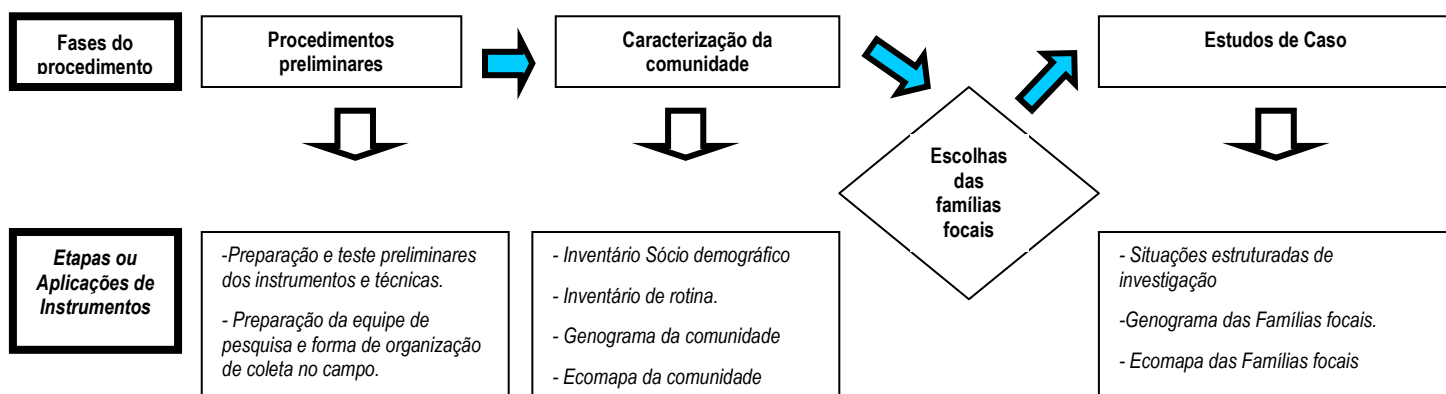


Figura 11: Descrição esquemática das fases do procedimento e as etapas e instrumentos a serem aplicados.

Como se pode verificar, a aplicação de alguns instrumentos são pré-requisitos para execução de algumas outras fases. Assim, o inventário sócio-demográfico possibilitou a construção do mapa genealógico que por sua vez, criou melhores condições para a escolha das FF e aplicação dos instrumentos

relativos ao estudo de caso. O diário de campo, que será utilizado em todo período de coleta.

Análise dos resultados

Para cada elemento do banco de dados foram utilizadas análises específicas.

Os elementos passíveis de tabulação - como o ISD e o IR-, foram colocados em uma planilha do programa Excel, categorizados e tratados segundo suas especificidades. Os dados do inventário sócio demográfico por meio de estatística descritiva e o inventário de rotina com base em uma análise qualitativa.

Com base nos dados dos inventários foram construídos o diagrama dos subsistemas de atividades e rotina, os ecomapas e os mapa de rede. As categorizações, as demarcações dos subsistemas de atividade, as classificações envolvidas nos ecomapas e nos mapas de rede (intensidade, categorias e dimensão/quadrante) se deram com base em discussões e em acordo de no mínimo duas das três pesquisadoras. Caso não houvesse concordância, foram consultados a orientadora e o coordenador do projeto mais geral em que este estava incluído.

Os dados filmados das situações estruturadas foram inicialmente transcritos para editores de texto (Word) e posteriormente foram identificados os episódios observacionais, sendo estes posteriormente classificados em termos de dimensões temáticas, categorias e subcategorias relacionais derivadas dos dados observacionais e desenvolvidas com base em parâmetros dos principais elementos de análises a serem empregados.

O diário de campo foi todo transcrito para programas de edição de texto como o "Word" e posteriormente os dados foram organizados em termos das temáticas e sub-temáticas com base em parâmetros dos principais elementos de análises a serem empregados. Considerando essa organização foram discutidas as propriedades qualitativas encontradas em função de caracterização dos elementos de análise a serem empregados.

Os dados de diário de campo possibilitaram uma discussão integrada das elaborações resultantes dos dados das situações estruturadas.

Com base em todas as análises pretendeu-se de modo geral obter uma caracterização da cultura ribeirinha a partir do modo como as famílias estão organizadas e, por outro lado, pensar as especificidades familiares a partir do modo de vida ribeirinho. Para tanto, o modelo ecológico foi utilizado como um organizador do conjunto de resultados advindos de instrumentos diferentes. É neste sentido, que no micro sistema serão analisadas as relações pertencentes a cada subsistema (conjugal, parental e fraternal). Em termos do meso e do exossistema serão enfatizados na análise do contexto ecológico familiar, o trabalho, a rede de apoio social e os grupos sociais especiais presentes na comunidade (lazer e religiosos). Em termos do cronossistema serão analisados aspectos peculiares do ciclo das famílias estudadas. Finalmente no macrossistema será discutido o padrão global de valores, crenças e organização social comuns à comunidade estudada.

Com o objetivo de sintetizar todos os instrumentos e técnicas componentes do banco de dados utilizados, descreve-se no quadro 1 abaixo seus principais objetivos, as formas de tratamento e análises principais empregadas.

Quadro 1: Síntese dos elementos do banco de dados com os principais objetivos, procedimentos de tratamento e elementos de análise utilizados para cada componente do banco de dados.

Elementos do Banco de dados	Principais objetivos	Procedimentos básicos de tratamento dos dados	Elementos de análises principais que foram empregados
1) Inventário sócio demográfico (ISD)	Contato e caracterização inicial da comunidade de das famílias; possibilitar a seleção das Famílias Focais; Possibilitar GC, GFF, EC e EFF.	- Estatística descritiva.	Composição etária, renda, gênero, escolarização familiar e rede de parentesco; hábitos de sobrevivência, alimentação, lazer, atividades sociais, saúde e higiene.
2) Inventário de rotina (IR)	Identificar características das relações conjugais e parentais; Possibilitar EF e o MRFF.	Descrição qualitativa dos principais subsistemas de atividades desenvolvidas.	Organização dos subsistemas de pessoas do grupo familiar com base nas categorias de atividades desenvolvidas (subsistência econômica, subsistência alimentar, tarefa doméstica, cuidado físico, prática religiosa, brincar e estudo).
3) Situações estruturadas de investigação (SEI) - O Miriti: - A solução de problemas: - As fotos: - Semelhança e diferenças: - Nível de satisfação – ciclo vital	Identificar arranjos estruturais e dinâmicas familiares típicas do contexto.	Classificação de episódios observacionais em termos de dimensões temáticas, categorias e sub-categorias relacionais derivadas dos dados observacionais e desenvolvidas com base em parâmetros dos principais elementos de análises a serem empregados. Discussão das propriedades qualitativas encontradas em função de caracterização dos elementos de análise a serem empregados.	Papéis, competição, cooperação, hierarquia, liderança e conflito, comunicação familiar, regras familiares, fronteira; subsistemas, alianças e coalizões, estereótipos no grupo familiar, transmissão transgeracional de papéis e padrões.
4) Diário de campo (DC)	Possibilitar discussão e geração de hipóteses sobre aspectos relacionais, estruturais das Famílias Focais relacionados a dados de campo.	Organização das notas de campo em termos das temáticas e sub-temática, com base em parâmetros dos principais elementos de análises a serem empregados. Discussão das propriedades qualitativas encontradas em função de caracterização dos elementos de análise a serem empregados.	Vínculos, papéis, competição, cooperação, hierarquia, liderança e conflito, comunicação familiar, regras familiares, fronteira; subsistemas, alianças e coalizões, estereótipos no grupo familiar, transmissão transgeracional de papéis e padrões.
5) Genealogia da Comunidade (MGC):	Identificar a rede de parentesco entre os membros da comunidade, repetições de padrões familiares na comunidade, sua história mais geral de relacionamento; contribuir na escolha das FF.	Organização em termos gráficos da rede de parentesco, considerando os laços consanguíneos entre as famílias. Representação dos sujeitos em termos de variáveis de gênero, filiação e de formação e rompimento de laços conjugais.	Rede de parentesco entre famílias, padrões de estruturação familiar.
6) Genograma das Famílias Focais (GFF).	Discutir a história familiar e possíveis repetições de padrões familiares	Organização em termos gráficos da rede de parentesco, considerando temporalmente os seguintes elementos simbolicamente representados: gênero, filiação, formação e rompimento de laços conjugais, momentos críticos da família (morte, aborto, doença), subsistemas, alianças e coalizões.	Papéis, rede de apoio, hierarquia, liderança, conflito, eventos críticos, regras familiares; fronteira, subsistemas, alianças e coalizões, história cultural e étnica; transmissão transgeracional de papéis e padrões familiares e culturais.
7) Ecomapa das Famílias Focais (EFF)	Identificar o nível de envolvimento das famílias com a comunidade através de suas instituições como a igreja e a escola.	Representar através de figuras a rede de relações que existem entre as famílias e a comunidade.	Rede de apoio, organização comunitária, envolvimento das famílias na vida social da comunidade, grau de fechamento e de abertura para o grupo, rigidez e flexibilidade, conservação e mudança.
7) Mapa de rede das Famílias Focais (MRFF):	Descrever os diferentes tipos de envolvimento dos mais distintos membros do grupo familiar entre si e entre as várias categorias de relações desenvolvidas no interior da comunidade.	Representar através de figuras dos diferentes tipos de vínculos existentes entre os membros da família e o conjunto da comunidade.	Tipo predominante de intercâmbio interpessoal entre os membros de uma rede: companhia social, ajuda material e de serviços, regulação e controle social, apoio emocional, acesso a novos contatos, guia cognitivo e de conselhos.
11) Observação e Notas de Campo sobre o Ambiente de comunicação (ONC-AC)	Estruturação física dispensada às relações no contexto familiar e subjetividade implicada	Descrição do entorno em termos de variáveis descritoras de modo de estruturação familiar.	Identificação de áreas restritas, áreas íntimas, áreas expostas, arranjo do entorno, decoração, etc.

Como pode ser observado abaixo alguns dos elementos do banco de dados apresentam-se também enquanto elementos de análise. Esta dupla função deveu-se à natureza do instrumento. Desse modo, os genogramas (GFF) e os ecomapas (EFF) apresentam-se não somente enquanto uma forma de representação mais também como um instrumento de análise.

Pode-se dizer que em termos de análise todos os instrumentos estão estreitamente conectados. Em primeiro lugar essa interconexão deveu-se, à convergência do objetivo comum, ou seja, descrever a estrutura e dinâmica das relações familiares. A implicação em termos de análise está no fato de que cada conclusão advinda de um instrumento diferente produziu uma nova reflexão sobre o objetivo em questão. Isto indica que o movimento dado - teoria se configurou em idas e voltas em todos os sentidos do dado para o dado, do dado para a teoria, da teoria para o dado e da teoria para a teoria.

Resultados e Discussão

Um fato é como um saco: vazio, não fica de pé. Para que fique de pé, é preciso pô-lhe dentro a razão e o sentimento que o determinaram.

Luigi Pirandello

Caracterização da comunidade do Araraiana.

Nesta secção, pretende-se descrever alguns aspectos gerais caracterizadores da população estudada. Como será verificado, alguns podem ser descritos em termos quantitativos e outros, tão somente em termos qualitativos. Os aspectos quantitativos aqui descritos foram obtidos através do inventário sócio-demográfico e os qualitativos por intermédio das notas de campo.

Origem e perspectivas de locação familiar.

Como já observado na descrição dos participantes, na secção do método, a comunidade do Araraiana é composta basicamente de 22 famílias com 125 moradores. Das famílias presentes na comunidade, as maiores freqüências de tempo de convívio, situa-se de seis a trinta e cinco anos de convívio (ver figura 12).

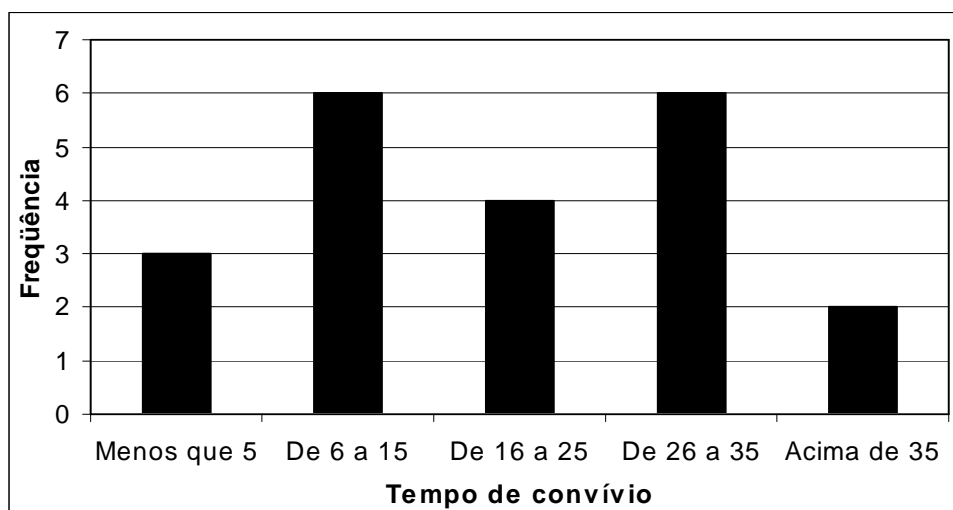


Figura 12: Total de casais por tempo de convívio.

Das 22 famílias 10 tem sua origem no próprio rio, com casamento dentro da própria comunidade. As demais famílias apresentam uma variação de 1 a 23 anos no local. As famílias mais recentes são geralmente de caseiros⁷, ou de

⁷ Pessoas que vivem com suas famílias em moradias cujos proprietários residem em outra localidade. O caseiro executa tarefas de cuidado e manutenção da casa e arredores.

moradores que vivem em residência cedida. De fato, os caseiros não são freqüentemente pagos⁸, sobrevivendo basicamente do extrativismo.

Dos moradores não originários da própria comunidade, ou seja, a maioria tem origem em zonas não metropolitanas. Mesmo aqueles com origem na Metr pole, são de uma vila periférica da cidade. Os originários de municípios, seja o da sede ou circunvizinhos, são em todos os casos, municípios pequenos, com insuficiente, ou quase nenhum tipo de infra-estrutura urbana básica ( gua encanada, esgoto e energia elétrica). A figura 13 abaixo descreve a freq ncia de local de origem das famílias não originárias do Araraiana

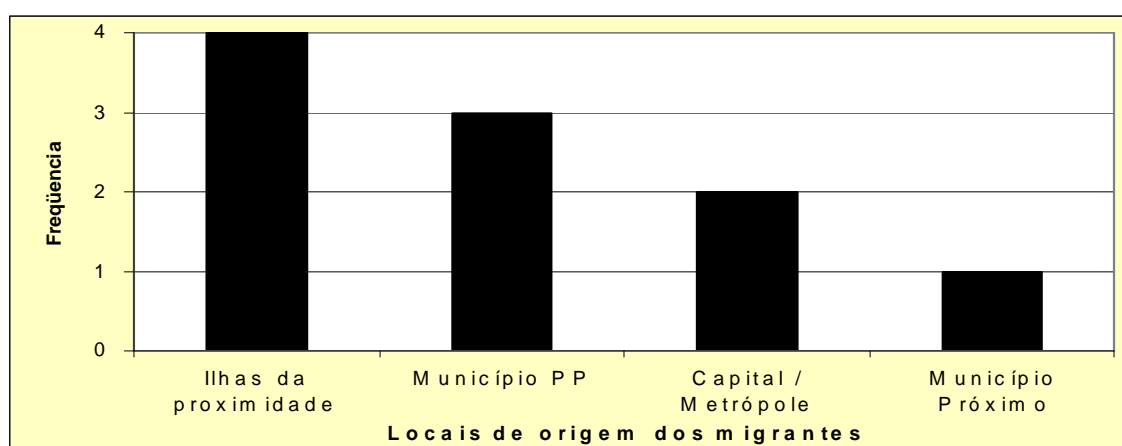


Figura 13: Local de origem das famílias não originárias do Araraiana.

Os motivos alegados para migra o para o Araraiana, podem ser categorizados em: a) história familiar, b) conflitos no antigo local de origem, c) questões financeiras e d) casamento/tentar vida melhor.

As justificativas classificadas como "história familiar" dizem respeito a fatos que, em algum momento da historia da família, foram motivos de mudança da família para o local, por exemplo: "A avó materna morava aqui, morreu e em Icooraci (local onde morava) não tinha emprego, então resolvi ir para c "; "Porque o avô paterno comprou o terreno para ficar perto do Malato e do cemitério". Todos os motivos referentes a saída do local em fun o de problemas com a vizinhança foram enquadrados como "conflito no antigo local de origem". Há duas respostas nesta categoria, uma referente a conflitos com vizinhos e outra com parentes. "Questões financeiras" e "Casamento/tentar

⁸ Embora estas atividades sejam geralmente remuneradas, é comum no contexto ribeirinho, os pagamentos serem abaixo do s lario mínimo e terem periodicidade anual ou semestral.

uma vida melhor” foram retiradas textualmente da própria resposta. A figura 14 abaixo descreve o total de ocorrências de respostas em cada categoria.

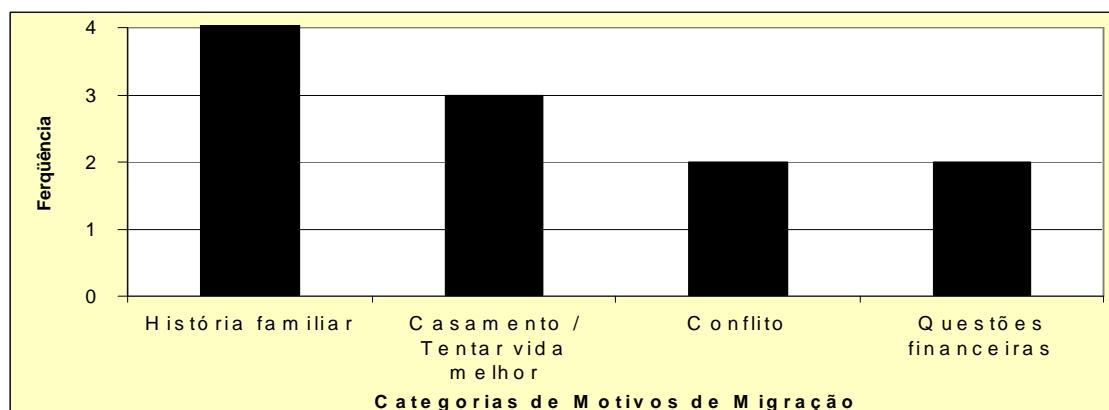


Figura 14: Frequência de respostas em categoria de motivos de migração.

Quando se investigou o local de origem dos pais dos moradores, as respostas obtidas indicam o seguinte resultado que pode ser visualizado na figura 15 abaixo.

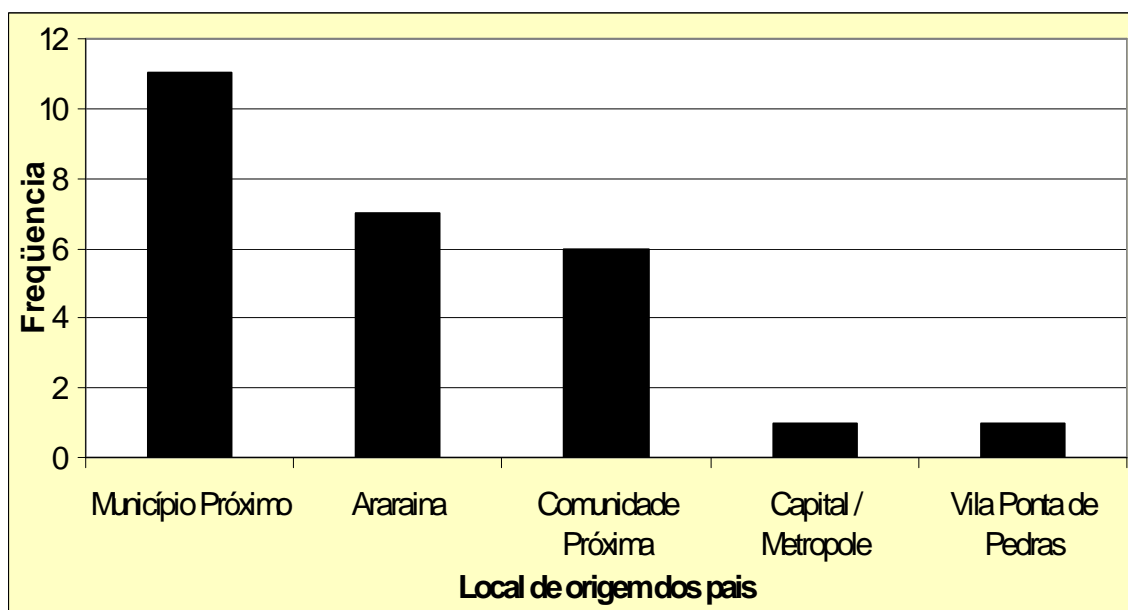


Figura 15: Local de origem dos pais dos atuais moradores do Araraiana.

A maior frequência do local de origem dos pais é de municípios próximos, geralmente são municípios muito pequenos como uma pequena vila de moradores, todos situados a margem de rios e somente um caso não é município marajoara. Logo na seqüência, encontram-se a comunidade de Araraiana e comunidades ribeirinhas próximas, todas pertencentes à ilha do Marajó. Da Capital/Metropole e do município de Ponta de Pedras, local onde se

situa a própria comunidade do Araraiana, há somente um representante de cada. Vale dizer que o local da capital é uma vila periférica desta.

Levando em conta, o local de origem dos migrantes e dos pais dos moradores, no geral, pode-se dizer que a maioria dos moradores do Araraiana possui uma origem comum, ou seja, tiveram ou tem uma origem ribeirinha e neste caso a são da região do Marajó.

Deste modo, há um compartilhamento do modo de vida instalado transgeracionalmente, que, a despeito de não serem todos do Araraiana, quase todos possuem alguma história ribeirinha. Não foi encontrada nenhuma história de rompimento com o modo de vida da geração anterior.

Um aspecto interessante é percebido quando se questiona aos chefes de família se eles têm interesse em continuar no local, a maioria demonstra um grande desejo em permanecer morando no rio Araraiana (ver abaixo figura 16).

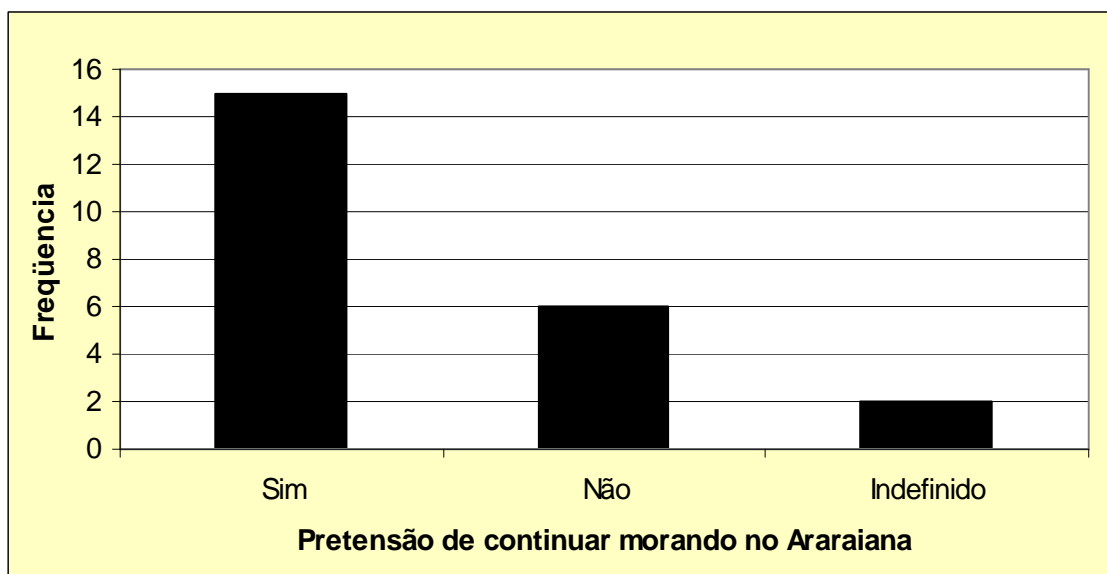


Figura 16: Frequência de respostas dos chefes de família para a questão de se há interesse em permanecer no local.

Quando questionados acerca dos motivos de sua resposta, ou seja, permanecer ou não no local, os fatores alegados são de natureza diferente. Para tratamento desta questão, os motivos alegados foram categorizados em função dos principais aspectos levantados, sendo que em uma mesma resposta poder-se-ia computar diferentes motivos.

As categorias encontradas para as justificativas da permanência no rio foram agrupadas em três categorias, a saber: Acostumado/Tranqüilidade, Sustento e Proximidade da família. Foram categorizadas como Acostumado/tranqüilidade todas as respostas que enfatizavam o conhecimento do local, sua familiaridade e aspectos referentes a paz e sossego encontrado no local e não encontrado na cidade. As respostas categorizadas como sustento estavam centradas em aspectos relativos à sobrevivência, que é avaliada de modo positivo, ou seja, é mais fácil de encontrar no local formas para sobreviver. Finalmente, as respostas que evidenciavam aspectos afetivos relativos à família foram categorizadas como “proximidade da família”.

As justificativas para não ficar no Araraiana giraram tão somente em função dos estudos dos filhos, deste modo só foi considerada a categoria estudos.

As freqüências encontradas nestas categorias podem ser visualizadas nas figuras 17 e 18 abaixo. Como pode ser verificado, dentre os motivos para ficar, a categoria Acostumado/tranqüilidade é a que apresentou a maior freqüência suplantando mais de três vezes o “Sustento” e cinco vezes a “Proximidade família”. Este resultado pode indicar uma “inércia” de manutenção do modo de vida ou uma dificuldade de adaptação a outros modos de vida, o que, por sua vez, sugere uma possível tendência de conformação ou continuidade das condições postas pelos seus pais.

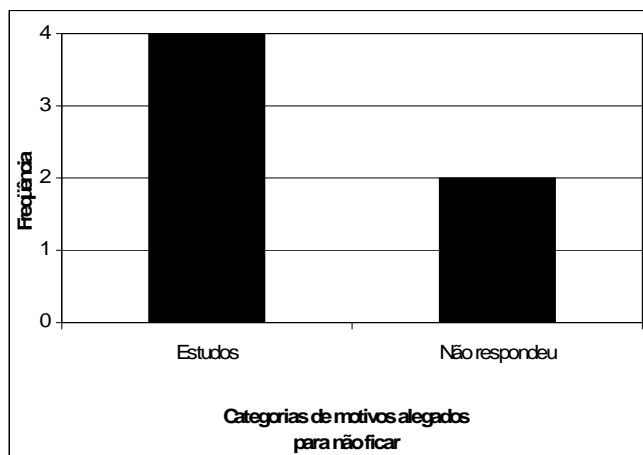
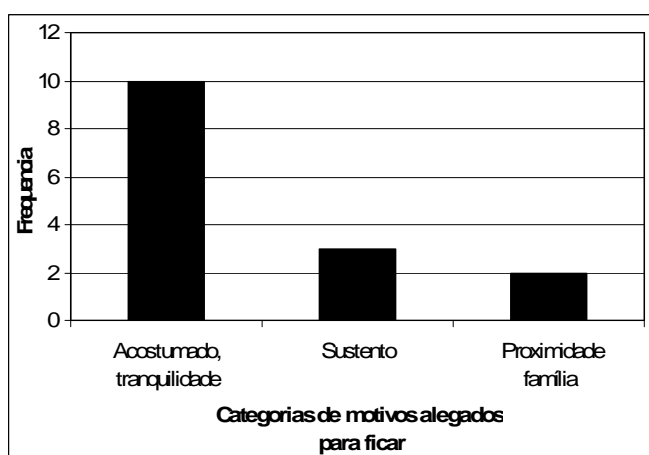


Figura 17 e 18: Freqüência de motivos alegados para ficar e não ficar no Araraiana.

Em consonância com este aspecto, é curioso que do total da população entrevistada, somente quatro levantaram os estudos como um dos motivos para sair. Entende-se que a educação seria o único meio de romper com a situação de miséria que eles se encontram. É surpreendente o grande grau de falta de perspectiva e metas de futuro via educação.

A simplicidade de vida destes ribeirinhos pode também ser considerada a partir das condições de suas moradas, suas posses, ornamentos, onde é possível, de modo semelhante, serem revelados aspectos de seu estilo, padrão de vida, valores e de tradições a eles arraigadas.

Características das residências familiares

O modo de vida humilde da população do Araraiana é bem retratado por suas condições de moradas. Suas casas são geralmente pequenas, com poucos compartimentos, geralmente 3 (sala, quarto e cozinha) onde seus moradores ficam instalados. A maioria das casas é de propriedade dos moradores, contudo, as casas com maior quantidade de compartimentos não pertencem aos moradores, que ali vivem na condição de caseiros. Um detalhamento sobre o total de compartimentos pode ser visualizado na tabela 1 abaixo.

Tabela 1: Situação de Moradia e Quantidade de cômodos na residência das famílias do Araraiana.

Situação de moradia	Quantidade de Comodos				
	<i>Dois</i>	<i>Três</i>	<i>Quatro</i>	<i>Cinco</i>	<i>Total</i>
Própria	4	6	3		13
Cedida familiares		1	2	1	4
Cedida Vizinho		1			1
Caseiro			1	2	3
Não informado	1				1
Total	5	8	6	3	22

Como pode ser conjeturado a partir dos dados da tabela 1, pela quantidade de moradores em cada residência e o total de compartimentos, a questão da privacidade não parece ser uma demanda para esse contexto.

As casas são humildes, todas de piso de madeira, mas as paredes nem sempre são de madeira. Algumas são de palha trançada e em outras de bucha de miriti⁹, algumas não possuem paredes frontais ou laterais. Das 22 casas somente 5 possuem cobertura em telha de barro, as 17 restantes possuem teto de palha.

A maioria das casas não é pintada, quando são, são somente as fachadas com cal, com combinações de branco e cores abertas como azul. O conjunto de fotografias disposto na figura 19 abaixo demonstra alguns exemplos de fachadas das casas, sendo algumas pintadas, outras não e outras sem paredes frontais. Para tais fotos só foram consideradas as residências de propriedades dos próprios moradores.

⁹ Polpa da palmeira do miriti.



Figura 19: Exemplo de fachadas de algumas residências do Araraiana

A maioria das casas não possui móvel (sofás, cadeiras, armários, camas). Em muitas casas costuma-se sentar e receber as visitas no próprio substrato de tábuas da casa -, são geralmente bancos feitos de madeira corrida, que ficam dispostos próximos a parede, geralmente na sala e na cozinha. Como dormem em redes é bastante compreensível a ausência de camas (ver fotos da figura 20).



Figura 20: Fotografias representativas da sala de algumas das casas.

Muitas casas, apesar de serem residências de famílias por vários anos, transmitem a impressão para os pesquisadores de moradia provisória. Os seus objetos – principalmente roupas -, são geralmente acondicionados em sacos plásticos, sem nenhuma aparência de alguma preocupação estética (ver fotos da figura 21). Contudo, para alguns elementos percebe-se a disposição organizada o que leva a crer que são mais valorizados do que outros (ver de fotos da figura 22).



Figura 21 Fotografias representativa de acondicionamento de pertences.



Figura 22: Fotos representativas de disposição organizada de pertences.

Na grande maioria das casas as paredes são geralmente nuas, a exceção de calendários, escudos de times, fotos de artistas, etc., pregados próximo a imagens de santos (quando é o caso da família ser cristã). Curiosamente foi verificado que brinquedos infantis, como bonecas e carrinhos são dispostos nas paredes como ornamentos (ver fotos da figura 23).



Figura 23: Fotografias representativas de arranjo interno de ornamentos nas paredes.

Somente em uma família foi verificada intensa ornamentação da casa com recortes de garrafas plásticas, tipo PET, decorando o teto e dividindo ambiente à semelhança de cortinas (ver de fotos da figura 24). Destaca-se que essa família é uma das famílias focais (Família Mig/San). As análises resultantes das situações estruturadas (ver página 238) demonstram que a utilização de tais arranjos ornamentais não podem ser somente explicados em função de alguma habilidade no trato com materiais de sucata. O ambiente da casa, enquanto espaço de convivência contínua, tende a refletir as interações, de modo que nela sejam encontrados demarcadores. Deste modo, o arranjo do ambiente familiar pode não parecer ser um fator casual à dinâmica familiar.



Figura 24: Fotografias representativas de ornamentação do teto e de divisão de ambientes com cortinas feita de sucatas de garrafas plásticas tipo PET verificado na casa da Família Mig/San.

Poucas são as famílias que colocam no entorno da casa plantas ornamentais de qualquer tipo, das 22 moradias somente 4 apresentam plantas ornamentais no entorno da casa, principalmente arbustos situados na fachada da residência (ver fotos da figura 25).



Figura 25: Fotografias de decoração de arranjo do entorno das residências com plantas decorativas.

Muito têm se discutido que os arranjos ambientais revelam a demarcação de território, espaço de convivência de determinado grupo, subjetividades, identidade, identificação, poética, representações sociais, etc. (Knapp & Hall, 1999; Peluso, 2003; Rabinovich, 2005; Rabinovich, 2002; Wiesenfeld, 2005). Neste caso, tais aspectos podem ser reveladores da cultura íntima familiar, indicando um espaço de convivência com história e organização típica. Contudo, não se pode dizer que tais características sejam típicas de ribeirinhos, pois se sabe que em outras comunidades - com perfil sócio-econômico semelhante -, verifica-se um padrão diferente do encontrado, com uma maior organização do ambiente interno e externo. Apesar da não discussão exaustiva de tais aspectos, entende-se que a simples declaração descritiva já pode trazer a contribuição de revelar uma faceta ainda não investigada dessas comunidades. Futuros trabalhos poderão aprofundar tais aspectos segundo a perspectiva da psicologia ambiental.

Em termos de posses familiares as casas são muito simples, poucos são os utensílios domésticos, basicamente são três: fogão, rádio e televisão. O fogão a lenha ou carvão é o mais freqüente de todos, estando presente em

todas as casas. O rádio é o segundo item de utensílio, estando presente em 15 das 22 residências, sendo geralmente rádios de porte médio – pois em virtude da distancia, pequenos rádios a pilha (AA ou AAA) não conseguem capturar o sinal das ondas de rádio. Em geral, os rádios utilizados na comunidade ribeirinha são ligados a uma bateria de carro, ou seja, baterias de sucatas adquiridas nas pequenas cidades que funcionam como geradores de energia que precisam ser periodicamente carregada nos centros urbanos mais próximos. O fogão a gás está presente em oito residências, contudo, poucas realmente os utilizam, haja vista, que o gás, por ser um item de consumo caro, não está ao alcance do poder de compra da população.

A televisão está presente em seis residências. Em função da ausência de energia elétrica no local, a televisão, que funciona de modo semelhante aos rádios, ou seja, ligada a bateria, é utilizada por períodos limitados, principalmente a noite para assistir jornais, novelas e partidas de futebol. Seja por incapacidade de leitura ou por acessibilidade, essa população dificilmente tem contato com o mundo letrado, especificamente com a mídia (jornais e revista). Deste modo, o maior meio de informação ou contato com o mundo exterior é através do rádio. Detalhes quantitativos desses dados podem ser visualizados na figura 26 abaixo.

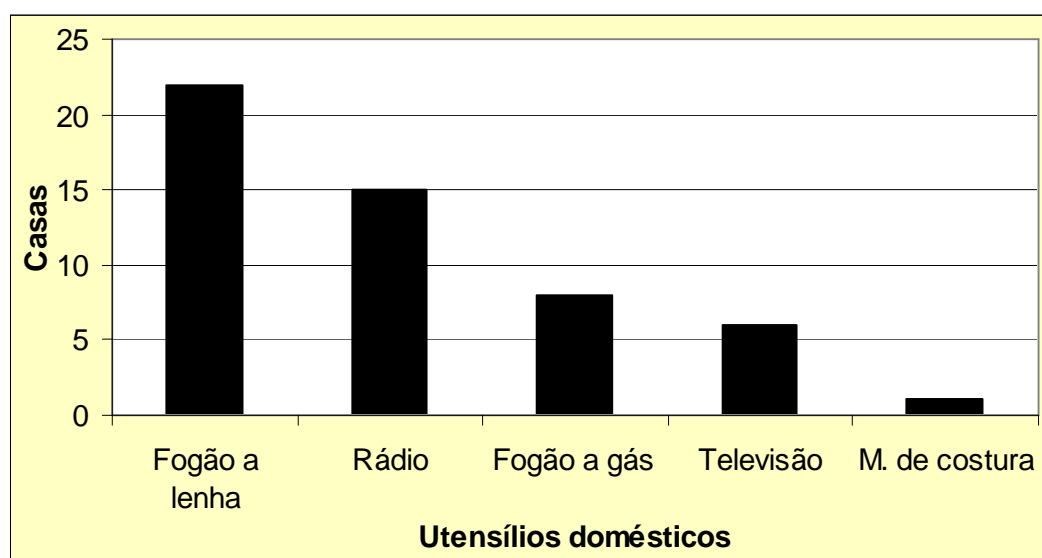


Figura 26: Utensílios domésticos de posses das famílias do Araraiana.

Constituição familiar

Tomando como referência as residências, todas as casas são ocupadas essencialmente por familiares, então desse modo, o arranjo domiciliar que prevalece é o familiar. Dos arranjos familiares encontrados nos domicílios, o de maior frequência é o nuclear, correspondendo a 14 residências, posteriormente encontra-se o arranjo multigeracional e estendida que corresponde respectivamente a 5 e 3 residências. Estes dados podem ser verificados em detalhes na figura 27 abaixo.

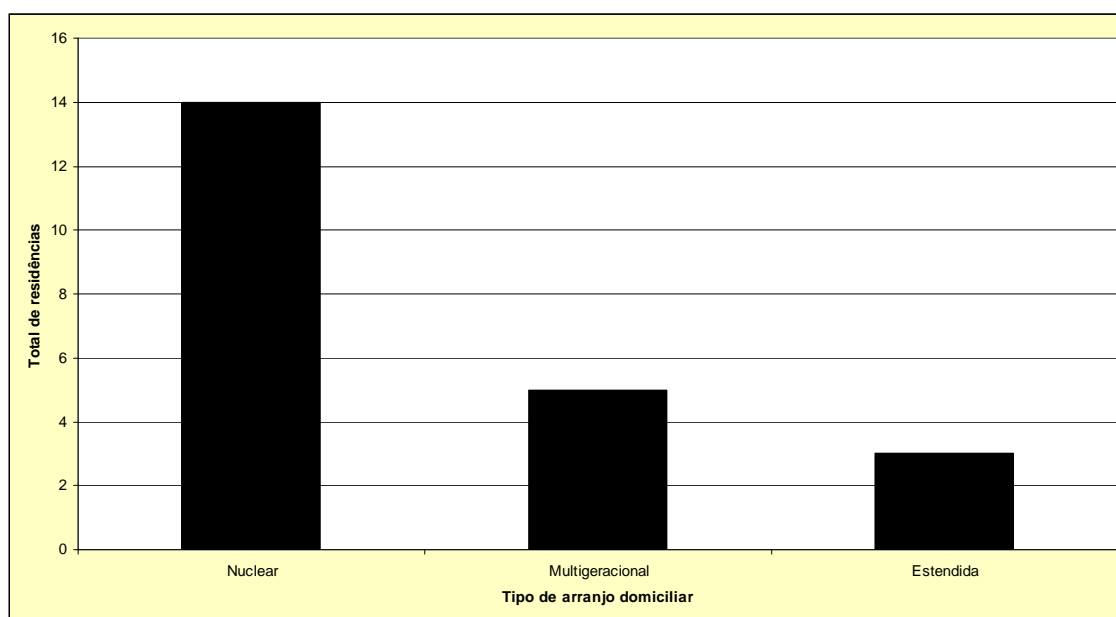


Figura 27: Total de arranjos familiares presentes nas residências do Araraiana.

Em função da grande quantidade de moradores originários da própria localidade, muitas das famílias nucleares são desmembramentos de famílias locais, resultado de próprias fusões locais, de modo que, como irá se verificar no item referente a genealogia local, existem basicamente três ramificações genealógicas presentes na comunidade.

Acredita-se que dois aspectos são fundamentais para a menor frequência de famílias estendidas no local, primeiro a baixa expectativa de vida e em segundo a migração de alguns avôs para cidade em função de problemas de saúde. Os dados obtidos através do ISD revelavam que, apesar de algumas exceções, a idade das pessoas mais velhas que moram na comunidade ribeirinha se concentrava em torno de 40 a 50 anos. Durante a aplicação do

ISD, era também comum os respondentes fazerem relatos a respeito das gerações mais velhas, fazendo menção a morte de familiares ou a situações de doença crônica.

Essas famílias foram formadas em geral por uniões civis informais, somente quatro casais são casados no civil, nenhum é casado no religioso (ver figura 28 abaixo). Apesar de não se ter dados precisos, sabe-se que muitas uniões são resultantes de relações sexuais que geraram filhos, esse é particularmente o caso de duas de nossas famílias focais.

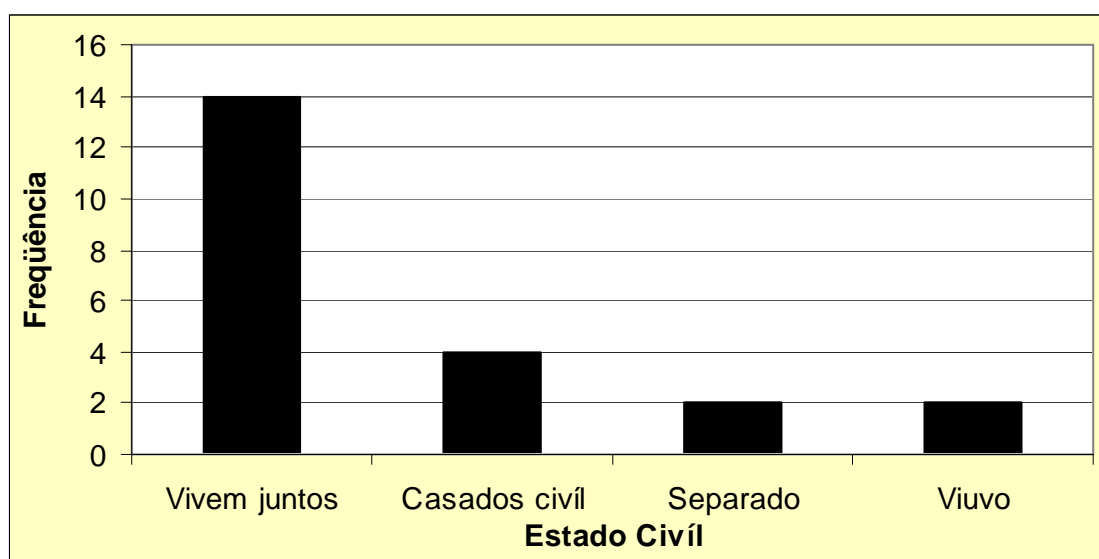


Figura 28: Frequência do estado civil dos casais das famílias do Araraiana.

Um dado que corrobora com a hipótese da forma como as uniões são feitas é a ausência de rituais na união. Somente cinco famílias apresentaram rituais contra quinze que não tiveram nenhum tipo de ritual (ver figura 29 abaixo). A noção de ritual encontrada entre os moradores que vivem na comunidade ribeirinha era em geral associada a celebração religiosa, poucos fizeram menção ao ritual civil ou a festas com consumo de comida, bebida e convidados. Em nenhum dos casos foi identificada a noção de lua de mel como um momento inicial especial da vida de casado.

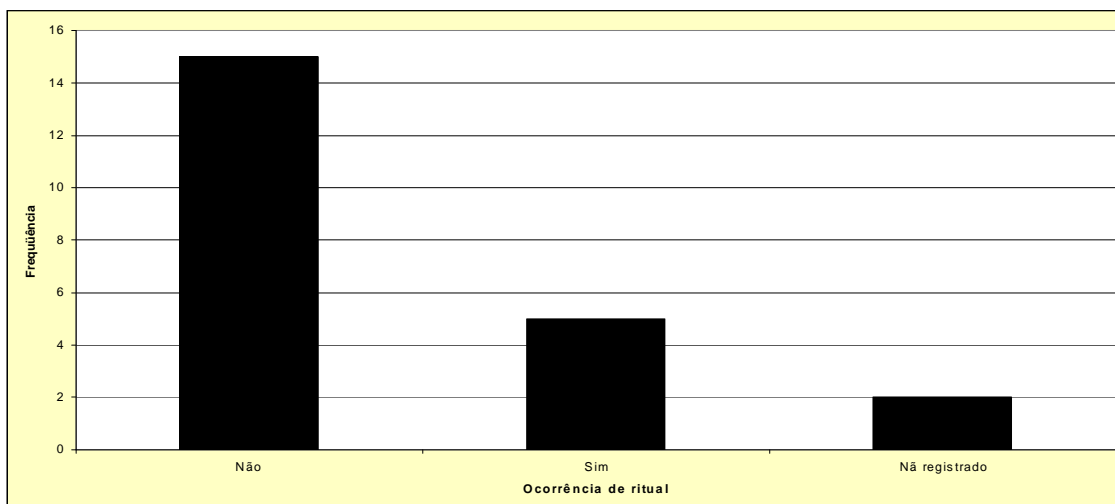


Figura 29: Total de casais que fizeram ou não ritual de casamento

O total de pessoas por residência e, conseqüentemente, por família, a despeito de algumas exceções, varia muito em função do tipo de família. Famílias do tipo nuclear apresentam em torno de um a seis moradores por casa, famílias do tipo estendida apresentam de seis a dez componentes por residência, enquanto que famílias do tipo multigeracional apresentam a maior densidade, ou seja, de oito a doze componentes por residência (ver figura 30). Das famílias focais deste estudo duas são do tipo nuclear e duas são do tipo multigeracional.

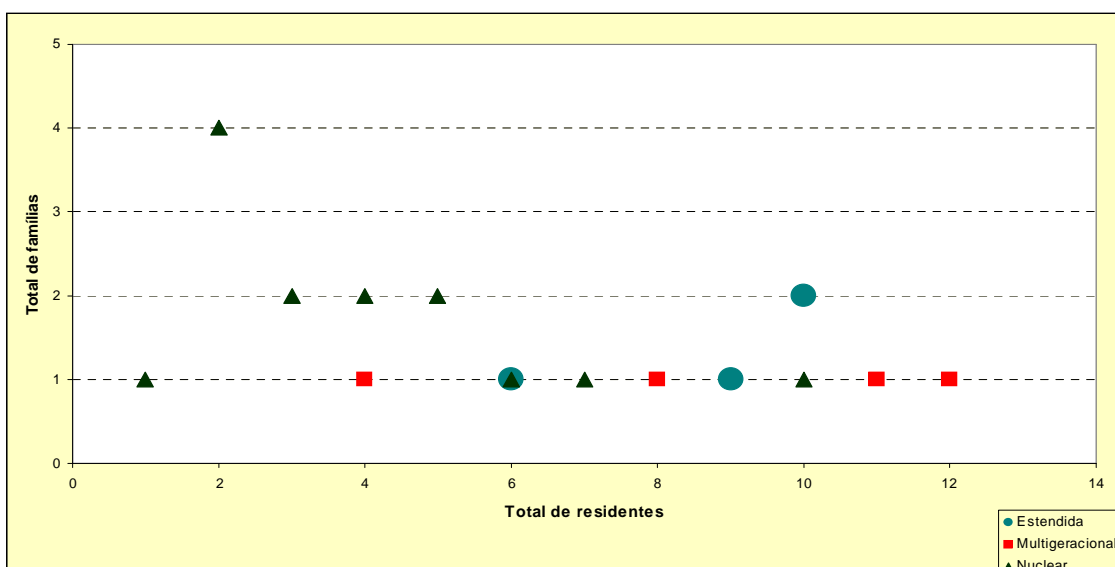


Figura 30: Distribuição do tipo de arranjo familiar do total de famílias em função do total de residentes por moradia.

Ocupação, modo de sobrevivência e renda

Quando se pergunta qual a ocupação principal das pessoas entrevistadas, a maioria responde mais de uma opção, contudo a de maior frequência foi a de extrativista, em segundo lugar é de pescador. Em sua maioria, as mulheres responderam que são donas de casa, outras se diziam artesãs (em função do fabrico de paneiro¹⁰). Como se pode verificar a maioria das formas de obter renda deve-se à tradição do local, sem qualquer grau de especialização, como é o caso do carpinteiro (um registro).

Somente uma pessoa se identificou como uma das suas ocupações a de agricultor. Como se verá posteriormente, este fato parece bastante ligado a carência de uma cultura agrícola no local, que é justificada pela população devido a “fraqueza da terra”. Para mais detalhes desses dados ver figura 31 abaixo.

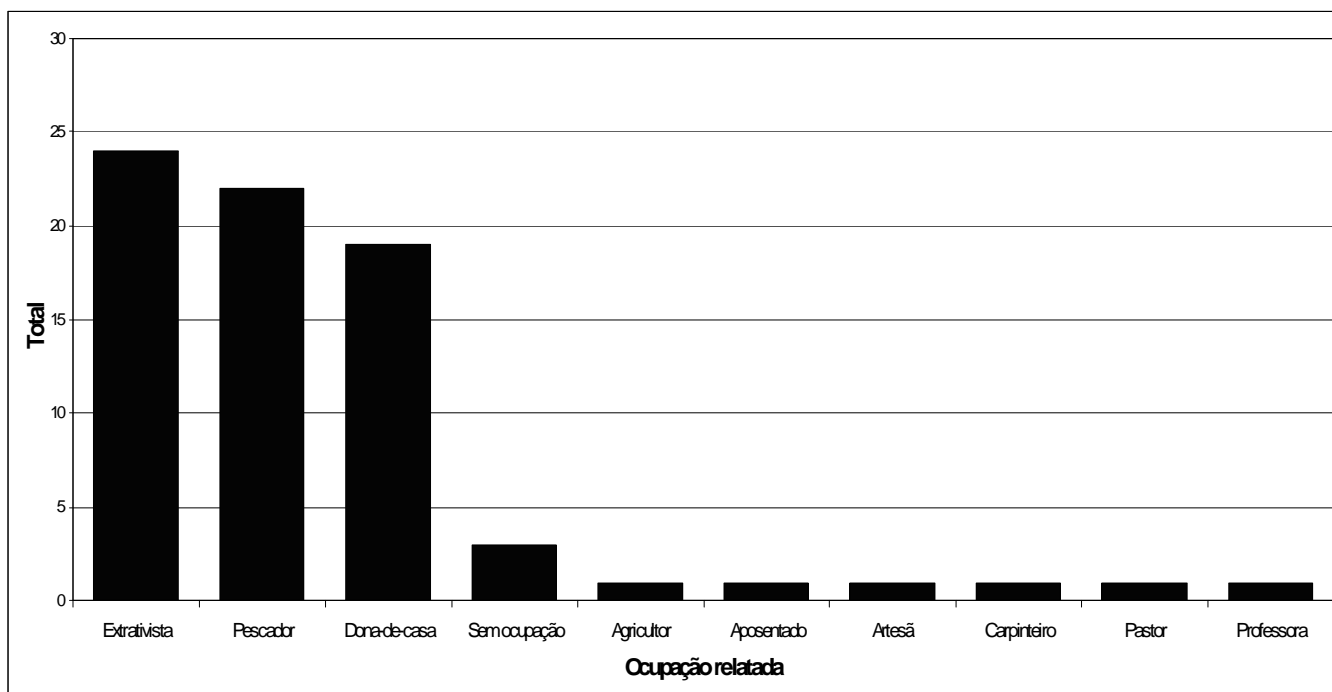


Figura 31: Total de pessoas por ocupação relatada nos entrevistados.

Em termos de sobrevivência, todos vivem de algum modo do extrativismo, alguns por serem caseiros, apresentam alguma renda, que geralmente não é mensal e abaixo do salário mínimo (ver figura 32 abaixo). Considerando o total de sujeitos por família, na maioria dos casos, a renda familiar per capita está

¹⁰ Cesto de tala de palmeira e trançado largo, utilizado geralmente para transporte de frutos e hortigrangeiros.

muito abaixo dos níveis de miséria, ou seja, equivalente em 2004 a R\$115,00 em São Paulo (Fundação Getulio Vargas, 2004)

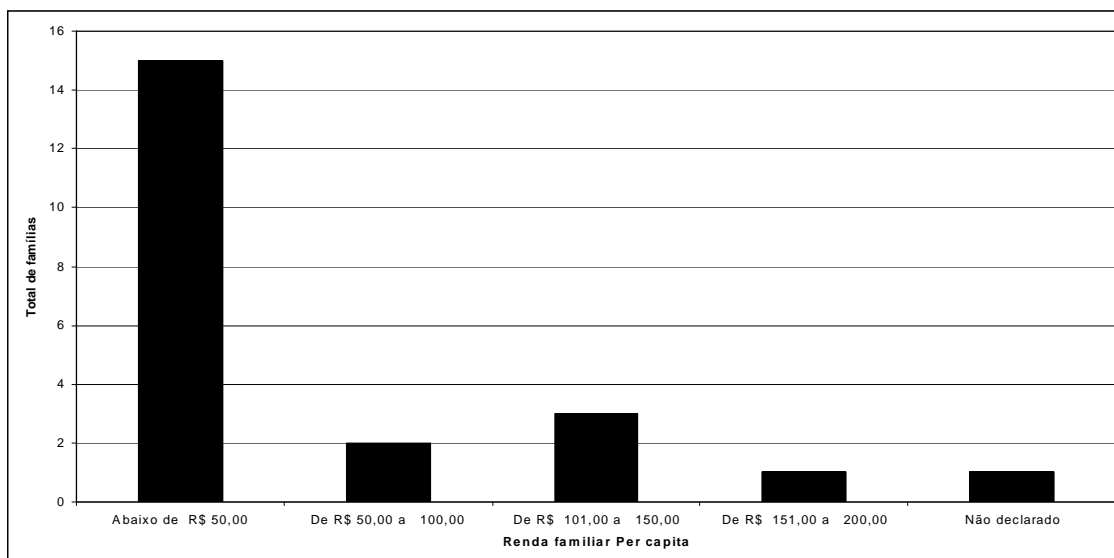


Figura 32: Total de famílias em função da renda per capita familiar.

A despeito da maioria das famílias criarem animais em sistema aberto, principalmente porco e frangos (ver figura 34), ressalta-se que a aquisição de nutrientes via exploração da natureza limita-se basicamente às proteínas (peixe, carne – caça e frutos do mar – camarão). Este fator de déficit de nutrientes é potencializado em função da não existência da cultura agrícola no local. Segundo a maioria dos moradores, na terra do local dificilmente dá para se fazer algum plantio sistemático de alguma cultura. É neste sentido que a maioria das colheitas via agricultura se dão através de plantio assistemático, por exemplo, em muitos dos casos, após o consumo das frutas, joga-se as sementes na terra (ver figura 33).

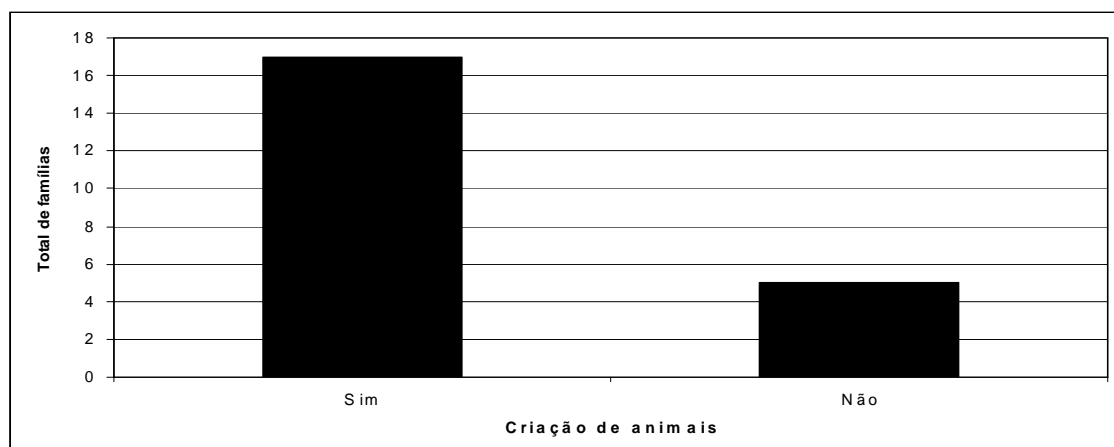


Figura 33: Total de famílias que criam animais sem confinamento.

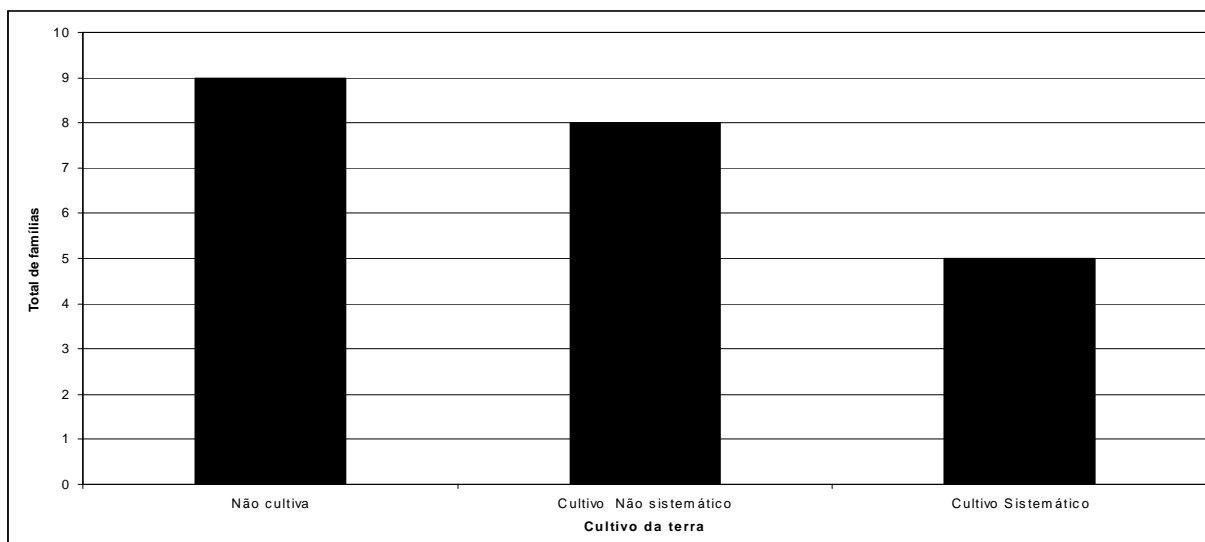


Figura 34: Total de famílias que cultivam a terra para fins de agricultura.

Educação

No que diz respeito à educação, nosso levantamento indicou que dos moradores no local de 0 a 24 anos, ou seja, de um total de 78 pessoas, apenas 31 estão estudando na escola local. Ressalta-se que esta atende somente da alfabetização à 4ª série. Quando estes dados são computados em termos de porcentagem, percebe-se a grande quantidade de pessoas em plena idade escolar fora da escola. Como pode ser verificado na figura 36 abaixo, a maior proporção de alunos atendidos pela escola situa-se na faixa de 10 a 14 anos, ou seja, 72%; logo em seguida, de 15 a 19 anos há uma queda de atendimento para 35%; não havendo posteriormente nenhuma expectativa de continuidade dos estudos no local. Esta tão pouca utilidade da educação no local, no sentido de possibilitar a suplantação das barreiras sociais, pode ser responsável pela falta de perspectiva indicada na discussão anterior.

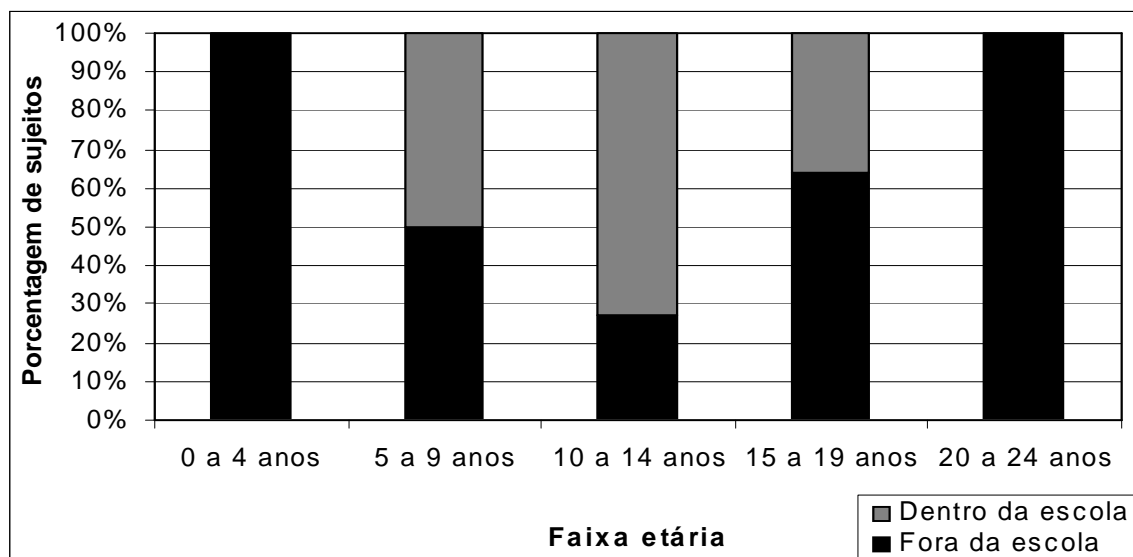


Figura 35: Porcentagens de sujeitos dentro e fora da escola nas devidas faixas etárias.

Quando se avalia a escolarização dos sujeitos acima de 10 anos que estão fora da instituição escolar (ver figura 36), percebe-se que a maior quantidade é de analfabetos, sendo que a maioria estudou até a 2ª série do Ensino Fundamental (EF), somente duas pessoas chegaram até a 3ª série do Ensino Médio (EM), sendo uma dessas a professora da escola local. Relacionando esses resultados ao fato do pouco contato com a mídia escrita sinalizado anteriormente, é razoável supor que a maioria da população se constitui de analfabetos funcionais.

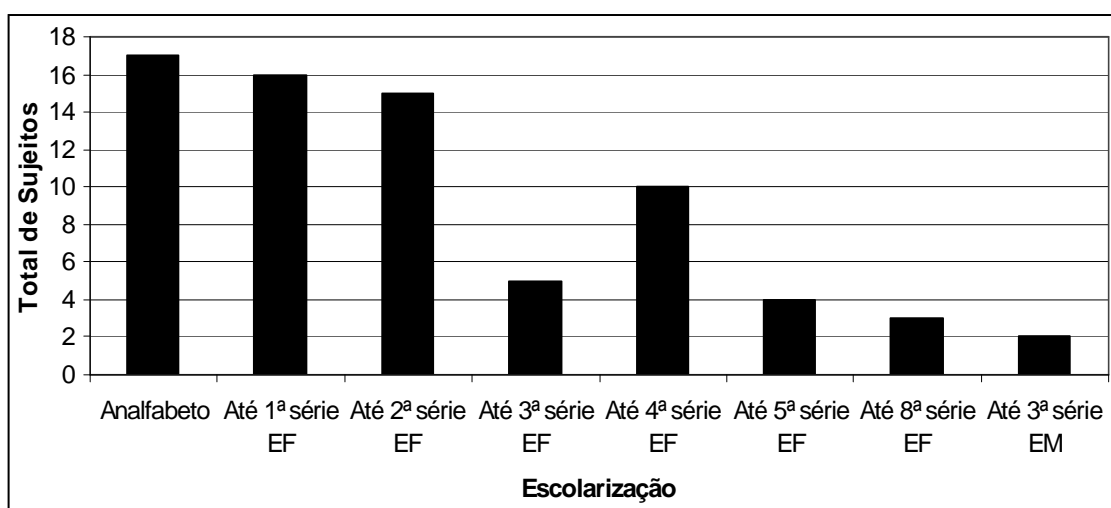


Figura 36: Total de sujeitos por grau de escolarização dos que não frequentam a escola.

Considerando então esse aspecto, em termos de educação formal, mais uma vez, há uma repetição do estigma de continuidade das origens sociais. Desse modo, a falta de educação, atua como uma forma de manutenção das condições de pobreza do local, não sinalizando, de nenhum modo, para o rompimento das tendências historicamente estabelecidas.

Levando em conta as condições de vida que foram herdadas ao longo do tempo e a precariedade de sobrevivência, não se pode dizer que a situação dos moradores do Araraiana já foi melhor ou pior. Graças à exclusão social, são com certeza, condições de vida estagnadas, mantidas de geração em geração.

Saúde

À semelhança da questão educacional a saúde também apresenta reflexos na população do descaso das políticas públicas do estado. Não há nenhum tipo de assistência prestada pelo Estado, e que, na soma de problemas de poluição, tornam as práticas tradicionais de subsistência totalmente desadaptativas. É neste sentido que, por exemplo, a frequência de problemas intestinais relatados pelos entrevistados na pesquisa do inventário sócio-demográfico, se tornam compreensivos quando verificadas as práticas de destino das fezes, do lixo, a ingestão de água e higiene.

Mais de 90% das residências têm seus banheiros no fundo do quintal, um pequeno cubículo de madeira com o fundo aberto em que os dejetos são jogados diretamente no substrato lamacento. Durante a maré alta, estes dejetos são levados pelas águas do rio. O lixo doméstico, por sua vez, é despejado no próprio rio por 45% das residências. Apenas uma residência possui poço e todos os outros moradores consomem a água diretamente do rio, sendo que o tratamento dado é basicamente o coar com um pano. A incidência de doenças estomacais revela-se de modo epidêmico no local. Mais detalhes quantitativos sobre essas práticas pode ser verificado nas figuras 37 e 38 abaixo.

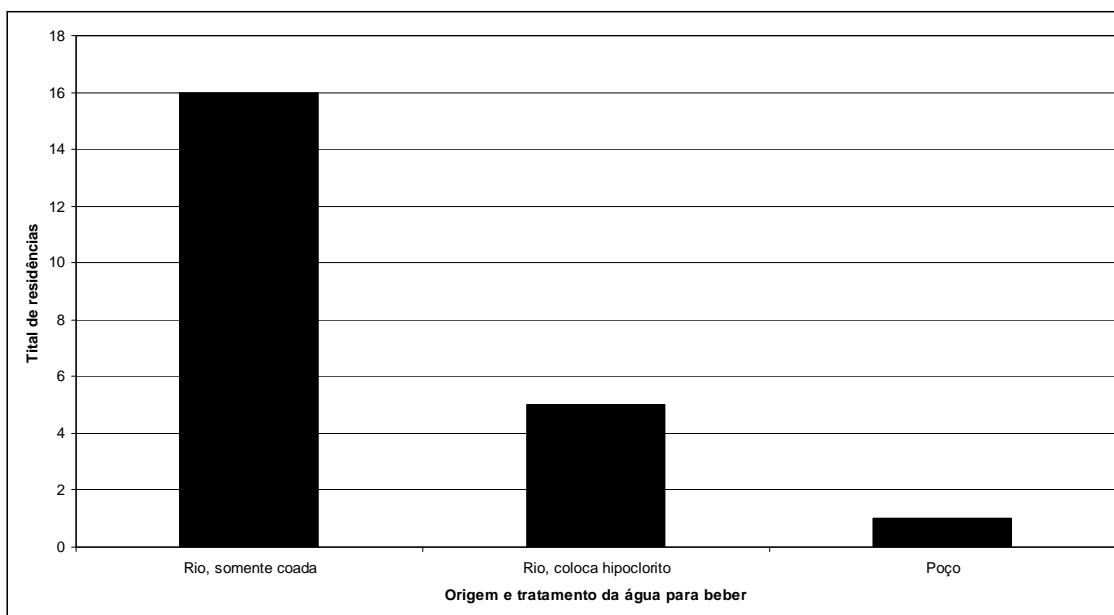


Figura 37: Total de residências que utilizam e a origem e o tipo de tratamento de água de beber.

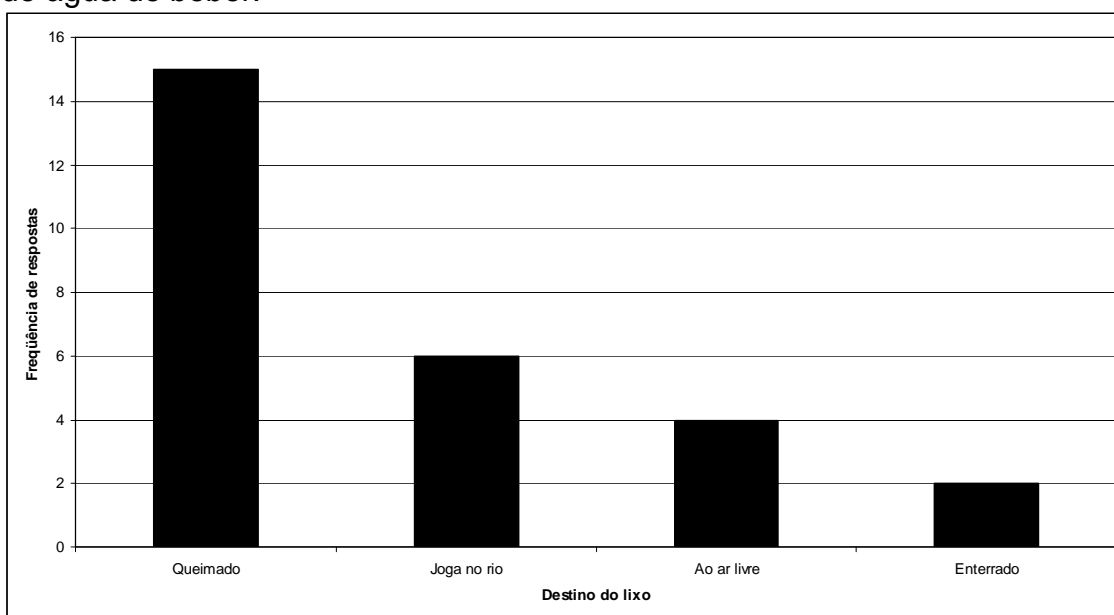


Figura 38: Diversos tipos de destino do lixo residência utilizados nas suas residências relatados pelos entrevistados.

Quando se considera os métodos de controle da gravidez verifica-se uma outra faceta da precariedade das condições de saúde (ver figura 39). Os dados levantados indicam que a maioria não faz nenhum tipo de controle da natalidade. Quando o fazem, o principal método utilizado é o “desligamento de trompa”. O dormir em separado e o controle por ervas, sendo essas na maioria das vezes abortivas, são respectivamente os principais tipos de controle sem o “desligamento de trompas”.

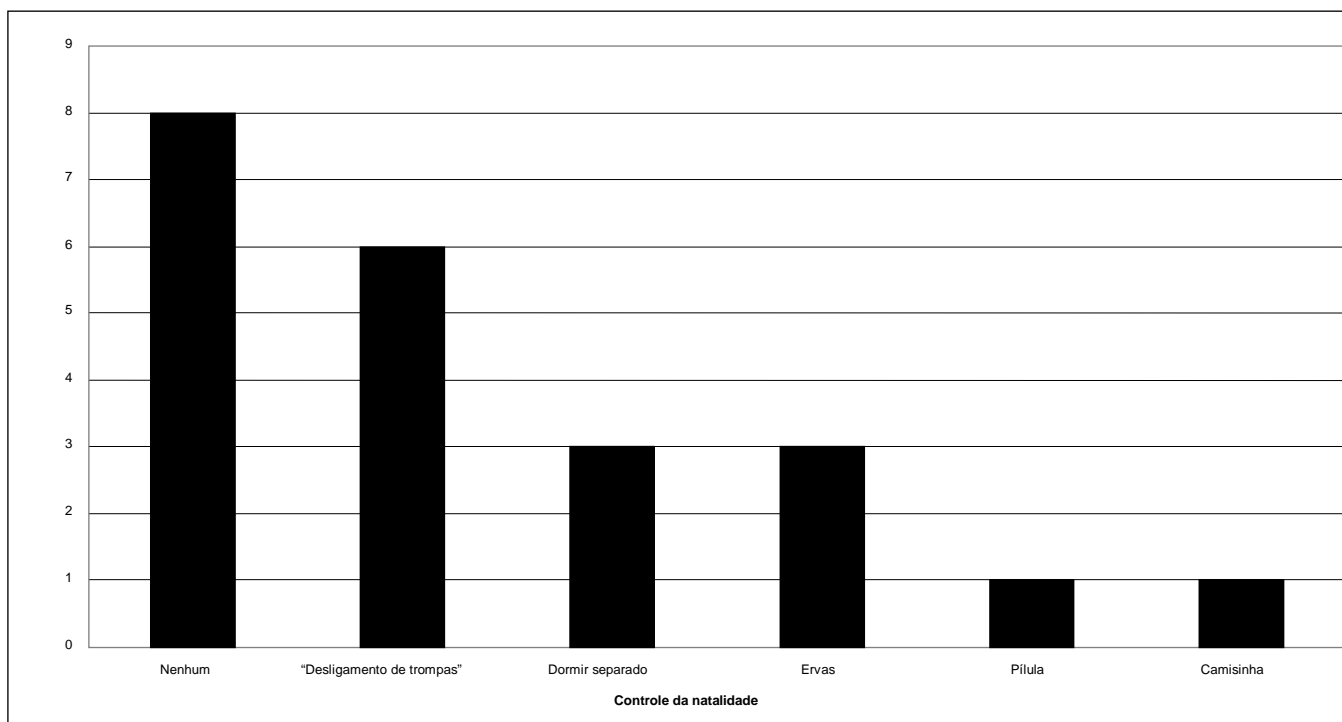


Figura 39: Principais tipos de controle da natalidade e a freqüência de sua citação efetuada pelos casais entrevistados.

Um reflexo da falta de informação para controle de natalidade pode ser evidenciado pelo fato de que as mães da comunidade têm seus filhos precocemente, mais de 50% das mães teve o seu primeiro filho com menos de 15 anos (ver figura 40).

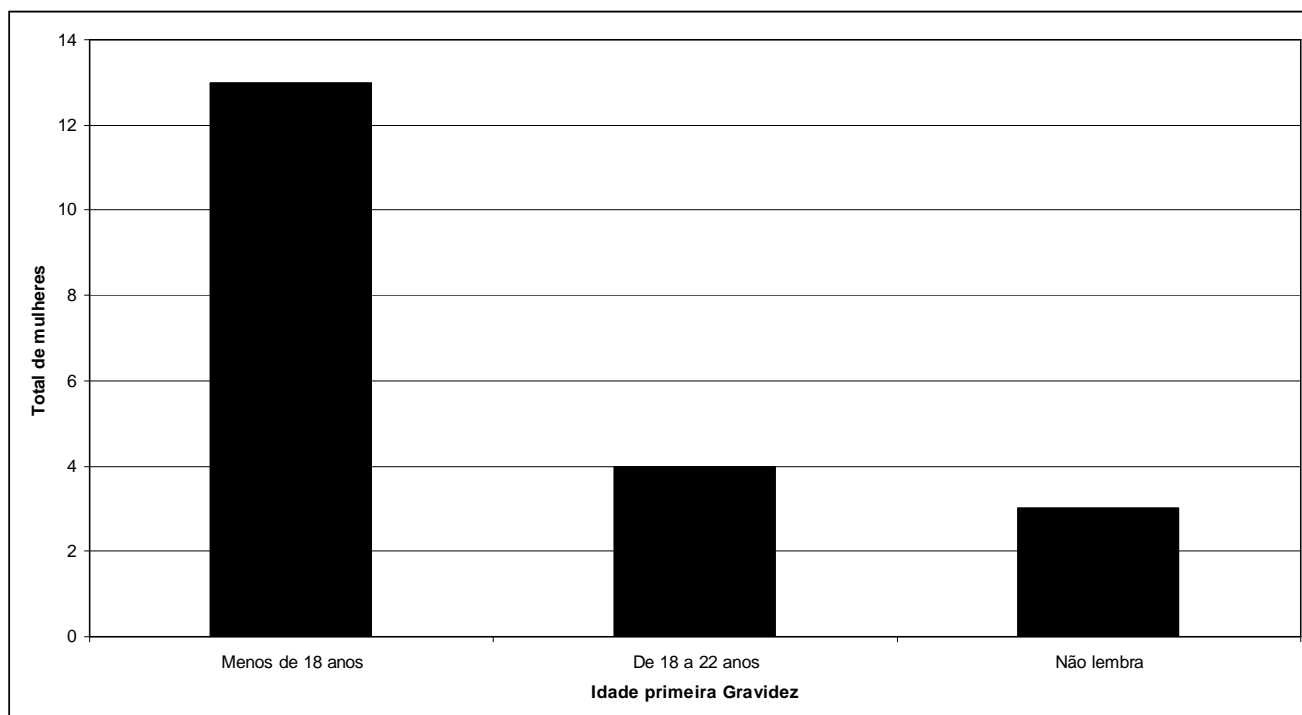


Figura 40: Faixas etárias e freqüência da primeira gravidez.

Medos

Vivendo em uma situação de total desassistência do estado é de se estranhar que os maiores medos relatados pelos entrevistados sejam de aspectos naturais e sobrenaturais de seu ambiente. É nesse sentido que as maiores freqüências de respostas foram as que se referiram a animais tidos como “perigosos” em seu ambiente, principalmente os que vivem no rio como a Pirarara¹¹, o Jacaré e o Poraquê¹². Nos animais da mata os mais relatados foram, a onça e a cobra.

Na seqüência dos maiores medos, estão bastante próximos aos sobrenaturais, destes o mais citado é o de Deus, muitos falam da justiça divina ou do “castigo de Deus por não seguir seus ensinamentos”. Curiosamente esse medo foi relatado tanto pelos cristãos como pelos evangélicos. Em uma freqüência menor, mas ainda relevante de ser considerada, destacam-se os seres “encantados¹³” dentre esses o mais citado é o Boto. Quase todos os moradores acreditam nessa figura lendária e o medo maior está no fato de homens e mulheres ficarem mundiadas¹⁴ por seu encantamento. Na lenda, o boto, é o grande encantador dos rios, transformando-se em um rapaz, todo vestido de branco e portando um chapéu, para esconder o furo no alto da cabeça, por onde respira, ele percorre as vilas e povoados ribeirinhos, freqüenta as festas e seduz as moças, quase sempre as engravidando. É nesse sentido que a lenda do Boto é bastante ligada à sexualidade ribeirinha. Em nossa interpretação, o poder de mundiar o marido e manter uma relação sexual com a esposa, isentam de certo modo o homem e a mulher dos filhos adquiridos em relações extraconjugais. Para mais detalhes dos aspectos encontrados relacionados aos medos ver figura 41 abaixo.

¹¹ Peixe temido no local, o qual muitas histórias são relatadas em torno do risco de tomar banho no rio e esse peixe vir comer as pessoas. Apresenta a seguinte definição científica: Peixe actinoptérigo, siluriforme, pimelodídeo (*Phractocephalus hemiliopterus*), da Amaz. Tem dorso escuro, uma faixa amarela ao longo da linha lateral, com duas séries de pigmentos amarelo-ouro; cabeça e parte anterior do dorso revestidas de uma couraça amarela, e comprimento de até 1,25m. (Holanda, 2000).

¹² Peixe elétrico encontrado freqüentemente nos rios da Amazônia. Em geral é temido pelo povo ribeirinho, haja vista que ao ser tocado dispara fortes correntes elétricas.

¹³ Qualquer dos seres supostamente animados de poderes sobrenaturais que, na crença de indígenas e caboclos brasileiros, habitam a Terra ou o céu (Ferreira, 1999).

¹⁴ Encantadas, abobalhadas, entorpecidas.

Em termos de problema de violência o medo mais freqüentemente citado foram os piratas. Os piratas são assaltantes que abordam as embarcações no rio, nos portos roubando estas e todas as suas posses nelas contidas.

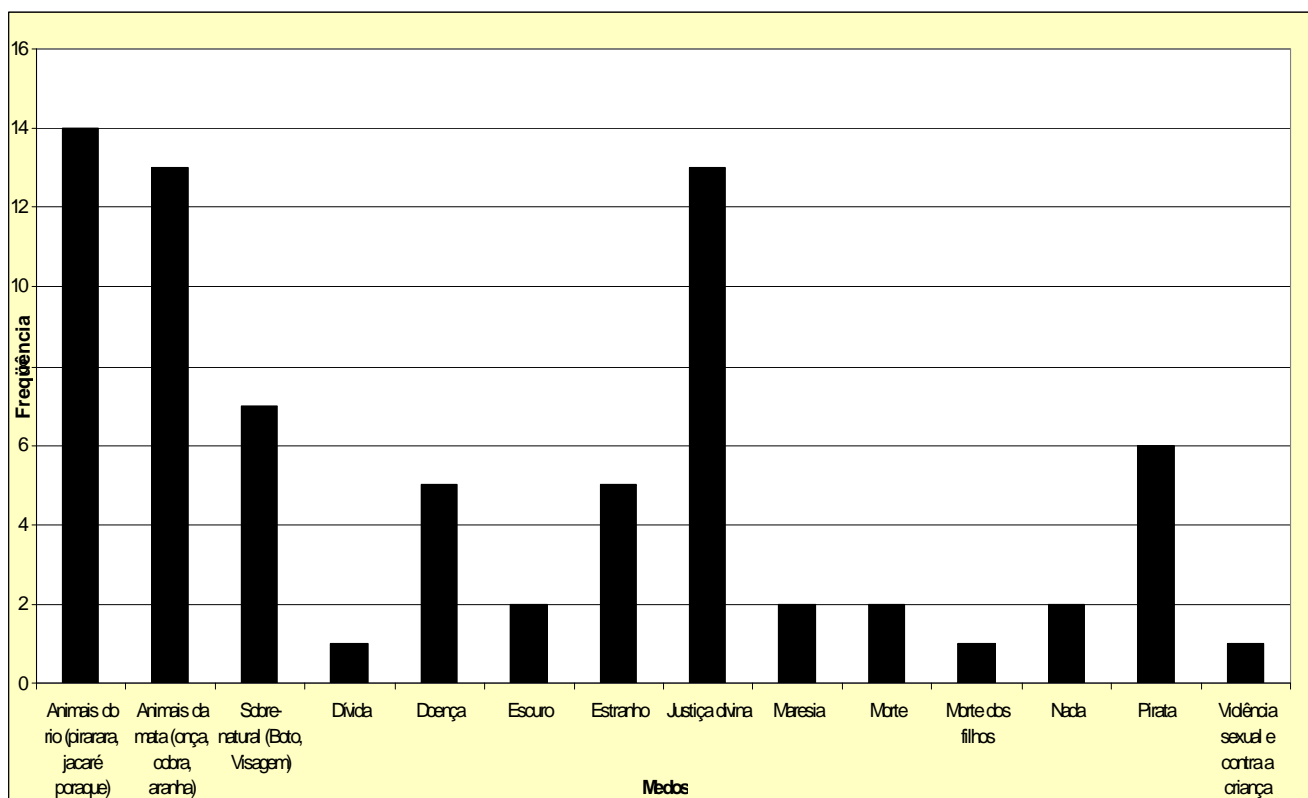


Figura 41: Diversos tipos de medos e a freqüência em que foram citados pelos entrevistados.

Uma apreciação geral

Em função de um conjunto de aspectos acima levantados, principalmente aos sócio-econômicos, a comunidade do Araraiana pode ser caracterizada como pertencente ao conjunto da população excluída e socialmente invisível às políticas sociais. Pode-se dizer que essa situação de desassistência tende a se agravar principalmente em virtude das praticas de sobrevivência, principalmente relativas à manutenção e a saúde, práticas que foram e são transmitidas de pais para filho. A carente cultura agrícola somada à crença de “fraqueza da terra” se une para um modo de obtenção de recursos essencialmente extrativista acarretando em possíveis prejuízos futuros ao meio ambiente do qual eles próprios retiram seu sustento. Pode-se dizer que esses prejuízos já estão sendo percebidos. Muitos relatam, principalmente os mais

idosos, a escassez de recursos (peixes, camarão e animais de caça) que antes era abundante.

A forma de romper com este círculo vicioso seria por meio da educação, contudo, pela qualidade e descontextualização que esta é oferecida e pela tradicional desvalorização e baixa motivação dos próprios membros da comunidade (principalmente levando em conta a pouca perspectiva de saída de sua atual condição social e metas de futuro traçadas via ensino formal), pouco há de se esperar a não ser um baixo grau de alfabetização. Desse modo então, o ensino formal oferecido pelo município tende a reforçar o ciclo e as atuais condições da comunidade.

Considerando a origem e as perspectivas sociais da maioria dos moradores, pouco pode se esperar de suplantação das atuais condições de miséria partindo dos próprios membros da comunidade. Nesse sentido se políticas públicas não forem desenvolvidas com vistas à melhoria das condições locais, o prognóstico para o local é desalentador. O mais aterrorizante que essas conclusões podem nos indicar não se refere somente à comunidade do Araraiana mais sim às todas as comunidades que partilham semelhante perfil ribeirinho. Análises mais detalhadas sobre esse aspecto estão sendo desenvolvidas por outros membros da equipe de pesquisa.

Curiosamente, a despeito de suas condições de vida, poucos querem sair do local. Independente dos motivos de apego às suas terras, esse pode ser considerado um fator extremamente positivo, que adequadamente utilizado poderia favorecer o desenvolvimento de ações que fossem ao encontro de tal tendência, diminuindo por sua vez o fluxo migratório para as periferias das cidades.

Genealogia da comunidade

Por intermédio de relatos informais, desde as primeiras visitas percebeu-se que as famílias que compõem a comunidade que vive às margens do rio Araraiana possuem vínculos de consangüinidade entre si. Na medida em que os instrumentos iam sendo aplicados (ISD e IR), percebeu-se que este fato era real; no entanto, a análise sistemática dos dados revelou que mais do que alguns laços sanguíneos, as 22 famílias ribeirinhas, com exceção de três pequenos grupos, pertencem ao que foi denominado de uma grande família (ver anexo 05).

No início das análises que ocorriam simultaneamente à coleta de dados, foi possível construir oito núcleos familiares, todavia, na medida em que mais informações iam sendo coletadas estes grupos iam sendo suprimidos, de modo que no final da análise restou apenas quatro grupos, sendo que os antigos grupos 1, 2, 3, 4 e 5 se fundiram e constituíram um grande grupo.

O grupo 6 é constituído por pessoas que vieram de fora, ou seja não nasceram no rio nem tampouco estão nesta comunidade a convite de algum parente. Além do mais, atualmente os filhos gerados nesta família foram para a cidade e o pai ficou viúvo, ou seja, ele está sozinho no rio. O grupo 7 é formado por uma família central e mais pelo grupo derivado do casamento da filha mais nova. Esta família veio para o rio para trabalhar como caseiro e não tem vínculos com ninguém na comunidade, haja vista que a filha primogênita veio para o rio com o pai na companhia do esposo e filhos. O grupo 8 é formado por dois irmãos que já estão em idade avançada, porém não constituíram família. Seus pais já são falecidos e não se teve acesso a informações relativas a estes.

Chama atenção o fato da comunidade araraiana ser formada por sua grande maioria por membros de uma mesma família. É interessante que o processo de constituição das novas famílias esteja ocorrendo de modo que os vínculos familiares estão sendo mantidos.

Genealogia das Famílias Focais, através dos genogramas elaborados

Das 22 famílias ribeirinhas, foram escolhidas quatro famílias focais, a partir das quais foi investigado pormenorizadamente a estrutura e dinâmica familiar. Estes quatro grupos apresentam configurações diferentes e encontram-se em momentos peculiares do ciclo vital. A seguir será feita uma breve descrição de cada conjunto familiar que facilitará a compreensão dos dados que serão apresentados.

Família B/D

A família B/D é um grupo constituído por 5 membros, sendo o casal e três filhos (figura 43). Este grupo se encontra em um dos primeiros estágios do ciclo familiar, haja vista que a idade da segunda geração varia entre 1 a 4 anos.

A grande peculiaridade desta família diz respeito a idade dos cônjuges. A esposa ainda é muito jovem, tendo apenas 22 anos; enquanto seu cônjuge tem 72 anos. Além do casal e dos filhos, vive com a família B/D, o irmão adolescente de D, M, que tem 17 anos.

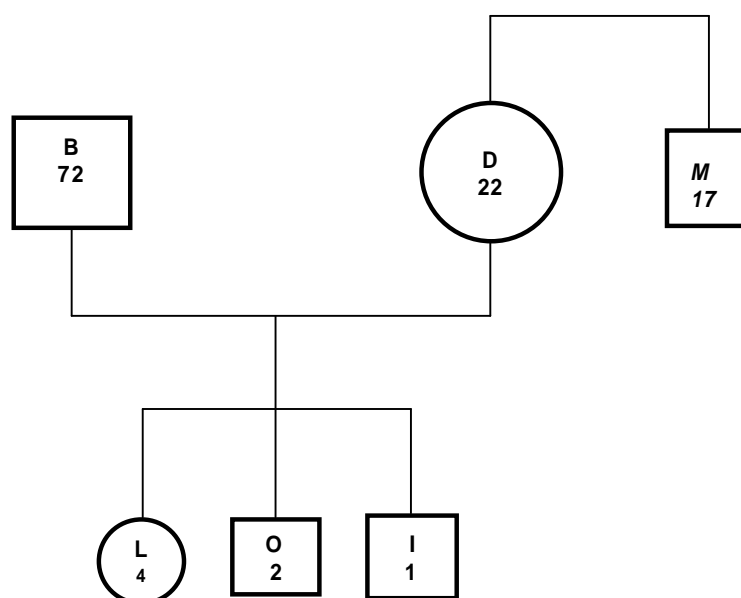


Figura 422: Genograma da família B/D

Família B/M

Uma das famílias mais extensas, o grupo B/M é constituído pelo casal e por 9 filhos, sendo que a filha mais nova nasceu durante a fase final da coleta de dados e a primogênita mora em Ponta de Pedras com a avó paterna; portanto na casa de B e M vivem 10 pessoas: os pais e oito filhos (ver figura 44). Nesta família há uma predominância do sexo feminino, haja vista que o casal teve apenas um filho homem.

O intervalo de idade entre os irmãos é pequeno, em média dois anos. Somente no ultimo parto, a mãe foi submetida a procedimento cirúrgico para não ter mais filhos.

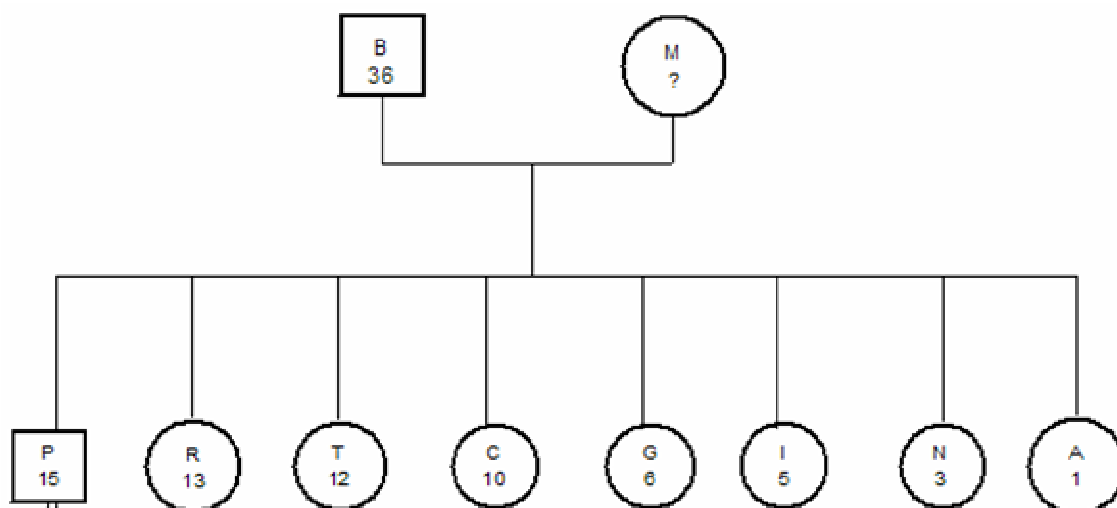


Figura 433: Genograma da família B/M (membros que residem junto)

Família C/N

O grupo C/N é constituído por 25 pessoas, sendo C, N, seus 10 filhos e seus companheiros. Quatro dos dez filhos já estão casados e seus parceiros moram junto ao sistema familiar C e N, sendo que alguns destes trouxeram consigo seus filhos. Assim, além de C, N e os 10 filhos há quatro companheiros, seis netos e três filhos de parceiro (ver figura 45).

O sistema C/N se diferencia dos demais por estarem vivendo simultaneamente várias etapas do ciclo vital, uma vez que embora a filha caçula tenha 5 anos de idade, o sistema é composto por crianças na

adolescência e por filhos adultos. É interessante que a chegada da vida adulta não representou a saída e conseqüentemente diminuição do grupo e sim o aumento de sua extensão.

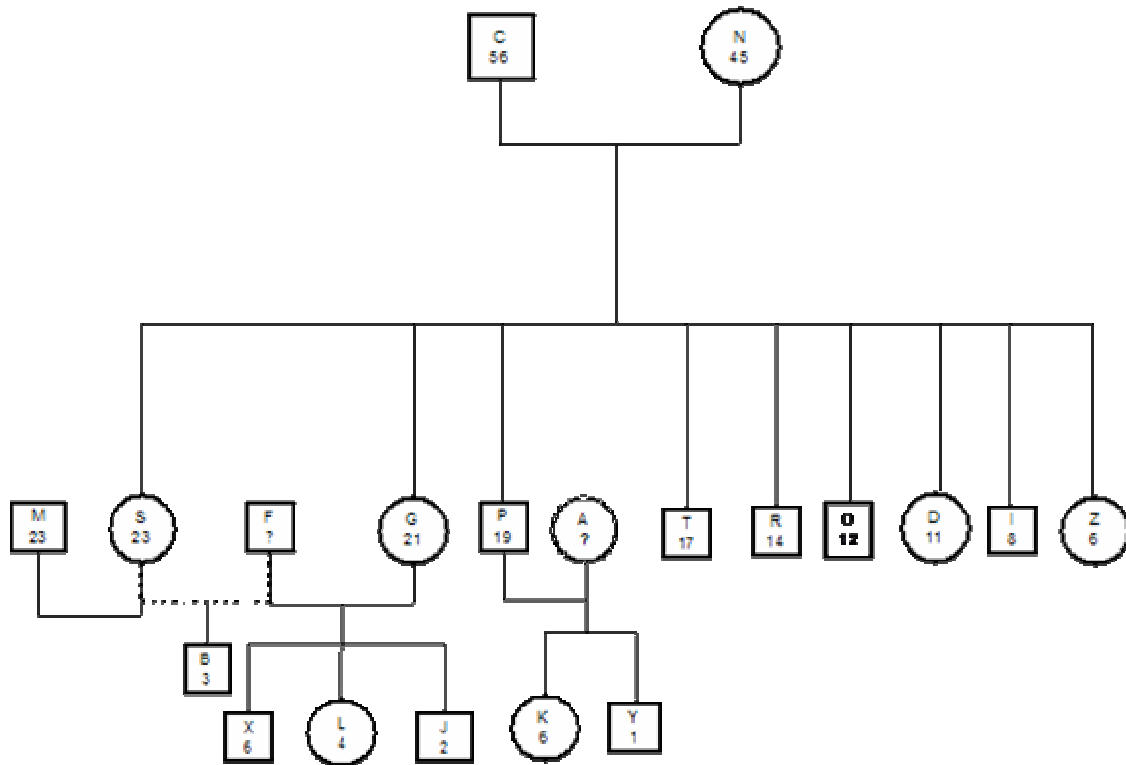


Figura 444: Genograma da família C/N.

Família M/S

O grupo M/S é constituído por 7 membros, sendo o casal, quatro filhos e um sobrinho (ver figura 46). A filha mais velha tem 18 anos e o mais novo 12 anos e o sobrinho 9 anos. No final da coleta, a estrutura da família M/S sofreu forte alteração, uma vez que a primogênita ficou grávida e passou a viver maritalmente com o pai de seu filho na casa de seus pais. A segunda filha ficou grávida e a filha mais nova saiu de casa para morar junto com o namorado, na casa de seus pais.

Portanto, o grupo que era, no início da coleta, constituído por 7 membros, aumentou de tamanho e nas últimas visitas era composto por 9 membros, sendo apenas 3 filhos, 1 sobrinho, 2 netos, um genro e o casal. Destaca-se que o sobrinho é ora caracterizado como adotado e ora como aderente à família. Apesar de não diagnosticados são evidentes seus déficits comportamentais, revelados por um claro atraso na linguagem e uma baixa elaboração cognitiva.

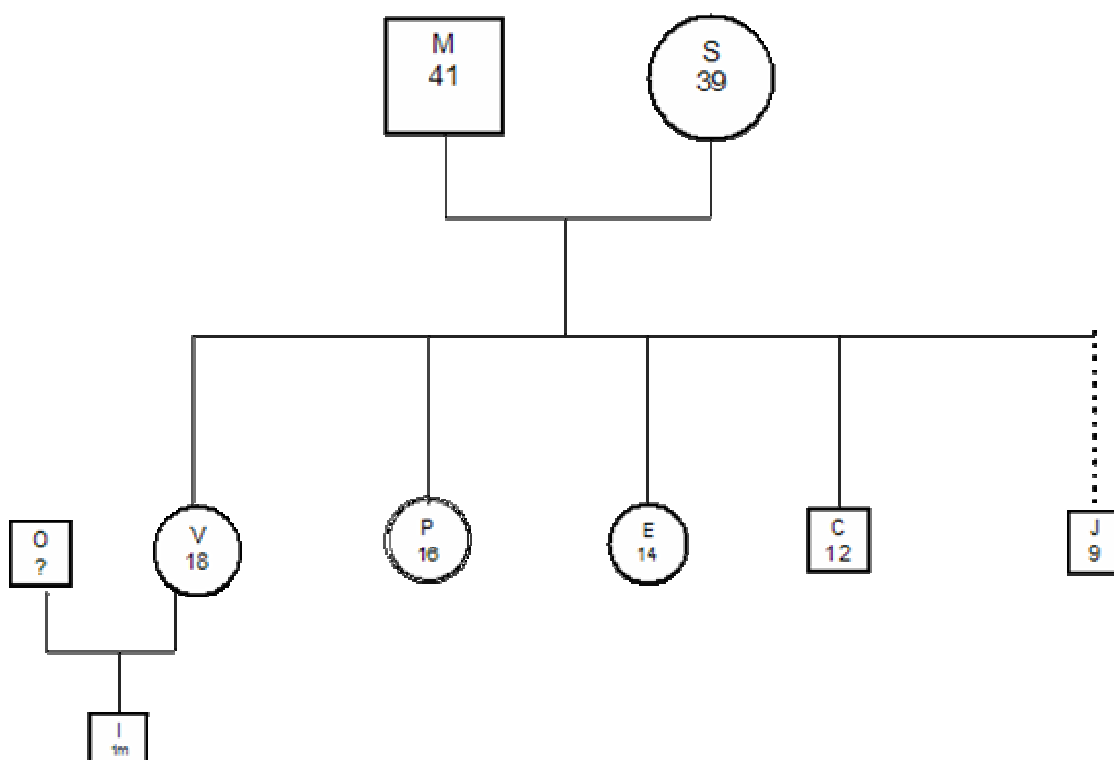


Figura 45: Genograma da família M/S.

Rotinas Familiares

Se entendermos as rotinas enquanto atividades padronizadas que são repetidas pelos membros da família com papéis pré-estabelecidos, dois aspectos centrais automaticamente emergem: a previsibilidade e a estabilidade. Estes dois fatores conduzem à idéia de organização e regulação do sistema familiar, que por sua vez contribui para a estruturação do comportamento dos membros da família (Howe, 2002).

É neste sentido que o levantamento e discussão das rotinas familiares da população em discussão pode nos possibilitar não somente um acesso a estrutura e dinâmica das relações familiares como também um delineamento do perfil cultural peculiar característico da população estudada. Antes de discutir particularmente os resultados encontrados para cada família alvo, vale tecer algumas poucas considerações acerca da opção da abordagem aqui adotada.

Ajustes metodológicos

Antes de iniciar a coleta da rotina, nossa pretensão inicial era que este estudo tivesse a possibilidade de que os dados pudessem ser quantificados. Aspirava-se coletar a rotina através de um instrumento constituído por uma planilha onde na linha constava o horário disposto em escala de uma hora e na coluna a atividade, o local e a companhia. Objetivava-se a partir da aplicação desse questionário tratar quantitativamente os resultados de modo que fosse possível fazer um orçamento de tempo de atividades por locais e companhias, onde o tempo era tratado em escala de hora (ver anexo 2). Contudo, essa abordagem se mostrou inadequada aos perfis da população estudada. Era bastante difícil obter uma resposta exata ou ao menos aproximada do entrevistado no referente à sua rotina.

De fato, pode se considerar que um primeiro achado resultou dessa inadequação metodológica. Percebeu-se que não há uma regulação das rotinas em função do horário. São raras as casas que possuem relógio e pouquíssimos moradores da comunidade possuem relógio de pulso, sendo que

entre as famílias focais nenhum dos moradores tinha relógio de pulso. Como será discutido posteriormente, a rotina das famílias focais estudadas – e provavelmente, na comunidade como um todo -, não é regulada estritamente por horários, mas sim por atividades a serem desenvolvidas, sendo estas tanto de sobrevivência e de manutenção quanto de lazer. É neste sentido que se entendeu que uma abordagem mais adequada do tema poderia ser em torno do desenvolvimento de tais atividades e dos possíveis subsistemas envolvidos.

Entende-se desse modo, que a impossibilidade de tratamento quantitativo não representou uma perda ou impossibilidade de abordar o assunto das rotinas familiares, mas revelou-se enquanto parte dos aspectos que caracterizam a comunidade.

Como descrito no procedimento, optou-se por uma aproximação alternativa em que se solicitava ao informante entrevistado a descrição da seqüência de atividades típicas desenvolvidas e a companhia ou ajudante durante um dia de semana (segunda – sexta) e de um fim de semana (domingo). Como já assinalado, o instrumento adequado a esta população pode ser verificado no anexo 3. Com base nesse inventário foi possível montar e discutir a partir dos diagramas os subsistemas básicos envolvidos em determinadas atividades.

De qualquer modo, o levantamento aqui feito é sempre uma aproximação da rotina real, principalmente no caso da população considerada, haja vista que esta não trabalha segundo um esquema padrão de horário e sua rotina está em função de necessidades que são postas a cada momento. Tudo isso faz com que a dinâmica de rotina de um dia para o outro esteja sujeita a um alto grau de flutuação, bastante diferente de um trabalhador assalariado.

Considerando os limites acima colocados, estes diagramas permitem em um primeiro nível, identificar a organização das tarefas básicas da família em subsistemas de envolvimento, de modo que é possível verificar os subsistemas e a estrutura em torno das quais as atividades familiares são organizadas, momentos de encontros e desencontros, de convivência mais próxima ou de isolamento, provendo assim reflexões úteis sobre a natureza e característica da unidade familiar.

O diagrama desenvolvido neste trabalho descreve dois aspectos básicos: a categoria de atividade e o subsistema envolvido. Para fins de organização das atividades relatadas foram construídas 8 categorias aglutinadoras sendo estas as seguintes:

- **Subsistência Econômica (SE):** Todas as atividades que têm por objetivo a obtenção de recursos de natureza financeira (dinheiro).

- **Subsistência Alimentar (SA):** Incluem-se nesta categoria todas as atividades que estão envolvidas na aquisição e preparo de nutrientes. Considera-se neste caso somente aquisição de nutrientes relativos à própria natureza do entorno de sobrevivência.

- **Tarefa doméstica (TD):** Toda a tarefa relativa ao espaço da casa à exceção do preparo de alimentos. São exemplos dessa atividade, o varrer casa, lavar louça, apanhar lenha, concertar casa, etc.

- **Cuidado Físico (CF):** Todas as tarefas relativas às outras pessoas, geralmente os filhos. São exemplos dessa atividade o alimentar, o dar banho, o colocar para dormir, etc.

- **Prática Religiosa (PR):** Todas as atividades de caráter religioso que vão desde o orar sozinho ou participar de um culto.

- **Lazer:** Atividades praticadas no período de tempo livre, e que envolvem o exercício de algum divertimento, entretenimento ou distração. São comportamentos dessa categoria o interagir/conversar, o assistir televisão, o jogar futebol, etc.

- **Brincar:** Todas as atividades praticadas de caráter lúdico infantil.

- **Estudo:** Momento dedicado à escola. Esta categoria poderia ser mais ampla de modo a envolver todo período dedicado à aprendizagem além do ensino formal. Contudo, não foi registrada esta atividade fora do ambiente da escola.

Para representar em forma de diagrama a rotina e os subsistemas envolvidos, optou-se pela apresentação da árvore genealógica dos residentes

na casa de morada da família. Para demarcar o subsistema envolvido nas categorias de atividades foi feito contornos ao redor dos mesmos. Foram feitos dois diagramas sendo um para o dia de semana e outro para o fim de semana, mais especificamente o domingo. A diferenciação de cada subsistema foi feita com base em cores diferentes dos contornos. Como explicitado no procedimento, todas as classificações dos diagramas de subsistemas de rotinas se deram com base em discussões e em acordo de no mínimo duas das três pesquisadores que trataram esse material. Caso não houvesse concordância, foram consultados a orientadora e o coordenador do projeto mais geral em que este estava incluído.

Apesar de ser nomeado de diagrama de subsistemas de rotina e, no termo rotina estar implícito a noção de seqüência, esta não é imediatamente visualizada no diagrama. Deste modo, quando for necessário, segue-se uma descrição complementar ao diagrama.

Na seqüência serão mostrados os subsistemas de rotinas das famílias focais. Inicialmente é feito uma síntese e discussão da rotina da família focal e em seguida apresenta-se uma discussão do diagrama de subsistemas de atividades. Posteriormente, com base nos conceitos de estrutura e dinâmica explicitados na introdução deste trabalho, ao final da apresentação de todas as famílias, será feita algumas considerações sobre as especificidades culturais, similaridades e diferenças entre as famílias.

Subsistemas de rotinas das famílias focais

A família B/D

- Dias de semana

Segundo o relato de B/D, o dia da Família inicia, com B e D acordando e fazendo suas tarefas de asseio e na seqüência D preparando o café. Ressalta-se que B e D dormem em ambientes separados, B na cozinha e D no quarto junto com as crianças. Logo em seguida B parte para as suas atividades de SE e/ou SA e D para as TD, SA, e CF, os dois só voltam a se encontrar no período

da tarde após o retorno de B de suas atividades exercidas isoladamente. Seu almoço foi feito sozinho no mato¹⁵.

Não são muitas as atividades de D em TD e SA, visto que a casa não demanda grandes cuidados e não há diversidade de alimentos a serem preparados. Contudo, seu encargo diário se torna pesado quando se considera que sua principal atribuição no decorrer de toda manhã e tarde é o CF com suas crianças muito jovens (L 4 anos, O 2 anos e I de 1 ano), como por exemplo, alimentar, vigiar, dar banho, e por para dormir. Essas são tarefas de sua inteira responsabilidade não sendo partilhada, segundo os relatos, com M e com B. Como se verá posteriormente é somente no período noturno que B auxilia no CF, à medida que fica durante a noite (6:00 às 8:00 hs. aproximadamente) interagindo e brincando com seus filhos, principalmente O, o filho mais velho, com quem tem maior proximidade.

M, irmão de D, que mora junto com o casal, auxilia tanto D nas TD, como apanhar lenha (mais no período matutino), quanto B nas SE, como o corte de tala (mais no período vespertino).

Foi relatado que as crianças estão sempre no entorno de D na execução de suas atividades. Certamente a presença de L é constante nas atividades de D. Segundo o relato de D e as notas de diário de campo, as crianças nesse horário geralmente estão explorando o ambiente ou estão juntas brincando.

Após a volta de B do mato para casa, há um pequeno período de café da tarde no qual a família está junta na casa, logo em seguida B retoma as suas atividades, sendo que desta vez, na companhia de M.

Após a volta da atividade desenvolvida com B, M tende a visitar o seu pai e seus irmãos que moram às proximidades. M só retorna próximo a hora em que o jantar é servido.

O reencontro da família ocorre geralmente ao final da tarde. Contudo, inicialmente esse reencontro é marcado pela realização de atividades em separado: se por um lado B faz asseio, D prepara o jantar e logo em seguida D

¹⁵ Por meio das notas de campo sabe-se que o almoço acontece em torno das 10:00 às 11:00 hs.

dá banho nas crianças no rio. M, mais uma vez, auxilia D nas TD, como lavar a louça e varrer a casa.

O real encontro familiar aparentemente só acontece a partir do jantar. Na seqüência há um período em que todos ficam juntos, falam e ouvem sobre coisas do dia e B brinca com seus filhos, principalmente com O. D põe as crianças para dormir, e logo em seguida todos se recolhem, para os seus devidos ambientes de dormir, D e as crianças no quarto, M no corredor e Bor na cozinha.

- Fim de semana (domingo)

Segundo relatos dos informantes no domingo B é o primeiro a acordar, logo em seguida acorda D que prepara o café. As crianças já estão acordadas e tomam o café junto com seus pais.

No domingo B não tem atividade de SE, seu trabalho é direcionado para TD (reparos na casa) e SA (preparo do casco e da rede), essas que são exercidas essencialmente sozinho. D, por outro lado, aparentemente apresenta as mesmas categorias de atividade que as desenvolvidas no decorrer da semana (TD, SA, CF).

Nem B nem D têm no domingo a ajuda e companhia de M, o qual sai cedo e vai para uma outra comunidade próxima, desenvolve atividade de PR (culto religioso) e lazer (futebol, interagir e conversar com amigos). M só volta de seus passeios nesta comunidade vizinha no início da noite, quando janta com o grupo familiar.

O dia de domingo é um dia de contato social intensivo, tanto internamente entre os próprios membros da família (a exceção de M) como externamente com alguns amigos da comunidade mais geral do Araraina. Após a realização de algumas atividades, geralmente a família visita ou é visitada por vizinhos amigos. Esses contatos se desenvolvem por parte do período da manhã (aproximadamente a partir das 10:00 hs.) podendo terminar no meio da tarde (aproximadamente 16:00 hs.), desse modo, é possível que a família almoce junto com amigos em sua casa ou na casa visitada.

A mais estreita ligação que B mantém no rio é com seu genro (R) casado com sua filha E¹⁶, que visitam constantemente o sistema B/D na companhia de suas filhas. Curiosamente, está fora da lista de visitação o pai de D (X) que mora muito próximo de sua casa. O motivo aparente deste fato foram os conflitos existentes entre B e X. Vale a pena assinalar que a casa de B/D é a 20ª do rio enquanto que a de R/E é a 3ª e a de X a 21ª. A distância estimada da casa de B/D para casa R/E é de 1,7 km enquanto que B/D para X é de 200 metros.

Após a volta deste momento de socialização, B e D retomam algumas atividades, B prepara-se para a atividade de trabalho do dia seguinte e D ocupa-se de CF. Quando o passeio não envolve o almoço, o casal dorme no início da tarde, ou seja, na linguagem da região, “tira a sesta”. No intermédio de suas atividades B relata que brinca com seus filhos.

Tanto para B como para D no restante do domingo, há um relato muito semelhante ao do dia de semana, com uma ênfase maior no ócio¹⁷ e nas interações desenvolvidas entre os membros da família.

Para as crianças, a estrutura de seu fim de semana não é diferente dos outros dias – elas são muito pequenas para terem algum grau de atividade independente -, sendo suas interações derivadas da dinâmica impressa por B e D, de modo que há também, um aumento de interação intra e extra familiar.

Os subsistemas de atividades da Família Bor/Dia.

Considerando a rotina acima resumida da família B/D pode-se tecer algumas considerações sobre os subsistemas envolvidos, as regras diárias norteadoras e organizadoras das relações que ocorrem no decorrer da rotina.

Como descrito acima, para demarcar os subsistemas envolvidos nas categorias de atividades nos diagramas, foram feitos contornos ao redor dos mesmos. Foram feitos dois diagramas sendo um para o dia de semana e outro para o fim de semana, mais especificamente o domingo. A diferenciação de

¹⁶ Bor/Dia e seus filhos já chegaram a morar em uma antiga casa de Dor/Leo.

¹⁷ Entende-se ócio enquanto ficar a toa sem uma atividade fim.

cada subsistema foi feita com base em cores diferentes que estão nos contornos e nos comentários.

Como pode ser verificado nas figuras 47 e 48 abaixo, existem na família B/D, divisões nítidas de tarefas que implicam em papéis parental e conjugal diferentes. Atribuições de cuidado físico, tarefas domésticas e parte da subsistência alimentar são quase que de exclusiva responsabilidade da Mãe e as atribuições de Subsistência Econômica e parte da Subsistência Alimentar são de B.

Durante o dia, os filhos estão à proximidade de sua mãe, que aparentemente exerce atividade de cuidado físico e vigilância. Acima da mãe o contato mais intenso está entre os irmãos, que passam praticamente todo o dia juntos.

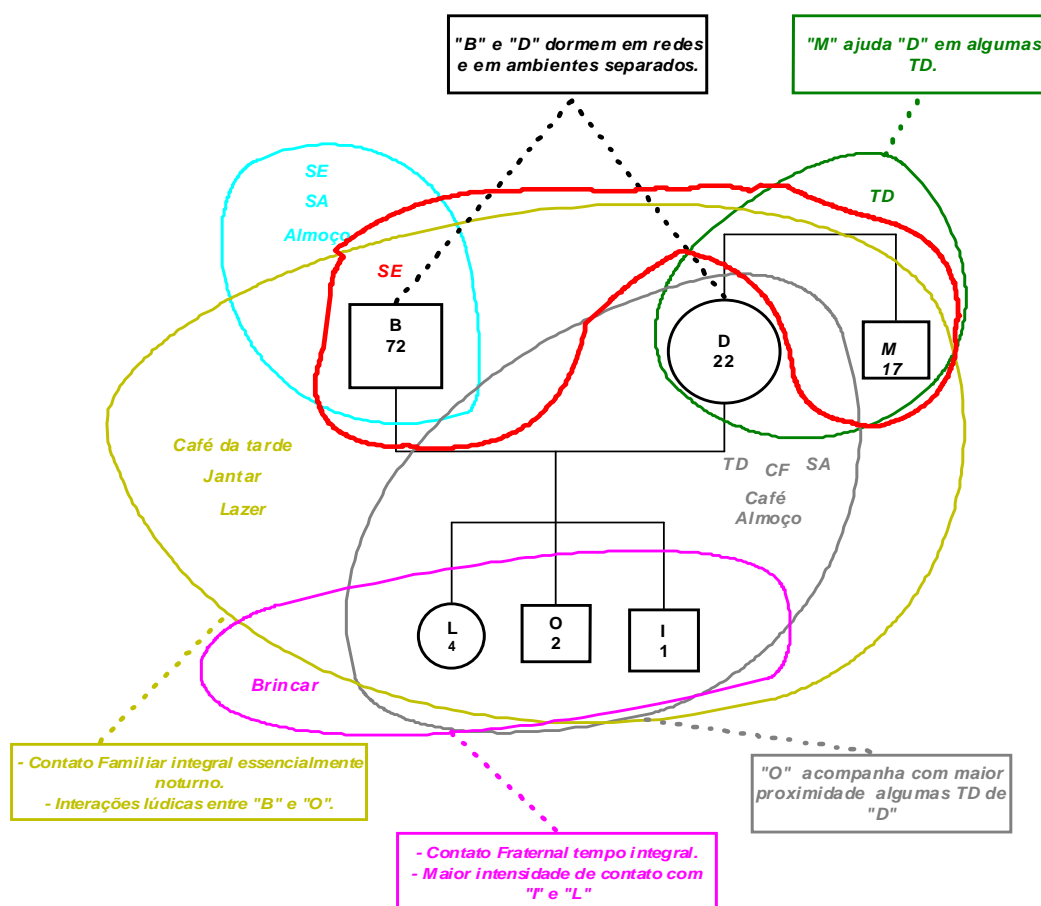


Figura 456: Atividades/tarefas desenvolvidas e subsistemas envolvidos família B/D nos dias de semana.

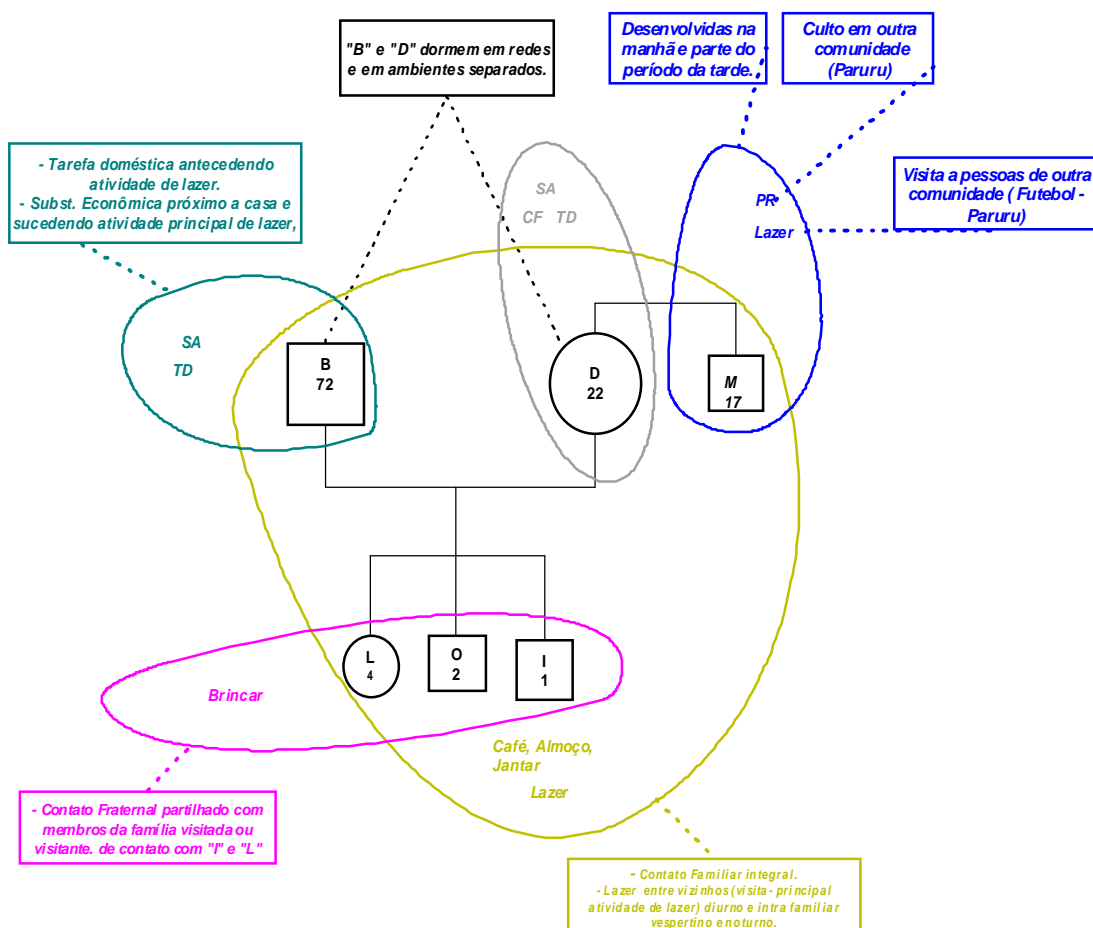


Figura 467: Atividades/tarefas desenvolvidas e subsistemas envolvidos família B/D no fim de semana (domingo).

Essa divisão de tarefas tende a formar subsistemas típicos, o Pai enquanto um subsistema e a Mãe com os filhos enquanto outro subsistema e o subsistema fraternal.

De fora da família nuclear básica, o irmão da Mãe (M) participa de um subsistema com a irmã e de outro com o cunhado, contudo, a frequência de relação com a irmã é sensivelmente mais intensa. É curioso que o tio não constitua um subsistema com seus sobrinhos, haja vista que, em nenhum momento foi descrito atividades em conjunto ou compartilhadas com eles.

No fim do dia, por um pequeno período de tempo, o subsistema típico é o conjunto da família. Foi relatado uma maior proximidade entre o pai e o primogênito, coloca-se aqui a possibilidade de um subsistema constituído ou a se constituir. Como durante o dia M alterna entre subsistemas, seria interessante verificar que local configuraria M no conjunto de subsistemas quando a família nuclear estivesse reunida. Isto não foi observado porque as

análises dos dados que indicaram esta necessidade só foi realizada após o encerramento da coleta dos dados.

A figura do cunhado/irmão na família nuclear pode nos indicar outras questões em termos relacionais que apresenta aspectos curiosos e reveladores da organização familiar B/D. Duas pistas interessantes desta organização relacional são as configurações dos subsistemas no fim de semana e - como se verá com mais detalhe posteriormente na discussão do ECOMAPA e do MAPA DE REDE desta família – a relação do Pai com a família da Mãe.

Percebe-se que inicialmente, o período que o cunhado constitui um subsistema com B é muito curto, restrito somente ao final do período da tarde, logo em seguida esse subsistema se desfaz, não se reencontrando em nenhum outro momento no decorrer da semana e nem do fim de semana, o que sugere que este subsistema é estritamente operacional¹⁸. Adicionado a este fato, verifica-se que no momento em que a família constitui um subsistema mais próximo, no fim de semana, o cunhado deixa o subsistema familiar para se incluir num subsistema extrafamiliar constituído por outras pessoas em outras comunidades. O que pode indicar uma fuga ou uma dificuldade de se envolver no sistema familiar. O cunhado não está presente nos momentos em que a família está reunida em situações de interações livres (lazer), ou seja, relações mais diretas, momento em que as pessoas se tornam mais vulneráveis.

É possível também que o afastamento de M do sistema B/D seja uma consequência não apenas do modo como esta família se estrutura e organiza, mas também derive das características peculiares do estágio do **ciclo de vida** em que se encontra M. M tem 17 anos, ou seja, está vivendo a adolescência, um momento do desenvolvimento que se caracteriza pela busca do sujeito por individualidade. É provável que as saídas de M, nos finais de semana, indique semelhanças entre a adolescência vivida no contexto ribeirinho e em outros contextos.

¹⁸ Entende-se subsistema operacional aquele que se constitui estritamente em função da operação ou atividade em jogo.

Pode-se se dizer que a maior freqüência de contato nos fins de semana com a família da filha de B, indica uma pendência do subsistema familiar para outros subsistemas que o Pai participa direta e ativamente¹⁹. Como será visto com mais detalhe na discussão do ECOMAPA desta família, Pai e sogro não se falam²⁰ e a Mãe visita a casa do Pai somente quando está sozinha. Pode-se se dizer, deste modo, que a família de origem da Mãe é negada no seu subsistema conjugal. Neste sentido o irmão torna-se uma representação de sua família de origem e um elo interno que associa a Mãe com o seu sistema familiar de origem.

Em síntese, tomando o conjunto de tempo passado junto e o modo como as atividades diárias são desenvolvidas no interior do sistema B/D pode-se supor a existência de uma forte ligação do subsistema parental formado por D e as crianças que dormem no mesmo cômodo da casa, na ausência de B, e passam todas as horas do dia juntos. Neste sentido, supõe-se a existência de **fronteiras emaranhadas** entre o subsistema conjugal e parental, uma vez que as relações de D são em geral com as crianças e não dispõe de momentos de intimidade, distante dos filhos, com B.

A família B/M

-Dias de semana

Logo após acordar, o dia de B inicia preparando-se geralmente para serviços externos. B possui um barco que faz serviços de frete e transporte na redondeza. Embora nem sempre tenha serviço, quando tem, geralmente ocupa todo o dia, chegando em casa no final da tarde ou, no mínimo, no final da manhã. Todo o dia da semana nos finais de tarde tem futebol na comunidade onde B é presença marcante. No geral, com exceção do momento de lazer, suas atividades desenvolvidas durante o dia são muito solitárias.

M, por outro lado, tem seu dia totalmente dedicado e ocupado com as TD e CF. Após aprontar o café, começa a sua jornada de cuidado de seus oito filhos que moram no rio (P, R, T, C, G, I, N, A), tendo o mais velho (P) 15 anos e a mais nova, recentemente completado, um ano (A). M se divide entre os

¹⁹ O custo da resposta para visitar a família da filha (1,5 Km) é muito maior do que a do sogro (200 m).

²⁰ Mais detalhe acerca deste conflito será verificado no capítulo X.

cuidados com A e AS e TD que se prolonga até o início do período noturno. Em suas atribuições é auxiliada de modo mais próximo por P e de uma forma mais periférica por C e T.

Segundo os relatos e as notas de campo M não mantém nenhum contato com o restante da comunidade do Araraiana. Sua rotina é, no dia-a-dia, restrita a sua casa e/ou redondezas já que suas saídas são essencialmente para fins de SA.

As filhas C, T, G e I desenvolvem varias atividades em conjunto. Após acordar e tomar café vão, em conjunto, para a escola. A mais distante desse grupo é T, provavelmente porque esta não mora cotidianamente com a família, haja vista que passa a maior parte do tempo com o irmão de B e sua esposa. Temos nota de campo em que T não foi para a escola, pois a canoa era pequena e não comportava todas as crianças. Na escola, as irmãs sentam-se uma ao lado da outra. Seu maior contato com as outras crianças é o momento de brincadeira que recentemente foi desenvolvido no fundo da escola no período de seca (agosto a setembro). No período da tarde, elas se dedicam a brincar nos arredores da casa do tio que mora ao lado de sua casa.

Afora auxiliar a mãe nas TD e de SA, as mais velhas são encarregadas de cuidar das mais novas, sendo que as maiores responsabilidades estão sobre R, C e G. Contudo, pela maior contribuição de R no auxílio das tarefas desenvolvidas por sua mãe, R tende a ficar um pouco mais distante do restante do grupo das irmãs, todavia, não foi encontrado nenhum indício que esse fato implique em uma maior proximidade de M com R e menos da mãe com as outras crianças.

Por constituírem um grupo típico de brincadeira G aparentemente é responsável mais direta por I e N, ou seja, ao brincar em conjunto, também assume tarefas de CF por M e N. Ao findar a tarde, é bastante comum ver todas as irmãs tomando banho de rio na frente de sua casa.

O filho mais velho (P) apresenta atividades bastante isoladas do conjunto dos irmãos. De manhã exerce algumas atividades de SE e AS, à tarde ele vai

para escola e na volta da escola vai para o lazer (futebol) ou alguma atividade de SA. P dificilmente é visto com suas irmãs, mesmo quando com tempo livre.

Aparentemente o momento de encontro da família é à noite, momento em que é possível encontrar todos no mesmo ambiente, contudo esse encontro não é marcado por uma atividade face-a-face e sim por assistir televisão. Este fato em conjunto com outros elementos desta análise pode ser indicador de **desligamento** no interior do sistema.

Ao final do dia, o local de dormir declara a organização dos subsistemas familiares, as meninas dormem junto com a mãe no quarto, B dorme na sala e P na cozinha. Ressalta-se que o quarto apresenta dimensão semelhante, se não menor, que a sala.

- Fim de semana (domingo).

A chegada do fim de semana na família altera a atividade de todos, a exceção de M, que mantém de forma indefectível sua rotina sem nenhum contato adicional extrafamiliar.

B por sua vez, logo após o café, sai na companhia de P, para visitar amigos da comunidade. Esta atividade freqüentemente envolve o almoço terminando geralmente ao meio do período vespertino. À tarde a atividade básica é o futebol ao qual P também lhe acompanha. Deste modo, B e P tem seu domingo essencialmente ocupado por atividades de lazer.

As meninas apresentam no fim de semana uma extensão do seu período vespertino do dia de semana, ou seja, grande parte das atividades que eram desenvolvidas somente na parte da tarde durante o período da semana são apresentadas no domingo no período da manhã. À noite de sábado para domingo é comum algumas delas irem dormir na casa do tio. Apesar de ser o dia de domingo, elas não estão liberadas das atividades de suporte nas TD, SA e CF desenvolvidos por M. Desse modo, a rotina da semana se mantém no domingo o que pode ser um reflexo da manutenção da dinâmica da rotina da Mãe.

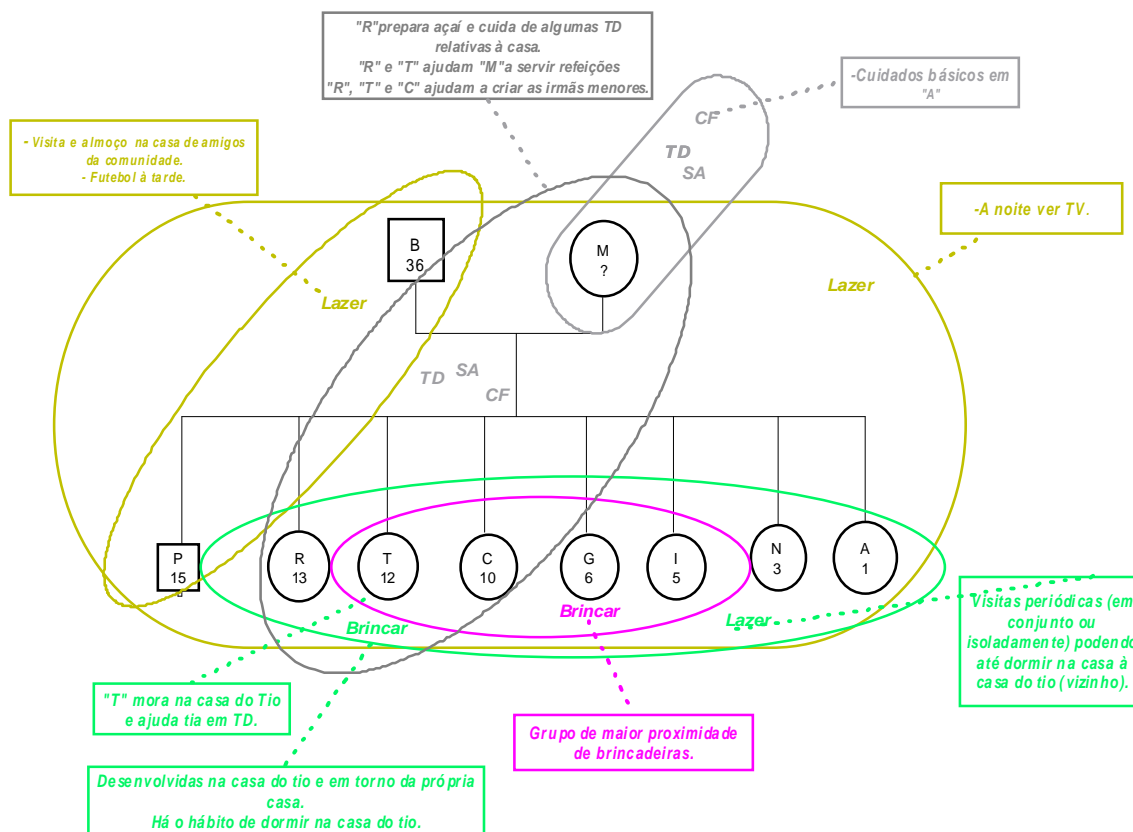


Figura 49: Atividades/tarefas desenvolvidas e subsistemas envolvidos família B/M no fim de semana (domingo).

Pode-se dizer que esta família como um todo apresenta vários subsistemas isolados, a casa não é um referencial de encontro e o próprio casal em si não chega a desenvolver nenhuma atividade em conjunto, não configurando, pelo desempenho das atividades, um **subsistema**.

O representante típico deste padrão de isolamento é o Pai que constitui, principalmente durante o período da semana, um subsistema aparte dos restantes. No final de semana, momento de tempo livre, o Pai desloca-se da casa, não desenvolvendo nenhuma atividade em conjunto com algum membro da família no contexto doméstico. Ao sair de casa, constitui um subsistema com seu filho, P, porém, distante do restante do conjunto da família, que não o acompanha nas principais atividades desenvolvidas durante este dia (visita e lazer).

A mãe, por outro lado, só constitui um subsistema com suas filhas mais velhas, nas atividades relativas à casa (TD e SA). Pelo fato das meninas só ficarem na casa no horário próximo ao almoço ou quando estão auxiliando a mãe nas atividades e, considerando adicionalmente que a Mãe raramente sai de casa, pode-se dizer que ela apresenta o subsistema mais isolado de todos tendo somente como companhia a sua filha pequena de um ano (A). Acredita-se que a sua maior colaboradora no desenvolver de suas atividades, a filha R, não chega necessariamente a constituir um **subsistema** com a mãe, pois na ausência da demanda operacional ela não é encontrada com a sua Mãe. Neste sentido, não foi encontrado nenhum elemento que indique que as **regras** estabelecidas na relação entre M e R sejam mais flexíveis o que implicaria em uma maior proximidade de mãe e filha e menos desta com as outras crianças.

De uma forma bastante evidente, a chegada do fim de semana não representa nenhuma alteração na configuração de subsistemas de rotinas ocupado por M. Com certeza o seu retraimento no seio da comunidade corrobora sensivelmente para esta conservação de rotina. No tratamento do ECOMAPA e do MAPA DE REDE desta família será feito uma discussão mais detalhada deste aspecto.

Fraternalmente, os irmãos chegam a formar no mínimo cinco subsistemas diferentes. O mais velho desenvolve suas atividades de subsistência alimentar, econômica, estudo e lazer essencialmente sozinho. Por afinidade de turno de estudo, cinco das irmãs (R, T, C, G, I) constituem um subsistema na escola e de brincadeira ao final desta. Contudo, pela maior contribuição de R nas tarefas desenvolvidas pela Mãe, esta tende naturalmente a se isolar deste grupo, de modo que no contexto da casa, o grupo mais próximo é constituído por quatro irmãs (T, C, G, M). O quarto subsistema é composto essencialmente pela proximidade etária e/ou cognitiva. A quinta, sexta e sétima irmã (G, M e N) chegam a formar um subgrupo de afinidade de brincadeira, contudo, neste subgrupo, aparentemente é dado a G o **papel** de cuidadora, haja vista que lhe é atribuída a tarefa de Cuidado Físico das outras duas irmãs. O quinto e último subsistema aparentemente é encontrado em alguns momentos do fim de semana, quando todas as irmãs deslocam-se conjuntamente para a casa do tio.

Deste modo, o subsistema dos irmãos é marcado por duas importantes variáveis: **gênero** e **idade**, ou seja, o modo como os filhos da família B e M se relacionam deriva, em grande parte, da idade de seus membros e do gênero. Este grupo é predominantemente feminino, haja vista que somente o primogênito é do sexo masculino o que justifica o afastamento deste membro do restante do grupo. Dentro do subgrupo formado pelas meninas, nota-se que as relações, as tarefas, os **papéis** se apresentam em função da idade de seus membros.

É possível que o afastamento de P da família durante as atividades diárias se deva a dois fatores principais. Tal como já foi indicado anteriormente, o fato de P ser o único filho homem do grupo, ou seja, a diferença de **gênero** pode estar influenciando na **dinâmica** das relações dentro do subsistema dos irmãos. É possível que o gênero seja um elemento que contribui com o fortalecimento do **subsistema parental** entre P e B, onde se desenvolve o processo de identificação da masculinidade. Além do mais, P, assim como M (família B/D), se encontra na adolescência o que pode indicar a presença de uma forte motivação em direção a novas experiências que o auxilie no processo de torna-se adulto.

O sistema familiar apresenta somente um momento em conjunto, sendo este o noturno, no entanto, este momento é permeado por uma atividade que pouco predispõe para a interação face-a-face - o assistir televisão.

Em termos sistêmicos, considerando a dinâmica dos subsistemas de rotina das atividades, esta família apresenta um padrão centrípeto, uma vez que a ação dos membros é freqüentemente voltada para fora do ambiente doméstico. Apesar da mãe apresentar a característica de não sair de casa, a sua presença não se torna um fator da presença dos outros membros. É possível também que o padrão materno seja uma estratégia de evitamento semelhante a dos outros membros do grupo. Uma vez que se a casa é o local onde todos estão ausentes, o melhor local para fugir ao contato é a própria casa.

A família C/N:

- Dias de semana

O sistema familiar C/N é o de maior complexidade devido, não somente por conter a maior quantidade de pessoas residentes (19), mas também pelo fato de ser composto por 4 **subsistemas conjugais**. Este fato torna mais intrincada a descrição da rotina e dos subsistemas de atividades neles contido. Não temos registro sobre a rotina específica de cada subsistema, somente temos daquela integrada a outros membros da família.

C, o pai, levanta algumas vezes de madrugada, acorda geralmente a sua esposa (N), para aprontar café para ele, fuma e volta a dormir. C só sai para o trabalho ao amanhecer, geralmente sozinho, todos já estejam acordados. Sua atividade de SE não lhe ocupa muito tempo, geralmente retorna por volta das 10:00 hs. – 11:00 hs. Seu almoço é feito em casa, e logo após um pequeno descanso, sai para outra atividade SE, desta vez acompanhado de seu filho homem mais novo (I), de sua filha de 11 anos (D) e de (X - filho mais velho de sua filha G). Nessas idas D assume o papel de suporte às suas atividades. A volta do trabalho é permeada de contatos sociais, sejam estes com vizinhos ou com outros membros da família.

Para N a rotina é totalmente restrita ao âmbito caseiro. N se preocupa essencialmente de TD e SA. Essas tarefas são partilhadas com as principais figuras femininas da casa, suas duas filhas mais velhas (S e G), sua nora (A) e sua filha de 11 anos (D). As mulheres da casa constituem um grupo de maior proximidade que partilha TD, SA. Entre o desenvolvimento dessas tarefas existem, segundo relato, momentos de conversa e interação.

Além das rotinas do pai e da mãe, os subsistemas conjugais apresentam uma parcela de vida própria. De todos os casais, o que passa mais tempo junto e que partilha diversas tarefas é o M/S. M passa parte da manhã em torno da casa, em pleno ócio, ajudando ou namorando S. De acordo com a maré o grupo dos homens (M, P, T, R e C), joga a rede no rio.

Com rotina de despertar muito semelhante a todos, P logo após o café, exerce atividade de SE em conjunto com seus irmãos T e G, essa atividade é

freqüentemente repetida no período da tarde. Após se tirar a “sesta” da tarde envolvem-se em atividades como descrita acima dos grupos de homens. P e A saem sozinhos para pescar (SA) sendo essa atividade também dependente do ciclo das marés. P sai, em dias de futebol, com seus irmãos T e G.

O preparo de alimentos é desenvolvido principalmente pelas mulheres, de modo isolado ou em grupo, durante o período da manhã e no fim da tarde. Para realização desta tarefa foram encontrados alguns grupamentos típicos, sendo que o principal, como já observado acima, gira em torno da mãe. Entretanto, foi identificada aliança para realização desta atividade em torno das irmãs casadas (S e G), que provavelmente preparam os alimentos para os filhos e maridos. Existe também o relato de preparo de alimentos desenvolvido por S sem acompanhamento de nenhuma das mulheres, provavelmente este deve ser destinado para o seu núcleo familiar.

De todas as mulheres, G é a que exerce maior contato externo, mesmo nos dias de semana. Faz visitas periódicas à sua sogra em conjunto com seus filhos. Tais visitas são feitas no período vespertino.

Por outro lado, para obtenção de alimentos os subgrupos encontrados parecem ser derivados de outra ordem de organização. Em síntese pode-se dizer que tais subgrupos são ou conjugais como o encontrado em P/ A ou de alianças entre os homens.

Além das tarefas de SA as mulheres exercem principalmente CF com os seus filhos durante todo o período do dia. A exceção é a matriarca (N) que em nenhum momento declara-se com atividades de cuidado físico. Contudo, em função da configuração desta família, pode-se dizer que o CF exercido pelas mães é essencialmente alimentar e dar banho, pois a dinâmica de rotina dessas crianças é passar o dia inteiro junto. Deste modo, há sempre alguém da família, principalmente D que quando não está ocupada nas atividades como as acima descritas, assume o papel de vigia das crianças. De todas as mulheres, A é a que, pelos relatos, está mais presente com outras crianças que não são seus filhos.

Situação mais complexa é encontrada com a criança B de três anos. Como observado na descrição sócio-demográfica desta família, B é filho de uma relação de S com F (esposo de G), vínculo velado no interior da Família. B é cuidado por S mais seus cuidados são disseminados no interior do grupo. M o acolheu e assume também atividade de CF (colocar para dormir).

Pelo fato de uma boa parte das crianças serem ainda de idade pré-escolar e de nenhum dos membros da família em idade escolar estarem freqüentando a escola, todo o tempo desses sujeitos é essencialmente dedicado à exploração e brincadeira sendo esta na maioria desenvolvida em grupo.

No fim da noite, parte da família se reúne e se reveza entre estar na frente da televisão e estar interagindo, conversando. Quando está no jornal os homens são presenças certas, se é a novela as mulheres são as mais interessadas. Certamente essa organização não é uma regra, pois G assiste jornal e gosta de futebol e alguns homens acompanham assiduamente as novelas.

Na hora de dormir, N dorme na cozinha, C, B, D e G dormem no quarto, enquanto que o restante no amplo salão da casa.

- Fim de semana (domingo).

Principalmente para as mulheres, a rotina da família C/N no domingo apresenta poucas alterações, já para os homens o domingo apresenta-se como um especial dia de ócio e lazer.

O pai mantém o mesmo padrão dos dias de semana de acordar ainda de madrugada a sua esposa (N), para aprontar café para ele, fuma e volta a dormir. Dia de domingo, C não trabalha, sua rotina pode ser resumida em passar a manhã em ócio perambulando pela casa, conversando com as pessoas. Seus companheiros de atividade durante a semana, D, G e X, estão envolvidos em outros grupos. O almoço é feito junto com todos que estão na residência. Após a “sesta” da tarde, que se dá logo após o almoço, a presença de C é certa no futebol, que pode acontecer no terreno do Nazareno (um vizinho) ou do Malato. Após o futebol, o jantar, é como nos dias de semana. À

noite a família se encontra no salão da casa, uns assistindo televisão e outros conversando.

A rotina de N é totalmente inalterada. Da mesma forma que nos dias da semana, está restrita ao âmbito caseiro, suas tarefas são essencialmente as mesmas (TD e SA) que aparentemente são exercidas na mesma seqüência dos dias de semana. Apesar de alguns casais desenvolverem atividades isoladas no domingo como por exemplo aprontar sua própria refeição, não há necessariamente uma redução das suas tarefas, pois o isolamento dos casais representa também a perda de ajudantes. Neste sentido, sua principal auxiliar no domingo é D. De fato, à depreender do relato, percebe-se que N, encontra-se mais isolada no domingo, suas companheiras de partilha de atividade dificilmente estão presentes. Após o almoço, deita em conjunto com C, D, Z e I. Após o café da tarde e algumas tarefas de preparação para o jantar, como apanhar lenha, catar limão, etc., o jantar é servido. Depois da lavagem dos pratos, que ocorre com auxílio de D, assiste televisão em conjunto com todos envolvidos nesta atividade.

No fim de semana os subsistemas conjugais apresentam uma maior parcela de vida própria, o maior exemplo disso é M/S. De todos os casais o que passa mais tempo junto e que partilha diversas tarefas é o M/S. M passa o dia em torno da casa, dividindo-se entre tarefas de pegar passarinho, apanhar frutos no mato, descansar, conversar, namorar e ajudar S em algumas TD como buscar água no poço. À tarde após a “sesta”, joga futebol e na seqüência se encontra com S.

Apesar de P e A estarem junto uma boa parte do dia de domingo, diferente de M/S não têm atividades totalmente a parte do restante do grupo. Pode-se dizer que suas atividades são mais partilhadas no fim de semana, entretanto não chega a constituir uma unidade isolada. A separação ocorre à tarde quando P se dirige junto com seus irmãos (T e R) e seu pai para o futebol.

Não foi encontrado indicadores dos sub-agrupamentos precisos para SA no fim de semana, acredita-se que esses girem em torno de N, como já foi

assinalado acima. Sabe-se que as mães (a exceção de N) dedicam uma parte do tempo cuidando de seus filhos e que para isso têm o apoio de D.

À semelhança dos dias de semana, as crianças passam o dia inteiro junto, provavelmente brincando e explorando. D é deste modo uma das principais cuidadoras.

Uma exceção de todo conjunto da família é a díade T e G, uma vez que são os únicos que durante o domingo exercem conjuntamente atividade de SE.

Ao fim da noite, parte da família se reúne e se reveza entre estar na frente da televisão e estar interagindo, conversando. Na hora de dormir, todos se postam em locais semelhantes aos da semana.

Os subsistemas de atividades da Família C/N.

A grande quantidade de pessoas envolvidas, diversidade e complexidade dos subsistemas encontrados na família C/N, dificultariam a representação do digrama ao modo que vinha sendo feito nas famílias anteriormente tratadas. Desse modo, apesar da perda envolvida neste tipo de demonstração, pois torna difícil a visualização de possíveis reações sistêmicas entre os subsistemas optou-se pela sistematização de discussão em sub-tópicos de atividades/tarefas desenvolvidas.

Pode-se dizer que a família C/N apresenta um conjunto de subsistemas que aparentemente têm como principal referencial a casa. É nela que se dão os encontros, e principalmente, é nela que se fica quando não se tem muito o que fazer. Vários fatores podem estar contribuindo para esse fato, dentre estes se destaca a quantidade de crianças pequenas a serem cuidadas (8) e a presença constante da mãe na residência, pois esta dificilmente sai.

Como pode ser verificado nas figuras 51 e 52 abaixo, em termos de SE percebe-se um maior envolvimento em torno da família nuclear. C faz um sistema isolado, desenvolvendo sem auxílio de seus filhos ou genros algumas atividade de SE. De fato, toda a venda de produtos retirados da mata é de algum modo centralizado por C, o qual é proprietário também do barco que faz o transporte do rio. Quando C tem ajudantes estes estão mais na categoria de

acompanhantes, pois fisicamente não têm força física para tal. O subsistema formado por C, seu filho mais novo (I), sua filha D e o filho mais novo do casal F/G, O parece representar o isolamento de C em seu grupo.

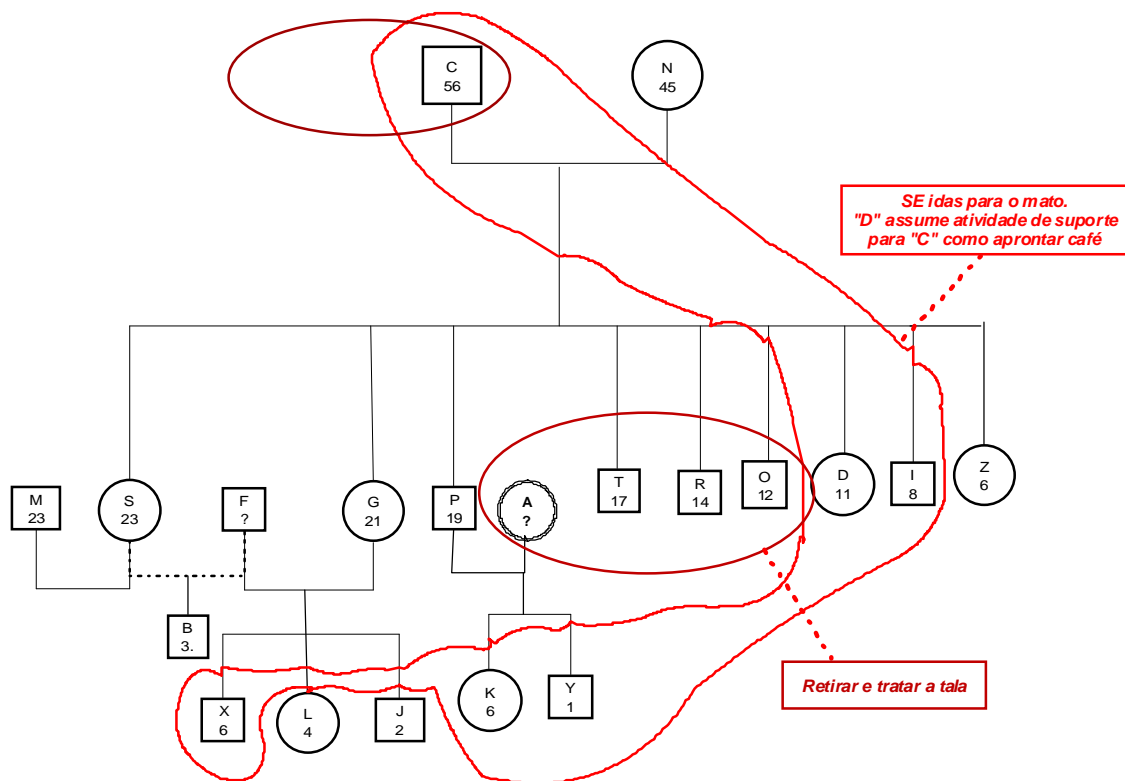


Figura 480: Atividade de Subsistência Econômica desenvolvida e subsistemas envolvidos família C/N nos dias de semana.

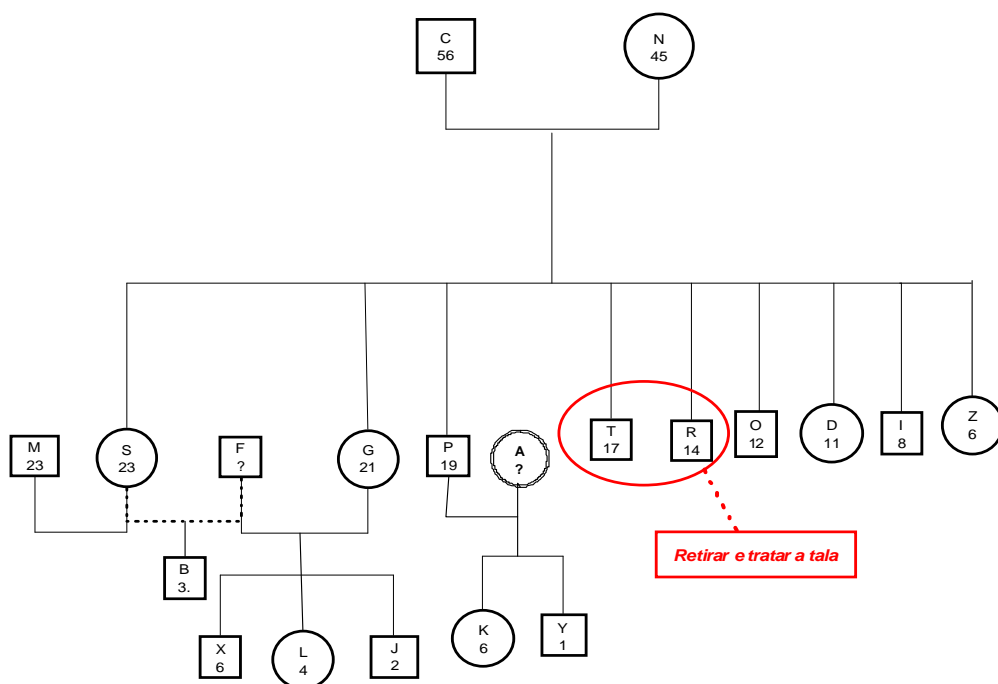


Figura 491: Atividade de Subsistência Econômica desenvolvida e subsistemas envolvidos família C/N no fim de semana (domingo).

Exercendo outras tarefas de SE encontramos um subsistema aparentemente derivado do subsistema nuclear, onde se situa o trio de irmãos P, T e G, auxiliados por A, esposa de P. Este subsistema se repete parcialmente no Domingo, sem a presença de A.

No que se refere a subsistência alimentar e às tarefas domésticas percebe-se que a obtenção de nutrientes é uma atividade que novamente parece girar em torno da família nuclear C/N (ver figuras 53 e 54 abaixo). Os subsistemas conjugais aparentemente assumem um papel periférico, a união de um ou outro membro menor, como por exemplo os filhos dos casais parece mais um fato eventual. Um outro subsistema envolvido na obtenção de alimento é o casal P/A. Nesse caso consta a representação no diagrama em função da existência do registro verbal, contudo, suspeita-se que exista outros subsistemas de obtenção de alimento além dos registrados, sendo esses possivelmente em função da configuração matrimonial ou da aliança de irmãos. Apesar dos registros, é forte a tendência de que essa seja uma atividade primordialmente masculina.

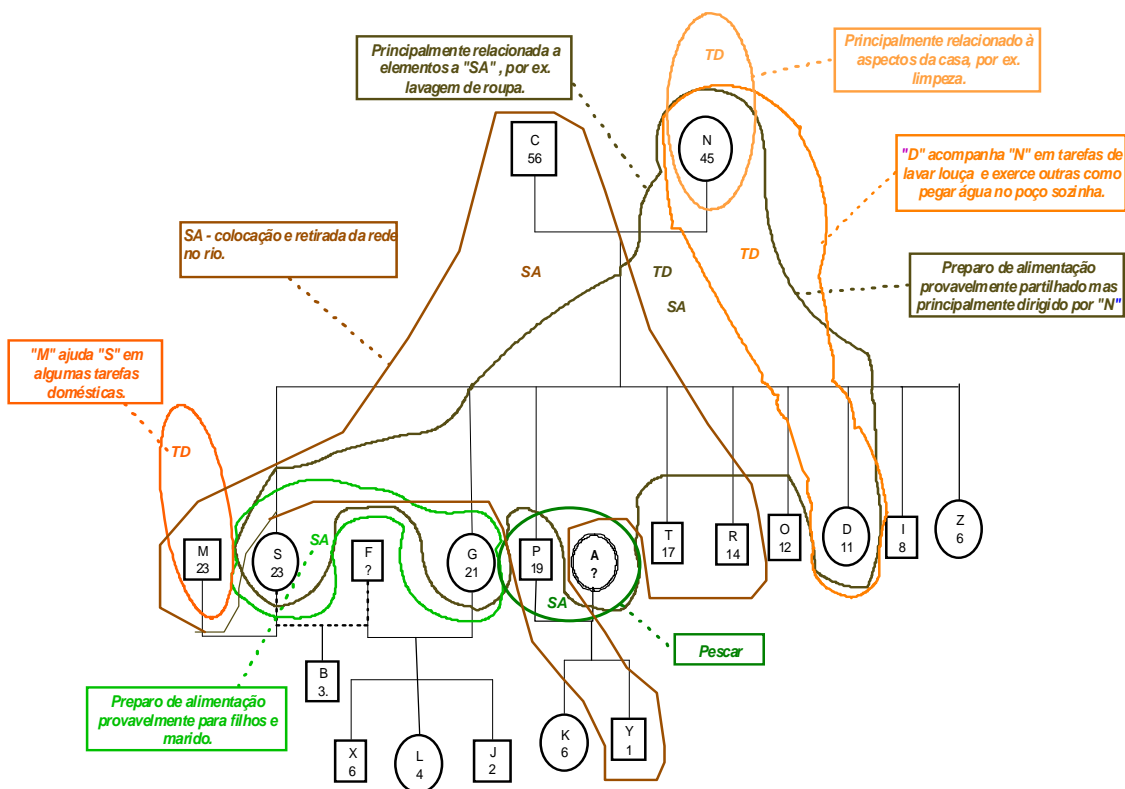


Figura 502: Atividade de Subsistência Alimentar e Tarefas Domésticas e subsistemas envolvidos família C/N nos dias de semana.

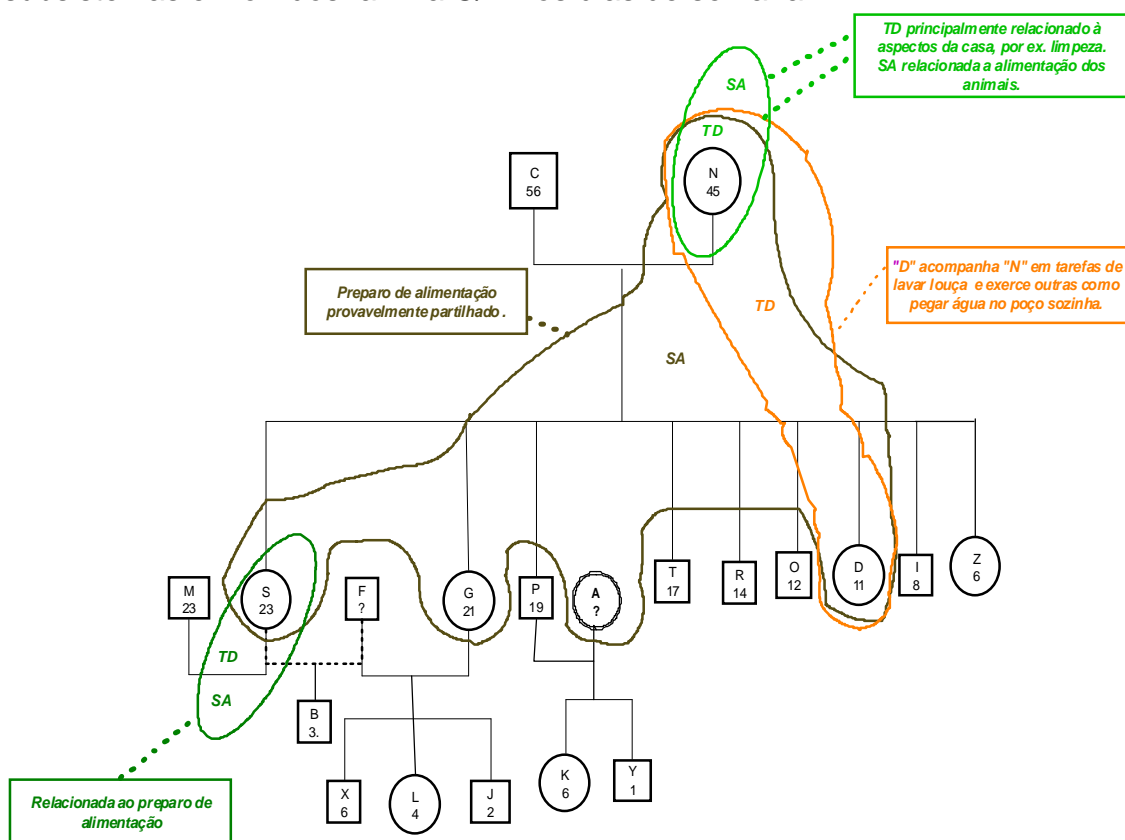


Figura 513: Atividade de Subsistência Alimentar e Tarefas Domésticas e subsistemas envolvidos família C/N no fim de semana (domingo).

No outro pólo da Subsistência Alimentar, o preparo de alimentos parece uma decorrência das atividades caseiras desenvolvidas essencialmente pelas mulheres. Foram encontradas alianças para preparo de alimentação, como por exemplo, a encontrada no subsistema formado pelas duas irmãs mais velhas. Essas alianças parecem se organizar em função do tipo de alimento ou do horário. Contudo, o preparo parece ser desenvolvido principalmente de forma comunitária, ou seja, apesar da diversidade de subsistemas conjugais e parentais, a principal forma é a conjunta.

Em todos os subsistemas conjugais o único indicado em que há partilha no exercício das TDs é a da filha mais velha com seu esposo (M/S). Salienta-se que M é o membro mais recente agregado à família. De certo modo, esse é o subsistema conjugal com maior grau de vida independente de todos pois fazem muitas tarefas juntos como por exemplo o partilhamento dos cuidados do filho de S, o B. Salienta-se que esse aspecto da relação de M com S não se revela somente nas Tarefas domésticas e Cuidado físico, mas também como se verá posteriormente, principalmente, no lazer.

A chegada do domingo representa alterações nos subsistema de TDs, pois não passa mais a incluir as mulheres, sendo desenvolvido principalmente pela mãe e sua filha, parceira de tarefas, D. Nas TDs a penúltima filha (D) se destaca como um “braço direito” de N na realização de suas tarefas.

Como pode se verificar nas figuras 55 e 56 os cuidados físicos são exercidos principalmente pelas mães, que a exceção de N, dedicam boa parte de seu tempo nessa atividade, o que possibilita a formação de subsistemas mãe filho. Contudo, pelo modo de cuidado desenvolvido no local, essa atividade é mais restrita ao banho e alimentar, pois as crianças passam muito tempo juntas, criando um subsistema em que uma cuida da outra, sem falar no fato que D apresenta-se como a pessoa mais presente nessas situações, exercendo amplamente o comportamento de vigiar. Em outro sentido, a partir do relato das mães pode-se deduzir que A (a única mulher não pertencente a família nuclear) é a que mais configura um subsistema claro com as crianças, estando mais próxima não somente dos seus filhos, como também das outras crianças jovens.

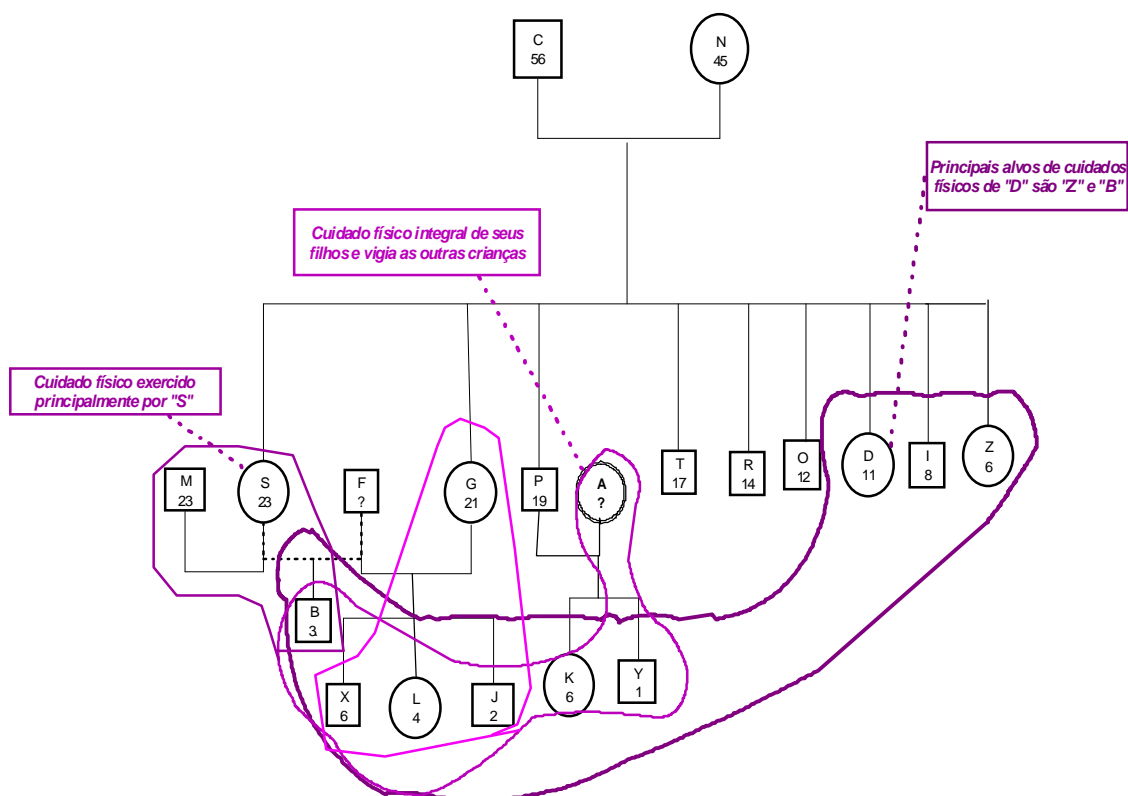


Figura 524: Atividade de Cuidado Físico e subsistemas envolvidos família C/N nos dias de semana.

A ausência de CF na rotina de N pode ser relacionada ao momento do **ciclo de vida** de sua família. Embora tenha uma filha, Z (6), o grande sistema C/N conta com outros cuidadores principalmente as filhas mais velhas e as noras de N. Contudo, em função da configuração desta família, pode-se dizer que o CF exercido pelas mães é essencialmente alimentar e dar banho, pois a dinâmica de rotina dessas crianças é passar o dia inteiro junto.

Como se pode ver nas figuras 57 e 58 abaixo encontrou-se atividade de lazer desenvolvido em um subsistema essencialmente individual. Um bom exemplo deste subsistema é o hábito de pegar passarinho, desenvolvido isoladamente por M. Essa pratica que pode ser em alguns momentos associada a ciclos ou modas, no momento em que foi aplicado o inventário de rotina, era desempenhada apenas por M ocasionando um subsistema a parte nesta atividade.

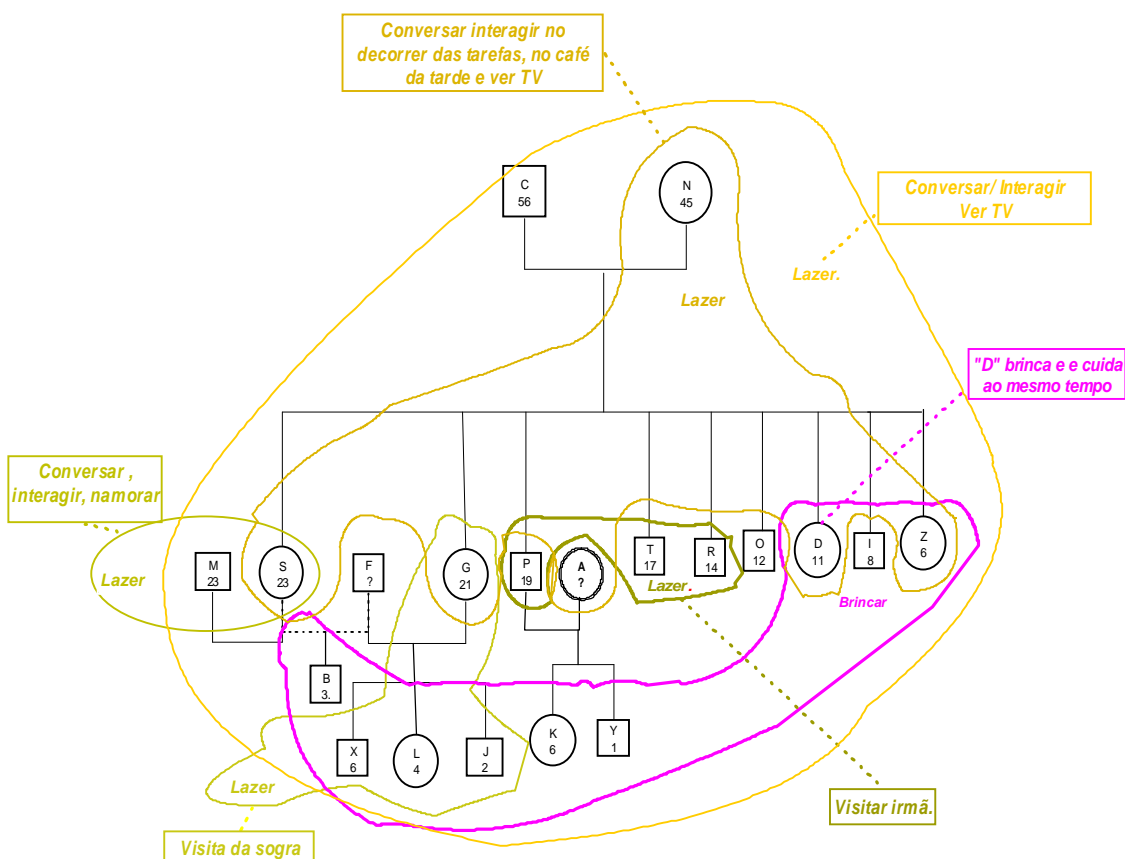


Figura 546: Atividade de Lazer e subsistemas envolvidos família C/N nos dias de semana.

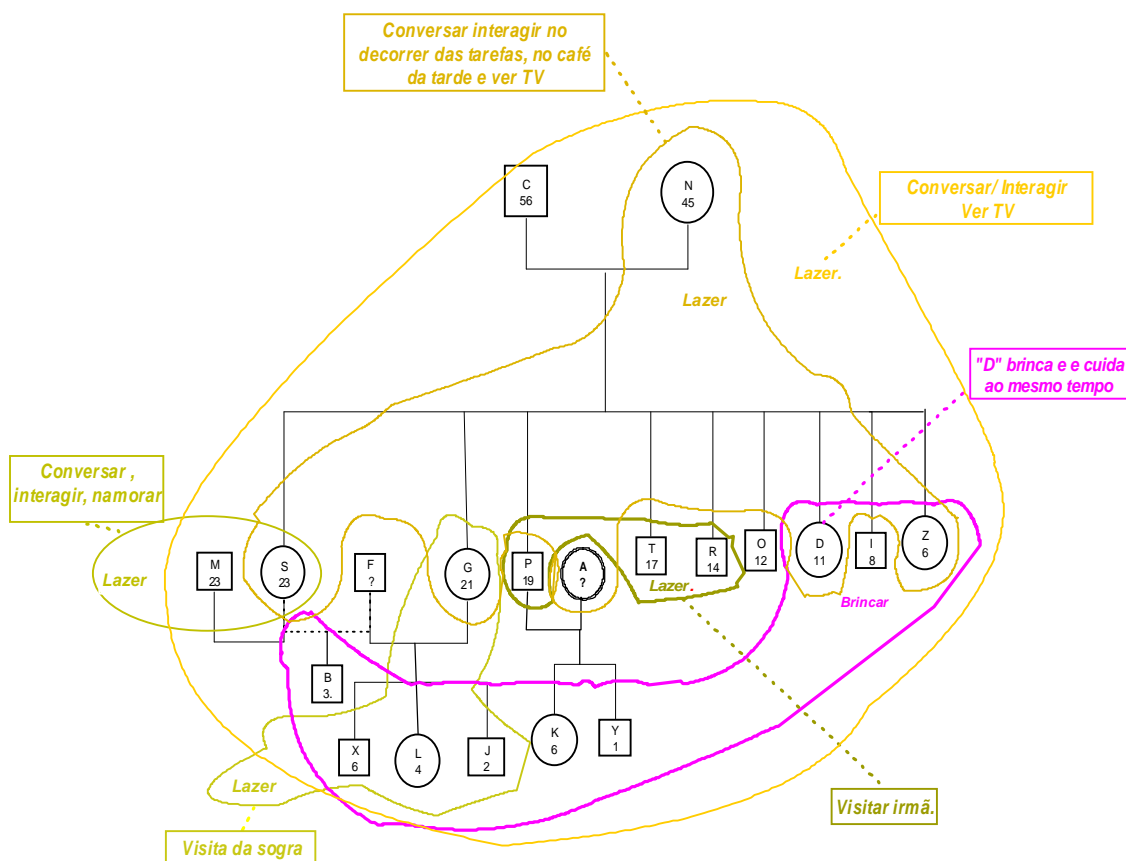


Figura 557: Atividade de Lazer e subsistemas envolvidos família C/N no dia de domingo.

Em termos conjugais a atividade de lazer foi identificada somente com o casal M/S. Durante a semana e no fim de semana, este casal desenvolve muitas atividades juntos, sendo estas desenvolvidas totalmente a parte do restante do grupo.

Em termos parentais destacou-se G com seus filhos visitando periodicamente a casa de sua sogra que mora às proximidades. Apesar dessa não ser uma família isolada do restante da comunidade, haja vista que possui vínculos familiares no contexto ribeirinho, este é um bom exemplo de um subsistema que estabelece laços com outros sistemas familiares da comunidade. Salienta-se o fato de seu companheiro não partilhar essas visitas periódicas. Discussões mais detalhadas desses aspectos serão feitos no item que trata do ECOMAPA e do MAPA DE REDE.

São comunitários os subsistemas de lazer que envolve ou estão predispostos para todo o conjunto do grupo familiar. O conversar e interagir acontece durante o dia, durante o café da tarde e principalmente durante à

noite, momento em que o foco principal é assistir televisão. Pela quantidade de pessoas envolvidas, supõe-se que as interações neste caso sejam mais dispersas. Os dados de diário de campo relatam que os assuntos tratados nessas situações são mais impessoais, como por exemplo, o trabalho, o futebol, a novela.

Os subsistemas de grupo de pares envolvem em princípio todas as crianças da família. A companhia diurna de todas as crianças faz com que esse subsistema se destaque dos demais pela frequência e intensidade que está constituído. Pensando em termos amplos, pela dependência que tais participantes possuem, é natural que seja encontrado entre eles adultos, sendo esses principalmente as mães e D, essa última exercendo claramente um duplo **papel**: parceira de brincadeira e de cuidado.

Em termos do lazer, pode-se dizer que existam basicamente dois subsistemas organizados por afinidade. O primeiro refere-se ao grupo de mulheres, que como relatado, no intervalo das tarefas, toma café e assiste televisão. Possivelmente o fator de unidade desse subsistema seja em função da organização de um subsistema desenvolvido para outros fins, ou seja, as tarefas domésticas, que por sua vez podem dar a noção de identidade desse grupo.

Um outro subsistema organizado em função de afinidade é o do futebol, onde pode-se encontrar componentes isolados ou pertencentes a outros subsistemas no desenvolvimento de outras atividades ou tarefas. Aparentemente, o subsistema do futebol se desfaz após o término da atividade, como por exemplo, P, T, G e C. No entanto, é possível encontrar agrupamentos provenientes de outros subsistemas, como por exemplo os irmãos P, T e G que não se desfaz após o término da atividade e desenvolve atividade de Subsistência Econômica no decorrer da semana.

Sintetizando a compreensão em termos de subsistemas, sem a pretensão de esgotar o tema, pode-se compreender a família C/N composta de subsistemas: a) isolado; b) desenvolvido em torno de tarefas; c) conjugal; d) maternal; e) de pares e f) comunitário.

Os subsistemas isolados aparecem especialmente em TD (N), SE (C) e no Lazer (M). N desenvolve várias atividades de TD sozinha, contudo essa não é uma opção sua como a que parece ser a de C. A aproximação de C com as crianças pequenas parece sintomático do seu afastamento do restante da família. Ressalte-se que, a depender do desempenho de tarefas em conjunto, o casal C/N em nenhum momento da rotina constitui um subsistema aparte.

De todas as categorias de subsistemas acima desenvolvidos, N está mais próxima dos relativos às TD e, como foi verificado acima, por consequência, do lazer que acompanha essa atividade. Desse modo, a configuração de N em um determinado subsistema se dá em função das tarefas que ela desenvolve, pois não é identificado vínculo forte de N em outro subsistema que não seja o relacionado às tarefas. Nesse sentido, reforçando a afirmativa do parágrafo acima, como seu esposo não participa dos subsistemas que N está envolvida, maior seria a distância entre o casal e os seus referidos subsistemas típicos.

Em termos do subsistema conjugal, curiosamente a despeito da existência de quatro casais nesta família (C/N, M/S, F/G e P/A) somente foi identificado um subsistema conjugal organizado em torno de rotinas típicas (M/S). Isto não quer dizer que os cônjuges não configurem subsistemas, é evidente que assim são. A discussão aqui levantada é que foi encontrado em torno do casal tarefas e atividades mutuamente partilhadas. De fato, o subsistema M/S configura-se como um subsistema a parte dos demais: a frequência que são identificados juntos, o grau de envolvimento e compartilhamento de tarefas que confirma a idéia que esse casal é uma exceção dentro do contexto das famílias estudadas.

Dos subsistemas parentais, efetivamente só foi encontrado a ação materna. Em todos os relatos de rotina, não foi encontrado momentos de interação evidente entre pais-filhos. Possivelmente tais momentos devam existir, mas não foram passíveis de serem captados pelo instrumento.

O subsistema maternal foi composto basicamente de interações de cuidado físico. Tal como no subsistema pai-filhos, o instrumento não detectou interações lúdicas entre mães-filhos. Contudo, diferente desse caso, relatos de campo registraram interações afetuosas e lúdicas entre mães-filhos.

Por outro lado, as interações evidentes de brincadeira foram encontradas somente no subsistema de pares, composto pelo grande grupo de crianças pequenas. Participa claramente desse subsistema, D, que demonstra **papel duplo**, o de companheira de brincadeira e de cuidadora. No que se refere a D, identificou-se que ela é o componente do grupo que mais participa de subsistemas diversos; participa de um subsistema com o pai, outro com a mãe, outro com o conjunto das mulheres e finalmente um com o conjunto das crianças. Neste sentido D apesar de ser uma figura aparentemente periférica ao comando dos subsistemas ocupa um lugar de elo entre os vários subsistemas envolvidos na família.

Finalmente, o subsistema mais geral de todos é o comunitário. Este se revela em atividades de interagir/conversar e de lazer. Neste caso as interações travadas são mais impessoais ou mais centradas em um foco diferente do parceiro de interação. Esse é particularmente o caso da união de toda a família à noite para assistir televisão.

A família M/S:

- Dias de semana.

No momento em que foi coletado o dado de rotina, a família M/S estava passando por um processo de transição. Era recente a entrada de O na família, seguida pela gravidez de V que no momento da coleta estava com seu filho com menos de um mês. Neste sentido, sabe-se que alguns aspectos da rotina refletem o momento em que a coleta foi feita. Não foi possível obter dados específicos sobre a rotina de O. Seus registros correspondem somente àqueles que estão associados a outros membros da família.

M é o que primeiro acorda na família. Sua primeira atividade é uma Prática Religiosa – PR (Orar); em seguida segue para uma atividade de SA (tirar matapi). O café só é tomado depois da volta para casa. Neste momento S já preparou o café e os outros membros da família estão acordando. Logo após seu café vai para o mato, trabalhar em atividade de SE (tirar tala) em conjunto com O.

É curioso que M não envolva seu filho C em suas atividades no decorrer da semana, principalmente se considerar que C está disponível no horário da manhã, pois sua escola é somente no horário vespertino.

O almoço é realizado com a presença de todos os membros da família. Após o almoço é de costume os pais deitarem, em seguida M, com o auxílio de O, retoma as tarefas de SE e de AS. No fim da tarde e início da noite, há um encontro familiar em que todos estão presentes quando a atividade principal é conversar.

S ao amanhecer envolve-se em um conjunto de TDs e, em função da chegada do bebê de sua filha (V), assume grande parte dos cuidados dessa criança e de sua filha - que apresentou uma série de complicações não diagnosticadas de saúde após o parto -, para isso conta com a ajuda de P e E que também lhe ajuda no preparo do almoço (SA). À tarde está envolvida nas interações travadas na residência. V e seu bebê (I) são focos de intenso cuidado, durante todo o período. Após preparar e servir o jantar, seu dia termina com interações entre os membros da família. Destaca-se, nessa família, a existência de vários momentos em que todos os membros do grupo estão presentes desenvolvendo aparentemente muitas atividades compartilhadas.

A rotina de V é dedicada somente a cuidados básicos com o seu bebê, dentre esses o principal é a alimentação (mamar). Ela e seu bebê, como já pode ter sido percebido, são focos de atenção e intensos cuidados familiares que são executados principalmente por S, P e E, sendo que P, embora estando grávida, é a segunda pessoa em suporte para V e seu bebê.

E e C, os irmãos biológicos mais novos (14 e 12 anos respectivamente), ocupam sua tarde na escola. Sua manhã, entretanto, apresenta rotinas diferentes em termos de ocupação. Enquanto V está principalmente dedicada ao auxílio de sua mãe nas TD e de SA o que lhe deixa pouco tempo livre para brincar, C não assume nenhuma atribuição, tendo todo o seu tempo dedicado a brincadeira e a exploração. Em alguns momentos (dependendo do tipo de brincadeira em questão), C brinca de modo compartilhado com J.

A ida para escola de E e C é sempre em conjunto. Após a escola (16:00), Ver tem mais tempo para brincar, principalmente quando comparado com o seu tempo de manhã. A brincadeira tradicional relatada e registrada nos diários de campo se desenvolve principalmente no fim de tarde, momento em que E, C e J partilham do banho da tarde no rio.

De todos os membros da família M/S, J é o que se mantém mais a parte. Sua rotina basicamente consiste em perambular pela casa, quintal arredores e brincar geralmente com os animais domésticos. Algumas dessas brincadeiras são desenvolvidas em conjunto com E e principalmente com C. O horário do banho da tarde é um momento típico para encontrar os três juntos, porém, dados de diários de campo indicam que existe pouco compartilhamento nesses momentos, e que quando compartilhado, ele apresenta um papel pouco ativo.

Por outro lado, supõe-se que pela aparente diferença de padrão de **gênero** na brincadeira existente entre C e E, faz com que sejam poucos os momentos em que se veja C e E brincando compartilhadamente. Deste modo, a posição destinada a J na família ou no subgrupo de filhos e por outro a diferença de gênero entre C e E, contribuem para o aparecimento de um perfil de brincadeira em paralelo quando os três estão juntos.

Ao fim do dia, todos se recolhem aos seus aposentos, sendo que, provavelmente em função das atuais demandas de V, apenas esta e sua mãe dormem no quarto enquanto o restante do grupo dorme na sala.

- Fim de semana (domingo).

Se durante a semana a rotina da família M/S já apresenta vários momentos de presença em conjunto na casa e compartilhamento de atividades, com a chegada do domingo, esses aspectos parecem mais intensificados. A rotina das atribuições de S, não parece sofrer alteração dos dias de semana para o domingo. Sua dedicação à filha em resguardo e ao restante da família, aparentemente é o mesmo. No entanto, E parece um pouco mais liberada do papel de suporte o que leva a supor uma aparente sobrecarga para S neste dia. Por outro lado, é possível que tal sobrecarga seja compensada pelo o papel complementar assumido por P. Tal como S, V parece não ter alguma alteração significativa em sua rotina no domingo.

De outro modo, no fim de semana M e O não desenvolvem atividade de SE, somente de SA. Todavia, no fim de semana, o grupo M – O se amplia para inclusão de C, tais saídas ocorrem geralmente no período da manhã. A associação de C a M e O pode sugerir a influencia da variável **gênero** enquanto um fator que está na base da formação deste agrupamento.

No fim de semana, há uma maior dispersão dos menores (C, E e J) em um grupo mais amplo formado por crianças da vizinhança, particularmente filhos de outros evangélicos do local. A característica da formação do grupo dos menores apresentada durante a semana parece um pouco mais diluída durante o fim de semana, com uma maior presença de colegas do entorno. Contudo, a derivar das observações de campo, mesmo nesse grupo, J não parece totalmente incluído, entrando e saindo em vários momentos da brincadeira.

Como observado no início deste tópico, os momentos em conjunto e partilhados nessa família, tornam-se mais intensos durante o domingo, já que neste dia os membros da família não tem o hábito de sair. Permanecem todo o período na casa, onde são realizadas atividades religiosas (cultos) comunitárias. Tais cultos tendem a aglutinar outras pessoas do rio da mesma religião (Assembléia de Deus). No entanto podem ocorrer independente da presença de outros membros da comunidade.

Os subsistemas de atividades da Família M/S.

Nas figuras 59 e 60 abaixo estão sintetizados os principais subsistemas de atividades encontrados nesta família respectivamente durante os dias da semana e o domingo.

Pode-se verificar que a família M/S tende a formar subsistemas em torno de **gênero**. Se por um lado, S, V, P e E se organizam em torno das tarefas de subsistência alimentar (preparo), tarefas domésticas e de cuidado físico a V e I, por outro, M e O se voltam para atividades de Subsistência Econômica e Subsistência Alimentar (obtenção).

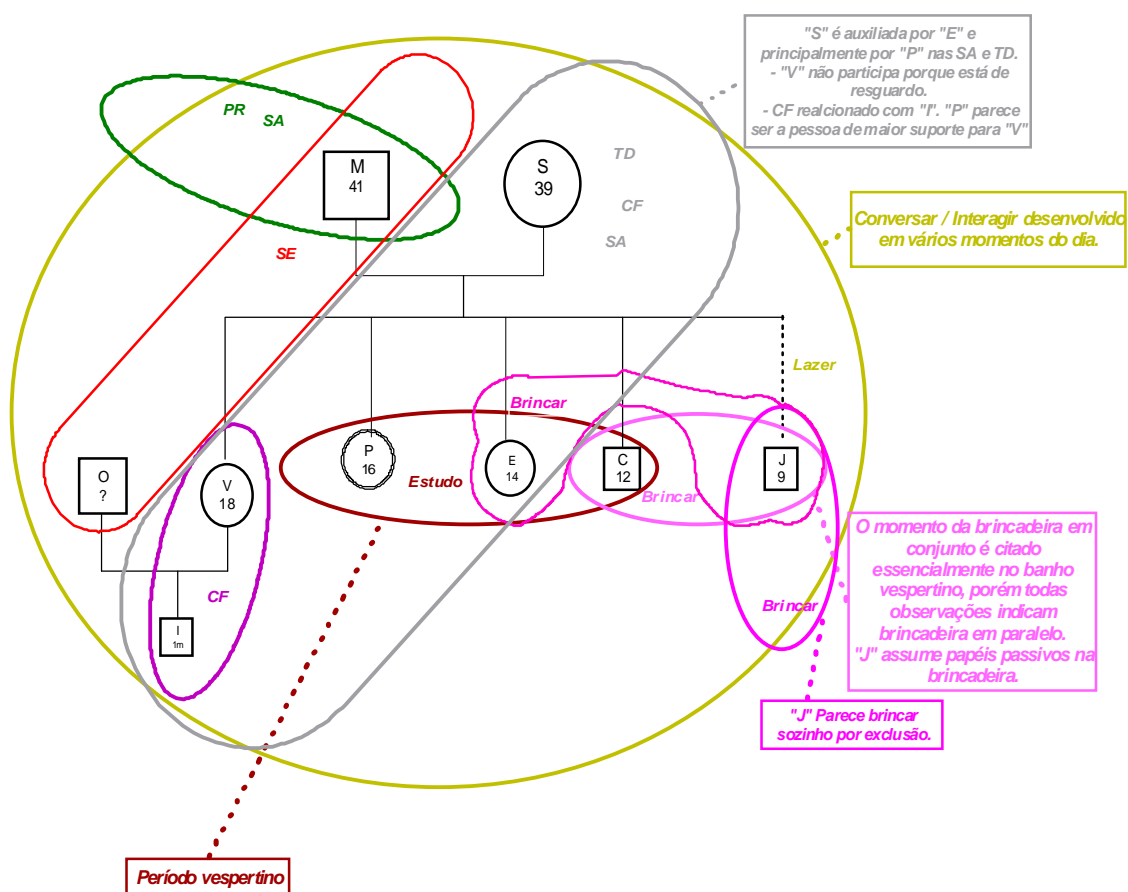


Figura 58: Atividades/tarefas desenvolvidas e subsistemas envolvidos família M/S nos dias de semana.

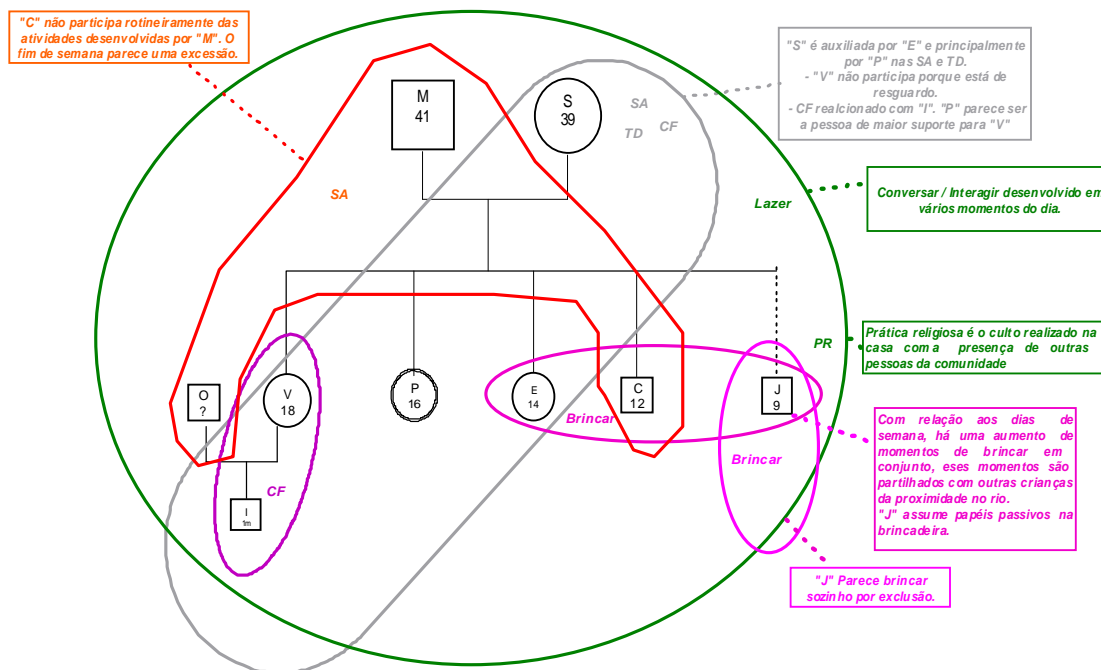


Figura 59: Atividades/tarefas desenvolvidas e subsistemas envolvidos família M/S no fim de semana (domingo).

Esta é uma família, que passa muito tempo na casa, com várias atividades desenvolvidas em conjunto. A ausência de aparelho de televisão indica que muitas dessas interações são face-a-face. É o sistema familiar estudado que apresenta o mais alto grau de interação entre os componentes. O culto religioso, provavelmente fortalece essa unidade sistêmica, à medida que pontua elementos de crenças e valores que os identificam enquanto um sistema e, por conseqüência, os diferenciam do grupo mais geral da comunidade.

Em outro sentido, o grupo de menores (E, C, J) encontra-se totalmente fragmentado em vários subsistemas de atividade de brincadeira, de modo que cada membro forma um subsistema a parte, e quando conveniente E e C revezam-se formando subsistemas com J. Somente quando o grupo é mais amplo, ou seja, outras crianças dos arredores estão presentes, é que ele se apresenta enquanto um subsistema, todavia, mesmo nessas condições J, por exclusão, forma um subsistema a parte.

Especificidades culturais dos subsistemas de rotina encontrados: algumas considerações preliminares.

Com base nos subsistemas de atividades de rotina nas famílias pesquisadas, o que pode ser discutido em termos de especificidades culturais das famílias ribeirinhas? Quais possíveis fatores seriam partilhados entre essas famílias e outros arranjos familiares não ribeirinhos?

Apesar da diversidade de configurações familiares identificadas, com número de membros, arranjos conjugais existentes, momento do ciclo familiar, posses, etc., entende-se que algumas considerações podem ser apresentadas. Começando pela última questão, identifica-se que a família B/M é que apresenta um claro padrão **centrifugo**, a casa é o referencial somente para o desenvolvimento de atividades de asseio, alimentação e repouso. Em um extremo oposto, encontra-se a família M/S que de todas é que apresenta a maior frequência e intensidade de atividades interacionais desenroladas no interior da família, apresentando um padrão mais **centrípeto**.

Por outro lado, a família B/D apresenta um padrão mais **conflituoso**, pois a tendência centrífuga apresentada por D, é negada pelo cônjuge. Uma outra evidência disso é o pouco contado de M no fim de semana.

Na família C/N o padrão é mais difícil de visualizar, a grande quantidade de pessoas e de subsistemas conjugais contribui com a formação de padrões de interação mais dispersos.

Em todas as famílias são encontradas divisões de tarefas claramente demarcadas. Tais padrões parecem ser estabelecidos principalmente em função de características de **gênero, idade e de configuração de parentesco no interior da família**. Neste sentido, aos homens e principalmente aos pais, é destinado o **papel de provedor** assumindo o comando das atividades de subsistência econômica e de obtenção de subsistência alimentar. Às mulheres é destinado um conjunto de **papeis restritos ao contexto do lar: exercer o cuidado físico, as tarefas domésticas e de tratamento e preparo de alimento**. As filhas mais velhas assumem **papel de suporte** nas tarefas domésticas ou assumem o cuidado físico das crianças mais novas e, em alguns casos, integralmente, como é o exemplo de D na família C/N. A

semelhança, os filhos assumem **papel de suporte** principalmente nas tarefas desenvolvidas pelos pais. Contudo comparativamente, o suporte dado pelos filhos não se apresenta na mesma proporção das filhas: estes são mais pontuais nas tarefas desenvolvidas ou em alguns casos são até liberados delas, como é o caso de C na família de M/S. Considerando esse fato, e guardadas as devidas proporções indicadas pelas diferenças de gênero, pode-se dizer que há uma iniciação em **papeis de gênero**, sendo que no caso feminino parece ser mais prematuro e intenso.

Não é atribuída nenhuma tarefa para as crianças pequenas que permanecem o tempo todo brincando. Contudo, à medida que apresentam algum grau de independência, por volta dos 9 anos, algumas tarefas já são introduzidas sendo essas desenvolvidas principalmente na companhia dos irmãos mais velhos.

Tomando a família mais estendida como a que ocorre em três dos casos aqui discutidos, os genros e noras, tendem a se integrar no conjunto de tarefas tradicionalmente desenvolvidas no interior da família. É interessante notar a aparente coincidência encontrada em duas das famílias pesquisadas que apresentam genros que se identificam com alguns aspectos da família nuclear. Esse é o caso da participação dos genros no futebol praticado pelo pai e pelos filhos na família C/N, e pela participação de O nos cultos desenvolvidos na família M/S. Suspeita-se que tal atividade em conjunto possibilite ou reforce a identidade dentro de determinado subsistema, como no caso da atividade de lazer na família C/N, ou nas atividades religiosas no sistema familiar M/S.

Ao cunhado – verificado somente na família B/D -, é atribuído um perfil de participação semelhante ao destinado aos genros e noras, contudo no exemplo aqui encontrado a aliança em torno de tarefas e a imersão no sistema familiar parece não ser assimilada. Sua posição é mais de um enclave de um outro subsistema familiar estranho do que de pertencimento ao subsistema no qual reside. Não se sabe se tal fator é devido ou corroborado pelos conflitos entre B e seu sogro.

No contexto das interações familiares, como encontrado em todos os casos estudados, a casa é o espaço aglutinador. Os encontros costumam

ocorrer primariamente no almoço e jantar e secundariamente no café da manhã e da tarde. A casa se mostra como o referencial nos dois sentidos, quando dela se busca ou quando dela se afasta (como é o caso da família B/M).

À noite, logo após o jantar, uma importante atividade em que a maioria está reunida é assistir televisão. Supõe-se que a TV seja um importante mediador dessas interações, uma vez que permite a discussão de temáticas que descentralizam as interações face-a-face. Das quatro famílias estudadas, duas não possuem televisão: B/D e M/S. Curiosamente, essas são as famílias que mais apresentam interações travadas no interior da família.

Levando em consideração as limitações colocadas para o desenvolvimento de interações extra-familiares, o instrumento de contato com o mundo exterior é fundamentalmente o barco, podendo ele ser a motor ou uma simples canoa a remo. Apesar do barco a remo não restringir totalmente as interações, é evidente que o barco motorizado amplia as potencialidades de contatos sociais, de modo que a distância não se torna um limite e o custo físico envolvido fica sensivelmente diminuído. Por outro lado, a condução de um barco é um poder estritamente masculino. Em todo momento em que essa pesquisa foi desenvolvida, não foi obtido nenhum registro de propriedade ou condução de barcos por mulheres. Das quatro famílias estudadas, duas possuem barco a motor (C/N, B/M) sendo que os homens destas famílias são os que comparativamente mantêm mais relações fora do eixo familiar.

A religiosidade é também um importante delimitador das interações travadas no interior da comunidade. Apesar de ser discutido com mais detalhe no tópico que se segue, vale para finalidade deste item, descrever que a religiosidade é, aparentemente, um importante fator de agregação no interior da família e de cisão do grupo mais geral da comunidade. Como se verá mais detalhadamente no tópico posterior, as famílias evangélicas formam um subsistema mais fechado dentro da comunidade e várias restrições são colocadas pelo pastor local que amplificam as diferenças religiosas. Tal aspecto os diferencia do grupo mais geral e, por outro lado, unifica-os internamente. Esse é particularmente o caso da família Mig/San.

Foi desenvolvido um sistema de valores e crenças na comunidade em que os praticantes de futebol constituem o grupo dos “ímpios” e deles se deve evitar o convívio. Por outro lado, os não praticantes são os fiéis.

Considerando alguns dos aspectos acima relacionados, é curioso identificar o quanto determinados fatores estão sistemicamente acoplados. É neste sentido, que especialmente na família M/S, a maior presença de M e a maior intensidade de interações na casa podem ser entendidas pela conjugação de determinados fatores. O fato de não possuir barco a motor restringe consideravelmente as investidas de M ao seu entorno e o confina mais a casa. A religião, por outro lado, reforça essa tendência por colocar impedimentos de interação com o entorno e, por outro lado, cria um maior grau de **identidade e unidade no sistema familiar**. A ausência de televisão, por sua vez, não disponibiliza pretextos para interações que não sejam face-a-face. Todos esses aspectos por sua vez parecem criar **uma dinâmica que se reforça mutuamente**.

Como se verá posteriormente, o movimento **centrípeto** familiar explicitado pela intensidade de interação familiar, cria paradoxalmente movimentos que vão a sentidos opostos. Se por um lado a unidade familiar é reforçada, ela é ao mesmo tempo sufocante, pois não há grandes possibilidades de interação fora desse meio. Os acontecimentos ocorridos em um intervalo de tempo inferior a um ano - a gravidez das filhas mais velhas (V e P) e a fuga de E (pós-coleta de rotina) para viver em forma de concubinato com outro adolescente local -, na família mais centrípeta de todas (M/S), podem ser fatos reveladores deste sufocamento. Esses aspectos serão discutidos com mais detalhe no item que trata dos padrões e organização das relações conjugais, parentais e familiares (pág. 238).

Redes de relações

A descrição dos subsistemas de atividades desenvolvidas durante a rotina permite a elaboração de algumas suposições sobre a organização interna familiar. Contudo, como alguns subsistemas apontaram, tal organização encontra-se em um fluxo dinâmico de informações e coordenações com outros subsistemas exteriores aos desenvolvidos no interior da família. A compreensão dessa dinâmica de relação dos membros familiares ou dos subsistemas familiares pode ajudar a traçar um panorama mais amplo da própria família, compreendendo e contextualizando seus possíveis modos organizacionais no entorno da comunidade que faz parte.

Ecomapas e Mapas de Rede.

Para possibilitar compreender de modo mais amplo a dinâmica das relações familiares, é necessário recorrer à representação de outros aspectos não contemplados nos diagramas anteriormente apresentados. Tradicionalmente o esquema utilizado para tais representações é o ECOMAPA que é um diagrama que apresenta essencialmente as relações de contato do sistema familiar com outros sistemas. Este desenho descreve as relações dos membros da família com sistemas mais amplos ou exteriores a esta ou aos desenvolvidos na residência (Wright & Leahy, 2000 citado por Olsen, Dudley-Brown & McMullen, 2004).

Com base na teoria geral dos sistemas, em 1975, a assistente social, Dra. Ann Hartman desenvolveu o ecomapa (Calix, 2004). Para sua criadora, o ecomapa permite, por meio de uma representação pictórica, entender a família em seu ambiente/mundo, permitindo visualizar o grupo familiar como um sistema interligado com outros múltiplos sistemas. Esta representação pictórica da família habilita, por sua vez, a identificação da dinâmica principal que opera para aquele sistema/família (Hartman, 1979 citado por Calix, 2004).

Pode-se dizer que o Ecomapa leva em conta o modelo de Bronfenbrenner (1979) principalmente considerando o mesosistema e o exosistema, a medida que organiza o nível meso (inter-relações de dois ou mais entornos que uma

pessoa em desenvolvimento participa ativamente) e descreve os cenários sociais próximos que afetam as experiências dos indivíduos, *exo*.

Junto com descrever a natureza do limite entre a família e o ambiente, o ecomapa revela como os membros familiares estão diferentemente conectados com outros sistemas. Aponta a possibilidade que um ou mais membros parecem ser postos a margem de trocas ambientais; que um ou mais membros parece ser envolvido em conexões estressantes; e até que ponto a família está envolvida em conjunto ou em separado com outras pessoas e sistemas (Hartman & Laird, 1983).

Das variadas formas de representar o ecomapa, optou-se aqui pela que descreve a genealogia dos membros pertencentes à família que moram na residência, cercada com um círculo maior que tem por objetivo demarcar o limite desse sistema com os demais sistemas representados. Esses sistemas aparecem em círculos menores que estão em volta do sistema em foco (família focal - FF). O tamanho dos círculos não pretende demonstrar nenhuma relação precisa entre eles, mas demarcar possível importância conjeturada de um sistema sobre outro. As linhas implicam em relações que podem ser de vínculo ou conflituosa. A de vínculo implica em uma linha reta e a conflituosa em uma linha quebrada e descontínua. A quantidade de linhas e a espessura demarcam a força do vínculo ou conflito, de modo que é possível identificar três intensidades: uma linha fina implicando em uma intensidade fraca; duas linhas finas em uma intensidade média; e, por sua vez, duas linhas grossas em uma intensidade forte.

Não obstante as potencialidades apresentadas pela representação na forma de um Ecomapa, existem limites naturais a qualquer representação, principalmente os referentes a um paradoxo de visualização (possível poluição visual de informações), ou seja, quanto maior o número de elementos que se pretende acrescentar, menos se consegue visualizar. Deste modo, percebe-se que as informações contidas em um Ecomapa apresentam dificuldades de serem dispostas em categorias. É neste sentido que é necessário recorrer a outros recursos de representação, como por exemplo, os Mapas de rede.

Os Mapas de rede foram desenvolvidos baseados na concepção de “rede social pessoal” ou “rede social significativa” desenvolvido por Sluzki (1997). Este constructo parte da proposição básica que as fronteiras do sistema significativo do indivíduo não se limitam à família nuclear ou extensa, mas incluem todo o conjunto de vínculos interpessoais do sujeito, isto é, família, amigos, relações de trabalho, de estudo, de inserção comunitária, e de práticas sociais. “Esse nível de estrutura social se revela crítico para a compreensão mais inteira dos processos de integração psicossocial, de promoção do bem-estar, de desenvolvimento da identidade e de consolidação dos potenciais de mudança” (Sluzki, 1997 - p. 37).

Deste modo, complementando e seguindo a descrição em forma de ecomapa, foi desenvolvido o mapa de rede. Por opção de economia de representação foi feito o mapa somente do subsistema conjugal central das FF. A representação aqui desenvolvida inclui membros do grupo familiar e extra familiar. Os membros individuais estarão marcados com os códigos identificadores dos mesmos, homens estarão representados por quadrados e mulheres por círculos. Quando se referir ao conjunto da família o símbolo utilizado será o triângulo e quando se tratar de um grupo social mais amplo extra familiar, este estará representado por um triângulo, onde constará um símbolo de referência a ser verificado na legenda do diagrama. Os quadrantes demarcam dimensões em que tais relações se decorrem e os círculos concêntricos representam as intensidades hipotetizadas de relação em determinada categoria funcional. Quanto mais próximo ao sujeito mais intensa será. Note-se que o quadrante “relações comunitárias” está dividido ao meio. Esta divisão demarca de um lado relações com instituições e do outro, relações não institucionais.

Para fins de classificação e análise da rede pessoal de sujeito, Sluzki (1997) indica 6 características estruturais, sendo estas: tamanho, densidade, composição (distribuição), dispersão, homogeneidade/heterogeneidade e tipos de funções. Considerando os objetivos aqui delineados neste trabalho, optou-se somente por analisar a rede dos patriarcas em vista dos tipos de funções. Os tipos de funções representam o tipo predominante de intercâmbio interpessoal entre os membros de uma rede. É nesse sentido que se pode

identificar no diagrama, que cada relação é dividida em categorias de função na rede, cada função é distinta por cores. As setas indicam as direções em que tal categoria de relação se efetua. As categorias funcionais aqui tratadas com suas respectivas cores e definições (de acordo como foram elaboradas por Sluzki, 1997 – pág. 48 -57) são as seguintes:

a) companhia social (vermelho): refere-se à realização de atividades conjuntas ou simplesmente o estar junto;

b) ajuda material e de serviços (salmão): referem-se a relações em que predominam uma colaboração específica com base em conhecimentos, ajuda física ou material;

c) regulação e controle social (cinza): São as categorias de interação que lembram e reafirmam responsabilidades e papéis;

d) apoio emocional (azul claro): refere-se a intercâmbios que conotam uma atitude emocional positiva, clima de compreensão, simpatia, empatia, estímulo e apoio; é o poder de contar com a ressonância do outro;

e) acesso a novos contatos (rosa): refere-se a função de abertura de portas para a conexão com pessoas e redes que até então não faziam parte da rede social do indivíduo, esse é um atributo de qualquer relação, mas aparece como um traço importante apenas em algumas pessoas.

f) guia cognitivo e de conselhos (amarelo): refere-se às interações destinadas a compartilhar informações pessoais ou sociais, esclarecer expectativas e proporcionar modelos de papéis.

Tanto o Ecomapa como os Mapas de rede, foram baseados no inventário sócio-demográfico, inventário de rotina e nas notas de campo. Como explicitado no procedimento, todas as classificações dos ecomapas e dos mapas de rede (intensidade, categorias e dimensão/quadrante) se deram com base em discussões e em acordo de no mínimo três das quatro pesquisadoras que participaram da coleta e da análise desse material. Caso não houvesse concordância, foram consultados a orientadora e o coordenador do projeto mais geral em que este estava incluído.

Seguindo a lógica apresentada na secção anterior, inicialmente será feita uma discussão do ecomapa por família e do respectivo mapa de rede do subsistema conjugal central e na seqüência será discutido o que tais aspectos nos revelam em termos de particularidades da comunidade descrita, especialmente considerando o perfil mais geral do ribeirinho amazônico.

A Família B/D

Como pode ser verificado na figura 61 abaixo, as relações com os sistemas exteriores encontrados na família B/D podem ser sintetizadas em quatro subsistemas básicos: os amigos da comunidade, a família da filha de B, o pai de D e a comunidade do Paruru em suas diversas facetas.

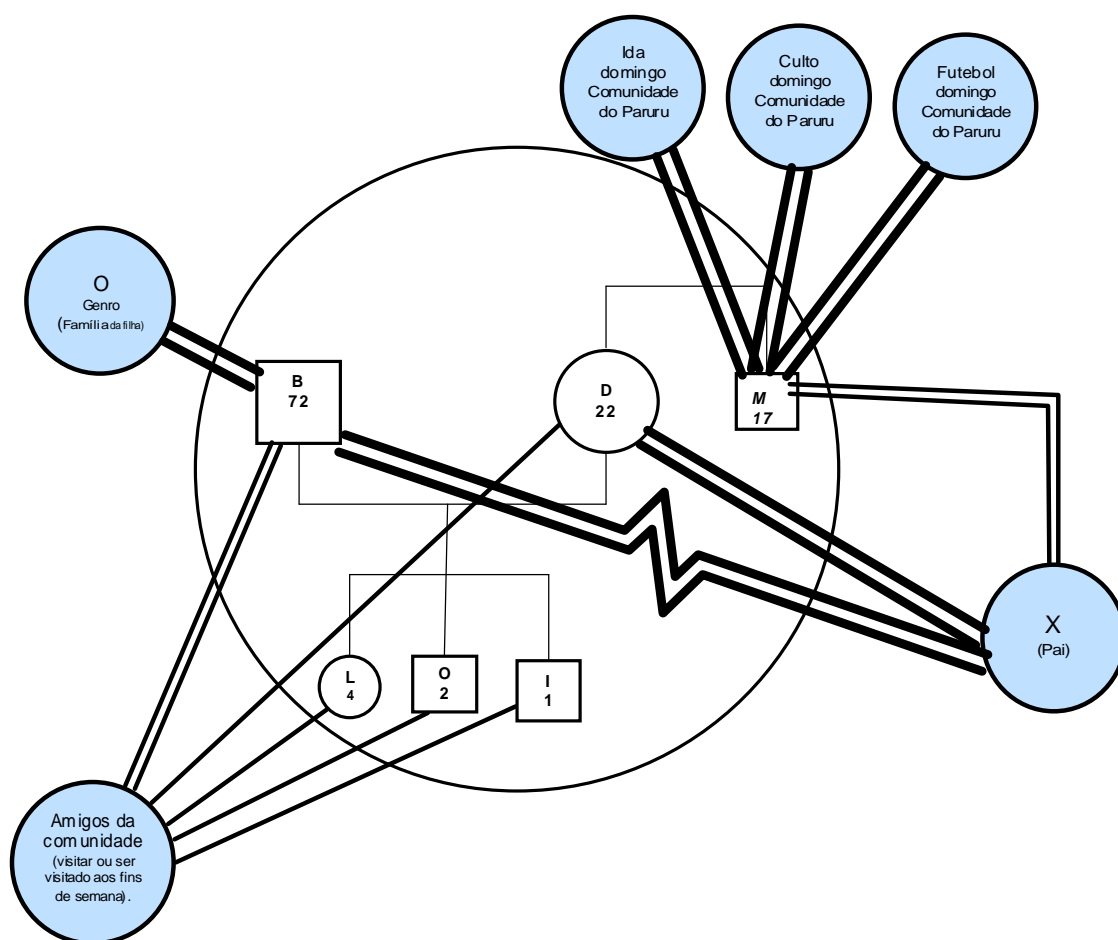


Figura 560: Ecomapa da família B/D.

Apesar de um tanto isolado da comunidade, B é um dos mais antigos moradores, o que lhe confere uma aparente ampla rede de relações na

comunidade. Algumas dessas relações se expandem para D, mas aparentemente não na mesma intensidade encontrada com B, principalmente quando considerada a frequência de relações relatadas pelos dois e o seu respectivo entusiasmo no relato. Deste modo, apesar da ligação declarada com D no diagrama, acredita-se que suas relações com pessoas na comunidade sejam sensivelmente mais fracas do que as apresentadas por B.

As relações exteriores à família desenvolvidas pelos filhos dependem ou estão essencialmente associadas às de B e D com os amigos da comunidade. De fato, considerando a idade das crianças, é natural que se espere tal dependência. Contudo o que estranha aqui é que esteja totalmente dependente somente das relações desenvolvidas pelos pais - principalmente considerando, como acima foi observado, que a principal pessoa determinante nesse caso é o pai. M não exerce nenhuma função de intercâmbio social, tal aspecto revela em parte a posição exercida por M no Ecomapa.

De fato, os vínculos externos de M no Ecomapa não são congruentes com os de B. Como tais laços externos são principalmente mantidos no domingo, e neste dia M exila-se da família mantendo relações com uma outra comunidade, tudo leva a indicar que B e M encontram-se conectados a sistemas quase que incompatíveis, o que pode desvendar outros tipos de incompatibilidades.

Realmente a maior incompatibilidade está na escolha do principal subsistema vinculatorio de D que constitui fonte de conflitos para B, ou seja, X, pai de D.

No geral pode-se sintetizar que o ecomapa da família B/D tende para as relações em que B é o principal protagonista. A única relação desenvolvida por D de modo independente tem que ser feita em separado. Assim tudo leva a crer que os componentes da família B/D estão em alguns casos conectados de modo incongruente com outros subsistemas, e supõe-se que esse fato favorece o surgimento de tensão e estress para o sistema familiar.

Quando se avalia o mapa de rede de B, como pode ser verificado na figura 62 abaixo, vários fatores podem ser identificados. Inicialmente percebe-se uma diferença de funções na rede no interior da família. Para B as setas que

exclusivamente partem são em direção da família, ele é guia de conselhos para D e para o restante do grupo e, para família como um todo, exerce a função de regulação e controle social. Deste modo, verifica-se que B é uma figura de poder no interior da família.

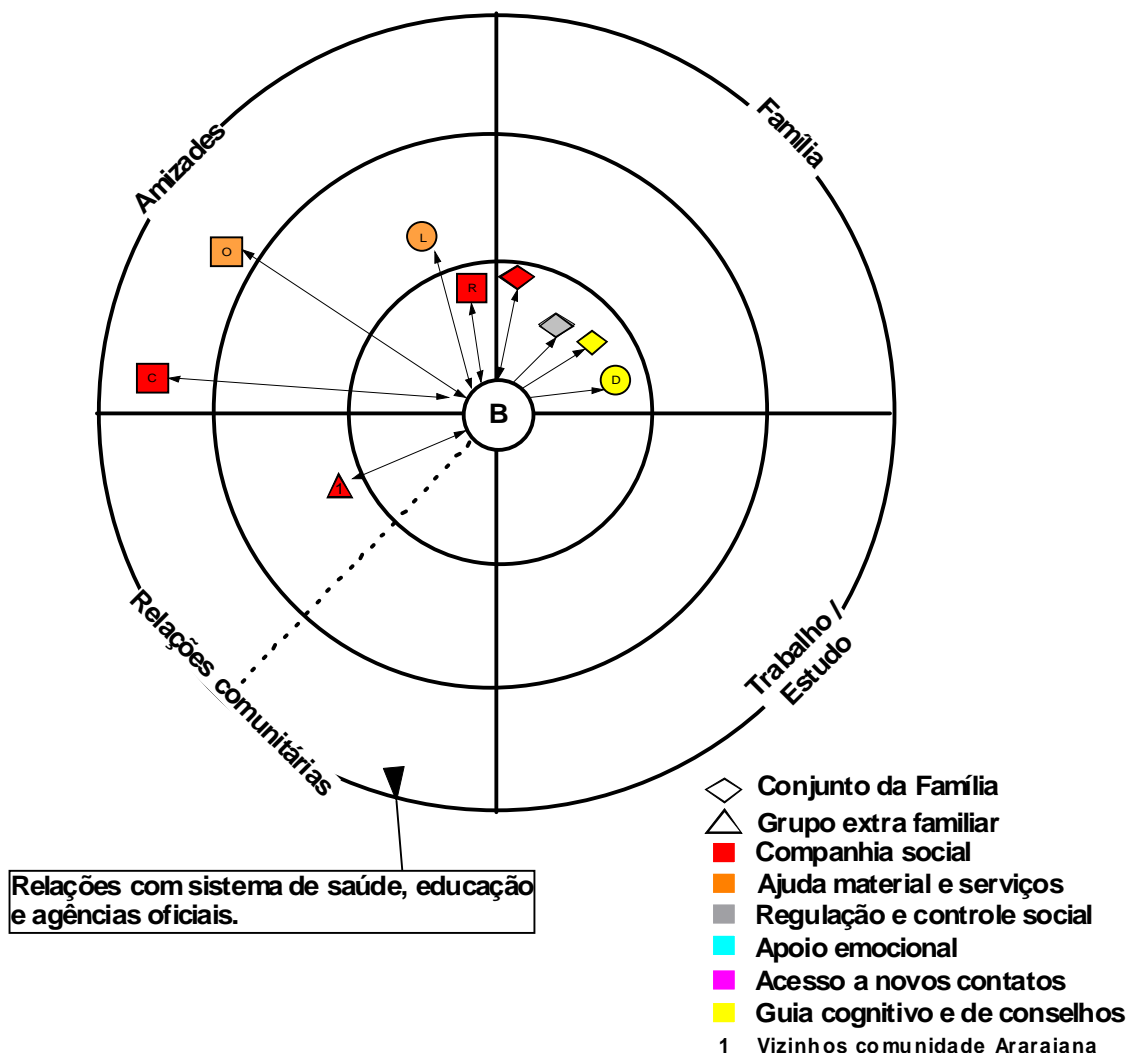


Figura 571: Mapa de rede de B.

Em outro sentido, pelo que é possível inferir a partir do mapa de rede, esse poder de B não é partilhado com D (ver abaixo figura 63). De sua parte somente existe seta de única via em direção a sua família de origem, prestando ela ajuda material e de serviços em troca de recompensa com suporte emocional. Suas relações de amizade são pobremente desenvolvidas na comunidade e restringem-se a filha de B e seu companheiro.

Desse modo, pode-se dizer que D situa-se totalmente ilhada dentro do contexto de sua vizinhança. Exceto os contatos com sua família de origem, poder-se-ia dizer que, em termos comunicacionais, D fica a mercê dos contatos estabelecidos pelo marido.

A Família B/M

No Ecomapa da família B/M não existe um único sistema convergente, e o que fica próximo disto, é a família de seu irmão que fica na vizinhança (ver figura 64 abaixo), contudo, mesmo com esse sistema, M mantém relações distantes.

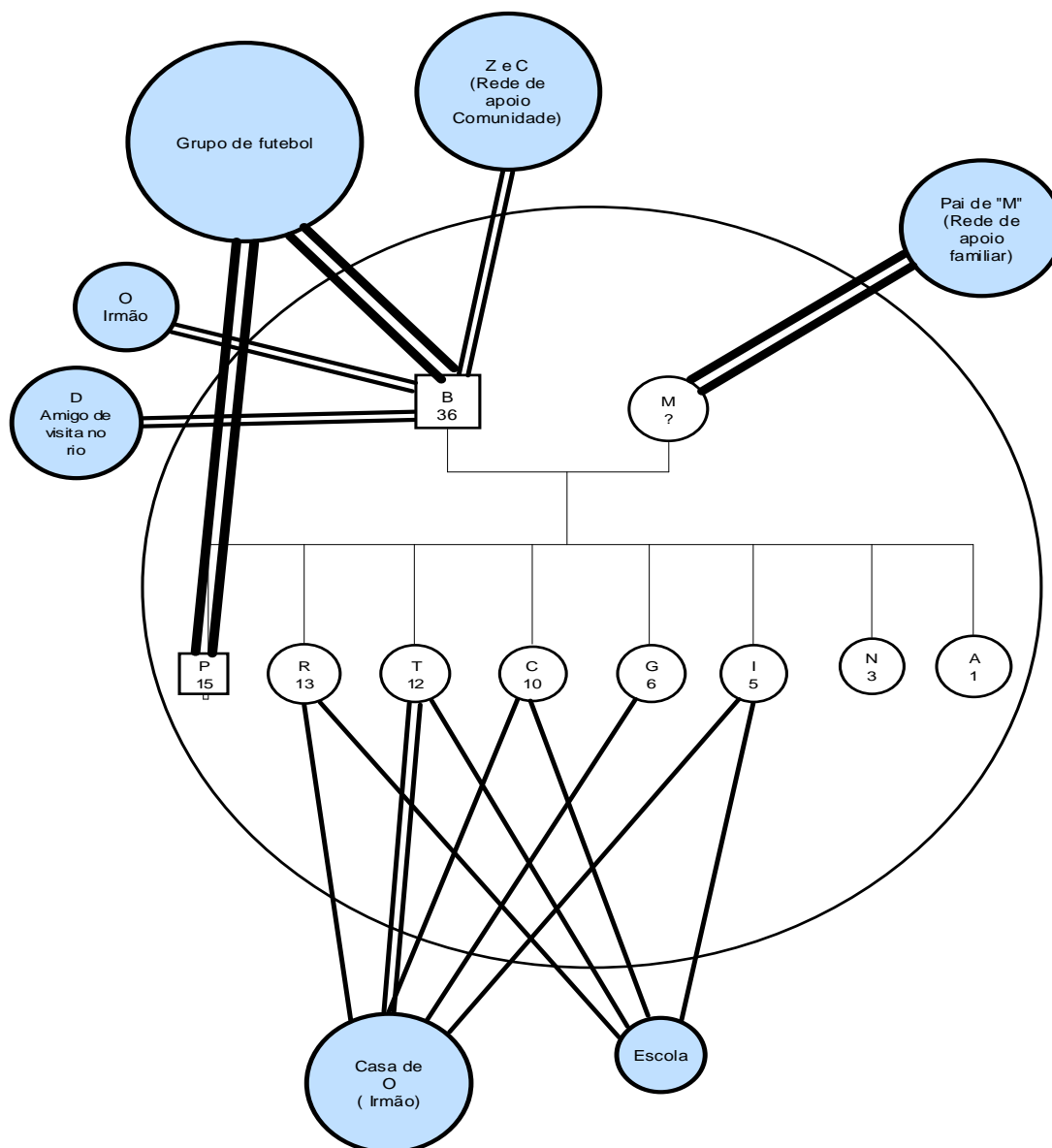


Figura 593: Ecomapa da família B/M.

Particularmente, percebe-se que M não mantém nenhuma relação com nenhum subsistema na comunidade do Araraiana. Sabe-se que ela evita ativamente contato, procurando não sair de sua residência.

M representa o protótipo do isolamento. Suas relações de maior proximidade se dão com seu pai que mora na sede do município do qual a comunidade do Araraiana faz parte, Ponta de Pedras, situado aproximadamente a três horas de viagem de barco. Porém como M dificilmente se desloca para lá, os contatos são muito pouco freqüentes, ocorrendo no máximo duas vezes no ano.

Em um sentido totalmente oposto, B mantém vínculos com vários subsistemas, sendo em menor escala amigos no Rio, como por exemplo, N, C, D e seu irmão G, e em maior escala, com o subsistema mais geral que é o grupo de futebol, sendo ele um dos seus mais ativos integrantes. Ressalte-se que N e C são citados como pessoas que servem de apoio no interior da comunidade. São relações que são partilhadas ou têm sua origem no grupo de futebol.

P, filho mais velho de B e M, partilha com o pai o grupo de futebol, mas não apresenta relações de proximidade com outras pessoas (crianças ou adolescentes no rio). Na escola caracteriza-se como uma pessoa bastante isolada. Por outro lado suas irmãs mantêm mais proximidade com a casa de G. Diz-se casa de G, pois, a exceção de T, não foi identificado uma relação mais estreita entre as meninas com G ou com sua esposa. De fato, a relação de maior proximidade existente entre T e a esposa de G, deve-se ao fato da ajuda de T nas tarefas domésticas. Contudo, como já observado no diagrama de subsistemas de rotina, é curioso verificar a alta freqüência que as irmãs estão presentes na casa de G. Acredita-se que a casa de G é tomada de referência para local de brincadeira entre elas. Afora essas relações com subsistemas externos os irmãos que estudam mantêm relações na escola. Salienta-se que na escola todas se sentam uma ao lado da outra, demarcando no espaço escolar o sistema familiar do qual fazem parte.

O Mapa de rede de M (figura 65) quando comparado com o de B (figura 66) reflete a diferença na diversidade de redes de relacionamento. Esta é a

maior diferença encontrada entre o casal. A rede de M é restrita aos membros da família seja ela de origem ou atual, seu pai foi colocado fora da área de rede, pois mora bem distante da comunidade e seus contatos são pouco freqüentes. Os tipos de relações desenvolvidas são basicamente ajuda material e serviços e de companhia social.

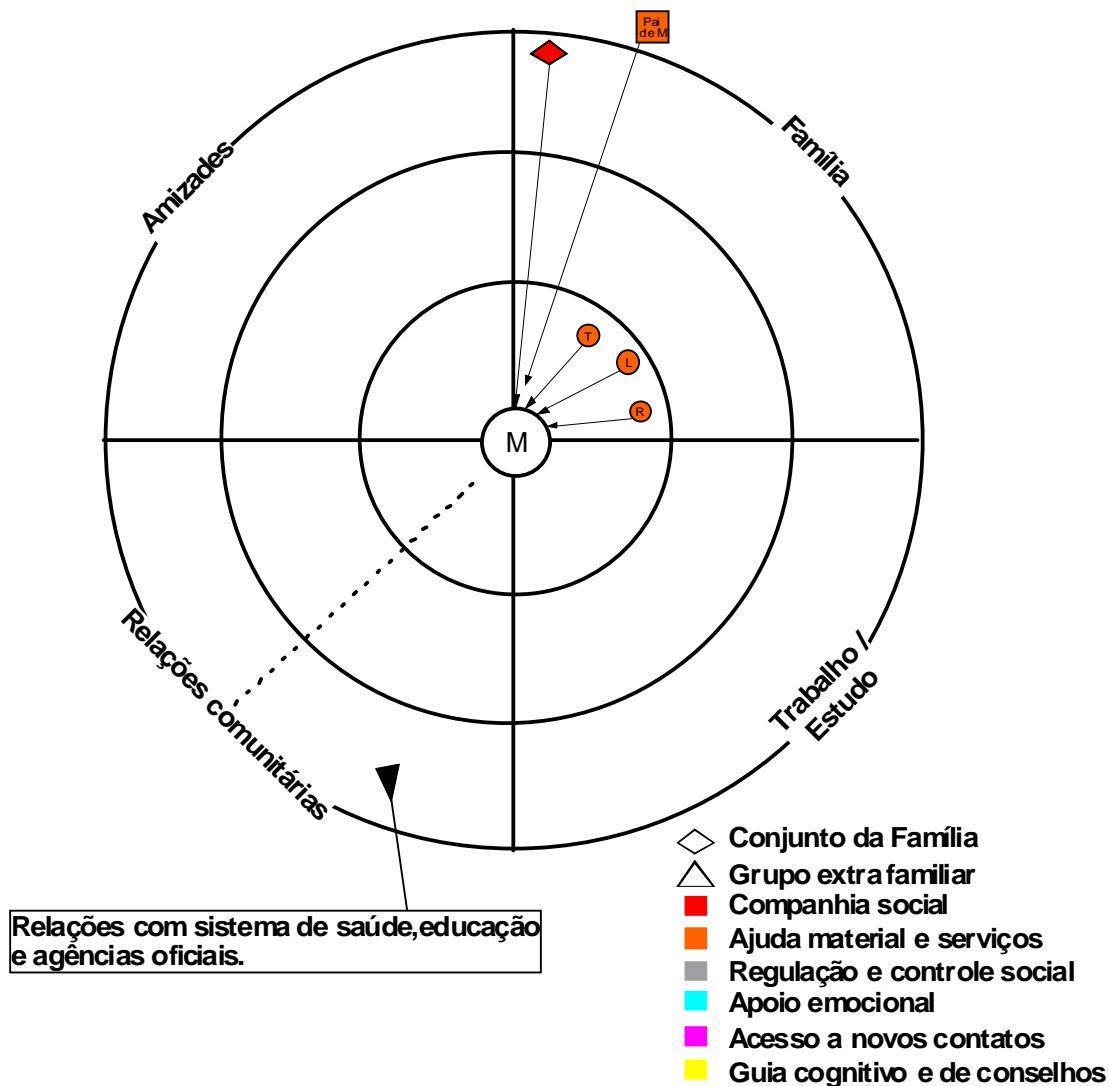


Figura 64: Mapa de rede de M.

Em outro sentido, B apresenta uma diversidade de relações na rede. Apresenta relações com função de ajuda material e de serviços, companhia social e um grupo amplo que tem função de acesso a novos contatos (grupo de futebol). M e o restante da família como um todo, tem de algum modo o efeito de regulação e controle social. Essa suposição é fruto das verbalizações de B nas situações estruturadas ao afirmar que a família é o fator que lhe mantém junto com M, indicando neste caso no mapa de rede que a família e

especialmente sua esposa exerce função de controle social. Mais detalhes sobre essa questão pode ser verificado na página 197.

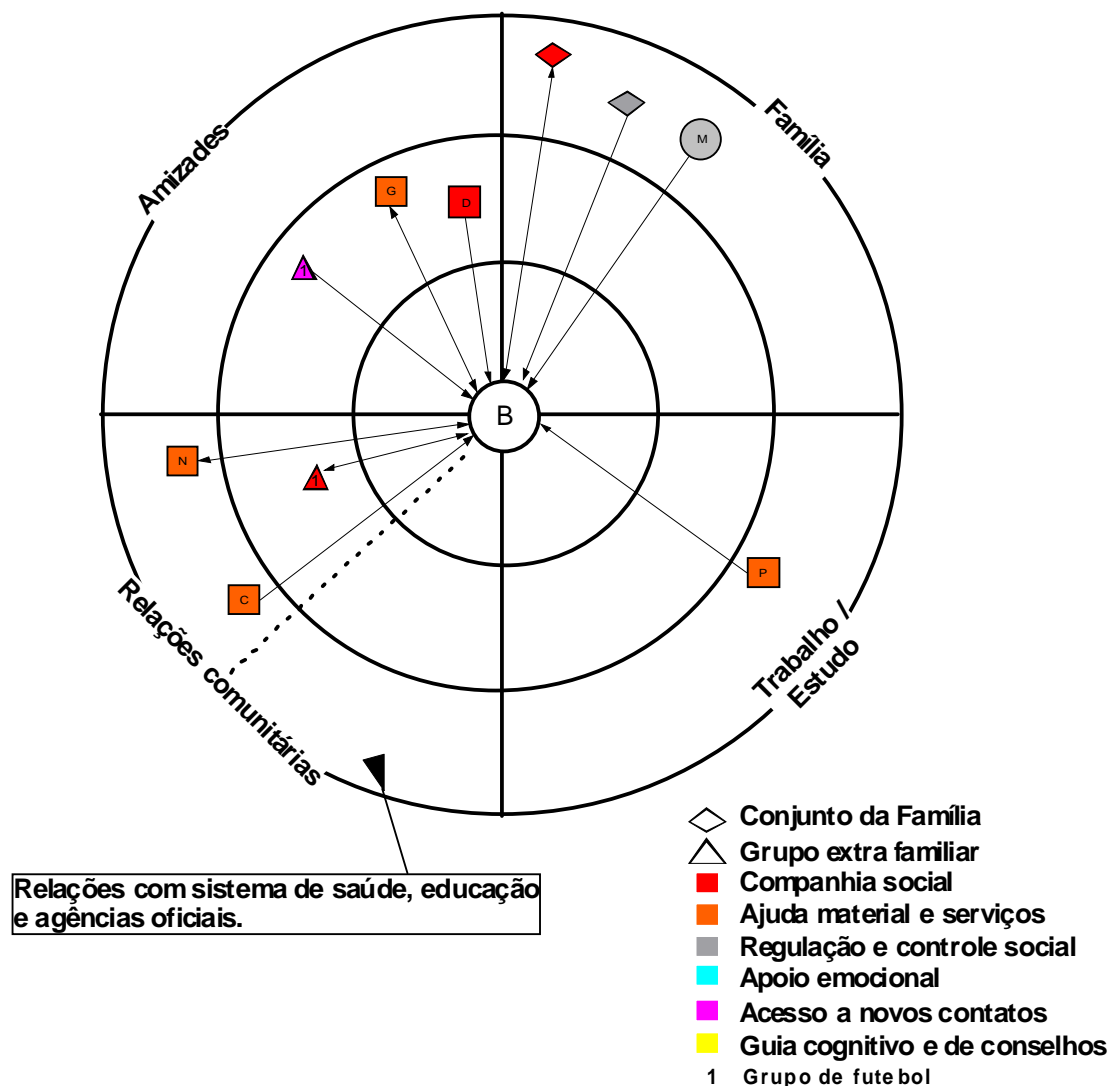


Figura 605: Mapa de rede de B.

A Família C/N

A família C/N apesar de ser uma família com característica multigeracional é entre as estudadas a que apresenta menor número de sistemas em seu entorno. Como pode ser visualizado na figura 67 abaixo, pode-se dizer que este grupo mantém relações somente com três subsistemas fundamentais, isto é, o grupo de futebol, as amigas de C, e a sogra de G. É curioso perceber que, à exceção da sogra de G, todos os sistemas externos no qual a família

C/N mantém relações são quase que uma extensão das relações desenvolvidas por C.

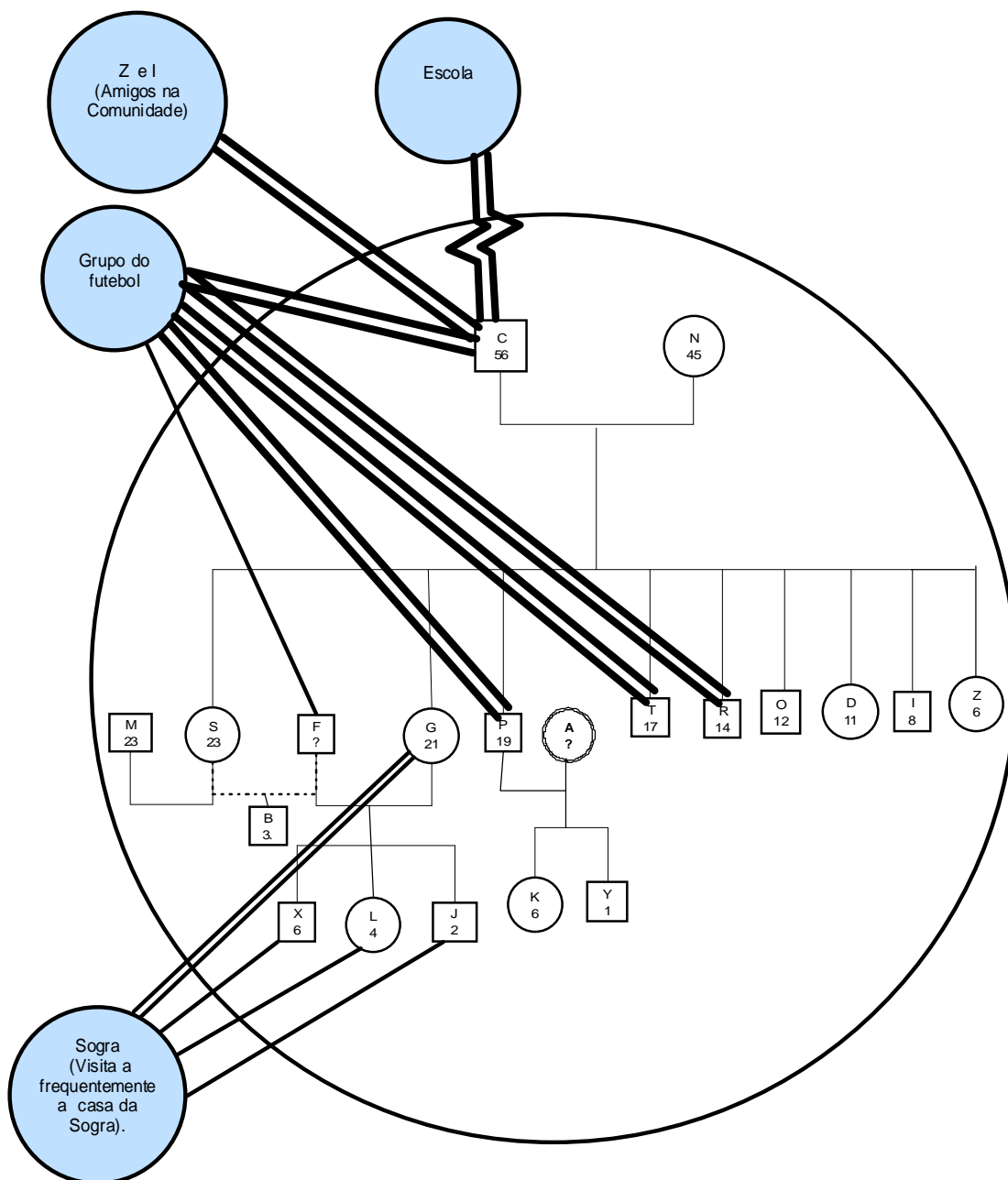


Figura 616: Ecomapa da família C/N.

Deste modo, percebe-se a semelhança estrutural da família C/N com o sistema B/D descrito acima no que diz respeito ao poder centralizador e dependente do eco-sistema relacional disposto à família da rede de relações desenvolvida pelo pai. O que é curioso de verificar nesta organização é que ela ocorre mesmo em uma família com característica multigeracional onde os filhos

casados, os genros, recém agrupados ao subsistema familiar, aparentemente não chegam a modificar a estrutura tradicionalmente desenvolvida no interior da família original. Não há nenhum indicador de novas relações no entorno, grande parte das atividades desenvolvidas pelos membros recém ingressos, ocorrem no interior da própria família. Este fato sugere que as alterações desenvolvidas no **ciclo vital** desta família multigeracional, não chegam a modificar a “inércia” de relações desse subsistema com a comunidade.

Um fato que provavelmente possa contribuir para essa “inércia” é a partilha do subsistema “grupo de futebol” por cinco dos seis homens da família, Considerando a dinâmica que esse grupo possa apresentar, é possível que este tenha o papel de abastecer parte dos membros com novas relações não contidas na família. Por outro lado, ressalta-se que nenhum dos membros dessa família mantém vínculos com a escola, principalmente em função dos conflitos de C com esta instituição.

Como observado, a exceção marcante a esse esquema são as visitas periódicas que G estabelece com sua sogra. Vale dizer que dos membros não natos na família original, somente F, esposo de G, apresenta parentesco no local.

Um último aspecto a ser observado é que N não mantém nenhuma relação ativa com outros subsistemas na comunidade. Sua clausura só é rompida quando vizinhos freqüentam a sua casa.

No referente ao mapa de rede de C (ver figura 68) percebe-se que este estabelece uma relação de regulação social e controle com o conjunto de membros de sua família. Suas maiores proximidades dentro do sistema situam-se em torno de D (sua filha), I e X (seus netos); contudo, D tende a assumir mais uma função de suporte, provavelmente tanto para I e X como para Cr. No geral sua função e do restante de sua família é reciprocamente de companhia social.

C partilha fortes vínculos com Z. Esse vínculo tem o caráter de apoio emocional e de guia cognitivo e de conselhos. Neste último caso também enquanto parte das relações comunitárias, pois Z e C são pessoas ativas nas

poucas mobilizações comunitárias. O grupo de futebol e o capataz da fazenda próxima têm função de acesso a novos contatos.

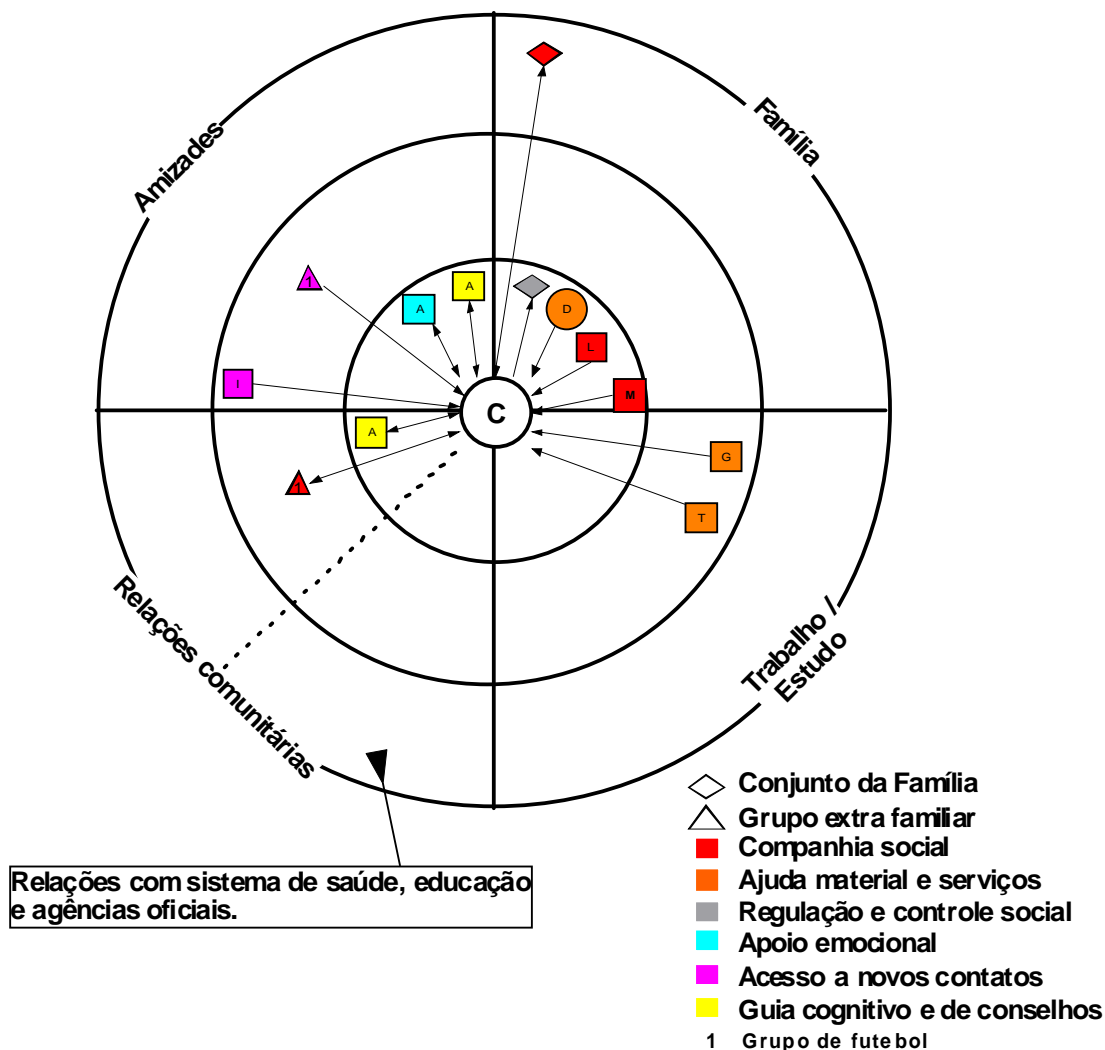


Figura 627: Mapa de rede de C.

Em termos de trabalho, seus filhos T e R são os que apresentam maior proximidade em termos de suporte no desenvolvimento de tarefas de caráter de subsistência econômica.

De modo bastante diverso de C, como já observado, pode-se dizer que N (ver figura 69) tem suas redes relacionais restritas ao contexto da casa. Como sua casa é a última do rio, poucas visitas são feitas. Desse modo, suas relações tendem a se limitar aos membros da família. De modo mais próximo estão principalmente as pessoas que lhe são suporte na execução de suas tarefas domésticas, ou seja, suas filhas S, G e D e sua nora A. A julgar pela

intensidade de contato, dentre estas, a maior proximidade nessa dimensão ocorre com D.

Seu esposo exerce um profundo controle social e ao mesmo tempo é guia de conselhos referentes principalmente às discussões travadas na casa. Sua relação desenvolvida com o conjunto da família é principalmente a de companhia social principalmente de modo unidirecional.

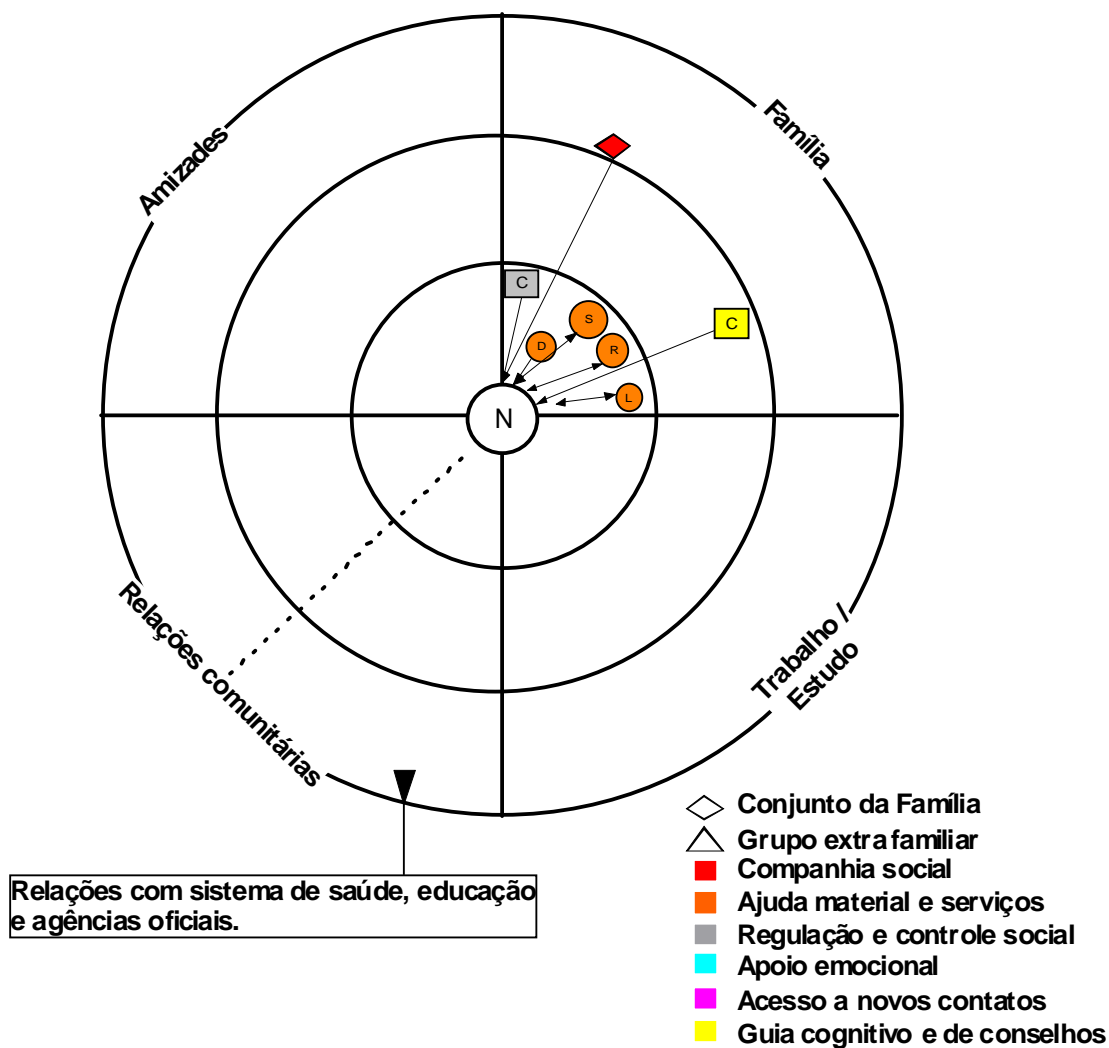


Figura 638: Mapa de rede de N.

A Família M/S

O Ecomapa da Família M/S demonstra uma rede desenvolvida principalmente em função de aspectos religiosos (ver figura 70 abaixo). Os principais subsistemas com os quais mantêm relações são relativos à igreja que fazem parte. Até mesmo a mãe de S não foge a essa restrição, ela também pertence a mesma igreja e também realiza cultos em sua casa. A

única exceção se dá na relação com a escola e esta é estritamente desenvolvida pelos que estudam (P, V e C).

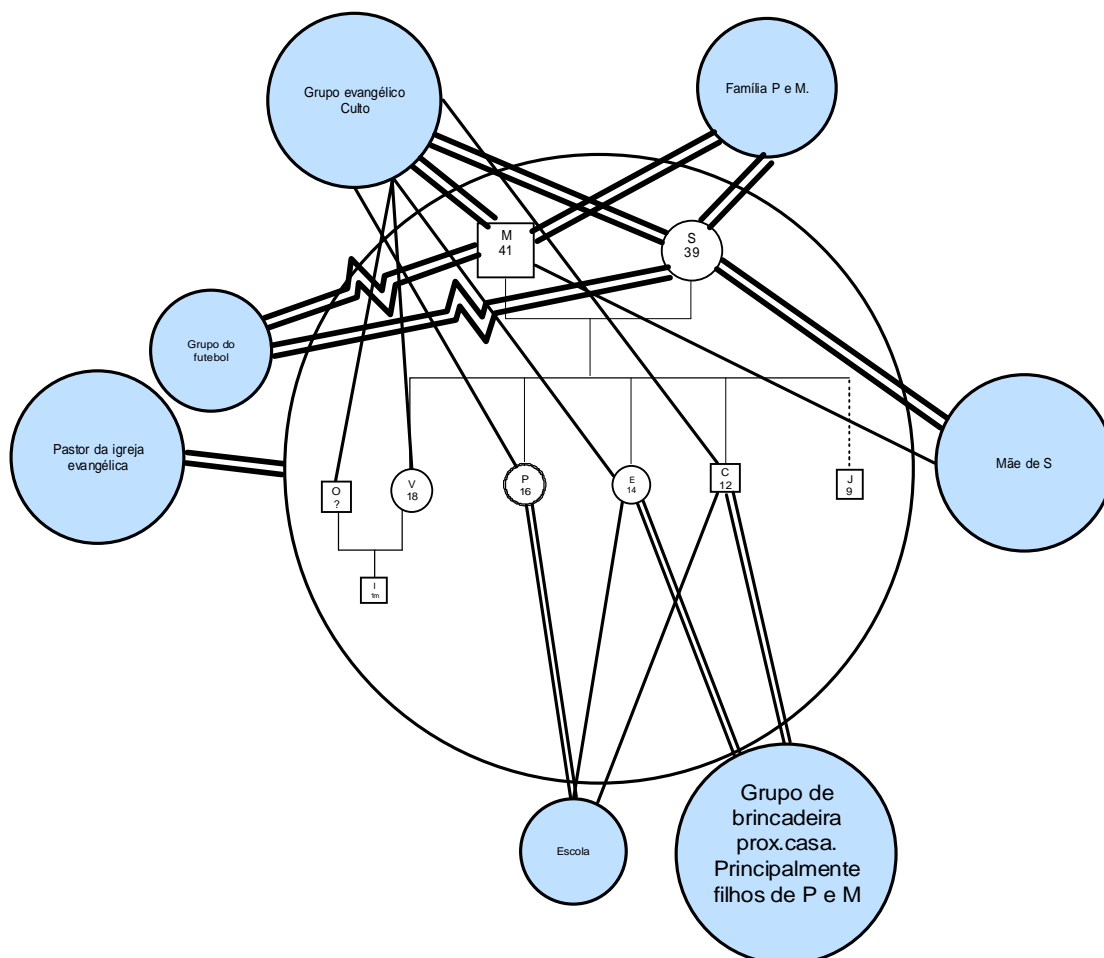


Figura 69: Ecomapa da família M/S.

Intrigantemente verifica-se que a opção religiosa define **fronteiras** com outros subsistemas e possivelmente com outros membros da comunidade, esse é explicitamente o caso do grupo de futebol com a qual M e S estabelecem relação conflituosas. É possível que esta postura se deva ao fato da crença que foi difundida entre os evangélicos através do pastor local de que “o povo de Deus” não deve jogar futebol, pois “as coisas do mal” rondam esse grupo que é constituído pelos “ímpios” e os “fies” não devem com eles se misturar.

Sem discutir os possíveis motivos de tal crença ou do interesse em propagá-la, sabe-se que ela cria uma verdadeira cisão na comunidade, colocando-se de um lado os que participam do amplo grupo de futebol e do

outro os evangélicos. Como conseqüência, tal cisão se estende também para os evangélicos versus cristãos.

É curioso que essa crença não seja com respeito ao futebol em si, pois vários evangélicos torcem por times, principalmente o Paysandu, mas a ação, isto é, ao ato de jogar futebol, mesmo que seja com o grupo da comunidade. Acredita-se que essa crença seja algo específico e gerado no rio Araraiana. Além do mais, o pastor da igreja está colocado como subsistema a parte, pois sua influencia parece extrapolar as questões religiosas.

No que se refere aos filhos, percebe-se que suas relações estão restritas às desenvolvidas na escola ou com os filhos das famílias com quem M e S mantêm relações que, como já foi observado, são também evangélicas. Pode-se verificar que J não encontra nenhum tipo de relação com nenhum subsistema partilhado pela família.

Em relação ao mapa de rede de M e de S, percebe-se que, a rede de relação é muito semelhante (ver abaixo figura 71 e 72). A diferença encontrada parece ser principalmente resultado das tarefas desenvolvidas pelos mesmos. É neste sentido que M apresenta uma relação de suporte, de ajuda material e de serviços no mundo do trabalho (Subsistência econômica e alimentar) com Oj, seu genro. De outro modo, S apresenta relações do mesmo nível no desenvolvimento das tarefas domésticas e de subsistência alimentar com suas filhas.

No que se refere às relações de companhia social, guia cognitivo e apoio emocional no interior da família, M e S são muito semelhantes, podendo-se dizer que há um alto grau de reciprocidade entre os mesmos no domínio das relações no âmbito da família.

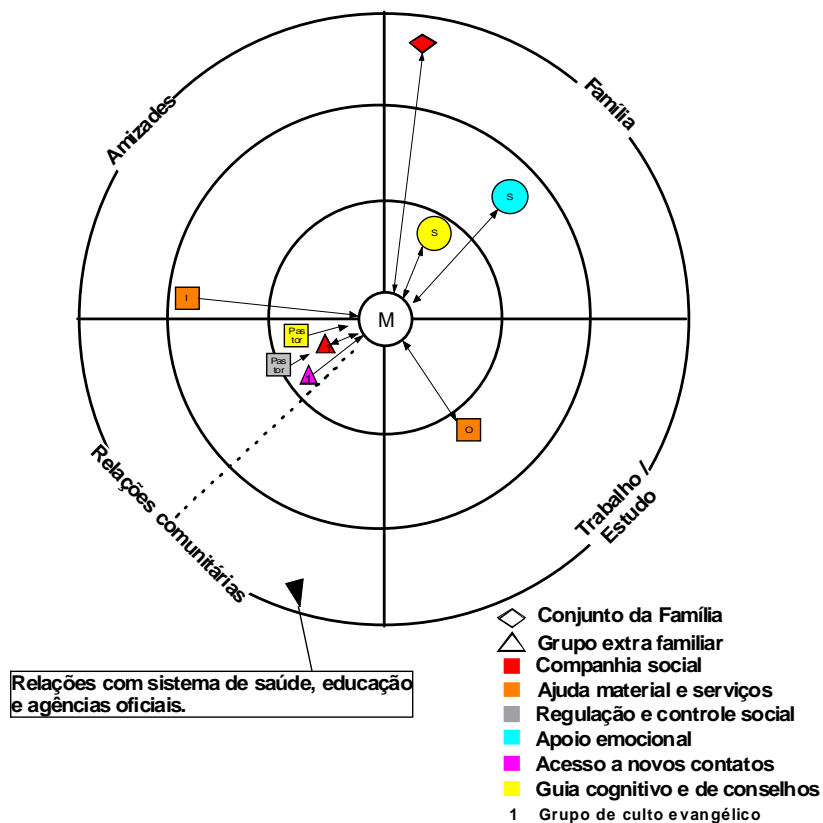


Figura 640: Mapa de rede de M.

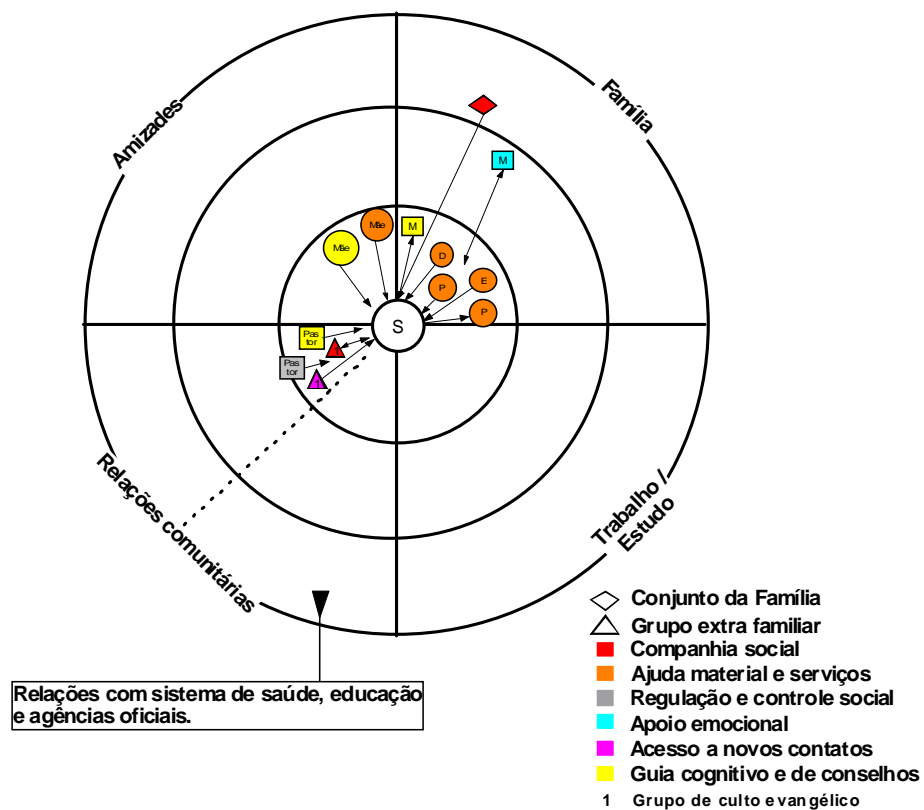


Figura 651: Mapa de rede de S.

Em termos das relações de amizade M conta com o apoio de ajuda material do capataz de uma fazenda próxima. Pode-se dizer que esse apoio se estende á família como um todo, considerando que ele é essencialmente de ajuda material. Ressalte-se que este capataz também é membro da mesma igreja que M e S participam. Como uma contraparte do capataz para M, indentifica-se a mãe de S para a mesma, esta que também é sua vizinha, e a auxilia principalmente em serviços (por exemplo: no suporte de experiência para cuidar de sua filha pós-parto), tendo contudo, uma função adicional de guia cognitivo de conselhos.

Em termos de relações comunitárias elas estão semelhantes para M e para S, assumindo o grupo evangélico da comunidade funções de companhia social e de acesso a novos contatos. O pastor por sua vez, assume funções de regulação e controle social e guia cognitivo e de conselhos.

Especificidades culturais dos Ecomapas e Mapas de rede encontrados: algumas considerações preliminares.

Observando em conjunto os ecomapas e os mapas de rede das famílias focais deste estudo pode-se encontrar algumas similaridades que nos permite especular sobre aspectos partilhados, ou melhor, perfis característicos do modo de vida da comunidade estudada, particularmente ao modo de ser ribeirinho.

Em primeiro lugar verifica-se dois aspectos característico do papel do pai na família e, conseqüentemente, de gênero. Grande parte das relações com outros sistemas familiares são dependentes da rede de relações do pai que, por sua vez, é mais diversificada do que a da mãe. Das famílias estudadas somente uma (M/S) não corresponde a este padrão sendo que nas restantes este é mantido irrestritamente.

Para compreender este aspecto temos que nos recorrer à forma como os subsistemas de tarefas intra-familiar estão organizados. Percebe-se que o modo como as tarefas encontram-se distribuídas no interior da família, resulta em um padrão de referencia espacial homem-comunidade e mulher-casa. O homem é o que mantém relações, sai mais de casa, faz as compras, sai para pescar, caçar. A mulher, por outro lado, é quem fica na casa ou no seu pequeno entorno, seu mundo é mais circunscrito ao das interações familiares. Além destas, poucas relações são desenvolvidas cotidianamente, quando muito com seus parentes mais diretos.

Apesar do desenvolvimento das tarefas ser um forte argumento para este tipo de padrão espacial, acredita-se que o ficar em casa não é apenas uma conseqüência das tarefas a serem desenvolvidas, mas sim o resultado de um possível arranjo sistêmico de reclusão. Inclui-se neste, resignação e subjugação. Esse é particularmente o caso de M, esposa de B, que assumiu a postura ativa de esquiva de contato social. No caso de D verifica-se uma grande pressão para evitação de contato por parte de B, principalmente porque esses contatos são com sua família de origem. Já N, em função da extensão da rede interna, sempre tem algum tipo de contato que possa suprir alguma

possível necessidade de relação com um subsistema externo ao da sua família.

Como foi observado acima, a única família que foge ao padrão acima especificado é a M/S. Contudo, a fuga desse padrão não se deve necessariamente ao fato de S estar mais voltada para o mundo que os seus pares, mas talvez a uma menor expansão de mundo de M e uma reclusão do conjunto da família como um todo. Percebe-se que os sistemas que a família M/S mantém contato estão dependentes de suas crenças religiosas, restringindo a amplitude de contatos e relações no rio.

É possível que esse fator esteja sistemicamente conectado com o fato de M não possuir um barco que possibilite longas viagens. Sua pesca se dá no entorno e raramente faz viagens para outros locais, pois sua pequena canoa só agüenta pequenos deslocamentos no próprio rio.

Vale salientar neste momento o papel e poder assumido pelo barco enquanto objeto de acesso a novos contatos, ou seja, a outros subsistemas. Reforçando a questão acima mencionada, destaca-se que é o homem que detém o barco. Durante todo o período em que essa pesquisa foi desenvolvida não foi observado nenhuma ocorrência de mulheres pilotando barcos a motor.

Os homens são por outro lado, na maioria dos casos fonte de regulação e controle social, tanto da família como de suas esposas. Dois aspectos curiosos são verificados nesse caso: primeiro, o fato de somente uma das mulheres assumir esse papel, sem ser de modo coercivo. O controle que M exerce sobre B representa para este as suas responsabilidades com o sistema familiar. Um outro aspecto interessante é que aparentemente M não exerce essa função, sendo mais um companheiro com função de guia cognitivo e de conselhos.

Alguns subgrupos dentro da comunidade são estigmatizados por crenças que fazem verdadeiras cisões fronteiriças entre subsistemas presentes na comunidade, de modo que a participação em um grupo naturalmente o coloca em oposição em outro. Particularmente, esse é o caso dos evangélicos versus os freqüentadores do futebol.

No geral, o aspecto que mais pode ser salientado dos ecomapas e dos mapas de relação das famílias estudadas é que o confinamento ambientalmente imposto ao ribeirinho parece ser sistemicamente repetido nas relações comunitárias e familiares, particularmente pelas mulheres.

Padrões e organização das relações maritais, parentais e familiar

Considerações Iniciais

O propósito de desenvolver um estudo cujo objetivo, entre outros, é descrever as relações familiares e associá-las com o modo específico de se viver de uma comunidade não é, em termos metodológicos, uma tarefa fácil. Na verdade, na literatura pode-se encontrar inúmeros instrumentos de avaliação e diagnóstico do funcionamento das relações familiares desenvolvidos para principalmente a classe média urbana, estes, sem adaptação, não constituem recursos adequados ao contexto ribeirinho.

Só existem duas formas de obter informação sobre as dinâmicas familiares, isto é, observando as relações entre os seus elementos e fazendo perguntas que tenham a ver com essas relações. Bogdan e Biklen (1994) aconselham fazer as duas coisas. De fato, a família é uma rede complexa de relações e emoções que não são passíveis de serem pensadas com os instrumentos criados para o estudo de indivíduos isolados (Gameiro, 1992).

Sob a inspiração de Bogdan e Biklen (1994) os dados que serão apresentados nesta seção foram obtidos através de observações naturalísticas e observações estruturadas. As primeiras foram realizadas desde os primeiros contatos com a comunidade até as últimas visitas que geraram notas de campo que associadas às observações desenvolvidas durante as situações estruturadas possibilitaram construir uma imagem de como são, isto é, como funcionam as famílias no seu interior.

Considerando o modo como foram conduzidas, as situações estruturadas podem ser organizadas em duas categorias: situações essencialmente observacionais em que o observador estabelece uma tarefa e se mantém em uma condição não participante durante a realização da mesma; e situações de entrevista com observação, onde o observador participava ativamente do diálogo em questão. No primeiro caso, houve apenas a situação do miriti em que o grupo era solicitado que confeccionasse um objeto com o miriti. O

segundo caso era constituído por quatro situações que já foram descritas no capítulo da metodologia, sendo a primeira composta por três problemas que tinham objetivos diferentes, mas que se complementavam mutuamente. A primeira remetia a crenças e valores e a segunda e a terceira refletia os vínculos e tomadas de atitudes em situações de crises. A segunda situação resgatava a história de vida da família, ou seja, o ciclo de vida familiar onde se destacava os aspectos bom e ruim de cada momento do ciclo. A terceira situação objetivava identificar as semelhanças e diferenças entre as três gerações, isto é, avós paternos e maternos, pais e filhos. A quarta situação permitiu verificar como os membros se vêem, isto é, as representações e estereótipos que povoam o mundo simbólico da família.

Vale destacar que a situação do miriti permite a descrição atual dos padrões estruturais da família, as situações problema refletem os aspectos simbólicos presentes em ocasião de estresse, a terceira e quarta situação resgata a história das relações familiares e a última faz uma fotografia atual do grupo a partir das representações dos membros que constituem o sistema.

Apesar do cuidado que a equipe de pesquisa teve em adaptar as situações considerando os elementos que faziam sentido para o homem ribeirinho, ficou evidente a grande dificuldade das pessoas de emitirem suas opiniões. Na verdade, a introdução da câmera filmadora no espaço doméstico foi realizada com extremo cuidado. O contato com os instrumentos tecnológicos foi feito gradativamente. Uma cuidadosa aproximação sucessiva foi feita para dessensibilização sistemática dos instrumentos utilizados; durante muito tempo se manteve uma certa proximidade das pessoas com uma câmera digital com qual era tirado fotos que eram, posteriormente, entregues as pessoas fotografadas. No momento em que foi percebido que havia uma relação de confiança e menos estranhamento, onde os sujeitos se sentiam à vontade na presença da pesquisadora, foi introduzida a câmera filmadora.

De fato nestas situações, a maior dificuldade encontrada foi quanto às verbalizações, com exceção de alguns membros de algumas famílias, a maioria dos indivíduos tinha muita dificuldade de se fazer compreender. Esta dificuldade também era evidente durante as observações naturalísticas, o que

sugere que a pouca habilidade de se comunicar não está em função da presença da filmadora, mas que existe uma característica de funcionamento não apenas nos indivíduos, mas também nas famílias ribeirinhas estudadas.

As observações naturalísticas geraram notas de campo que foram combinadas com os dados obtidos, posteriormente, através das situações estruturadas. A natureza destas notas de campo sofreu alteração ao longo do período de coleta, inicialmente tratava-se de registros gerais pouco focalizados uma vez que os objetivos da pesquisa não estavam suficientemente claros. Com o decorrer do tempo, estas anotações foram ficando mais maduras, e mais centradas nas questões específicas deste trabalho. Ressalta-se que a metodologia de construção coletiva utilizada, favoreceu o amadurecimento das idéias tal como percebido nas notas de campo.

A princípio, a análise dos dados que aqui serão apresentados deu-se a partir dos registros que derivaram das observações conduzidas nas sessões estruturadas, e quando se fazia necessário algum indicador esclarecedor, as notas de campo serviram de valiosa fonte de informações. A análise, assim como, a apresentação dos resultados segue uma ordem que parte das relações conjugais, parentais e da família como um todo. Supõe-se que a discussão inicial das relações conjugais favorecerá a compreensão das relações familiares como um sistema integrado.

As observações estruturadas geraram um total de 45 folhas de registro onde continha a descrição detalhada não apenas das verbalizações, mas também dos comportamentos que ocorreram nas situações estruturadas. Vale dizer que, apesar da padronização das situações estruturadas, ou seja, as quatro famílias focais foram submetidas a procedimentos semelhantes, a análise dos resultados revelou uma grande diversidade de dados. Isto significa que para determinadas famílias, algumas situações geraram uma infinidade de informações pertinentes ao objetivo da pesquisa, em outras o mesmo não aconteceu. Apesar da preocupação de garantir a obtenção referente aos principais pontos norteadores da entrevista, em algumas ocasiões, as falas dos membros da família conduziam o diálogo em uma direção diferente, porém, igualmente pertinente.

A diversidade dos dados dificultou a padronização da análise dos mesmos, de modo que, nem todos os aspectos apresentados na descrição de uma família podiam ser encontrados na descrição de outro grupo. As peculiaridades de cada sistema são expressas nos temas destacados que, por sua vez, auxiliaram na organização das informações.

Apesar da variação dos dados, a análise das informações contidas foi realizada sob a inspiração de alguns conceitos que têm sido destacados na literatura; no entanto, é importante lembrar que estes não estabeleceram os limites da análise, haja vista que, muitas das vezes, os dados conduziam a organização e reflexão em direções inicialmente não previsíveis. Assim, partindo da noção básica que este trabalho investiga a estrutura das relações familiares, e que esta se refere ao padrão organizacional das interações dentro da família, considerou-se enquanto norteadores das análises as seguintes dimensões: liderança, hierarquia, organização dos subsistemas (papeis, alianças, triangulações, negociação, resolução de conflitos e coesão) e comunicação.

A liderança avalia a distribuição da autoridade e responsabilidade dentro da família. Esta dimensão inclui, por sua vez, a categoria hierarquia que indica quem é encarregado de conduzir a família. Outra categoria que constitui a dimensão liderança é controle comportamental que identifica o(s) membro(s) que mantém a ordem. A categoria orientação também é útil na descrição da liderança e diz respeito aos membros da família que oferece orientação e sugestão.

A avaliação da organização dos subsistemas refere-se as estratégias relacionais utilizadas pelos indivíduos dentro dos subsistemas e entre os subsistemas. As alianças indicam quem apóia quem, as triangulações define como o indivíduo A interfere na relação de B e C. A negociação refere-se a capacidade da família de organizar diferentes pontos de vista, de modo a alcançar um objetivo em comum. A resolução de conflitos avalia os estilos familiares usados para manejar desacordos. O termo coesão refere-se à vinculação emocional mútua dos elementos da família. A comunicação avalia a qualidade, quantidade e direção da comunicação.

Além destas dimensões estruturais, as situações estruturadas possibilitaram descrever a história da família, identificando o nível de satisfação conjugal nas diferentes etapas do ciclo de vida. Estas indicam os aspectos familiares que estão sujeitos ao processo de transgeracionalidade, uma vez que têm se mantido de modo contínuo ou descontínuo ao longo do tempo. A estes dados serão adicionados os estereótipos destacados nas situações relativas aos membros da família.

Para efeito de apresentação, estes conceitos e aspectos investigados não serão apresentados ponto-a-ponto. Com o objetivo de dar sentido ao conjunto de informações colhidas, estes elementos serão apresentados de modo aglutinado dentro de grandes tópicos que podem variar conforme as peculiaridades do sistema. Em termos gerais e a despeito das peculiaridades de cada grupo, a apresentação dos dados segue o seguinte roteiro: 1) uma breve apresentação da família, 2) história da relação conjugal, 3) Identidade familiar, 4) Relações parentais e conjugais: modelos identificatórios, 5) Representações atuais em torno dos membros.

Família B/D

Apesar da idade de um dos membros que compõe o casal, a família B/D é considerada um grupo jovem na comunidade do rio Araraiana, uma vez que as crianças ainda se encontram na faixa de um a quatro anos. Na verdade, o tempo de vida de B é o grande diferencial deste sistema, não simplesmente pelo fato de ser considerado excêntrico um casal ser constituído por pessoas que pertencem a gerações tão diferentes, mas pelo o que este fato significa para a dinâmica das relações entre os diferentes subsistemas. Esta família é composta por B que tem 71 anos, D que tem 21, L, que é filha biológica apenas de D, que tem 4 anos, O que tem 1 e I que é recém-nascido.

Além do casal e dos filhos, o sistema B/D contou, durante as primeiras visitas da equipe de investigadores na comunidade, com a participação do irmão de D, M. No último encontro, quando foi realizado as filmagens das situações estruturadas, M havia voltado para a casa dos pais. Parece que a sua presença na casa de B/D se devia ao fato de M estar ajudando B na realização de uma tarefa em particular, com o término desta atividade M

retornou para a sua casa onde vive seu pai e irmãos. Deste modo, M não participou do momento da coleta e conseqüente não fará parte das análises aqui enunciadas.

No primeiro contato com a família, D estava sozinha em casa e, de certo modo, seu estilo comportamental negou as expectativas que foram criadas em torno de sua imagem a partir de conversas que alguns membros da equipe tiveram com esta durante uma visita a outro morador da comunidade. A principal impressão era de que D era uma pessoa tímida, que parecia ter dificuldades para se comunicar. No entanto, ao encontrá-la sozinha em sua casa D revelou-se extremamente comunicativa. Nesta conversa falou principalmente de sua relação com B, parecia satisfeita com a possibilidade de compartilhar suas idéias com alguém do mesmo sexo e que era desconhecida no rio. O clima da conversa ganhou um tom de confiança, e D expôs muitas queixas com relação a B que serão descritas posteriormente.

A principio, é importante explicitar a imagem que D revelou de si mesma, isto é, de uma mulher jovem que possui desejos compatíveis com sua idade que, de certo modo, estão sujeitos as pressões de um companheiro muito mais velho. Embora B seja considerado pela comunidade como um homem trabalhador, não parece ser muito disponível para as relações, uma vez que mantém poucos vínculos no rio, exceto com a família de uma de suas filhas.

Embora já tivesse sido estabelecido um vínculo positivo com D, na segunda visita, em que todo o sistema estava reunido, os pesquisadores encontraram adversamente um grupo extremamente silencioso, quase resistente à presença dos visitantes. B se mantinha, em geral calado, observando as "visitas", enquanto D, sempre muito envergonhada, apenas sorria. Na medida, que os contatos se tornaram mais freqüentes B se apresentou mais comunicativo, falante, de modo que nos últimos encontros, algumas vezes era difícil fazê-lo parar de falar, já D, com o tempo, tornou-se um pouco menos tímida, mas em nenhum momento ficou a vontade como no primeiro contato. Com certeza, a presença do parceiro foi um fator fundamental no que diz respeito a participação de D.

A discrepância entre a postura de D na ausência de B e o modo como a mesma se comporta na sua presença revela o perfil de uma mulher que parece viver em meio a um dilema: se por um lado, possuía desejos compatíveis com sua idade, por outro teme perder o que já conquistou, isto é, a relação com alguém que lhe oferece não apenas segurança, mas que, principalmente, garante a sua sobrevivência e a de seus filhos. A condição de miséria vivida pelos moradores do rio acentua o estado ambivalente em que se encontra D.

Dentre os vários elementos que indicam o perfil ambivalente de D destaca-se a insatisfação que esta relatou na primeira visita no que diz respeito ao controle de natalidade. Embora não seja um homem religioso, B é contra todos os métodos contraceptivos, inclusive o cirúrgico. D relata que este foi o motivo da separação de B da sua última esposa. No entanto, posteriormente, B apresenta outros motivos para o rompimento de seus casamentos anteriores, isto é, viagem e religião. B destaca que sua última esposa “...estava obedecendo mais a igreja do que a ele”.

O modo como D relata o desacordo conjugal relativo à contracepção sugere que esta questão representa uma ameaça para a relação muito temida por D. Além de suas preocupações em torno do tema gravidez, D revelou seu desejo de ir embora do rio, disse que já estava tudo certo para se mudarem dentro de poucos meses para Belém. Esta informação foi negada posteriormente por B que disse que ainda não havia nada certo sobre este assunto. Pareceu que a vontade de D de sair das margens do rio era tão grande que ignorava as reais possibilidades disto acontecer.

Outra queixa destacada por D no contato em que B estava ausente diz respeito ao fato de seu companheiro ter rompido as relações com sua família de origem. Ela enfatiza o quanto se entristece por não poder visitar constantemente seu pai e seus irmãos, uma vez que, embora eles precisem de sua ajuda, B não gosta que esta os visite. A família de origem de D sofreu uma importante mudança recentemente, uma vez que a mãe de D abandonou seu pai e iniciou uma nova relação com o filho de B. Por outro lado, B relata que o rompimento com o pai de D se deve ao fato deste ter comentado com outras pessoas que B abusou de sua filha mais nova que tem apenas 8 anos de idade

e complementa ameaçando que se o seu sogro continuar falando mal dele, abandonará D. Esta ameaça revela o poder que B tem sobre D, poder sustentado em seu potencial de subsistência econômica e alimentar de D e de seus filhos.

Ao apresentar suas queixas, D demonstra a preocupação destas se transformarem em motivos para B abandoná-la. Independente destas se configurarem como um fator disparador do rompimento conjugal, vale a pena lembrar a importância que tem sido atribuída na literatura (Hinde, 1979, 1997; Gottman & Silver, 1999) aos pensamentos positivos e negativos em torno do parceiro como um elemento que favorece a manutenção dos casamentos.

Para Gottman (1998) os casais insatisfeitos enfatizam as características negativas do parceiro, enquanto que os felizes dão ênfase aos traços positivos. Neste sentido, a insatisfação expressa através dos pensamentos negativos pode conduzir à dissolução de um subsistema conjugal. Assim, é possível que mais do que as atitudes de B, mas principalmente as representações de D em torno dos comportamentos de seu parceiro conduzam este casal ao rompimento.

Apesar das queixas, D relata que B é um bom homem, carinhoso, que não deixa faltar “o necessário” para as crianças e para ela. Enfatiza que B não bate na L e que pede para D, quando esta começa a agredir a criança, para não machucá-la.

Outro elogio feito por D a B se deu em relação a vida sexual do casal. D fala que B, apesar da idade, tem muita motivação sexual e que, na maioria das vezes, é ele que tem iniciativa e que ela sente prazer no ato sexual com B, no entanto quando o rejeita B fica chateado, porém não insiste.

Nos contatos em que B começou a se sentir mais a vontade na presença dos pesquisadores, este se revelou uma pessoa muito acolhedora, que falava em tom auto, forte e sempre encerrava suas verbalizações com um leve sorriso. Sua conversa parecia ser sempre um conselho, em que sabia “uma verdade” que o outro precisava saber. Uma destas verdades que mais se destacaram, uma vez que indicava parte dos dados que seriam encontrados

posteriormente, foi quanto ao **papel** da esposa, B disse que uma boa mulher é aquela que “*é certinha no meu mandamento*”, ou seja, é uma mulher obediente. É aquela que ele diz “*Largue isto e vá fazer o almoço, e ela sendo uma boa mulher ela concorda*”. B diz que nem todas são boas mulheres, que “*algumas mandam o marido fazer e dizem que na casa dos pais dela não era dessa forma*”. B conclui dizendo que D é uma boa mulher, que cuida de sua roupa, de sua comida e em troca ele não deixa faltar o “*necessário*”.

Em termos gerais, a relação de B e D é marcada por uma **hierarquia rígida** semelhante as relações de famílias de perfil tradicional, onde B é o detentor de todo o poder ao qual D se encontra submetida. A diferença de idade parece ser o fator responsável pela polarização dos **papéis**. Na verdade, mais do que o provedor, B parece ocupar, de fato, o lugar de pai ou de avô que exerce uma autoridade semelhante a estes personagens, portador do direito de falar e de estabelecer as **regras**, enquanto D é a filha que além de cuidar do pai, isto é, de sua roupa, de sua casa, de sua alimentação, mantém atividades sexuais com o mesmo que deram origem aos seus filhos e em troca recebe segurança e estabilidade.

a) História da relação conjugal

Durante a conversa com D em que B estava ausente, esta contou um pouco da história de sua relação com B. Relatou que quando conheceu seu atual companheiro tinha a L pequena, com pouco mais de 1 mês de vida. Nesta época ficou sabendo que o pai do bebê era casado e que, conseqüentemente, não ficaria com ela. Simultaneamente, B lhe falou para ficar com ela. A princípio, não gostou da idéia, mas após consultar seus pais, que ainda viviam juntos, decidiu aceitar o pedido de B. Ao descrever sua união com B, D destaca que não gostava de seu futuro companheiro, mas que agora gosta. Enfatiza o quanto B não deixa faltar nada para ela e para as crianças. Parece que o aspecto econômico foi um fator que influenciou na decisão de D que, possivelmente, continua influenciando na manutenção do vínculo conjugal.

No que diz respeito a sua relação na atualidade, ou seja, após o nascimento dos filhos, D, embora diga que se sinta feliz, expressa pouco entusiasmo e sua fala reflete a idéia de que a chegada dos filhos representa

mais uma tarefa que precisa ser executada e menos um motivo de prazer. Ela diz: *“felicidade, chegando um filho, né...., agente tem que agradecer a Deus né*”.

Ao falar de sua relação com D, B destaca o quanto estava se sentindo sozinho após a separação de sua segunda esposa, *“já que não tinha quem cuidasse de minhas coisas, minha roupa, minha comida....”*. Ele diz: *“eu enfrentava a batalha como sempre, mas eu sentia uma parte, dificuldade por que era só eu, e aí eu resolvi procurar outro lar”*. A fala de B revela não apenas a necessidade de uma parceira, mas também uma forte característica de sua personalidade, ou seja, a determinação que o impulsiona mesmo em situações adversas tais como a que viveu quando se separou de sua segunda esposa.

Após se referir ao período que antecede o nascimento das crianças como uma boa fase de sua vida conjugal dizendo: *“ela é uma boa companheira, agente tem um relacionamento 100%”*, B responde a pergunta da pesquisadora sobre como ficou a vida depois que os filhos nasceram destacando a importância de sua família para sua vida, ele diz: *“eu não gosto de me afastar nenhum centímetro dos meus filhos, eu na companhia dos meus filhos eu me sinto muito bem, então por isso que minha vida é 10, gosto deles, dela, por isso minha vida é 10”*.

De modo geral, pode-se dizer que o elemento que estava em jogo na formação deste sistema é a questão da sobrevivência, sendo que para D sobreviver é uma tarefa mais imediata, pois está relacionada a aspectos mais básicos como alimentação e saúde; já para B sobreviver está relacionado a elementos menos físicos, orgânicos, mas ainda associado a bem estar, isto é, companhia, sexo e execução de atividades domésticas, como cozinhar e lavar.

Os elementos motivadores que originaram o sistema B/D concretizaram-se no modo como os **papéis** se organizaram. De fato, estes são extremamente tradicionais, rígidos, onde B é o provedor e D é responsável pelos cuidados domésticos. Esta divisão de papéis é muito clara na fala de D que enfatiza o fato de B não gostar que ela faça trabalhos pesados, como por exemplo, cortar lenha. Esta informação é confirmada por B que diz que não gosta que D faça trabalhos no rio como algumas esposas de alguns homens. Ao ser questionado

sobre a possibilidade de ajudar a esposa quando esta se encontrava doente, ele diz que após o parto das crianças, lavava a roupa dela, fazia comida, etc., mas quando ela está saudável, estas tarefas são exclusivas de D e afirma “*quando ela está boa, não, é você (referindo-se a D) que vai pra frente da fogueira. Mas, as outras coisas, Nega (referindo-se a D) pode deixar que eu faça.*”

b) Identidade familiar: origem e manutenção da família

O termo identidade tem sido descrito como um conjunto de representações constituídas por diferentes elementos, tais como crenças sobre os membros da família, isto é, quem está dentro e quem está fora, assim como, certas qualidades temperamentais da vida diária, isso inclui, o grau em que os membros são diferentes dos demais, se estas diferenças são toleradas, a intensidade da vida em família, o grau de indiferença e de intimidade, etc. (Bennett, Wolin & McAvity, 1988).

Segundo Bennett, Wolin e McAvity (1988) a identidade de uma família é constituída em parte por outras duas identidades, sendo uma aquela onde os cônjuges foram criados e outra aquela que formaram através do casamento e procriação. A nova identidade familiar integra e reflete estes dois aspectos. Berger e Kellner (1974) referem-se a este processo como uma tentativa de construir uma identidade partilhada que preserve a continuidade com o passado.

Considerando a família B/D pode-se pensar que os motivos que estiveram na base de sua formação, isto é, a necessidade de sobrevivência, são os mesmos que ainda mantém o grupo unido. Estes motivos associados com o perfil de cada um dos cônjuges permitem compreender, em parte, o comportamento de D e de B no sistema.

É provável que a ausência de uma motivação intrínseca que tenha impulsionado D a juntar-se a B justifica sua postura, durante as situações estruturadas, que revela seu sentimento de pouco pertencimento ao grupo. Dentre outros indicadores encontrados, a organização do grupo durante a

situação do miriti reflete este baixo nível de pertencimento de D que se manteve durante toda a filmagem, a parte da atividade que estava sendo executada por B. Em geral, esta se ocupava do monitoramento das crianças, principalmente do mais jovem, O, já que neste momento ainda estava grávida de I.

O lugar marginal onde D se coloca pode ser percebido através do fato, desta responder raramente às questões dos pesquisadores quando B está presente. Em geral, D apenas sorri e deixa que B fale por ela, por exemplo, quando o casal foi perguntado sobre o que fariam caso fossem sorteados na loteria. Após B falar de suas pretensões, a pesquisadora se volta para D que nada verbaliza, sendo que B recomeça a falar de suas aspirações. Pela segunda vez, a pesquisadora insiste com D que permanece em silêncio, e B respondendo por ela diz: *“ter uma boa casa, né, acima de tudo, um terreno”*.

Parece que a D é conduzida na relação por B. Na verdade, parece que D não se sente como um membro importante que faz parte desta família. Um bom exemplo foi quando B pediu a D um pedaço de papel. Ao retornar com o papel, D se mantém fora do foco de filmagem, meio intimidada e só se aproxima do grupo depois que a pesquisadora insiste convidando a se juntar ao resto do grupo. É possível que D não se sente como um membro dessa família, B sim, tanto é que só ele responde as perguntas, ela só ri.

As observações sugerem que D é uma pessoa que apresenta um forte perfil de passividade que, provavelmente já estava presente antes de se unir a B e que pode ser encontrado no modo como ela resolveu ficar com seu atual companheiro. Parece que o seu estilo passivo, partiu de suas antigas relações parentais e foi deslocado para sua relação conjugal. Ao ser perguntada sobre o que aprendeu com seus pais, ela destaca aspectos práticos como cozinhar e amassar açaí e em seguida diz que é diferente em tudo de seus pais, uma vez que estes são brigões e ela não.

Em contraposição ao padrão submisso de D, B apresenta um estilo extremamente ativo que lhe coloca no lugar de dono da família, o único que expressa suas idéias e estabelece seus valores e normas. Se por um lado a família pertence a B, D não parece se sentir pertencendo a família. Durante

todas as observações é possível encontrar elementos que indicam não apenas o sentimento de não pertencimento de D ao grupo, mas também o pertencimento exacerbado da família a B.

Ao serem perguntados sobre o que fariam em uma situação de naufrágio em que toda a família estivesse reunida, B relata no detalhe sua atitude enquanto D se limita a dizer após a fala de B “*a mesma coisa*”. Em termos gerais, B toma conta dos espaços destinados à fala de D, de modo que é difícil saber se D não se coloca porque não consegue, ou seja, é uma dificuldade sua ou se é porque B domina a situação. Provavelmente estes dois fatores atuam conjuntamente.

É provável que o estilo extremamente ativo de B esteja relacionado a sua história pessoal de vida, principalmente a sua relação com seu pai. Ao ser perguntado sobre os aspectos que se assemelha a sua família de origem, B destaca a questão do trabalho, ele diz: “*meu pai gostava muito de trabalhar, né, e eu fiquei com esta herança, tem dias que eu passo até o dia inteiro trabalhando e nem me alimento*”.

Embora seja uma pessoa dominadora, autoritária dentro do grupo, B é um sujeito bem querido não apenas na comunidade, mas também dentro do sistema familiar, ou seja, parece que D e as crianças cultivam sentimentos positivos por B.

Em termos gerais, o sistema B/D apresenta uma identidade marcada pela necessidade de seus constituídos de sobreviver. Na verdade, parece que a junção destes indivíduos se deu em função do quanto esta representava a manutenção de sua existência enquanto pessoa e não pelo desejo de dar vida a uma díade ou a um novo grupo ou sistema.

Com base na associação do desejo de sobreviver com o modo peculiar dos indivíduos funcionarem constituíram-se os **papeis** que giram em torno do gênero de cada um e que confere ao sistema familiar sua organização. É interessante destacar o quanto os padrões desenvolvidos por B e por D apresentam natureza complementar, onde um se caracteriza por sua postura extremamente ativa e o outro pelo seu modo passivo.

c) Relações conjugais e parentais: modelos identificatórios.

Considerando o estágio do **ciclo de vida** em que se encontra o sistema B/D, não foi possível o acesso a percepção que o subsistema dos filhos tem em torno de sua relação com as figuras parentais. Neste sentido, será apresentado apenas os dados relativos a percepção dos pais em torno de seu vínculo parental e posteriormente de sua relação conjugal.

Antes de explorar a qualidade das relações parentais existentes neste grupo, um elemento que merece destaque nesta seção refere-se ao lugar em que L, a filha mais velha de D, é colocada por B no sistema. Durante a situação das fotos, B revela o quanto não considera L como um membro efetivo de sua família. Em sua fala, ele se refere, dentre outras coisas ao aspecto étnico, uma vez que L é uma criança de cor escura enquanto B e seus filhos são claros. Ele destaca, em sua fala, este fator como um elemento diferenciador e associa a uma variável comportamental dizendo que ela é *“muito traquina”*. Em uma de suas falas onde descrevia os principais elementos identificadores de L, ele diz:

O mais diferente de mim eu quero dizer que é a menina, porque ela não é minha filha legítima. Ela é muito traquina, né. Mas já tá estudando né, agente espera uma boa melhora, e a cor dela será mais separada da minha, né.

A fala de B reflete não apenas o pouco reconhecimento de L como um membro da família, mas também sua visão pessimista da mesma, uma vez que após considerar seu comportamento negativo, isto é, *“ser traquina”*, complementa considerando a possibilidade de melhora da mesma, já que esta se encontra freqüentando a escola. Embora, L já tivesse nascido quando B convidou D para morarem junto, parece que este não acolheu a filha tanto quanto acolheu a mãe. No primeiro contato, D destaca o fato do pai biológico não contribuir financeiramente na educação da criança e complementa dizendo que B sente medo deste ajudar L e usar isto como pretexto para levar D embora.

Provavelmente B aceitou a presença de L na sua família porque esta parecia ser a condição para ter D. No entanto, sua relação com a criança não

se desenvolveu plenamente, de modo, que sua posição parental diante de L se limita ao aspecto financeiro, ou seja, prover os elementos básicos que garantem a sua sobrevivência.

Ao ser questionado sobre com qual dos filhos mais se identificava, B fala de O e argumenta em torno do temperamento. B destaca a pouca confiança que sente diante das pessoas e diz que O é, apesar da pouca idade, uma criança desconfiada, ele diz:

o gênio dele né, é muito parecido comigo né, desconfia assim, uma desconfiança de não se dá, quer dizer que isto pertence do meu sangue... daí eu fico assim meio refugiadoai nesse ritmo é ele, por isso que eu digo que ele puxa o meu lado.

Durante as situações estruturadas, B expressou várias vezes seus sentimentos por O. Em um dado momento, durante a situação de miriti, esta criança colocou um pedaço de tala de jupati na boca. Diante deste comportamento, B disse “*solta, se não tu vás ti encher de coceira*”. O tom de sua fala não era ríspido ou agressivo, mas expressava cuidado e uma real preocupação com O que se traduziu na forma de conselho, orientação.

O cuidado parental de B por O foi revelado em uma outra situação que ocorreu enquanto B respondia uma pergunta da pesquisadora. Enquanto falava B construía um barco de miriti que seria de O. Antes que B terminasse de fazê-lo, O pega, sem que o pai perceba, o barco, então, subitamente B tira da mão de O o barco e diz “*solte, eu vou ti dar, perai, deixa eu fazer o barco*”. Neste momento a fala parecia ser um pouco tensa, no entanto a tensão se perdeu no sorriso paterno que se seguiu à ordem de B.

Enquanto B destaca as semelhanças comportamentais com O, D associa seu modo de ser ao de L; no entanto sua justificativa gira, inicialmente, em torno de aspectos físicos, ou seja a semelhança de cor, uma vez que L apresenta uma tonalidade de pele semelhante a de D. Em seguida, D destaca o padrão comportamental de L e diz que ela é uma criança traquina. Por outro lado, mesmo não sendo um dado muito confiável, ao ser questionada sobre com qual dos pais mais se parecia, L responde “*D*”. Ao ser questionada sobre

com qual dos filhos menos se identificava, D responde que é o O, uma vez que *“ele é muito brabo, eu não sou muito não, ele puxou para o pai dele”*.

Ao serem perguntados sobre com qual dos filhos menos se identificava e porque, tanto B quanto D apontaram o filho com qual seu parceiro mais se identifica e destacaram os mesmos elementos justificadores. Por exemplo a cor e a traquinagem de L são os elementos que diferenciam B de L e aproximam a mesma de D. Por outro lado, a “brabeza”, a desconfiança são os mesmos aspectos que aproximam B de O, mas que diferenciam este de D. Parece que existe um jogo de identificação e diferenciação dos pais com os filhos ao inverso.

Além deste jogo dos opostos percebe-se a influencia da variável gênero sobre as identificações parentais. É possível que as características de temperamento destacadas pelos pais ao serem associadas a diferença de gênero tornam-se mais consistentes, de modo, a fortalecer as semelhanças e diferenças nas relações parentais.

Embora com outras características, este jogo dos opostos parece ocorrer, dentro do subsistema conjugal. Ao serem perguntados sobre os aspectos semelhantes e diferentes que existia em sua relação, B destacou os papéis de homem e mulher desempenhado por cada um, ele diz *“Nós dois vivemos bem, e semos parecidos na união, na convivência de mulher e homem, e é por isso que nós ficamos igual”*.

É evidente que B não compreendeu a pergunta do pesquisador, todavia suas falas revelam, em parte, aspectos da dinâmica da relação conjugal, por exemplo, em seu discurso B destaca as diferenças de estilo de **comunicação** que indicam não apenas os padrões comunicacionais, mas principalmente a estrutura **hierárquica** existente dentro do subsistema formado pelo marido e a esposa, ele diz:

“Eu tenho um jeito de falar, uma maneira, e ela tem um gênio e outra maneira para me responder e também falar. Eu falo o seguinte se não está certo o que eu mando ela fazer, ai eu chamo ela atenção, muitas vezes ela tá com raiva, ela me repreende, poxa você vem falar comigo

alterado assim, eu digo olha Dia eu to chegando do meu serviço, você ta me participando, e eu tenho que tomar providencia, eu to cansado, ai agente fica meio diferente um com o outro, já entendeu. É nisso que eu acho que é nossa diferença um com o outro”.

Ao tentar falar de suas diferenças com D, B revela o lugar de poder em que o mesmo se coloca. Ele faz referencia a um dos motivos que D lhe causa insatisfação e que a mesma destacou durante o primeiro contato com a pesquisadora, ele diz:

“Muitas vezes eu to viajando, eu chego em casa e ai ela não está, ta para a casa do vizinho ou do pai dela, ai eu chamo ela atenção: você não sabia que eu vinha chegar hoje, pra que você se afastou de casa, olha eu não gosto disso, né, eu lhe deixei em casa, eu quero lhe encontrar em casa, agora eu cheguei com as nossas compras, com os nossos troços, quem ficou aqui para me receber, ninguém, você é minha mulher, você tem que se comportar aqui dentro de casa, a minha espera”.

Além da rígida divisão por gênero de **papéis**, uma vez que dentre outras tarefas cabe a D guardar os itens comprados na cidade por B, a fala deste revela o ciúme que sente da esposa, de modo que sua saída até a casa de seu pai o deixa aborrecido. Com certeza, a diferença de idade é um dos fatores que está por trás do aborrecimento de B, que provavelmente teme a perda de sua jovem esposa para um homem que seja mais novo. Este medo se torna maior já que a maioria dos homens que moram no rio são mais novos do que B.

Ao ser perguntado se sente ciúme de D, B, embora D tenha falado que seu companheiro é muito ciumento, diz que sente um “*ciúme secreto*”, e não um “*ciúme imundo*”, ao ser questionado sobre a natureza do “*ciúme imundo*” ele diz que é aquele em que a mulher se afasta um pouco e o homem vai logo em seguida atrás dela para saber se ela vai se encontrar com outro homem.

Afora o ciúme e a divisão dos papéis, a fala de B confirma a insatisfação que D indicou durante o primeiro contato com a pesquisadora, isto é, o desagrado que B sente quando D visita sua família. Embora a justificativa que

B presente seja relativa ao comportamento de seu sogro, provavelmente a restrição que estabelece ao deslocamento de D se deva mais ao ciúme que sente da mesma do que aos comentários que o pai de D fez na comunidade a respeito de B.

Embora B destaque o que o insatisfaz nas atitudes de D, no geral seu relato é sempre muito positivo em torno da companheira. Apesar de B não ter respondido claramente em que se assemelhava e no que se diferenciava a D, suas respostas refletem seu alto nível de satisfação na relação, no entanto, D com suas poucas palavras, respondeu a pergunta que foi feita pela pesquisadora e deixou claro seu nível de insatisfação com a relação, uma vez que destacou que não existe em seu comportamento nenhum aspecto semelhante ao de B e que este é diferente em tudo.

Distinto do que se pensou durante muito tempo, a literatura tem indicado que o nível de similaridade entre os cônjuges influencia o nível de satisfação na relação conjugal. Para Gottman (1993, 1998) e Gottman e Silver (1999) a presença de características comuns na relação conjugal facilita os acordos durante os conflitos e auxilia o sucesso da relação conjugal. Esta idéia se contrapõe ao antigo pressuposto de que os opostos se atraem, mas ratifica a idéia de que o nível de satisfação conjugal é proporcional a mútua identificação sentida pelos parceiros.

d) Representações atuais em torno dos membros

Antes da situação estruturada das fotos ser conduzida, já era possível elaborar um quadro a respeito das representações positivas e negativas existentes em torno dos membros do sistema B/D (ver quadro 2 abaixo). Mais uma vez, a idade do subsistema dos filhos impossibilitou que a situação das fotos revelasse as idéias existentes do subsistema fraternal em torno das figuras parentais, assim será apresentado no quadro abaixo e discutido a seguir apenas as idéias emitidas por B e D.

Quadro 2: Síntese dos principais aspectos positivos e negativos levantados no decorrer da situação estruturada.

Membro Descrito	Característica Positiva	Característica Negativa
B	Carinhoso, trabalhador, cuida das crianças, me ajuda muito.	Briga comigo
D	Boa companheira, fiel, respeitadora, ajuda a criar os filhos, asseada, carinhosa.	Responder atravessado
L	Estudar, brincar com os irmãos.	Desobediência
O	Carinhoso	Brabo
O	Brincar comigo, achar graça, cantar na rede	

Além de se referir aos aspectos positivos da personalidade de B, D ao descrever a foto de seu companheiro ressalta o fato deste brigar com ela; em contrapartida B ressalta a fidelidade e o respeito enquanto atributos positivos em D e se remete ao modo atravessado desta responder como uma característica negativa de seu comportamento.

Em torno do subsistema dos irmãos, B descreve de modo emocionado seus desejos em torno do filho mais novo (O), ele diz:

O que eu quero é que esta se transforme em grandes felicidades na vida desta pessoa, de dia-a-dia que Deus abençoe, que esta pessoa seja muito obediente, muito respeitador, seja considerado, a todos os nossos próximos nesta terra, que ele seja um homem fiel a Deus, abençoado, cheio de saúde, e tudo de bom nesta pessoa não tenho mais o que colocar.

Em seguida, diante da insistência da pesquisadora que lhe solicita descrever um aspecto positivo e outro negativo da pessoa fotografada, ele complementa dizendo: *“uma coisa boa é brinca comigo, acha graça, canta na rede. Por enquanto não posso dizer uma coisa ruim, porque ele ainda não me faz nada de ruim”*.

A fala de B referente a L e de D em torno de O confirmam a idéia de identificação cruzada que foi discutida acima. Enquanto B destaca o comportamento desobediente de L, D se refere a brabeza de O que se assemelha ao modo de ser de B.

De modo geral, parece que B representa uma figura protetora, detentora de todo poder dentro do sistema B/D. Provavelmente esta representação não se dá no vazio, mas a partir de comportamentos concretos que podem ser percebidos através de falas tais como a que B apresentou ao ser perguntado sobre o que faria em uma situação de naufrágio. Ele disse:

Na certa tem colete no barco, né, ai eu cuido de colocar coletes nos meninos, preparar uma bóia pra gente se salvar, porque o barco já foi a pique né colocar colete nela e em mim e procurar um abrigo, um socorro para pegar a beirada pra sobreviver salvar as crianças e que o barco lá ficava porque eu tinha que cuidar deles e de mim.

Vale destacar que nesta fala, B evidencia a importância dos seus vínculos parentais em contraposição ao pouco valor financeiro do barco. Com certeza, para B, mais valioso do que o barco são as relações parentais e conjugais que estavam ameaçadas na situação hipotética.

Se por um lado B ocupa o lugar do poder e representa a figura protetora da família, D faz parte do grupo dos que precisam ser protegidos e que carece de orientação, de autoridade, ou seja, de alguém para estabelecer as regras e limites para o seu comportamento. Neste sentido, a impressão geral que o sistema B/D causa no observador é que este é um sistema formado apenas por B, haja vista que as idéias e desejos de D parecem não fazer parte da identidade grupal, ou seja, é como se D não existisse.

Família B/M

A família B/M diferencia-se das demais pelo seu tamanho e composição de gênero. É o segundo maior grupo, constituído por nove filhos, sendo que apenas o primogênito é do sexo masculino e a segunda filha mora em Ponta de Pedras. O clima predominante durante as primeiras visitas nesta família era confuso, ambivalente, uma mistura de curiosidade com receio e medo dos visitantes, de modo que as crianças se mantinham durante toda a visita ao redor dos pesquisadores, mas quando estes tomavam iniciativa de aproximação estes evitavam. Em geral, as meninas pouco falavam, mas permaneciam em torno, olhando para as pessoas, para as suas vestes, para os materiais que tinham em mãos. Aos poucos, se soltaram e passaram a falar algumas coisas, do tipo “*o que é isso ?*”, “*me dá isso*”. Nessas ocasiões a mãe se colocava como uma pessoa que restringia e estabelecia os limites através de verbalizações como, por exemplo, “*deixa isso ai!*”, “*para com isso!*”. Era evidente as expressões de desconforto provenientes da mãe, parecia que esta sentia vergonha de abrir sua casa; no entanto, sempre tentava ser gentil, oferecia café, camarão e dizia que a equipe podia se sentir a vontade, mas o ar de constrangimento permanecia. Com o passar do tempo, os contatos foram menos tensos, principalmente as meninas deixaram de ficar em torno do grupo de pesquisadores o que foi avaliado, para fins dos interesses da pesquisa, como algo positivo; porém a mãe continuava demonstrando conflito, sendo gentil, mas constrangida.

M é uma pessoa muito falante, não parava de contar histórias. Chamava atenção o fato desta sempre enfatizar que não gostava de sair de casa, porém parecia saber de tudo o que acontecia com as pessoas que moravam no rio.

No decorrer das visitas as meninas estavam permanentemente envolvidas em alguma situação de conflito que gerava choro e reclamação. Na maioria das vezes, M era solicitada e tentava resolver, às vezes com sucesso e outras vezes não. O pai e o filho mais velho nunca estavam em casa. Nas poucas vezes que foram encontrados, percebeu-se que tanto M como as meninas, principalmente as mais velhas, tratavam os dois homens da casa, B e P, de um modo especial, oferecendo alimentos e água.

P, o filho mais velho, é considerado uma pessoa de autoridade, temido pelo grupo de meninas. Talvez este temor diante do irmão se deva ao fato dele ser do sexo masculino ou talvez porque P se utiliza na relação com as irmãs de força física, tal como foi observado durante uma observação naturalística em que I, uma das filhas mais novas, estava chorando, em baixo da casa porque suas irmãs haviam saído com uma das pesquisadoras e não tinham lhe levado. M manda P falar com ela, então este pega uma vassoura de açai²¹ e se direciona para ela e diz “*ela quer é apanhar...*”. Outro fator que pode justificar o medo que as meninas sentem diante do irmão é a idéia que existe em torno deste. Em uma das primeiras conversas, M disse que durante sua infância P teve muitos problemas de saúde e que hoje é uma pessoa que tem “*desequilíbrio mental*” que são expressos através de comportamento agressivo. Neste sentido, M enfatiza a necessidade de não irritar P.

O pai é considerado na comunidade como um homem que além de ser trabalhador, ganha muito dinheiro, daí o apelido “*Buado*” como uma alusão a um termo usado no Pará, inclusive na capital, para pessoas que tem muito dinheiro, “*Buiado*”. B é um homem de poucas palavras, um dos poucos proprietários de barco motorizado que usa para fazer fretes, carretos, etc., um sujeito forte, com um corpo esguio e musculoso, surpreendentemente jovem, quando comparado com M, que é uma mulher de aparência extremamente envelhecida.

A expressão verbal é um aspecto que chama atenção neste grupo, todos possuem um realce do sotaque ribeirinho. A fala, principalmente dos membros do subsistema dos irmãos, é fechada com prolongamento dos primeiros fonemas de uma frase e o restante é pronunciado de modo extremamente acelerado. Esse aspecto dificultava o entendimento dos pesquisadores do que estava sendo verbalizado o que atrapalhou todo o processo de coleta e tratamento dos dados. Ainda sobre a linguagem foi observado com alta frequência o uso de palavras obscenas, por exemplo, diante do cachorro que estava deitado no chão, C diz “*Vem cá seu filho da puta*”.

²¹ Pare do cacho da palmeira de açai sem o fruto.

Um outro aspecto que merece ser destacado é o quanto as filhas de B e M chamam atenção no conjunto de moradores no rio devido sua aparência de falta de cuidado e de pouca feminilidade. Comparados com o restante dos moradores do rio, sua aparência é bastante descuidada, em todas, os cabelos geralmente estão despenteados e secos, a pele demonstra sinais visíveis de secura, os pés geralmente estão sujos e as unhas mal cortadas. As vestes indicam que são de segunda mão, um pouco maior ou menor, às vezes rasgadas, estando sujas ou mal lavadas e sempre amarrotadas.

Esta diferença de aparência com os restantes dos moradores, chega a ser objeto de comentários na comunidade. A professora da escola onde as crianças estudam destaca este aspecto e ilustra sua fala fazendo referencia ao apelido atribuído a uma das meninas, isto é, Tapuru²².

De fato, como foi percebido posteriormente, a aparência não revelava somente um aspecto de descuido, de valor ou reflexo das relações familiares, mas também um fator de discriminação no grupo mais geral da comunidade, principalmente no grupo de pares, os filhos do B/M tendiam a se isolar e eram isolados por seus coetâneos. Apesar deste isolamento, eram freqüentes as histórias de conflitos entre as filhas de B/M com outras crianças da comunidade.

De fato, os apelidos são comuns no rio Araraiana e pode-se considerar que constituem uma das características do modo de tratar da comunidade estudada. Na família de B/M quase todos os filhos têm apelido, a começar pelo pai que se chama Benedito, mas todos só o conhecem como Buado, o primogênito cujo nome é Mirlei mas responde pelo apelido de Piroca, e as filhas Mirleia, Mircleia, Marineti, Mariza e Mircleide que são identificadas respectivamente, pelos cognome de Preta, Tapuru, Neneti, Gordinha e Cleide também conhecida como Seca respectivamente. Considerando a similaridade das iniciais dos nomes neste grupo e que os apelidos também retratam parte dos dados, optou-se por identificar os membros da família pelas iniciais de seus apelidos. Esse aspecto será discutido com mais detalhe posteriormente.

²² De acordo com Ferreira (1999) Tapuru é uma designação comum às larvas vermiformes, acéfalas e ápodes dos insetos dípteros, especialmente dos cuterebrídeos calípteros, cocliomídeos e sarcófagídeos, que depositam os ovos nas bicheiras, nas carnes em putrefação.

a) História da relação conjugal

Em uma das primeiras visitas, M conversou longamente com a pesquisadora quando contou um pouco de sua história pessoal e da história de sua relação com B. Dentre outras coisas M relatou que tinha saído cedo de casa para trabalhar e que não sabia sua idade, pois perdeu todos seus documentos em um incêndio e que lamentava não ter podido estudar. Em relação a B destacava os momentos difíceis que viveram juntos, o período em que ele a abandonou grávida, o uso abusivo de álcool e relatava a mudança que ocorrera em sua vida desde que B “*conheceu Jesus*”. Em termos gerais, nesta conversa inicial, a ênfase que M dava a sua relação com o companheiro, era que este era um bom marido, pois não deixava faltar o alimento para a sua família, já que era um homem muito trabalhador.

A descrição que M fez nesta primeira conversa revelava parcialmente o que era sua história pessoal e a história de seu relacionamento. Ambas, eram histórias de dificuldades contadas em tom de sofrimento e dor. O modo como M relatava, oras chorando mais intensamente, oras menos, desvendava uma característica de sua personalidade que se faria presente em momentos posteriores.

Depois desta conversa, em nenhum outro momento, M falou de sua relação com B. Somente na última visita, durante uma observação estruturada é que M falou sobre seu casamento. Neste momento, ao ser indagada sobre a sua satisfação na relação, M não apenas se dizia insatisfeita, mas também apresentava um discurso sombrio em torno da história de sua relação e uma visão atual pessimista de seu casamento. Por outro lado, nunca foi possível falar a sós com B sobre este assunto, no entanto, sua percepção em torno da relação durante a situação estruturada era melhor do que a de M. Em alguns momentos, parecia que B fazia comentários negativos a respeito do casamento porque M os tinha feito.

Em termos gerais, os padrões de interação do casal B/M lembra a descrição na literatura dos conflitos conjugais. B parece que se enquadra dentro do tipo de parceiro emocionalmente retraído, que durante uma discussão se isola, se retrai, se conservando indiferente a M que se mantém

durante a discussão persistente ou perseguidora (Gottman, 1998; Heavey Shenk & Christensen, 1994). O retraimento de B diante dos comportamentos negativos de M caracteriza o que tem sido chamado de “casamentos infelizes” (Gottman, 1998).

De fato, a infelicidade parece evidente na família B/M. É possível que este estado tenha relação com o modo como esta família se originou. Se por um lado, M se queixa de B alegando que este ficou com ela apenas porque estava grávida, B relata que sua vida, antes de casar, era muito boa, pois seu tempo era dividido entre o trabalho e o lazer, isto é, festas, futebol, viagens, etc.

Ao longo da descrição, B deixa claro o quanto a relação com M não era algo agradável e conseqüentemente o casamento não era algo desejado. Mesmo durante o período do namoro ele diz: “*A gente não se demo muito bem*”. Se por um lado, ele evidencia sua insatisfação, por outro, em sua fala, é possível perceber certo reconhecimento de sua contribuição negativa na relação, como, por exemplo, quando se refere ao período em que M estava grávida, ele diz:

..... olha não dava certo, nesse tempo eu não pensava, só farra, nesse tempo pra mim tudo era bom. A gente tinha problema, nós dois tinha problema, nesse tempo era nota zero, eu acho, agente brigava muito, não se acertava, ai fica difícil.

Apesar das dificuldades relacionais de B e M, em uma coisa eles concordam, a história de seu casamento é marcado por muita infelicidade. Além de adicionar a fala de B de elementos que justificam sua insatisfação, M deixa claro o quanto não desejava construir uma família com B, e que ficou com ele somente porque estava grávida, ela diz:

Logo que a gente se conheceu era uma vida boa, mas depois ... ficou pior, porque não dava certo, agente brigava muito, porque ele bebia muito, se metia em farra, não dava certo, né! Eu ainda tentei me sair mas não dava, já tava gestante do P ai ficou.....

De fato, nesta família, o surgimento dos filhos constituiu um elemento que está na base de sua formação, tal como é destacado por B que diz: “.....ai o P nasceu, ai eu voltei pra casa, ai melhorou, né, parei mais, ai veio ele, o P, as brigas diminuíram, passei a trabalhar, cuidar dele, né ! do P”

M diz que as dificuldades não encerraram com a volta de B para casa, uma vez que este continuou se comportando como se não tivesse uma família, ela destaca que:

... ele ficava com os parceiros, com os primos dele, com os parceiros dele, ele vivia só com os parceiros..... eu acho que quem tem uma família tem que cuidar das coisas como deve....., passava noites e noites com os colega dele, os menino as vezes adoecia, tinha que andar atrás dele, as vezes a gente falava pra ele, ele ainda queria briga, muito difícil !

Parece que o processo de adaptação a condição de um dos membros que constitui um casal e posteriormente tornar-se uma das figuras parentais foi mais difícil para B do que para M. Independente do vínculo que unia B e M quando se conheceram, a literatura destaca a importância de um período de tempo para o casal amadurecer sua relação antes do nascimento dos filhos. Além dos mais, o nascimento das crianças tem sido tratado pelos pesquisadores como um período de crise que representa uma diminuição do nível de satisfação conjugal, haja vista que os cônjuges tomam contato com aspectos da personalidade de seus parceiros que até então não conheciam (Belsky, 1981, 1984; Cox, Owen, Lewis & Henderson, 1989; Kreppner, 1988, 1995; Siqueira, Ribeiro & Duarte, 1999; Trost, 1995).

Se por um lado B reconhece que durante alguns momentos da vida agiu de modo pouco responsável com M e os filhos, por outro parece assumir diante das dificuldades da relação uma postura de aceitação associada com muita determinação, ele diz:

..... depois que o cara se mete, ele tem que carregar a cruz, não tem jeito, né! Às vezes a gente briga, tem discussão, sempre né! Mas o cara tem que suportar e carregar essa cruz, não tem jeito agora

Esta fala de B reflete o peso que representa sua relação com M.

Esta determinação de B parece ser um aspecto mais geral de sua personalidade que foi também expresso quando questionado sobre o que faria em uma situação de naufrágio em que estivesse toda a sua família. Ele disse “..tem que reagir numa hora dessa né! Porque não tem jeito, pedi ajuda de Deus e se virar pra vê se consegue, né! Pelo menos se salvar, se o cara ficar com medo se intimidar é pior,né?!”. A postura de B diante do naufrágio parece ser semelhante a sua postura no casamento, isto é, de enfrentamento, de alguém que não tem muito e só resta garantir o que se tem, mesmo que, como na sua relação com M, o que se tem não seja muito bom.

As verbalizações de Mi confirmam as representações de B em torno da relação. Quando perguntada sobre a atualidade, como ela se sentia nos dias de hoje, ela diz em meio a choro o seguinte: “..... eu acho que pra mim eu nunca fui feliz, na minha vida tudo difícil, eu acho que até hoje ainda é difícil”. Se por um lado, mais uma vez ela enfatiza sua infelicidade, por outro admite a existência de um aspecto positivo que consiste na garantia da sobrevivência dos filhos, ela diz: “.....pelo um ponto hoje ta melhor, que ele cuida dos filhos dele, agora por outro...”.

b) Identidade familiar: origem e manutenção da família

Em termos gerais, a relação de B e M é marcada pela insatisfação e por um sentimento de frieza mútua. Além de pouco se olharem, o casal B e Mi quase nunca falam entre si e, principalmente B, demonstram dificuldade para se comunicar, de modo que, as impressões mais importantes em torno de sua relação e dos padrões relacionais com seus filhos se deram a partir das observações domiciliares. Todavia, os dados colhidos durante as situações estruturadas confirmam muitos dos elementos que já haviam sido percebidos pelos pesquisadores.

Parece que o elemento que esteve na base da formação desta família continua sendo o mesmo que mantém a sua existência, isto é, a sobrevivência dos filhos. Neste sentido, os filhos acarretaram demandas que são compreendidas em termos apenas objetivos, ou seja, parece que o papel da

família limita-se aos aspectos relativos a sobrevivência básica, isto é, alimentação. A noção que, supostamente, está por detrás dos atos e comportamentos é que o grupo familiar é o espaço que garante a vida do organismo.

Partir da noção de que a família é um lugar apenas de sobrevivência auxilia na compreensão de muitos dos comportamentos observados na casa de B e M. Um dos elementos que mais se destaca nas observações que foram filmadas é no que diz respeito a não-nomeação pelas figuras parentais dos filhos. Frequentemente B e M se referem as filhas sem identificá-las pelo nome, é comum chamá-las de “essa aí”, “a zinha”, parece que há pouco reconhecimento de quem sejam os filhos. Esse fato sugere que o **subsistema** dos irmãos, provavelmente por ser numeroso, é tratado como um todo indiferenciado, como se fosse um conjunto homogêneo cujos indivíduos não apresentam peculiaridades. A seguir encontra-se um conjunto de falas de M e B que ilustram este pouco reconhecimento. M diz:

1) *“um dia desses elas estavam brigando, que elas queriam fazer essas bonecas, só que elas não davam conta, aí eu peguei tomei delas e fiz uma pra cada uma, depois eu fiz o braço, coloquei o braço, fiz o cabelo na boneca. Era essa, essa, com aquela (referindo-se as filhas, A, N e I) o resto tavam pra aula”.*

2) *“olha mais ou menos comportadinha são elas, essa minha amiga (R) diferente porque ela tem um modo muito de querer ser assim, as vezes a gente chama atenção dela ela quer responder, ela tem um modo já diferente né”.*

3) A pesquisadora perguntou quem das menores parece contigo? *“olha, acho essa ai de costa (G)”*

4) A pesquisadora perguntou quem das pequenas é mais diferente de ti ? *“Olha essa zinha, ela não puxa muito pra mim, ela puxa a família do pai dela, né ! o jeito dela, o crescimento dela, o jeito dela é esse, ela não puxa pra mim assim, ela puxa pra tia dela, irmã dele, que é assim gorda, baixinha”.*

5) *“essa loura aí”*

6) *“morei com a minha família quando era assim (mostra a altura que era) do tamanho dessas moleca, do tamanho dessa moreninha lá,”*

B considera:

1) *“ela é trabalhadora, nesse ponto ela é, essa zinha também”*

2) *“essa gita (G) aí que é braba”.*

3) A pesquisadora perguntou qual é diferente de ti, B ? *“tem a C, tem essa meninazinha, a G”*

4) Quem é mais desobediente ? *“essa zinha aí, a C”.*

Esta percepção indiferenciada dos pais em torno do subsistema parental revela o distanciamento que caracteriza as relações parentais que pode indicar a natureza **desligada** das **fronteiras** entre o grupo dos irmãos e os pais. Este distanciamento dos filhos se apresenta na forma de confusão dos mesmos, como por exemplo na fala de B a T, que se levantou do círculo que estava sendo filmado para ir a cozinha, *“e ! não sai R”*, percebendo o erro no nome, conserta: *“T”*.

São muitas as falas que refletem o distanciamento dos filhos. Pode-se pensar, como já foi assinalado acima, que este fato ocorra devido ser um grupo de crianças muito extenso que dificulta a identificação. Todavia, existem outras famílias igualmente extensas onde não se percebe tal dificuldade. É possível que esta dificuldade de identificação esteja relacionada com a qualidade das **fronteiras** que existem entre os **sub-sistemas**. É provável que os padrões **rígidos** estabelecidos na **fronteira** das relações conjugais tenha servido de referência para os mesmos na relação com os filhos, de modo que, a distancia, a frieza, a indiferença que caracteriza a relação do casal tornou-se parte das relações parentais.

O distanciamento conjugal e conseqüentemente parental é também verificado por vários outros aspectos, dentre estes, destaca-se o não saber informar a data de nascimento dos filhos, nem a data da união do casal e conseqüentemente do tempo que estão juntos. Há um desconhecimento total das datas de nascimento e conseqüentemente, em alguns até da idade dos

seus filhos. Curiosamente isso reflete um padrão de M, ela desconhece sua data de nascimento e sua idade, para o cálculo nas análises sócio-demográficas sua idade foi estimada.

As relações entre os irmãos caracterizam-se oras por frieza e indiferença, oras por conflitos e ameaças. Em termos gerais, a rigidez das fronteiras relacionais entre os sub-sistemas que caracteriza a família B/M sugere que se trata de um grupo que apresenta um padrão de **desligamento** muito intenso.

Na verdade, a associação entre a qualidade relacional do subsistema conjugal com a qualidade da relação parental tem sido feita freqüentemente na literatura. Em sua meta-análise Erel e Burman (1995) destacam as duas grandes hipóteses consideradas pelos pesquisadores da área. A primeira postula a existência de uma correlação positiva entre os dois níveis de relação, isto é, uma relação marital negativa ou conflituosa provoca irritação e desequilíbrio emocional nos cônjuges e, portanto, como genitores, eles serão menos atenciosos e sensíveis às suas crianças. O contrário também é verdadeiro: uma relação conjugal satisfatória oferece suporte aos cônjuges, os quais manterão uma relação positiva com seus filhos. Na segunda, a correlação é negativa, ou seja, um casamento estressante pode aumentar a atenção dos pais à criança como forma de compensar a falta de afeto e satisfação na relação marital e a exposição da criança ao conflito marital. Cônjuges insatisfeitos em suas necessidades de amor e intimidade buscam satisfazê-las na relação genitores-criança. Da mesma forma, uma relação conjugal satisfatória é associada a uma relação parental ruim, pois, nesse caso, a criança é percebida como um empecilho à intimidade do casal.

De fato, a família B/M parece se enquadrar dentro da primeira hipótese que tem sido chamada de “spillover” que é traduzido como transbordamento. A idéia é de que os elementos que caracterizam a relação conjugal avançam em direção a relação parental, como se contaminasse esta segunda relação. Na verdade a capacidade parental estar relacionada com o quanto os cônjuges se sentem apoiados mutuamente para desempenharem sua tarefa de educadores.

Vale destacar que apesar do **desligamento** entre e dentro dos subsistemas, o grupo B e M aumenta de tamanho de dois em dois anos.

Embora M, que é mãe de 9 filhos, seja uma mulher de aparência envelhecida, que demonstra fragilidade e pouca saúde, esta continua tendo filhos com intervalo de dois anos. Parece que as dificuldades relacionais do casal não impedem que atos sexuais ocorram com freqüência entre B e M.

A identidade da família B/M parece estar associada com os dois elementos básicos que a constituíram e que justificam sua manutenção, mesmo que em estado de desligamento, isto é: sexo e alimento. Parece que esta é uma família sustentada na noção mais basal de que a família de fato é, um lócus de sobrevivência do organismo.

c) Relações parentais: modelos identificatórios.

A compreensão da estória da relação conjugal de B e M e conseqüentemente do modo como esta família se constituiu ajuda no entendimento não apenas da dinâmica conjugal, mas também das relações dos pais com os filhos. Embora, o desligamento nesta família seja observado de modo evidente durante as visitas realizadas na casa de B e M que pareciam ser dois estranhos que viviam juntos, pois nunca se olhavam, exceto quando havia uma situação que envolvia o estabelecimento de limites para as crianças, as funções parentais pareciam ser claramente colocadas, B é, de fato, o provedor, o que fornece o alimento e que garante a sobrevivência dos filhos e de M, que, por sua vez, é responsável pelo espaço doméstico, mantendo a ordem da casa, sua limpeza e cozinhando os alimentos para todos do grupo. O modo como são divididos os **papéis** no interior da família B/M remete à **dinâmica** familiar encontrado em sociedades tradicionais.

A educação parece ser a única tarefa que demanda uma aproximação entre o casal. Embora M seja a figura que esta mais próxima a esta tarefa, em algumas situações esta solicita ajuda de B que, com certeza, tem mais poder e é mais respeitado dentro do sub-sistema dos filhos que parece não valorizar as atitudes maternas, tal como pode ser observado na situação de **conflito** entre as irmãs em que C tentava tirar a faca da mão de G. Embora M tenha ordenado “*Solta essa faca*” foi preciso a intervenção de B que disse “*Dá pra ela*” para o conflito se dissipar.

A fragilização da autoridade de M pode estar relacionada à pouca identificação da mesma com o lugar da figura materna que, de fato é, ou seja, com a posição de adulto, maduro, mais experiente e conseqüentemente alguém que funciona, não apenas, como aquele que executa tarefas de cuidado, mas que é um modelo comportamental para os mais jovens. Este aspecto fica evidente na fala de M, ao ser perguntada sobre o que faria em uma situação de naufrágio, ela diz *“Sei lá o que eu faria, sou tipo essas meninas, tenho medo de viajar. Elas iam ficar desesperadas e eu talvez ficasse pior do que elas”*. Outra fala que confirma esta característica de M foi demonstrada ao ser questionada sobre o que faria caso um dos seus filhos se perdessem na procissão do círio de Nazaré, em Belém. Ela diz *“..... eu acho que eu ia chorar”*.

Se por um lado, B tem mais poder do que M, por outro quando perguntadas com quem mais se parecia, as filhas, G, C e T, responderam que eram mais semelhantes à mãe. É possível que tenham apresentado esta resposta simplesmente em função de uma identificação de **gênero** ou porque existem limites, **fronteiras** relacionais com a mãe menos rígidas do que com o pai, o que permite maior proximidade.

Vale destacar a dificuldade de todos os membros, inclusive dos pais, de responderem a esta pergunta. Parecia ser muito difícil entender o que estava sendo perguntado, as respostas sempre giravam em torno de aspectos práticos, objetivos, ligados principalmente às tarefas de sobrevivência, pouco foram levantados aspectos de personalidade ou subjetivos. Como por exemplo ao justificar sua identificação, T diz que lava roupa como a mãe. Ao perguntar aos cônjuges sobre com qual dos filhos mais se assemelhava, M faz referência a aspectos físicos e práticos e diz que a filha mais velha é muito parecida com ela pois *“...ela é magra assim parece eu, né é alta”* e adiciona dizendo que a R também se parece com ela, e diz *“ela cuida da cozinha, ela faz as coisas,.... ela faz a comida, ela lava a roupa, ela é trabalhadora, nesse ponto ela é”* e por fim faz considerações relativas a T e diz que esta é *“uma menina muito esperta também, tia dela sai, deixa ela cuidando da casa, ela faz a comida, amassa açaí, lava roupa, faz tudo, quando a tia dela chega a casa tá*

limpinha, que nem eu ..” B complementa a fala de M acrescentando elementos acerca do temperamento, ele diz “essa gita aí que é braba”.

Enquanto que as semelhanças apontadas por M em seus filhos giravam em torno dos aspectos práticos e físicos, B destacou a principal característica de seu temperamento, isto é, gosto pelo trabalho, que o assemelha aos seus filhos, contudo tal característica continua associada a aspectos relativos a sobrevivência. Ele diz que o primogênito, P é o filho que mais se parece com ele, haja vista que, este *“é um moleque que se vira bacana,, não aprendi a leitura, mas trabalho, eu não gosto de ficar parado, ele se vira pra todo lado”.*

É interessante que diante da pergunta acerca das semelhanças, B e M tenham feito pouca referencia a aspectos mais subjetivos do comportamento, no entanto, ao serem questionados a respeito das diferenças, foram capazes de fazer algumas associações com elementos menos objetivos. Por exemplo, M diz que R tem um modo de ser muito diferente, pois,

...ela tem um modo muito de querer ser assim, as vezes a gente chama atenção dela ela quer responder, ela tem um modo já diferente né!, Quando eu vivia com a minha mãe com meu pai não era assim com eles.

Em consonância com a fala de M, B enfatiza os estilos de parentalidade do passado e diz: *“por que agora tá tudo moderno, de primeiro agente respeitava, qualquer coisa que falava, agente tava pronto pra respeitar, né ! Quando se é criança, agora ta tudo diferente, né ! agente fala, as vezes ...”* e complementa *“olha as meninas, as meninas não respeitam nem os outros”* diante da insistência do pesquisador em torno de qual dos filhos era mais diferente dele, B diz: *“essa zinha aí, a C. A C que é a figura, mais braba”.*

Apesar das respostas diante da pergunta qual dos filhos era mais diferente e porque, não tenha sido de fato respondida, as falas de B e M possibilitaram algumas reflexões. Por exemplo: em geral B descreve os filhos como pessoas desobedientes, sendo que destaca a filha que foi criada pela avó como sendo a que mais obedece. Talvez esta imagem positiva da filha que está distante se deva exatamente ao fato dela estar distante. Em nenhum

momento ele sinaliza que a obediência da filha que mora com a avó seja uma consequência do modo como tem sido educada e que a desobediência de suas outras filhas pode estar associada ao modo como estas crianças aprenderam a lidar com a autoridade.

Um outro aspecto que merece destaque é a valorização dos pais no que diz respeito a obediência. Embora a fala de B e M se remeta a negativa, ou seja, ao fato de suas filhas não serem crianças obedientes, esta permite considerar que os elementos associados a obediência, tais como aceitação, submissão e conformismo fazem parte do mundo simbólico das famílias investigadas.

É possível que a facilidade encontrada pelos cônjuges de falar de modo subjetivo dos aspectos que diferenciam da família seja consequência da imagem negativa que estes tenham de seus filhos. Além do mais, estas falas indicam o quanto é **baixo o sentimento dos cônjuges de pertencimento a este grupo**, e mais, de constituidores e responsáveis pela construção das características que descrevem de seus filhos.

A pesar da facilidade dos cônjuges de descreverem os aspectos negativos do comportamento dos filhos, em geral a família B/M apresenta limitados padrões de **comunicação** e suas considerações giram em torno dos elementos concretos da realidade.

Apesar da pouca identificação com o pai, foi observado durante a situação do miriti comportamentos **cooperativos** das filhas e do filho com B, como por exemplo, quando G e C, que estavam sentadas próximas a B segurando alguns pedaços de miriti, entrega-os ao pai que sem palavras, apenas estendendo as mãos informa-lhes o que estava precisando. Vale destacar o comportamento de P que ao ver o pai aponta para outro pedaço que estava na mão de G, puxa da mão da irmã o pedaço e entrega a B. É possível que exista **competição** dos irmãos em torno da atenção da figura parental.

É interessante que em torno do pai se organizem padrões de **cooperação**, e o mesmo não ocorra diante da mãe. É possível que isto se deva ao fato desta não ter se envolvido na tarefa colocada, já que se restringiu

a ficar com a criança mais nova e monitorar o comportamento dos demais, dizendo o que, como e com quem fazer.

De fato, na situação do miriti, os pais, B e M, ocuparam o lugar que freqüentemente ocupam na sua relação conjugal, ele se mantendo retraído, envolvido nas suas atividades, enquanto M permanece próximo ao grupo dos filhos, intervindo, mesmo que suas intervenções não seja objeto de atenção do grupo. Talvez, M se coloca neste lugar porque acha que é necessário, haja vista que o subsistema dos filhos entra permanentemente em conflito, ou, ao contrário os irmãos têm dificuldade para se relacionar entre si porque M intervém constantemente em suas relações. É possível que a **dinâmica** das relações entre os irmãos, marcada pela interferência materna, pode estar dificultando o desenvolvimento do subsistema fraternal.

d) Dificuldades conjugais e conflitos relacionais entre os irmãos

Em termos gerais, no subsistema dos irmãos existem dois subgrupos principais, sendo um constituído pelo irmão e o outro pelas meninas, sendo que dentro do grupo das meninas há uma divisão por faixa etária.

Durante as observações naturalísticas e nas situações estruturadas, destacou-se os conflitos entre os irmãos que compõem o sistema B e M. É obvio o lugar de destaque ocupado pelo filho mais velho que exerce poder sobre as meninas que, apesar de não confrontar o primogênito, estabelecem vínculos conflituosos entre si.

O poder do irmão mais velho ficou evidente quando C, que estava cortando um dos maiores pedaços do miriti, foi repreendida por M que disse: “*Seca eu disse esses pedaços*” (referindo-se aos menores). P, que estava sentado próximo a irmã, tira o miriti da mão dela e guarda. Com certeza se fosse uma das outras irmãs que tivesse tido a atitude de P, C reagiria, como sugere inúmeras situações que foram observadas e que serão apresentadas nesta seção.

Em um dado momento T pede para C “*Me dá a faca, a faca, Sec a faca, tá surda* (referindo-se ao fato da faca estar desamolada)”. Como C não entrega a faca, T levanta para pegá-la e diz: “*Me dá a faca*”. C responde : “*Espeia*”

(querendo dizer espera). T retruca: “*Me dá*”, mas C continua cortando o miriti e T após esperar alguns segundos, insiste: “*A faca*” e puxa da mão de C, que não quer largar e puxa a faca.

Outra situação de conflito foi quando C pegou um pedaço de miriti que estava atrás de G. Possivelmente este pedaço de miriti era de G, pois estava atrás dela. C bate o pedaço de miriti em sua mão e G ameaça bater na irmã com um outro pedaço de miriti. Apesar da intervenção da mãe o conflito continua, então C joga o objeto para outro lado, próximo a T que pega-o e entrega a G.

Vale destacar o quanto os conflitos são geralmente fisicamente turbulentos. Em geral, há pouca agressão física, mas parece que esta pode ocorrer a qualquer momento. É provável que na ausência dos pesquisadores, tanto as irmãs, quanto o primogênito com o grupo das irmãs se agridem fisicamente. O conflito entre R e G ilustra perfeitamente a proximidade com a agressividade física alcançada nas discussões entre as irmãs. R quer a faca que esta na mão de G que insinua jogar a faca em direção a R, que diz: “*Se tu jogar, tu vai já chorar*”. Esta proximidade com a agressão física pode ser observada no comportamento de P, que após pedir algo a C, ameaça-lhe dizendo “*vou te dar um murro*” e aponta os punhos cerrados para a irmã.

Além dos conflitos expressos com ou sem agressão física, destaca-se no grupo B/M a falta de compartilhamento que ratifica a noção de **desligamento** que caracteriza esta família. O pouco compartilhamento ficou evidente durante a tarefa do miriti, em que apenas alguns membros, B, P e R construíram algum objeto, uma vez que existiam poucas facas e estas raramente eram divididas no grupo. Os dois primeiros membros, o pai e o filho primogênito, que monopolizaram o instrumento são pessoas que ocupam um lugar de poder na família, e o terceiro que é a irmã mais velha é uma figura de referência no grupo de meninas, onde dividiu, algumas vezes, com T a faca que estava usando para fabricar o objeto de miriti.

Apesar do desligamento que caracteriza o grupo B/M percebe-se a existência, principalmente entre os irmãos, de uma certa dose de humor, que, em alguns momentos, se confunde com ironia, mas que tem a função de tornar

os conflitos mais amenos, por exemplo ao serem perguntados sobre o que fariam se ganhassem muito dinheiro na loteria, R responde: “*a T ia comprar carne para colocar na Seca*”. Esta fala de R faz sentido, já que, a irmã C (Seca) é a criança mais magra da casa.

e) Representações atuais em torno dos membros

A dificuldade de expressão dos membros da família B/M esteve presente durante todas as situações estruturadas. Apesar de se apresentar de um modo lúdico, a situação das fotos, onde era solicitado a atribuição de um adjetivo positivo e outro negativo que indicasse quem era o indivíduo fotografado, não foi suficiente para motivar a participação das pessoas que constituem o grupo B/M. A seguir será apresentado um quadro com os adjetivos citados e em seguida comentada as principais respostas (ver quadro 3 abaixo). Vale lembrar que durante esta situação, apenas as meninas mais velhas, acima de sete anos, participaram.

Quadro 3: Síntese dos principais aspectos positivos e negativos levantados no decorrer da situação estruturada.

Membro Descrito	Característica positiva	Característica negativa
B	Trabalho, compra.	
M	Trabalha, varre a casa	Me bate.
P	Bom	Nos bate.
R	Estudiosa	Muito pavulage
T	Trabalha muito, estudiosa	Me bate.
C	Estudiosa	Agressão
G	Trabalha muito	Não penteia o cabelo
M	Muito esperta	Agressão
N	Gosta muito dela	Chora muito
A	Bonita	Chora muito

As respostas apresentadas pelo grupo B/M confirmam a identidade do grupo B/M que foi citado na seção anterior no que diz respeito a valorização do trabalho e adiciona um segundo aspecto. Ocorreu freqüentemente dos membros desta família se referirem, quando questionados sobre os atributos positivos, ao trabalho e, quando solicitados que apresentassem uma característica negativa, destacavam o aspecto agressivo. Por exemplo, B ao descrever sua filha G diz que ela é uma pessoa que trabalha muito, por sua vez G ao apresentar um predicado positivo da irmã T também destaca o trabalho. A mãe e o pai também foram descritos como pessoas trabalhadoras, C ao falar de B e R ao descrever M ressaltam o trabalho.

A questão da agressividade foi atribuída por vários sujeitos a diferentes membros da família, M ao descrever I e C diz que elas são muito brigonas e que esta ultima sempre vem brigando no caminho de volta da escola. P também foi descrito pela irmã, R, como uma pessoa que bate nas irmãs. É

interessante porque R ao responder a pergunta da pesquisadora diz, se referindo ao seu irmão, P, que ele é bom e é mal, após alguma insistência ela fala que ele é mal porque bate nas irmãs, inclusive nela, no entanto não consegue justificar a bondade do irmão. Mesmo assim, parece que há uma certa ambivalência em R, que mesmo vendo o irmão como uma pessoa agressiva reconhece seu lado positivo mesmo que não consiga justificá-lo. G descreveu sua irmã T, como uma pessoa agressiva já que apanha da irmã, que por sua vez, se reconheceu facilmente na descrição da irmã. No mesmo sentido, assim que R descreveu a mãe, sem dizer de quem se tratava, como uma pessoa que lhe bate, as filhas mais velhas confirmaram que se tratava da mãe.

As falas dos membros da família associadas às representações em torno de B construídas pela comunidade sugerem que a ênfase atribuída por este grupo ao trabalho pode estar relacionado a figura paterna enquanto que a agressividade pode ser associada ao comportamento da mãe. Em fim, com certeza, nesta família o trabalho é um grande valor, todavia mesmo não sendo objeto de valorização, grande parte dos membros apresentam comportamentos agressivos.

Além das respostas relativas ao trabalho e a agressão, destaca-se outras falas que merecem ser comentadas, por exemplo a fala de C que ao apresentar os atributos positivos do pai, destaca além deste trabalhar, o fato dele fazer as compras. Isto confirma a idéia de que o **papel** de B é de fato o de provedor, ou seja, não apenas trabalhar mas também de transformar o seu trabalho no elemento fundamental para sobrevivência de todos da família, os alimentos.

Ainda sobre a fala de C em torno do pai, destaca-se o fato da filha não conseguir apresentar um aspecto negativo sobre o pai. Talvez ela não tenha conseguido por se sentir constrangida diante do mesmo, uma vez que, este ocupa um lugar de poder dentro da estrutura familiar onde exerce seu poder que se expressa no padrão **hierárquico** estabelecido. Por outro lado, é possível que C simplesmente não perceba na figura paterna nenhum elemento negativo para descrever.

Surpreendentemente houve pessoas que destacaram a questão do gosto pelo conhecimento. Estas respostas são contrastantes com a fala da professora que percebe “as filhas do B” como as crianças menos interessadas da escola. No entanto, C foi descrita por sua mãe como uma pessoa estudiosa assim como T, mesmo ressaltando que a pessoa da foto era muita “pavulagem”, finaliza dizendo que esta gosta de estudar. “Pavulagem” é um termo usado para descrever uma pessoa presunçosa, arrogante. É possível que a referência de T a arrogância da irmã esteja associada a conflitos decorrentes da proximidade de idade que existe entre estas duas irmãs, que são as duas mais velhas do sexo feminino que mora na casa.

Em termos gerais, entende-se que a família B/M apresenta na sua dinâmica relacional atual elementos que estiveram presentes na origem deste grupo, dentre estes pode-se destacar a ênfase na sobrevivência e a valorização do trabalho. Além destes dois aspectos pode-se enfatizar o estilo agressivo que caracteriza as relações entre os diferentes sub-sistemas.

Família C/N

A família C/N é o maior sistema familiar da comunidade araraiana, uma vez que o casal teve 10 filhos, sendo que alguns já casaram, tiveram seus próprios filhos, e continuaram vivendo junto com C e N. Esta família foi a primeira visitada pelo grupo de pesquisadores, uma vez que são parentes do informante que fez a apresentação dos membros da equipe a comunidade.

Com certeza, esta é, dentre o grupo das famílias focais, o sistema que apresenta a **dinâmica** relacional mais complexa. Sua complexidade se deve ao fato de se tratar de uma família extensa constituída por mais de um sistema conjugal que favorece a existência de vários núcleos relacionais. De fato é um grande sistema formado por quatro subsistemas conjugais, dentre estes, quatro vivem permanentemente juntos enquanto um passa apenas alguns períodos do ano com C e N.

Além das relações, conjugais, parentais e fraternais mantidas dentro dos diferentes núcleos conjugais, estes mantêm entre si estreitas relações que influenciam na formação de padrões relacionais sob diferentes orientações.

Talvez por isso tenha sido tão difícil encontrar um eixo sob o qual sustenta a família e a partir do qual deriva as demais relações. Neste sentido, não é possível olhar para a família C/N tendo como orientação básica a noção de que o sistema conjugal funciona como base para a organização dos outros sistemas.

Além desta questão que torna a análise dos dados do sistema C/N mais complexa do que as demais, contou-se com uma dificuldade adicional durante as coletas, haja vista que, por ser um sistema constituído por muitos membros era difícil reunir todo o grupo. Em geral, durante as visitas, o sistema C/N era encontrado disperso, no entanto era possível perceber a existência de vários subgrupos que pareciam ter se constituído em função da faixa-etária, sendo encontrado em torno da casa apenas as crianças e os membros mais velhos, isto é C e N. Os membros do sexo feminino que já se encontravam na fase adulta se mantinham no interior da casa, onde provavelmente estavam se preparando para receber “as visitas”, haja vista, que saíam de dentro da casa maquiadas. Os jovens adultos do sexo masculino estavam, na maioria das vezes, trabalhando no mato ou no rio ou em alguma atividade de lazer.

Como era de se esperar, nas primeiras visitas o clima na família C/N era uma mistura de expectativa com constrangimento, principalmente as crianças ficavam em torno dos pesquisadores observando-os detalhadamente. C e N juntamente com as filhas e noras adultas pareciam não apenas curioso, mas também contentes e extremamente receptivo com os recém chegados. É possível que este clima esteja associado com o fato desta família ser a mais isolada da comunidade. Quando retornavam da atividade que estavam executando fora de casa, os rapazes se apresentavam de modo formal à equipe, mantendo-se durante todo o tempo da visita distante dos pesquisadores.

Na medida em que os pesquisadores se tornavam mais conhecidos pela família em decorrência da regularidade das visitas, a expectativa das crianças diminuiu, assim como o clima de contentamento das primeiras visitas tornou-se menos presente. Todavia os rapazes mantiveram-se em sua posição retraída diante da equipe de pesquisa.

Antes de visitar a família C/N a equipe de pesquisadores já tinha recebido algumas informações a respeito deste grupo. O informante comentou que C era um homem que mantinha boas relações com toda a comunidade, era um dos moradores mais antigos do rio, haja vista que nasceu naquela localidade, pois seu pai tinha sido um dos funcionários da fazenda onde atualmente funciona a pousada que hospedou os pesquisadores. O informante destaca que as terras onde C vive atualmente com sua família eram de seu pai que as recebeu como forma de pagamento por seus serviços prestados na fazenda.

Adicionalmente o informante destaca que embora C seja um homem bem querido por todos, apresenta um temperamento difícil que, muitas vezes, é manifestado através de agressão física à sua esposa e filhos. Sua companheira é uma mulher de aparência envelhecida, cujo corpo extremamente magro é coberto de manchas brancas. N é uma pessoa de poucas palavras, que, ao emitir suas opiniões, fala em tom baixo, quase inaudível. Apesar de dizer que tinha apenas 45 anos de idade, dona N parecia ter, no mínimo, 60.

Em termos gerais, obter, através de N, informações a respeito de sua relação conjugal ou parental foi uma tarefa muito difícil. Além da dificuldade visível ao se expressar, era evidente o pouco entendimento das questões que lhe eram apresentadas. Todavia, além destas restrições, percebeu-se que a presença de C gerava um aumento no retraimento de N que parava de falar quando seu companheiro se aproximava.

O informante relatou que C apresenta atitudes agressivas não apenas em direção a dona N, mas também aos filhos, mesmo que estes já sejam crescidos. Esta informação torna-se mais consistente quando S, em uma das primeiras visitas, relata que ao ficar grávida de B, não teve coragem de falar sobre sua gravidez com C, embora todos os outros membros da família tenham ficado sabendo do fato.

No decorrer das visitas, ficou evidente que a agressividade não é um traço comportamental presente apenas dentro do subsistema conjugal e parental de C e N. Parece que as relações estabelecidas dentro do subsistema dos irmãos são igualmente marcadas por comportamentos agressivos, e mais, os dados

indicam que dentro de outros subsistemas parentais, como o que se organiza em torno de A, esposa de P, existe atitudes agressivas com as crianças.

Esta similaridade entre os padrões de relação presente nos diferentes subsistemas tem sido investigada por pesquisadores que trabalham na interface da psicologia do desenvolvimento e da família. Um bom exemplo destes estudos é a meta-análise desenvolvida por Erel e Burman (1995) que concluíram a existência de uma correlação positiva entre as relações estabelecidas dentro do sistema conjugal e parental.

Esta mesma lógica pode ser pensada ao considerar as similaridades dos padrões estabelecidos nas relações dos diferentes subsistemas parentais. É possível que, neste caso, o fato da existência prévia de um comportamento agressivo no subsistema parental desenvolvido por C e N tenha oferecido referencia aos novos pais que se juntaram a este sistema. Talvez se A, que é uma pessoa proveniente de outra família, tivesse se juntado a um sistema com padrões menos agressivos não apresentasse algumas atitudes com seus filhos que serão descritas posteriormente.

Dentro do grupo C/N destaca-se C pelo seu modo falante; todavia, percebeu-se que C não parece ser o único dentro do sistema que apresenta esta característica, os outros membros que se assemelham ao pai são pouco expressivos. Ao longo das visitas, C era o membro que mais conversava com os pesquisadores, sendo que nos primeiros encontros apresentava um modo de conversação que lembra o conceito do que é socialmente desejável. Inferiu-se que o conteúdo de sua fala revelava sua preocupação em apresentar os elementos que supunha serem desejados pela equipe de pesquisa.

Na medida em que os pesquisadores tornavam-se menos estranhos pelos demais membros do sistema, estes revelavam aspectos das relações familiares que motivaram C a expressar idéias mais próximas da realidade e menos comprometida com noções que considerava mais adequada.

Em termos gerais, pode-se dizer que nas primeiras entrevistas, teve-se acesso apenas às idéias de C, cuja postura parecia que dificultava a participação dos demais membros da família que raramente participavam. No

entanto, nos últimos encontros, pode-se verificar um aumento da participação dos filhos que já estão crescidos, cujos depoimentos geraram um clima de tensão no grupo. O membro que manteve a postura mais estável ao longo das visitas foi N, que desde o início pouco se manifestou.

É possível que o estágio do **ciclo de vida** da família C/N influencie na postura participativa dos filhos que compõe este sistema. Provavelmente, o perfil de C que parece ser de um homem autoritário, tenha sofrido algum abalo com o crescimento dos filhos. O fato é que parece existir uma contradição entre a imagem existente em torno de C, que é veiculada, principalmente, através dos filhos e o modo como estes reagem diante das atitudes de C. Por exemplo, parece estranho que alguns membros do sistema fraternal se refiram a C não pelo status, e sim por um apelido que é uma alusão ao seu nome: "Calo". O apelido de C, Calo, sugere uma representação pejorativa de seu portador. Na verdade, não se perguntou os motivos deste apelido, mas pode-se pensar que este indique a percepção que os membros da família têm em torno da relação com C, ou seja, de que o vínculo com a figura paterna é algo que incomoda, com quem é difícil de conviver, etc.

Emfim, é preciso dizer que, embora não se entenda que o casal C e N constitua o eixo deste sistema o que torna esta família extremamente mais complexa e conseqüentemente mais difícil de organizar os dados, optou-se por manter uma estrutura de apresentação semelhante a que foi feita nas outras famílias sendo que adicionando sempre os elementos relevantes provenientes dos outros sistemas conjugais.

a) História da relação conjugal

De modo geral foi muito difícil ter acesso a história da relação de C e N, uma vez que, nas primeiras visitas, C dominava as entrevistas e suas falas pareciam sempre ter o objetivo de revelar o quanto sua vida conjugal e familiar era perfeita. Por outro lado, as poucas verbalizações de N ressaltavam as dificuldades da vida com C.

Em uma das poucas vezes que foi possível conversar com N, sem a presença de C, N relatou que quando conheceu seu atual companheiro gostou dele. No entanto, seus pais não aprovavam seu relacionamento, ela diz: *“Eu gostava dele. Meu pai e minha mãe não queriam que eu ficasse com ele, não gostavam dele, mas eu gostava ai, até que nós se amasiemo, eu com ele”*.

N destaca que seus pais não concordavam com o namoro porque C, assim como N, gostava muito de festas, onde C bebia muito e se metia facilmente em confusão, principalmente em brigas. Posteriormente C confirmou que, de fato, se envolvia facilmente em conflitos.

N conta que, diante da ausência do apoio de seus pais, resolveu em conjunto com C fugir de casa. Ela destaca o quanto os primeiros anos foram felizes e diz:

O C não criava problema nenhum, a vida era melhor antes das crianças nascerem. Nós não tinha filho né, a gente vivia numa vida tranqüila, mas depois veio os menino ai já foi esquentar mais a cabeça, de lá eu tinha que me controlar mesmo, esfriar a cabeça porque já veio os filho ai a amizade já foi crescendo pra cima deles.

A fala de N a respeito dos primeiros anos de casamento revela um aspecto fundamental que tem sido objeto de investigação de muitos pesquisadores, o decréscimo da satisfação conjugal. Os primeiros anos de casamento têm sido tratados na literatura (Carter & McGoldrick, 1995; Heavey & cols., 1994; Kreppner, 1995; Mebert, 1991; Petzold, 1995; Siqueira & cols. 1999) como um período em que diminui o nível de satisfação conjugal. Belsky (1981, 1984) Cox, Owen, Lewis e Henderson (1989), Kreppner (1988, 1995),

Siqueira & cols. (1999), Trost (1995) têm associado esta diminuição ao nascimento do primeiro filho.

Com a chegada do primogênito, o casal precisa reorganizar a vida familiar e se adaptar à nova situação (Kreppner, 1995). Segundo Carter e McGoldrick (1995) os elementos disparadores de conflito entre o casal é a divisão de tarefas domésticas e o cuidado dispensado ao bebê.

Apesar da semelhança com a literatura é provável que o elemento fundamental que disparou a insatisfação conjugal de N tenha sido principalmente as demandas econômicas que começaram a aparecer com o nascimento dos filhos e não a questão da divisão de tarefas domésticas e cuidados com o bebe, haja vista, que no rio, estas são atividades executadas apenas pelo sexo feminino.

É provável que os problemas econômicos tenham representado não apenas dificuldades para a sobrevivência da família, mas tenham favorecido o aumento do comportamento agressivo de C com N. Este fato pode justificar o afastamento do casal assinalado por N ao destacar em sua fala o redirecionamento do afeto que tinha por seu companheiro para os filhos. Em adicional, ela sugere que os sentimentos pelos filhos tornaram-lhe uma pessoa mais paciente e submissa. Retomando a fala de N, ela diz: *“depois veio os menino ai já foi esquentar mais a cabeça, de lá eu tinha que me controlar mesmo, esfriar a cabeça porque já veio os filho ai a amizade já foi crescendo pra cima deles”*.

De fato, N demonstrou durante as situações estruturadas elementos que sugerem que seu estilo de personalidade é mais passivo. Por exemplo, ao ser perguntada a respeito do que faria caso perdesse um dos seus filhos durante o cívico de Nazaré ela respondeu *“não tenho idéia, ficava lá mesma parada, não sabia pra onde eu ia, eu ia ficar calada lá”*. Quando questionada sobre sua atitude em uma situação de naufrágio em que todos de sua família estivessem presentes, ela diz: *“ia rezar”*.

Quando perguntada a respeito de sua relação conjugal na atualidade, N apresenta uma resposta evasiva e se limita a dizer que hoje a vida é melhor.

Pois *“eles tão tudo grande, tem uns que já tem mulher e tá melhor. Hoje é melhor do que antes do S nascer”*. No entanto, durante uma observação não estruturada em que se conversava com N a respeito de sua relação com C, N confessa, após ser perguntada sobre o que sentia por C, respondeu que não gosta mais dele. Diante da sinceridade de N, a pesquisadora lhe questionou sobre sua vida sexual que respondeu que ainda mantém atividade sexual com C, sendo que sempre é ele que a procura durante a madrugada. Ela reconhecia seu interesse quando este deitava silenciosamente em sua rede.

A princípio, ao ser questionado sobre sua relação conjugal, C enfatiza o quanto sua vida sempre foi boa, tanto no passado, quando ainda não conhecia N quanto no presente, ele diz: *“Olha, quando eu conheci ela pra mim tudo tava bom e antes de conhecer ela a mesma coisa”*. No entanto na medida em que falava ele apresentava uma descrição que sofria variações, por exemplo *“pra mim era muito bom e agora está melhor porque eu mudei um pouco do que eu era noutra tempo....”*.

Durante a entrevista C destaca o fato de, no passado, ter se envolvido em muitas confusões e reconhece o quanto isto era negativo para sua vida. Ao falar do período em que as crianças nasceram ele diz: *“era meio ruim ainda porque eu gostava muito de festa”* e complementa *“eu era um pouco problemático porque eu gostava muito de encrencar com os outros, até no tempo quando o T nasceu, parei mais agora, que eu mudei”*. Ao falar do período em que as crianças eram pequenas ele reforça a idéia apresentada pelo informante e a fala de N sobre seu temperamento, ele diz:

Eu era carne de cabeça nesse tempo, se eu ia na festa, via duas pessoas que ia brigar, um queria e o outro não queria, eu já pulava pra banda daquele que não queria, eu sempre teve uma temperatura assim meio forte. Eu já comprava o peixe do outro que não era pra mim fazer uma coisa dessa.

Ao falar do período que antecede sua relação com N, C ressalta a importância de sua relação com seu pai. Ele destaca o quanto era boa aquela época haja vista que *“tinha o apoio do meu pai, eu trabalhava junto com meu pai, e pra mim era muito bom”*. O pai de C, desde as primeiras visitas, foi

referendado por todos os membros como uma pessoa boa que, após anos da sua morte, continua fazendo falta.

C destaca sua postura obediente diante de seu pai. Ele diz que mesmo depois de adulto continuava pedindo permissão ao pai para ir a festa, ele diz:

Toda festa que tinha que o papai deixava eu ir eu ia, só parei de ser governado pelo meu pai depois que ele morreu, eu tinha minha família, parava ali, se tinha uma festa eu vinha com ele e dizia: papai tem uma festa, eu vou na festa? Se ele dissesse vai, eu ia, se ele dissesse não sei, eu não insistia e não ia.

A ênfase que C dá a sua obediência diante do seu pai pode justificar a crítica que posteriormente apresentou ao comportamento de seus filhos que, de certo modo, se queixam das exigências feitas por C, por exemplo durante o jogo de futebol ou quando precisam de autorização para ir a alguma atividade de lazer.

Ao falar da sua relação conjugal na atualidade, C ressalta sua mudança comportamental, haja vista que deixou de ser uma pessoa que se envolve facilmente em confusão, e destaca o fato de ter com N uma relação sem **conflitos**. No entanto, posteriormente apresenta os aspectos de seu casamento que mais lhe incomoda.

Em sua verbalização, ele destaca, além das diferenças de estilo de **comunicação**, o padrão **hierárquico** de sua relação conjugal, ele diz:

Olha nós se entende muito bem, não semo muito bom pra conversar porque ela é uma pessoa que não gosta de conversar, você vê o jeito dela, ela não é de puxar conversa, se puxarem conversa com ela, ela responde, as vezes eu to conversando com ela, ela tá calada só concordando, mas nós se entende muito bem, eu falo ela obedece, nunca me desobedeceu, não, tudo que eu falar pra ela, ela obedece.

Embora tenha sido pequeno o acesso à informações que permitissem compreender as origens do funcionamento de C e N, percebe-se que a natureza **dominadora, autoritária** de C ao ser combinada com o perfil mais

passivo de N ofereceram as bases de uma relação conjugal complementar que tem se mantido ao longo dos últimos trinta anos que, com certeza, tem influenciado na identidade deste sistema.

Com base no fato de que o sistema C/N é constituído por vários subsistemas conjugais, entende-se que a identidade desse grande grupo é formada não apenas pelo perfil de C e N, mas também pela soma das diferentes forças provenientes destes subsistemas. Limites metodológicos não nos permitiram adentrar nos aspectos intrasistêmico que caracterizariam a identidade geral da família C/N.

De fato, o sistema C/N se enquadra dentro do que a literatura tem chamado de família multigeracional. Como o nome está sugerindo, as famílias multigeracionais são formadas por mais de duas gerações, isto é, além dos pais e dos filhos ocorre a entrada de uma terceira geração que na descrição de Relvas (2000) é representada pelos avós, ou seja, os pais dos pais. No entanto, o que se verifica no contexto ribeirinho se difere do apresentado na literatura, haja vista que ao invés dos avós, entra os parentes por afinidade, genros, e os netos.

Relvas (2000) justifica o aparecimento das famílias multigeracionais se reportando ao avanço da medicina que contribuiu com o aumento do período de vida, ou seja, como uma consequência do desenvolvimento e do acesso aos recursos tecnológicos. Se por um lado, a família multigeracional é um indicador do desenvolvimento nas sociedades industrializadas, por outro, no contexto ribeirinho indica a manutenção da pobreza ao longo das gerações, haja vista que são uma consequência dos baixos níveis de acesso, não apenas à terra, como também aos recursos econômicos e educacionais.

Embora os elementos que estão na base das famílias multigeracionais ribeirinhas sejam diferentes daqueles encontrados nos grupos dos grandes centros urbanos, os requisitos para seu entendimento são os mesmos. A descrição das famílias multigeracionais requer que estas sejam pensadas em termos sistêmicos, ou seja, compreender que as tarefas de desenvolvimento de uma geração interagem de maneira circular com as que vão ocorrendo, simultaneamente, noutras gerações. A dificuldade sentida numa das gerações

reflete-se nas dificuldades das outras gerações. Como diz Relvas (2000) “*é aqui que se situa o inter cruzamento*” (pág. 124).

Segundo Relvas (2000), este movimento de entradas e saídas conduz à intersecção de diversas crises, muitas vezes de sinal contrário, exigindo uma grande adaptabilidade e flexibilização do sistema e das capacidades relacionais dos seus elementos. Daí decorre a necessidade da mudança e complexificação de papéis e estatutos no seio da família.

b) Identidade familiar: origem e manutenção da família

Em termos gerais é difícil falar de uma identidade familiar, uma vez que sua natureza multigeracional representa mudanças dinâmicas que estabelece variações nos padrões relacionais. Todavia, sem conseguir precisar a extensão deste modelo no restante da família, percebe-se que no sistema conjugal central existe uma tendência de se apresentar um padrão relacional complementar.

Diante da dinamicidade do sistema C/N nem sempre o perfil complementar pode ser identificado em outros arranjos relacionais, por exemplo, N que na relação com C é uma figura submissa, é considerada por alguns filhos como uma parceira com quem se divide sentimentos e idéias o que sugere que neste contexto N estabelece uma relação de similaridade. Por outro lado, a natureza da relação pode-se manter, ou seja, continuar sendo uma relação complementar, porém os papéis sofrerem alterações. Ainda se referindo a N, que, tal como já foi assinalado anteriormente, na relação conjugal é dominada por C, se coloca em algumas relações parentais como a figura dominadora.

Esta complementação de atributos, e de certo modo, a semelhança entre os mesmos encontrados no sistema C/N torna-se um pouco mais complexa após C e N descreverem o modo de ser de seu pai. C destaca que seu pai era um homem que se diferenciava dos demais por sua generosidade, ele diz:

Meu pai era um homem que fazia de tudo para ajudar as pessoas e esse mesmo defeito eu tenho, pessoal aqui todo mundo diz que sou demais bom, por isso que eu não tenho nada, eu digo não tem problema, quero

seguir o exemplo do meu pai, eu faço o que eu posso para ajudar, se eu disser olha não dá pra eu ajudar é porque não teve condição, se tiver uma pessoa que quer arrumar um barco pra fazer uma viagem, se der pra ele me paga ele me paga se não der ele não me paga, eles acham que eu tô errado meu pessoal, não, quero seguir o exemplo do meu pai, se venham ver qualquer comigo eu dô. Olha um tempo desse eu dei uma madeira ali pro marido da Zuleide, pra casa dele, falta só ele vir tirar, tu quer vem tirar madeira que eu ti dou, porque meu pai fazia assim. Olha, limão nós tinha aqui eu dava pra todo mundo porque meu pai dava então eu quero seguir o exemplo dele. o coração que ele tinha eu acho que o meu é, porque o meu pai era muito destemperado, mas ele era bom nessa parte..... olha jogo de bola eu não suporto, eu posso tá jogando direitinho, se tiver um que chame nome ai pronto já não deu certo pra mim, já começa ficar aqui com aquela quentura, eu quero respeito, eu chamo atenção, se nada, eu começo a criar problema.

Semelhante ao discurso de C, mas com menos ênfase N, destaca a bondade enquanto uma característica da personalidade de seu pai que compartilha. Neste sentido, poder-se-ia pensar que a “bondade” e a “generosidade” de N e C, respectivamente fazem parte da identidade deste sistema; no entanto, embora façam parte do mundo simbólico do grupo, não parecem ser um atributo forte no cotidiano dos indivíduos que constituem a família C/N.

Embora a generosidade seja um aspecto encontrado no sistema C/N, nota-se que as pessoas que vivem as margens do rio apresentam um estilo pouco marcado pelas posses. As relações parecem norteadas por uma ética de apoio e suporte, no entanto a ação desta cooperação se torna limitada haja vista a condição de miséria em que todos se encontram. O perfil de cooperação encontrado entre os ribeirinhos se limita a poucas ações, trocas, empréstimos de alimentos, etc. Todavia, atitudes mais consistentes como organizar uma associação de moradores não foram ainda desenvolvidas.

c) Relações conjugais e parentais: modelos identificatórios.

Além da dificuldade de N de expressar suas idéias, muitos dos membros do sistema demonstraram dificuldade em compreender as questões que estavam sendo feitas. Em geral ao falar das diferenças, as pessoas diziam o que era semelhante. No entanto, em alguns momentos o fato das perguntas serem feitas no grupo auxiliou na construção da resposta, por exemplo, a dificuldade de N de se comunicar foi amortecida pelo auxílio de alguns membros do subsistema dos irmãos que ofereceram informações complementares a cerca da dinâmica das relações dentro do sistema C/N.

Apesar dos equívocos em torno das questões, em termos gerais, o casal sentiu mais dificuldade ao falar do que era semelhante, sendo mais fácil destacar as diferenças. Além do mais, percebeu-se que para C e N, era difícil falar de sua relação, ou seja de seu vínculo conjugal de um modo dissociado dos vínculos parentais.

A despeito das restrições, C, que até então se esforçava em manter o padrão idealizado de relações, expressou, de modo, mais pontual suas opiniões a cerca do vínculo com N e com alguns filhos. Por outro lado, N que ao longo da entrevista e das observações se apresentava como uma pessoa passiva revelou um lado mais ativo de sua personalidade.

Em sua fala, N destaca a dificuldade do casal de chegar a acordos, ela diz:

É porque ele tem uma parte de querer ser brabo e eu também não sou muito..... ai não dá certo porque ele quer uma coisa e eu quero outra e ai nós se desentende, nós teima, eu saio prum lado ele sai pra outro, acaba sendo o que ele quer.

Após ter ouvido um conjunto de opiniões emitidas, de modo fragmentado, pelos filhos mais velhos e por N, C ao falar de sua diferença em relação a N, se justifica, ele diz:

Olha, todo mundo diz que eu sou brabo, que meu gênio é forte, não, eu sou uma pessoa fácil de lidar comigo, qualquer pessoa lida comigo, eu

só quero que entenda o que eu falo, se entendeu? Ai é uma beleza agente nós se acerta muito bem, e ela a nossa diferença é que eu quero de um jeito e ela quer de outro. Eu digo, olha N eu tenho que fazer assim e assim, vamo botar ordem na casa, ela não me responde nem que sim nem que não, aí nós se torna diferente um do outro, quando eu quero uma coisa ela acha que não deve ser assim, eu digo não, mas tu tem que me dar apoio para eu poder ti dar apoio também sobre os pequenos quando querem ir na festa, eu digo olha eu acho que eles não vão nessa festa, pode proibir, ai ela fica calada, ela não fala nada, eles vão e pedem licença pra ela, porque nenhum deles pedem licença pra mim, tudo que eles querem vão falar pra ela pra ela falar pra mim.

Esta fala de C revela alguns aspectos que extrapolam a relação conjugal, mas que precisam ser destacados. Em um primeiro momento percebe-se que C tem uma percepção de si diferente, se não oposta, daquela compartilhada pelo grupo. Em nenhum momento de sua fala C pareceu refletir acerca das representações que os membros de sua família fazem dele. Provavelmente, este tem dificuldade de fazer uma auto-avaliação coerente com a realidade.

Outro aspecto que merece destaque na fala de C diz respeito as diferentes práticas de criação adotadas por C e N. Parece que os elementos valorizados por C não são compartilhados por N. Este elemento estabelece uma polarização de **papeis**, de modo que, enquanto o pai é considerado uma figura de **poder**, a quem os filhos parecem temer, a mãe é a mediadora, aquela que intermedeia, que serve de canal de comunicação dos filhos com o pai, ou seja, a porta voz dos desejos do subsistema dos irmãos.

Esta divisão dos papeis que é, em parte, responsável pela organização das relações entre o subsistema conjugal e parental lembra padrões de relações presentes em famílias mais tradicionais, que fazem parte de um tempo onde o modo de vida era menos complexo do que na atualidade. É possível que o contexto simples da vida ribeirinha favoreça o surgimento de padrões relacionais dentro das famílias semelhantes ao estilo encontrado em tempos mais remotos.

Diante do questionamento a respeito das semelhanças conjugais e do silêncio de C e N, o subsistema dos filhos emitiu sua opinião. G, uma das filhas mais velhas, em tom cômico diz: *“Eu acho que eles gostam de festa, os dois porque quando um diz umbora o outro diz eu já to lá”*.

Em um dado momento, a questão das similaridades e diferenças abandona o foco das relações conjugais e são direcionadas para todos os membros da família, inclusive aos filhos. As respostas apresentadas pelos indivíduos que compõe o subsistema dos irmãos giraram em torno dos atributos: agressividade e autoritarismo. Por outro lado, o elemento utilizado por C para diferenciá-lo nas relações com os filhos foi o perfil de **comunicação**.

Ao justificar a presença ou ausência de identificação com alguns filhos, C revela o que deseja nas suas relações, ele diz:

Eles (os filhos) tem que chegar comigo: olha eu quero assim, assim, assim, eu vou fazer isso o que tu acha? Dá pra fazer? Se tornava bonito né, mas eles vão com ela (com N), ela que tem que passar já pra mim as informação.

Ao falar de suas relações parentais, C demonstra insatisfação com todos os filhos, exceto com O, com quem se identifica, haja vista que é uma pessoa que tem iniciativa, pois sabe expressar suas idéias. Ao descrever sua relação com O, C adiciona sua critica à postura dos outros filhos, ele diz:

Nós se entende muito bem, o pensar dele é o mesmo do meu. Quando..... eu penso em fazer eu digo: O vamo fazer tal coisa, vamo é isso que nós temo que fazer. Por exemplo: “trabalho, ir para o mato tirar uma tala, até na panhação de açá, até numa viagem, eu digo para onde nós vamo? Ele diz olha vamo por aqui, e já os outros não, eu pergunto, olha eu não sei tu é que sabe, ai já não combina bem, eu acho eles diferentes de mim nesta parte, com o O não.

Alguns filhos, R, P, D e Tui revelam que se sentem distantes de C, mas com exceção de T, não apresentam os motivos deste distanciamento. É

possível que a ausência de justificativa se deva em parte pela aproximação com o estilo menos comunicativo de N, ou como uma consequência do possível temor que sentem da figura paterna.

Ao justificar sua semelhança com N e a diferença de C, T diz que seu pai é uma pessoa que tem um gênio muito forte. Diante da observação de T, C argumenta, novamente em torno da postura dos filhos, em especial de T que não emite suas opiniões quando é colocado diante de alguma demanda. Ele se queixa que ao perguntar o que pensa, T diz apenas “*hun, hun!*” e destaca o quanto este tipo de resposta o irrita, ele diz: “*assim não dar eu quero que o cara converse comigo, vamos ou não*”.

Além de criticar T, C estende sua observação ao comportamento de outros membros da família e ratifica sua preferência pelo estilo comportamental de O. Ele diz:

O P é a mesma coisa, eu não sei o que eles querem dizer com esse “hun hun”, não dá. D’agora nós fomo tirar açaí ali, nós vamo por aqui pela beira, ou pelo centro, I disse não sei, e tu N? Não sei, Oh meu Deus, diga alguma coisa, to pedindo opinião. O O tem esta vantagem, se eu perguntar vamo por aqui, vamo, ou então não vamo por aqui, eu quero que a pessoa converse comigo, eles dizem que eu sou mais brabo por causa disso, não eu to pedindo opinião, tudo que eu vou fazer eu peço opinião, agora só que nem todos me dão opinião, nem certo nem errado, é só o O.

Chama atenção o fato que mesmo diante dos pedidos de opinião de C aos seus filhos, estes se retraem e não omitem suas idéias. Parece que o temor que os filhos sentem diante de C é maior do que o suposto desejo destes se fazerem presentes em uma dada situação. É possível que C não alcance seu objetivo porque seu pedido verbal entra em contradição com o seu padrão comportamental **autoritário** que dificulta o desenvolvimento de relações sustentadas em estratégias de **negociação** que estão na base de vínculos mais **cooperativos** e menos **hierárquicos**.

Ao falar do filho com quem menos se identificava, mais uma vez, C destaca o estilo de comunicação e enfatiza o modo de conversar de R. No entanto ao analisar a fala de C percebe-se que este se refere muito mais ao conteúdo da fala de seu filho do que ao estilo de apresentação das idéias do mesmo. Na verdade, tal como se pode perceber na fala de C, R parece que tem um estilo semelhante ao do pai, uma vez que emite suas opiniões com assertividade e precisão. C diz:

Nem tudo que ele fala eu aceito, nem tudo que eu falo ele aceita, sou muito amigo, mas não dar certo as opiniões. Praticamente todas opiniões não dão certo, por exemplo eu digo R vamos fazer tal coisa, ele diz não, não vai dar certo. Se for no trabalho, se nós vamos pro mato eu digo R o que tu achas vamos por aqui ou por aqui, olha eu não sei, por aqui é mais ruim, começa a botar dificuldade.

Apesar da insatisfação de C em torno da postura dos filhos que revelaram uma avaliação mais positiva em torno da relação com N do que com C, G, uma das filhas mais velhas do casal expressou suas similaridades comportamentais com seu pai. Além de dizer que se parece com C, destaca o fato de concordar com o seu modo de enfrentar as situações do cotidiano, ela diz:

Ele faz as coisas eu concordo, eu aceito, com o modo dele, eu aceito. Quando ele faz as coisas, ele vem fala ou então antes dele fazer ele me fala também, a gente senta, conversa, aí eu concordo com o que ele faz. Eu me acho mais parecida com o papai é no gênio, acho que meu gênio dá certo com o dele, já a mamãe não, ela é calma, já ele é mais esquentado do que ela, eu também sou um pouquinho esquentada, acho que aí é que a gente se parece eu com ele.

S, o filho primogênito do casal, apresenta um discurso mais complexo. Ele diz que, embora seu temperamento seja semelhante ao de seu pai, não desenvolveu um vínculo de intimidade com o mesmo. S foi o único filho que emitiu, de modo consistente, sua opinião em torno de C, revelando uma postura extremamente crítica a cerca do comportamento de seu pai. Ele diz:

Pareço mais com pai, embora até que não der certo as opiniões dele com as minha, entende ! por exemplo se tem coisas que ele faz que eu não gosto, mas eu não digo nada, eu fico só comigo aquilo, agora pra conversar é com a minha mãe, a gente conversa muito eu com ela, concorda mais um com outro, o meu pai a gente não concorda, várias coisas, mas eu não chego com ele, não digo olha não gostei disso que tu fizestes, em termos assim se for fazer um serviço, por exemplo..... fica difícil, uma coisa que eu não gosto é futebol, nós não demo certo nem quando a gente ta só de um lado nem quando agente é contra um do outro, ele briga mais, certas jogadas ele quer fazer que não pode acontecer, a nossa briga mais é no futebol, não demo certo. Com a minha mãe é quase tudo, o que ela fala pra mim, eu concordo com ela, o que ela faz eu concordo com ela e acho também que o que eu faço ela concorda comigo também., as vezes eu peço opinião dela, e o que ela fala eu faço, a gente não discorda um do outro.

Apesar do discurso de S revelar o seu reconhecimento da autoridade do seu pai, ele explicita sua oposição as atitudes de C. Durante as situações das fotos, S descreveu a foto de C dizendo que se tratava de uma pessoa que ajuda as pessoas estranhas, mas é ruim com os próprios filhos.

A descrição de S em torno do comportamento de C torna-se mais complexa ao associá-la com o perfil de S, um rapaz recém-casado, pai de um menino de dois anos e com a esposa grávida de um mês. S é um homem jovem, que tem 29 anos, pouco falante, não demonstra proximidade com nenhum dos membros da família, exceto com seu filho que constantemente era visto nos seus braços.

Ao ser apresentado por uma de suas irmãs, D, S foi descrito como uma pessoa carinhosa com o filho, mas extremamente fechada. De fato esta era a idéia que S revelava para os pesquisadores. Ao observar S tão próximo ao filho e lembrar do destaque que o mesmo apresenta em torno da relação de seu pai com seus irmãos, pode-se pensar que S pretende romper com o padrão de C na sua relação com o seu filho, colocando-se diante deste disponível e amável.

Embora seja evidente nos relatos que nem sempre os membros do sistema C/N compreenderam que a natureza das questões se dava em torno das diferenças e semelhanças, suas respostas permitiram construir uma imagem que reflete a força dos vínculos dentro do subsistema conjugal e parental. Em adicional, o discurso de C reflete seu ressentimento com os filhos e indica certo lamento em torno do padrão relacional que se formou com os mesmos, no entanto em nenhum momento sinaliza com a possibilidade de fazer uma auto-avaliação que o permita perceber sua real contribuição, ao longo do tempo, na formação dos vínculos parentais. Por outro lado, a proximidade dos filhos com N pode estar em função do fato de N ser uma pessoa mais passiva.

d) A relação entre os irmãos e a chegada do B

Devido a sua extensão, o grupo dos irmãos é constituído por sujeitos de faixa-etária e sexo diferentes. Estes dois fatores são os principais responsáveis pela divisão deste em alguns subgrupos. As peculiaridades de cada subgrupo especificam a natureza das relações. No entanto, no grupo C/N destaca-se o modo como o sistema se reorganizou diante do que, em outros contextos, poderia ser um forte disparador de rompimentos.

Através do informante, a equipe de pesquisadores ficou sabendo que B, neto de C e N, é filho de S e do esposo de G (F), irmã de S. Ele contou que na época ninguém ficou sabendo da paternidade da criança, pois S se negou a revelar, mas que com o tempo, a família, inclusive G, com exceção de C ficou sabendo que F era o pai biológico de B.

O informante comenta que a gravidez de S gerou alguns conflitos na relação das duas irmãs apenas no início, mas que com o tempo, todos se acostumaram com o fato. No entanto, parece que este assunto é um segredo de família, em torno do qual se formou um tabu, uma vez que, mesmo após várias visitas, todos continuavam evitando falar do nascimento de B com a equipe de pesquisadores.

É importante destacar que S e B moram na casa dos pais onde também vive G com seu marido e filhos. É importante destacar que a estrutura física da

casa onde mora a família C/N pode ser um dos fatores que colabora com a ausência de privacidade, já que esta é constituída por três cômodos, sendo dois de pequeno tamanho, isto é, em um é preparado a alimentação e no outro C e N juntamente com as crianças pequenas dormem. O terceiro é um grande cômodo, algo parecido com uma grande sala, onde dormem os jovens casais e os filhos mais velhos.

A falta de privacidade observada na família C/N também tem sido observada nas famílias pobres que moram nas grandes metrópoles. É provável que a diferença entre as famílias possa ser encontrada na forma como estes grupos reagem diante das semelhanças que os aproximam. Neste sentido, as diferenças resultam da ação das variações culturais sobre os aspectos que são comuns entre os diferentes contextos. Então, o modo de enfrentar o nível baixo de privacidade enquanto resultado da pobreza, pode ser totalmente diferente no contexto ribeirinho daquele encontrado nas grandes cidades. Embora seja prematuro dizer, mas é possível, que o homem ribeirinho enfrente esta situação com um pouco mais de naturalidade do que o homem da cidade.

e) Representações atuais em torno dos membros

Após a seqüência de falas que revelavam, em parte, as idéias que os membros tinham um do outro, o clima presente durante a situação estruturada das fotos era uma mistura de tensão com humor. É possível que este tenha sido o motivo que dificultou a participação, uma vez que parecia que os membros temiam dizer algo que desagradasse alguém.

Assim como na apresentação dos dados das famílias anteriores, será apresentado a seguir um quadro (ver quadro 4 abaixo) com os principais atributos positivos e negativos que foram apresentados pelos membros do sistema C/N. É importante ressaltar que esta situação contou com a participação apenas dos membros mais velhos, ou seja, acima de sete anos.

Quadro 4: Síntese dos principais aspectos positivos e negativos levantados no decorrer da situação estruturada.

Membro Descrito	Característica positiva	Característica negativa
C	Ajuda as pessoas estranhas.	É ruim com filhos.
N	Faz tudo de bom.	Quando se invoca dá muita porrada nos moleques.
S	Amoroso com os filhos.	Muito fechado.
G	Boa com os filhos.	Malina com os filhos
P	Trabalha	Tem brincadeira muito pesada
A	Boa de coração, ajuda no serviço.	Maltrata os filhos.
T	É brincalhão.	Mas gosta de uma bola.
R	Gosta de pescar.	Gosta demais de dormir.
O	Alegria	Distante
D	Ajuda em casa.	Atentada
Z	Muito teimosa.	Quando quer ir por ai se torna carinhosa.
B	Respeita as pessoas.	Mas é muito teimosa.

Apesar da dificuldade dos membros de apresentarem suas opiniões, percebeu-se com freqüência nesta família uma tendência assumida dos mais velhos tratarem com rispidez física os mais jovens, principalmente se existir um vínculo parental. Por exemplo, ao descrever a foto de sua irmã, G, P diz: “é boa com os filhos, mas malina com os próprios filhos” ou quando G, se referindo a A diz: “ela é boa de coraçãode ruim é que ela é igual a eu, maltrata os filhos”.

Mesmo N sendo uma pessoa querida no grupo, A a descreve como uma pessoa que faz tudo de bom, mas “*quando se invoca dá muita porrada nos moleques*”. Parece que a punição física ao tratar os filhos é uma característica presente mesmo nas relações de N, que parece ser a referencia de afetividade dentro do sistema, com os filhos

Além das três descrições ressaltarem o comportamento parental das pessoas fotografadas, é interessante que estas eram facilmente reconhecidas pelo grupo. Logo que P apresentou os elementos que descreviam G, o grupo rapidamente apontou para a filha mais velha, o mesmo se repetindo com A. Embora seja uma figura respeitada pelo grupo, N também foi rapidamente identificada por todos após a descrição de A.

Com uma característica semelhante a encontrada na descrição de A e N, S descreve seu pai como uma pessoa que, embora ajude os estranhos é ruim com os filhos. Após a descrição de S, ouviu-se a voz de alguém, que não foi possível identificar, sugerindo que se tratava de C. Diante desta sugestão e após ser perguntado pela pesquisadora, P concorda que a foto era de seu pai.

Apesar do evidente clima de tensão presente neste momento, é interessante que alguém, mesmo sem ser identificado, tenha se referido a C e, que P tenha tido coragem de confirmar a suposição do membro anônimo. Este fato pode estar sugerindo que outros fatores, além da representação em torno de C enquanto um homem dominador e agressivo pode estar influenciando na forma como as relações familiares estão organizadas.

Os dados coletados sugerem que as relações familiares dentro do grupo C/N são extremamente **tradicionais**, caracterizadas por uma forte **hierarquia** sustentada no temor. Todavia, estranha-se o fato de alguns filhos não chamarem C pelo status que este ocupa no grupo ou seja, de pai. Estes filhos também não o chamam pelo nome, mas adaptaram um apelido que lembra seu verdadeiro nome, isto é, Calo. É de se estranhar que diante de um pai, supostamente, tão temido e autoritário se atribua um nome que não expresse o respeito desejado.

A Família Mig/San

A família M/S foi durante todo o período de coleta considerada como uma das famílias mais acolhedoras da equipe de pesquisadores e para esses, a que demonstrava um forte vínculo emocional entre os cônjuges, destes com os filhos e vice-versa. Trata-se de uma família evangélica (Assembéia de Deus) que se diferencia das demais, já que nesta, todos os membros tem forte envolvimento com as atividades religiosas. A mãe é uma líder dentro do grupo religioso, onde recebe a denominação de “pastora”. A casa onde a família mora funciona como espaço onde ocorrem cultos, reuniões e outras cerimônias.

Em geral, o clima emocional encontrado nesta família durante as visitas da equipe de pesquisadores era sempre muito positivo, amistoso e às vezes lúdico. Todos os membros, com exceção do pai, na maioria das vezes, foram encontrados com expressão facial de alegria, a mãe era a mais contente, com certeza, o membro mais acolhedor. Embora relate nas filmagens que não é uma pessoa de falar muito, a mãe demonstrava facilidade para manter o diálogo. O grupo de filhos apresentava características distintas, sendo que as duas filhas mais velhas, V e P, demonstravam ter mais dificuldade para interagir do que os dois mais jovens, E e C.

Como observado na descrição sócio-demográfica, esta família cuidava de um sobrinho de 9 anos, J, que foi tomado como filho de criação. J morava no município vizinho, e que, segundo os membros mais velhos, por apresentar “*problemas mentais*” foi enviado para morar no rio uma vez que o ambiente da cidade, onde morava, apresenta perigos para uma pessoa com “*deficiência*”, como por exemplo, trânsito, agressão, etc. O contexto do rio foi descrito como um espaço mais seguro para esta criança se desenvolver. Embora não seja diagnosticado se de fato J é portador de alguma deficiência, a família o coloca no lugar do deficiente cujo comportamento precisa ser controlado.

Na última visita, a família M/San foi encontrada com uma configuração diferente da inicial. V estava vivendo maritalmente com O, na casa de seus pais, e há dois dias tinha tido um bebê, I. P estava grávida de cinco meses e estava morando com os pais e provavelmente continuaria morando uma vez que o pai da criança tinha se envolvido em outra relação, e não demonstrava

interesse em constituir com P uma nova família. E, a três meses atrás, tinha “fugido” de casa para morar na casa dos pais do namorado que vive no mesmo rio. Ao ser perguntada se E estava grávida, S disse que acreditava que não.

É evidente que a família M/S está passando por um processo de intensas alterações no modo como estava **hierarquicamente** organizada, uma vez que o poder está se transformando em termos de quantidade e qualidade. As filhas estão saindo do lugar apenas de filhas e assumindo outros **papéis**, isto é, de mãe e esposa.

a) História da relação conjugal

Nas primeiras visitas a casa da família M/S, S contou um pouco da história do casal, destacando o período que ficaram juntos. Esta história foi repetida após um ano por S quando solicitado pela pesquisadora. Em termos gerais, S saiu de casa sem avisar e foi morar com a família de M em um outro rio, somente alguns dias depois retornou, junto com M, à casa dos pais para pedir a “benção”. O casal não informou a união antes de S sair de casa porque os pais da noiva não aceitavam muito bem a idéia desta se casar com M. Ao irem morar junto, S já estava grávida da primeira filha, V.

Apesar do início difícil da vida em comum, o casal principalmente S, durante as situações estruturadas, descreveu sua relação conjugal como sendo um vínculo caracterizado por intensa cumplicidade e companheirismo. Isto fica evidente em vários momentos da fala do casal, como por exemplo, quando a esposa, S, ao se referir as tomadas de decisões relata:

.....a gente tem de conversar pra se unir, pra organizar as coisas. Isso aí, às vezes ele me chama, a gente conversa, entra em acordo. A gente conversa pra saber como é que a gente vai fazer, se dá pra fazer ou não. Ele nunca faz as coisas assim sem conversar comigo, né, pra saber se dá pra fazer ou não, ai a gente entra num acordo, se dá a gente faz

A descrição que o casal faz do **ciclo de vida da família** é de uma história caracterizada por dificuldades e afeto. A mãe destaca no início da vida conjugal o carinho com que era tratada pelo seu companheiro, a felicidade que sentia ao

seu lado e o ciúme que experimentava em relação ao mesmo. O pai, M, confirma a presença do carinho na relação e enfatiza o cuidado mútuo como uma conquista importante na sua vida “..... *foi muito bom, foi um período muito bom, eu já tinha de quem cuidar e ela já tinha também quem cuidasse dela, ela cuidava de mim e eu cuidava dela, até hoje não mudou*”.

A mãe enfatiza que ao longo dos anos e na atualidade, seu parceiro divide as tarefas domésticas com ela, o que indica que nesta família os **papéis de gênero** tem sido mais flexíveis do que os identificados nas outras famílias.

..... ele foi uma pessoa que sempre esteve do meu lado, de me ajudar muito nas coisas de casa, me ajudava a cuidar das crianças, se eu tava ocupada com as crianças ele ia pra cozinhaele fazia a comida, ele colocava o açaí de molho, enchia água, partia lenha, até hoje ele me ajuda, é muito difícil eu partir lenha, ele me ajudava muito, continua me ajudando.

Outro aspecto que merece destaque na fala da mãe é sua disponibilidade para a relação conjugal. Ela descreve que mesmo nos períodos mais difíceis, como por exemplo, quando as crianças eram pequenas, onde o tempo era pouco, o dinheiro menor do que hoje e o trabalho maior, ela reservava parte de sua “atenção” para o seu parceiro, pois “... *não deixava ele totalmente de lado não*”. Esta fala de S indica que apesar das crises, o casal conseguiu manter claras as fronteiras entre os subsistemas conjugal e parental.

Embora a mãe reservasse parte de sua atenção ao seu parceiro, este lembra do período em que as crianças eram pequenas como um período em que se sentia solitário, pois parte do afeto que recebia no início da relação, era, agora destinado às crianças. Ao tentar avaliar este período, o pai demonstra certa ambivalência, onde se percebe que a chegada das crianças acarretou ganhos e perdas, tal como se pode perceber na fala a seguir:

...mas às vezes não, por causa que a parte que ela já tirava atenção pra mim ela dava pras crianças, aquilo me distraia porque eu já dava também minha atenção que eu podia dar pra ela eu dava pras crianças também, ai a coisa ficou igual, já não foi, não teve um período ruim,

assim não, não foi tanto ruim assim, foi um período bom, a mesma coisa que ela podia me dar, as crianças me davam, eu já sentia o calor das crianças, ai ficava feliz com aquilo.

O pai enfatiza suas pretensões de se reaproximar de sua companheira, haja vista que, os filhos estão casando e deixando de precisar tanto deles. Em termos gerais, as verbalizações da mãe a respeito de sua relação conjugal denotam um casamento marcado por certa estabilidade, onde os parceiros, apesar das adversidades, conseguiram manter, ao longo dos anos, o carinho e o respeito.

b) Identidade familiar: família de origem X família de criação

Embora o casal M/S descreva sua história como sendo uma trajetória marcada com poucos conflitos, na medida em que as entrevistas avançavam, o grupo como um todo revelava a existência de um perfil familiar que orienta e com qual os membros se identificam.

De um modo geral, a se considerar pelas observações presentes nas falas, pode-se dizer que existem duas fortes tendências dentro da família M/S, sendo uma, representada pelo pai, em direção ao “estresse” e outra, pela mãe, mais voltada para a “tranqüilidade”. Vale dizer que, mesmo considerando as falas, estes pólos representativos não são fixos, uma vez que em alguns momentos a mãe, caracterizada como tranqüila, em outros é representada como fonte de tensão e estresse. Ressalta-se que esse padrão é disseminado na caracterização de um ou outro membro do sistema.

Como se verá abaixo com mais detalhe, este padrão dicotômico presente na caracterização das falas (estresse/tranqüilidade) atribui à família M/S uma identidade que parece estar relacionada com à história de suas famílias de origem. De modo que, a mãe acredita que seu temperamento se parece mais com o temperamento de seu pai do que de sua mãe tal como pode ser verificado na fala a seguir:

Eu me pareço com o meu pai, porque o papai ele é mais calmo, e nessa parte eu puxei pra ele, papai é calmo, ele é uma pessoa mais simples, pra ele como diz a coisa, pra ele não fede nem cheira, e eu sou desse

tipo, pra mim tudo é passável, eu deixo passar, eu gosto de ser uma pessoa assim.o papai é assim, já a mamãe não, mamãe é diferente, Deus o livre se ela souber de alguma coisa, ela vai em cima mesmo, ela é perigosa,.....

Esta fala de S justifica não apenas sua característica relacionada à tranqüilidade, mas também suas manifestações de estresse que foi claramente destacada por V na situação das fotos.

Apesar de a família sugerir que M é a figura “estressada”, o mesmo nega esta possibilidade, e se considera semelhante ao seu pai que era uma pessoa que não se estressava. No entanto, apresenta em sua fala uma certa ambivalência que sinaliza uma possível confirmação da imagem que o grupo faz de seu modo de ser, “.....Papai não se estressava....era bem calmo..... tem coisa que não dá pra ficar calmo, né? Mas tem coisa que dá de passar”.

Os pólos opostos descritos como elementos que compõe a identidade da família M/S podem sugerir que se trata de uma família com dificuldades de **negociar**. No entanto, esta possível dificuldade torna-se menor quando se relaciona estes elementos com os padrões identificatórios das famílias de origem dos dois cônjuges. Na verdade, “o estresse”, que poderia ser um elemento que afastaria o casal, é, na verdade um ponto compartilhado em sua família original, portanto que os aproxima e que se concretiza nos padrões comportamentais de sua atual família. Esta semelhança é destacada por Relvas (2000) que considera que as similaridades, principalmente dos antecedentes familiares, estão na base das escolhas maritais.

c) Relações parentais: modelos identificatórios

Os perfis dos cônjuges, que estão relacionados à identidade de suas famílias de origem, serviram de referencia a todos os membros do grupo M/S quando questionados a respeito de com quem mais se parecia e porque. Embora, as respostas apresentem certo grau de variação, no geral, estão sustentadas nestes dois pólos opostos.

Ao ser perguntada sobre qual dos filhos mais parecia com ela, S disse que era a primogênita, V, uma vez que esta é uma pessoa “simples”, e a segunda

filha, P, por ser “calma” como ela. Na seqüência destaca que o filho mais diferente é a caçula, E, por ser sociável e vaidosa, a respeito desta filha, ela diz:

...o modo de veste, ela não puxou totalmente pra mim, ela é mais alvoroçada, parece ser uma pessoa muito agitada pra conversar, pra rir, ela é mais desembaraçada,..... porque eu não sou uma pessoa de muita conversa, não sou aquela pessoa de dialogar muito, a E, ela é desembaraçada mesmo. Vestimenta ela também é mais vaidosa, ...

Esta descrição feita por S de V era confirmada nos encontros que a equipe de pesquisadores tinha com E, e durante as filmagens da situação do miriti. Nesta, a **comunicação** era extremamente instrumental, e se dava em torno de pedidos e demandas, apenas E e o filho caçula, C apresentavam verbalizações menos funcionais, em tom de humor ou simplesmente contando algo.

Assim como S, M destaca que V se parece com ele, todavia, é possível que este não tenha entendido a pergunta e estivesse se referindo ao quanto suas idéias são aceitas no grupo de filhos. No mesmo sentido, M destaca as diferenças com a segunda filha, P, que considera uma pessoa estressada, que tem dificuldade de ouvir seus conselhos.

Para os pesquisadores, P foi o membro menos receptivo e na situação de miriti pouco se envolveu na atividade, excluindo-se das interações, exceto quando se tratava de ocasiões em que julgava necessário intervir. No grupo, e por si própria, P foi representada como uma pessoa castradora que estabelecia regras e limites comportamentais, tendo principalmente como alvo J. Provavelmente tal postura reflete a necessidade de P de estabelecer **fronteiras** claras que a diferencie do grupo, principalmente na relação com J.

Embora o pai destaque a diferença com a segunda filha, P considera seu temperamento semelhante ao do pai:

...começando pelo gênio, eu puxo pra ele, ele também é genioso. Assim de aborrecimento, quando alguém fala assim alguma coisa que não dá

certo, eu me aborreço, pego logo corda, às vezes eu falo, às vezes ele fala, não fala toda hora, mas fala”.

No mesmo sentido, P considera-se diferente da mãe porque esta “é uma pessoa tranqüila”.

V, assim como P, se auto avalia como mais semelhante ao pai, e justifica: “..... o meu gênio, eu sou igual a ele....., ai eu vou falar, por exemplo com o O, às vezes eu falo pra ele, ele não quer aceitar, ai eu já tem vezes que ele não aceita o que eu falo pra ele, ai eu me aborreço, ai assim igual ele (pai)”.

V destaca que, por um lado, se assemelha a S e por outro se diferencia. Considera-se semelhante no que diz respeito ao aspecto emocional, uma vez que, tal como S, é uma pessoa que chora facilmente quando lhe falam algo desagradável. No entanto, acredita que é diferente da mãe, haja vista que é uma pessoa geniosa e, S não.

O filho mais novo, C, se auto-considera semelhante ao pai, e justifica dizendo “.....porque ele é genioso”, e diferente da mãe. Sua mãe, por sua vez, argumenta dizendo que C não é tão diferente dela, uma vez que, assim como ela, é uma pessoa organizada. A diferença consiste no modo de reagir diante da desorganização, ela diz:

...se mexer com as minhas coisas e não deixar como eu deixo, não agasalhar, aí eu fico aborrecida, eu gosto de ver as minhas coisas no lugar. Ele é parecido, ele gosta de ver as coisinhas dele agasalhado, agora no gênio acho que ele puxou mesmo pra ele pq ele é um pouco genioso também,eu me aborreço, é claro que a gente se agonia quando a gente vê as coisas fora do lugar. Ele vai em cima mesmo. O jeito de se estressar, por que o Mig é assim qualquer coisa ele ta se estressando.

Em todos os casos citados, pode-se identificar que o que é chamado de estresse parece denotar certo grau de intolerância nas relações. Desse modo, a dicotomia pode ser reinterpretada como intolerância versus tolerância, sendo

que a primeira parece ser mais uma característica de M e a segunda um traço mais marcante em S

A derivar dos relatos, é interessante verificar o quanto o perfil de M predomina entre os filhos. Sem se darem conta, todos se consideram semelhantes ao pai e diferente da mãe. O “divisor de águas” entre um e outro é o aspecto agressivo presente na baixa tolerância. Este dado sugere inicialmente que as **fronteiras** entre os membros da família não são claras, de modo que estes parecem constituir um todo **emaranhado**. A raiz da intolerância, indentificada nos exemplos citados pelos membros da família, pode, desse modo, estar revelando tentativas de diferenciação individual no interior dos subsistemas, momentos de demarcação de fronteiras.

Corroborar com essa interpretação o fato que em período menor que um ano, houve o surgimento de três subsistemas novos. Essa pode ser mais uma tentativa de demarcação de fronteiras em que é usada como estratégia a formação de novas famílias.

d) Representações atuais em torno dos membros

Na situação estruturada das fotos que permitia que os membros expressassem suas idéias positivas e negativas, foram reafirmados os aspectos acima levantados. Uma síntese desses aspectos podem ser evidenciadas no quadro 5 abaixo.

Quadro 5: Síntese dos principais aspectos positivos e negativos levantados no decorrer da situação estruturada.

Membro	Característica Positiva	Característica Negativa
M	Gosta de brincar	Estresse
S	Brincalhona	Braba
V	Gosto de rir	Estúpida, grosseira
P	Gosta de escrever	enxerida
E	Gosta de brincar, rir	grosseira
C	Gosta de brincar	Gosta de brigar
J	Gosta de brincar	mexilhão

M ao descrever a foto do filho caçula, C, diz que é uma pessoa que gosta de brigar e de brincar. Embora a agressividade tenha sido considerada por M como uma característica negativa, C se identifica assim que M descreve a pessoa da foto. Este fato é interessante, e talvez possa indicar que C se orgulha de apresentar este atributo em sua personalidade, ao contrário do que poderia ser esperado já que M estava se referindo ao aspecto negativo.

Outro dado relevante nesta situação é que outras pessoas foram indicadas dentro deste estereótipo, as duas filhas mais velhas, V e P, disseram que a pessoa da foto era o sobrinho agregado, J. S sugeriu que seria P e C e o J consideraram a possibilidade de ser E. A diversidade de possibilidades apresentadas por diferentes membros do grupo explicita, mais uma vez, o quanto os indivíduos compartilham características comuns que representam o estado indiferenciado em que se encontram as **fronteiras** entre os indivíduos.

C não foi indicado por nenhum membro da família, exceto por ele mesmo, o que pode significar que o grupo como um todo não o vê como uma pessoa agressiva. Em outras observações, o comportamento de C sempre era objeto de risos, não no sentido de deboche, mas como se de fato, este estivesse apresentando algo muito engraçado, em nenhum momento foi observado

críticas ou restrições por parte dos pais nem de suas irmãs diante das atitudes deste membro.

É possível que este fato esteja relacionado a certa dose de idealização da família em torno de C, que pode ser percebida desde os primeiros contatos com a família. Quando S apresentou cada um dos membros a equipe de pesquisadores, demonstrava em seu relato seu orgulho em relação a todos os filhos, principalmente ao falar de C, de seus projetos para o futuro de se transformar em carpinteiro naval e de sua atual habilidade para confeccionar barcos de miriti.

San descreve a pessoa da foto que tem em mãos como alguém que gosta de brincar, mas é “estressado”. Diante das dicas de S, V, P e C dizem que se trata do pai. Realmente, parece que a figura paterna é alguém bastante estereotipada dentro do grupo como o sujeito “estressado”.

Diante da descrição da segunda foto por S, já que esta recebeu duas fotos, como sendo uma pessoa que gosta de brincar, de rir, mas é grosseira, C e M disseram que se tratava de P; enquanto V e P sugeriram que era E. De fato a foto era de E. Nesta situação, é importante destacar alguns aspectos; primeiro é o fato do pai sugerir o nome de P que foi descrita pelo mesmo como alguém difícil e que nas observações naturalísticas se apresentou como uma pessoa ríspida e dura nas relações. Outro aspecto que merece destaque é o fato de V e P saberem de quem S estar falando, talvez elas tenham uma relação de intimidade com a mãe que lhes possibilita conhecerem suas idéias a respeito dos filhos.

O conceito de intimidade é diferente da idéia de emaranhamento, isto é, do estado de fusão que parece caracterizar a família M/S. Lewis, Beavers, Gossett e Phillips (1976) e Williamson (1982) definem intimidade como a habilidade de estar próximo, mas ao mesmo tempo manter claro os limites consigo. Trata-se de uma fusão voluntária, que pode ser iniciada ou terminada pelo próprio indivíduo, ou seja, intimidade sem voluntariedade ou limite é sinônimo de fusão e, portanto não pertence ao domínio da intimidade.

Embora os dados direcionem para a constatação de que a família M/S é um grupo fundido, isto não inviabiliza, em torno de alguns aspectos, a possibilidade de se construir relações de intimidade entre algumas díades. Portanto, é possível que S, a figura parental que apresenta o elemento que se opõe à característica unificadora do grupo, ou seja, a tranquilidade, construa com as duas filhas mais velhas, V e P, uma relação de intimidade.

Quando P descreveu a pessoa da foto dizendo que se tratava de alguém que gosta muito de rir, mas é estúpida e grosseira, V se auto-reconheceu e disse que era ela, C e S disseram que era V e M concorda. Neste caso foi unanimidade no grupo que a primogênita, V, é uma pessoa que, embora goste de rir, é estúpida e grosseira.

Outra situação de unanimidade foi quando V descreveu a pessoa da foto que tinha em mãos como alguém brincalhona e braba. M e C foram rápidos em dizer que era a mãe. A descrição de V confirma o que já foi mencionado acima, que S, embora seja uma pessoa “tranquila” compartilha com os demais membros da família a “agressividade”.

P foi descrita por C como uma pessoa que gosta de escrever, mas é muito “enxerida”. Antes de explorar a fala de C, é importante explicitar o uso do termo “enxerida”. Na região norte este termo é muito utilizado para designar uma pessoa bisbilhoteira, indiscreta, intrometida, intrusa. Apesar de não fugir de tal sentido, percebeu-se que o filho caçula usa esta palavra para se referir a característica de uma pessoa muito exigente, que intervém com frequência no comportamento dos demais membros, corrigindo-os e estabelecendo restrições.

Embora o termo “enxerida” usado por C para descrever P pareça estar mais próximo do pólo “agressividade” do que do pólo oposto, “tranquilidade”, a fala de C revela que P é uma pessoa que está procurando a todo o momento demarcar fronteiras com os outros. Esta característica é revelada na forma de insensibilidade aos demais ao ser questionada durante as situações hipotéticas sobre quem ajudaria caso sua família sofresse um naufrágio em alto mar. Ela diz: *“eu não fazia nada”* e completa *“Eu não ia ajudar ninguém”*. Apesar de tal

verbalização ter sido emitida em um tom de sarcasmo, seu conteúdo foi bastante dispare do restante da família.

Outro aspecto que merece ser destacado é relativo ao gosto de P pelo conhecimento. De fato, trata-se de uma exceção no grupo, já que é uma pessoa que mesmo não tendo mais o seu nível de escolaridade para cursar, continua indo para a escola onde rever os conteúdos já aprendidos. Seu gosto pelo conhecimento é manifestado também na sua determinação de ir para a escola, mesmo estando grávida de 5 meses, ou seja, com as dificuldades de locomoção inerentes a este período de gestação e que se tornam maiores quando o meio de transporte é um canoa. Em termos gerais, na comunidade ribeirinha, P é uma exceção, haja vista que a ausência de uma série para o seu nível na escola e o fato de estar grávida, constituem fatores suficientes para justificar o abandono da escola.

A única pessoa que não recebeu um adjetivo que possa estar relacionado com agressividade foi o sobrinho agregado, J. V o descreveu como sendo uma pessoa “brincalhona” e “mexilhona”. Diante desta descrição C identificou o primo. Este dado permite pensar o quanto as **fronteiras** entre J e o restante da família parecem ser claras e rígidas. É possível que a natureza destas fronteiras seja uma consequência não apenas da suposta “deficiência” de J, mas também por este apresentar padrões de tolerância que o mantém em uma posição diferenciada do grupo.

Em termos gerais, as situações estruturadas permitiram, dentre outras coisas, elaborar uma avaliação das relações entre os subsistemas, isto é conjugal e parental, e dos indivíduos, enquanto sub-sistemas, entre si. Neste sentido, ficou claro que, embora o casal descreva seus esforços ao longo do **ciclo de vida** para manter claros os limites entre a sua relação e a sua função parental, atualmente as **fronteiras** relacionais entre os subsistemas parecem confusas e nebulosas, o que caracteriza uma família **emaranhada**, com tentativas bastante peculiares de demarcação de fronteiras, de modo que, pode-se supor que o emaranhamento desta família não se dá sem conflitos.

Na verdade, de todos os membros da família, apenas P e E parecem manter ativamente com o grupo uma relação diferenciada e, por outro lado,

todos delimitam **fronteiras** com relação a J que ficou mais clara nas situações hipotéticas que colocava os indivíduos em uma situação de estresse. Tal como será apresentado a seguir, estas situações desvendavam valores de natureza emocionais, que por sua vez, revelavam os limites fronteiriços dos membros entre si.

e) Valores emocionais e econômicos: Uma questão de fronteiras

As situações hipotéticas eram organizadas em torno de dois eixos principais, um que denotava um estado de crise disparado por uma intensa condição estressante e outra que representava o sucesso, o bem estar. A primeira se apresentava aos membros da família através de duas perguntas: o que você faria caso algum membro da sua família se perdesse na procissão do círio de Nazaré? e caso você e sua família sofressem um naufrágio em alto mar, o que você faria?

É possível que o fato de se tratar de uma família religiosa tenha influenciado na natureza das respostas apresentadas pelos membros da família. Em termos gerais, estes faziam referencia à força divina como algo que ajudaria a sair da situação difícil, por exemplo, diante da possibilidade de naufrágio, a filha mais velha, V diz: *“Eu não ia me desesperar. A mamãe diz que tem que pedir ajuda primeiro lá de cima”*.

Associado a referencia a figura divina, e sob a influencia da religião, foi identificado em algumas falas um sentimento de aceitação passiva do sofrimento e uma ênfase a dificuldade, como por exemplo, na fala de M que respondendo a questão referente ao naufrágio diz: *“para localizar as pessoas na água é difícil. É uma situação difícil. O barco tá furado, é uma situação difícil, principalmente fora assim”*.

Apesar da passividade que parece estar presente nas respostas de alguns dos membros da família diante da questão sobre quem ajudaria em caso de naufrágio, C e E se colocam de modo extremamente ativo ao dizerem que salvariam a mãe e o pai. C atribui uma ordem seqüencial em que no primeiro posto estaria a mãe e no segundo o pai.

É provável que além da forte influência exercida pela religião, o alto nível de isolamento que diferencia esta família das demais estudadas, colabore com a aceitação passiva do sofrimento. Se por um lado, o isolamento pode contribuir com o aparecimento de um sentimento de conformação diante das dificuldades, por outro, pode dificultar o desenvolvimento de fronteiras relacionais claras entre os subsistemas.

f) A família M/S e as fronteiras com J

A hipótese do naufrágio evidenciou o lugar estereotipado no qual a família coloca J. A pergunta quem você ajudaria, causou um “certo impasse”. V perguntou “*J conta ?*”. A fala de V, abriu espaço para explorar a relação do grupo com J. Então foi perguntado, quem salvaria J em uma situação de naufrágio? A princípio, o grupo reagiu à questão como algo engraçado. E falou em tom irônico “*a P*”, sinalizando o quanto isto é pouco provável de acontecer, provavelmente porque P não parece ter uma boa relação com o J. Tal como foi observado durante as situações estruturadas, principalmente do miriti, P continuamente criticava, corrigia a todo momento o comportamento do primo com uma frequência maior do que na relação com os outros membros do grupo.

A fala de S confirma a noção de que J não é um membro efetivo da família, já que esta diz que “*...salvaria Jon tal como salvaria outro ser humano que estivesse em uma situação semelhante*”. S complementa, “*se ele tivesse do meu lado, eu não ia ver ele morrer, perecer, vendo sem fazer nada, eu salvaria ele*”.

Esta representação em torno de J ficou mais clara durante a situação hipotética do naufrágio, no entanto esta já vinha sendo sinalizada desde o início das situações estruturadas. Durante a situação do miriti, todos os membros da família, com exceção de J, construía / manipulavam o material, apenas J se manteve em posição periférica da atividade, exercendo apenas a função de auxiliar, respondendo aos pedidos, em geral de objetos ou materiais, que os outros membros da família lhe faziam.

Além de não perceberem J como um membro do grupo, ou seja, o colocarem como um subsistema aparte, e o considerarem com poucas capacidades, parece que a família se envergonha deste diante da comunidade. Um indicador desta vergonha é o fato de S se recusar a colocar J na escola. A justificativa que S apresenta para este fato mudou ao longo do tempo do desenvolvimento desta pesquisa. A princípio, ela dizia que J era muito agitado e que, portanto, atrapalharia a aula da professora; em um segundo momento considerou que J não sabia nadar e que seria perigoso ele ir para a escola de barco, pois esta fica distante de sua casa.

A vergonha que a família sente de J diante da comunidade ficou explícita durante uma manhã alegre que a equipe de pesquisadores organizou para todas as famílias do rio. Nesta manhã, todos os membros do grupo M/S compareceram com exceção de J que ficou em casa com, o até então, futuro marido de V. S ao ser perguntada por que J não havia vindo, respondeu que ele estava com dor de barriga, porém J foi visto pelos membros da equipe de pesquisa, ao passar por sua casa, brincando no rio.

Parece que o lugar que o grupo M/S coloca J está relacionado com a suposta deficiência que os membros da família consideram que este é portador. Pode-se pensar por outro lado, que J desempenha o **papel** de bode expiatório, no qual é depositado as “deficiências” familiares, permitindo, assim, que o grupo se mantenha em equilíbrio.

g) As fronteiras e a formação de novas famílias

A segunda situação hipotética se apresentava aos membros da família através da seguinte pergunta: o que vocês fariam caso ganhassem muito dinheiro na loteria. As respostas a esta questão indicaram, além dos valores que povoam o imaginário da família, questões relativas a rompimentos e formação de novas famílias que serão discutidos a seguir.

Em termos gerais, a fala dos pais, M e S, revelavam a preocupação com a moradia e com o bem estar do grupo como um todo. M diz que: “*comprava um terrenograndão que tivesse muito açaizal*”, diante desta fala do pai, S comenta que a pessoa que tem um terreno com pés de açaí no rio está bem, e

complementa afirmando que: “... mandava construir uma casa boa, mandava comprar alguma coisa de valor pra dentro de casa que agente precisa e não tem condição de comprar”.

No entanto, se por um lado, os pais fazem considerações que reflete seu desejo de manter a família junta, feliz e morando no rio, a filha mais nova, E, diz: “comprava uma casa, um terreno e um carro. Ia morar na cidade, morar aqui no sitio!?” (risos) . Nesta fala, a filha caçula parece indicar sua motivação para romper não apenas com o desejo dos pais e com o contexto ribeirinho, mas também com o grupo familiar. Este desejo se concretizou um ano mais tarde, haja vista que, durante uma rápida viagem da mãe, a filha mais nova “fugiu” de casa e só retornou alguns dias depois para re-estabelecer o vínculo. Esta filha, que tem 14 anos, namorava um garoto de 18 anos a algum tempo, saiu de casa e foi morar na casa dos pais do namorado que fica do outro lado do rio.

Esta situação chama atenção pelo o que parece representar para a família e o sentido desta no contexto ribeirinho. Apesar de ser um grupo religioso, a “fuga” da filha mais nova não deixou o grupo desestabilizado, parecia ser algo normal e previsível. Em conversa sobre o assunto com a mãe, esta demonstrou certo ar de naturalidade, justificando o comportamento da filha ao lembrar que também, quando jovem, “fugiu” de casa para construir sua própria família.

A separação de E de seu grupo familiar reflete aspectos internos do funcionamento da família M/S e elementos que fazem parte do processo de construção das famílias no contexto ribeirinho. É possível que a saída de E de casa esteja relacionada com o fato, que já foi sinalizado nas análises dos ecomapas e mapas de rede, da família M/S ser um grupo extremamente isolado. Esse isolamento é em parte estabelecido pela opção religiosa, como no caso de não poder jogar futebol, não poder ouvir determinadas músicas e ter restrições quanto a determinados tipos de vestimenta e uso de acessórios. Desse modo, seus poucos contatos sociais, são limitados essencialmente a duas outras famílias do local que são da mesma igreja, ou seja, os membros dispõem de pouca vida social. Além do mais, os membros mantêm intensas relações face-a-face, circunscritas ao espaço doméstico, ou seja, não há

possibilidade de momentos de privacidade dos indivíduos. A associação entre o isolamento que caracteriza a família de E com a sua saída para constituir sua própria família lembra as considerações de Relvas (2000) em torno dos motivos que justificam o casamento. Ele destaca, dentre outros fatores, tais como: amor, sexo, apoio, aprovação e a necessidade que algumas pessoas sentem, de se libertarem de sua família de origem.

O momento do **ciclo de vida** da família M/S retrata os diferentes modos de formar as novas famílias dentro do contexto ribeirinho. Em geral, o período de namoro quase não existe ou é pequeno demais, sendo que a relação sexual e conseqüente gravidez precoce e a “fuga” de casa constituem importantes demarcadores da formação da família. O que nos faz pensar, considerando as particularidades do contexto ribeirinho estudado, nos aspectos normativos do desenvolvimento da família.

A princípio, é evidente a ausência de rituais demarcadores, sendo que o ato em si parece representar a passagem da condição de adolescente ou pré-adolescente para o estágio adulto. Esta mudança de condição ocorreu na família M/S, já que, recentemente, as filhas mais velhas, V, P e E eram consideradas por todos, inclusive pela comunidade, como pessoas em formação, que estudavam na escola que atende as crianças do rio.

No período de 12 meses (2004 - 2005), houve na família M/S, três momentos, histórias demarcadoras do ciclo de formação do sistema familiar. Primeiro, a filha mais velha, V, assumiu seu relacionamento com O, um amigo da família que morava no município próximo de Abaetetuba, que se hospedou, a princípio por pouco tempo, na casa da família para fazer um breve trabalho com o pai. Alguns meses depois, V estava grávida de O, este continuou morando com a família M/S na condição de marido de V e pai do futuro neto de S e M.

Logo em seguida, soube-se da gravidez de P, a filha do meio. Na última visita da equipe, P continuava morando na casa dos pais, porque o pai do bebê, que é filho de um vizinho (B), não pretende constituir uma família com Pir, já que, no momento, está se relacionando com outra pessoa de quem diz gostar mais do que de P. No início da gravidez, B convidou P para passar uns

dias em sua casa, onde mora com os pais afim de “*avaliar seus sentimentos*” por P. Esta não aceitou o convite, pois, a atual namorada do filho de B também mora na mesma casa.

Momentos depois a constatação da gravidez de P, E, como já indicado acima, foge de casa para morar com o namorado na casa de seus pais.

Em termos gerais se verifica que no contexto ribeirinho não há uma preparação dos adolescentes para o estado posterior da vida, o que implica em dificuldades para a nova família que podem acompanhá-la por toda a geração seguinte. A pobreza é o grande fator que dificulta a vida do novo casal, mesmo porque os filhos quando não estão presentes desde o início da vida conjugal, como parece ser o caso de E, chegam logo em seguida.

Especificidades culturais dos Padrões e organização das relações maritais, parentais e familiares: algumas considerações preliminares.

A análise dos dados colhidos através das situações estruturais revela que, de fato, as famílias ribeirinhas apresentam algumas semelhanças com as famílias que vivem em contextos mais complexos que merecem ser destacado, assim como, se diferenciam em aspectos igualmente relevantes.

A princípio, ressalta-se o fato dos dados confirmarem algumas idéias que têm sido divulgadas pela literatura especializada. Embora tenham sido construídas a partir de estudos realizados em contextos urbanos, tem sido consenso a noção de que o **ciclo de vida** do indivíduo e o **ciclo de vida** da família mantêm entre si uma relação de influencia mútua. De fato, as mudanças que ocorrem no indivíduo alteram o funcionamento da família, cujo movimento, por sua vez, acarreta alterações no funcionamento do indivíduo.

A noção de reciprocidade entre desenvolvimento humano e familiar presente nas famílias urbanas também pode ser encontrada nas famílias ribeirinha. É claro o quanto o estágio de desenvolvimento em que se encontram os filhos alteram a **dinâmica** e a **estrutura** do grupo como um todo. Por exemplo, os padrões relacionais identificados no subsistema parental da família C/N apresentam características que só são possíveis porque alguns dos filhos de C e N já se encontram na fase adulta. Por outro lado, os estilos parentais observados no grupo B/D apresentam a configuração descrita anteriormente, haja vista que se trata de crianças que se encontram nos primeiros anos de vida.

Além da influencia do estagio de desenvolvimento do indivíduo sob os estilos relacionais citados nos exemplos anteriores, é evidente que o funcionamento dos filhos de C e N assim como de B e D seguirá uma direção que, em parte, sofre influencia, do que foi denominado de identidade da família. Com certeza antes das crianças nascerem, já existia, em parte, uma identidade familiar que sofreu, ao longo do tempo, acoplamentos derivados de novas experiências, porém, a princípio existia uma matriz básica de funcionamento

que norteou e norteia as práticas de criação que conduzirão os indivíduos em uma dada direção.

Ainda sobre o conceito de **ciclo de desenvolvimento**, parece que é comum aos contextos ribeirinhos e urbanos, a idéia de que tanto o indivíduo quanto a família mantém entre si uma relação dinâmica que se caracteriza por continuidades e descontinuidades. De fato, o desenvolvimento humano e familiar não ocorre em uma seqüência cumulativa de eventos que parte do mais simples para o mais complexo sendo constituído por uma rede de elementos associados, de modo que, só é possível compreendê-lo ao analisá-lo na sua totalidade. Na verdade, a compreensão dos eventos ao longo do tempo é fundamental na elaboração de uma percepção mais ampla do indivíduo e da família.

Um outro aspecto que merece ser destacado é a questão da relação entre os subsistemas conjugal e parental. Esta é uma das relações mais propensas ao **emaranhamento** descrito pela literatura. Devido a natureza de seus membros, isto é, adultos e pessoas em desenvolvimento, torna-se difícil para os pais, manterem claras e nítidas as suas **fronteiras**, principalmente em alguns momentos do **ciclo de vida**.

Assim como nas famílias descritas na literatura, a relação entre o subsistema parental e conjugal é permeada de conflitos nos grupos ribeirinhos estudados. No entanto, embora se saiba que em quaisquer contextos podem-se encontrar casais **desligados**, ressalta-se o fato de que algumas famílias, como por exemplo, o sistema B/M e C/N, parece existir apenas em função da tarefa colocada ao subsistema parental. Na verdade em algumas ocasiões tem-se a impressão que não existe um casal e que o grupo é constituído apenas por um conjunto de irmãos, de sujeitos em desenvolvimento que precisam do apoio dos adultos.

De fato, ao comparar as relações conjugais ribeirinhas e aquelas encontradas nas cidades, percebe-se que estas estão sustentadas por valores diferentes. Enquanto nos centros urbanos, uma relação conjugal satisfatória caracteriza-se por padrões de relação mais **igualitários**, nas famílias ribeirinhas a divisão de **papéis** sustenta-se nas diferenças de **gênero** que são

definidos com base em uma hierarquia rígida de poder. No entanto, o que mais se destaca neste fato é que esta desigualdade não é percebida como um motivo de insatisfação, mas como algo natural e previsível.

A questão do gênero influencia não apenas na relação conjugal, mas na relação parental na medida em que as tarefas de pai e mãe são definidas em função do gênero dos parceiros, mas também nas parentais e na qualidade dos vínculos dentro do subsistema de irmãos. Os padrões **hierárquicos**, o estabelecimento, manutenção e resolução de **conflitos**, o exercício do **poder** que são dimensões que indicam o modo como a **dinâmica familiar** está organizada, sofrem influência das construções de gênero que perpassa a promoção identitária dos membros.

Apesar dos padrões desiguais encontrados freqüentemente nos sistemas familiares ribeirinhos, destaca-se a relevância atribuída pelo casal M e S à sua relação conjugal. É surpreendente que em um contexto onde pouco se valoriza a privacidade e os momentos de intimidade, S e M tenham, ao longo do **ciclo de vida** de sua família, mesmo durante os momentos de crise, mantido o investimento mútuo.

Dentro da perspectiva de congruências entre ciclo familiar e do indivíduo, foram encontradas especificidades próprias dos ribeirinhos estudados. Comparados com as famílias urbanas de classe média, os sujeitos investigados entram no mundo do trabalho e formam novas unidades familiares precocemente, tendo assim provavelmente, um curto período de adolescência. O ciclo de vida familiar tem início com um pequeno ou quase inexistente período de namoro, esse que resulta geralmente em uma gravidez. Desse modo, há uma entrada abrupta no mundo adulto, com um conjunto de responsabilidades adivindas. Tal entrada é tipicamente marcada por fugas do sistema familiar de origem, que são encaradas com total naturalidade. Duas das quatro famílias focais disseram que “fugiram” de casa, isto é abandonaram temporariamente sua família de origem para formar sua própria família. Além, destas alguns membros que pertencem ao sistema dos irmãos, isto é, a segunda geração, também “fugiram” de casa. O abandono da família original representa um fato na história da nova família que marcará não apenas o

momento inicial de sua formação, mas todas as outras etapas do **ciclo de vida** da família, e mais, assim como os seus pais, influenciarão no modo de vida da próxima geração. Desse modo, entende-se que a forma típica de como é marcado o ciclo de vida familiar determina parte do ciclo de desenvolvimento do indivíduo.

Percebe-se que existe pelos mais jovens o desejo de mudar de vida. No entanto, diante das limitações, não somente familiares, mas também contextuais, a comunidade não dispõe de serviços de saúde e educação. Esses fatores adicionados ao estado de isolamento social em que se encontram, dificultam ou impossibilitam a construção de uma nova forma de viver, novas perspectivas. Todos esses fatores contribuem tanto para uma repetição da história familiar da geração passada como também da miséria.

Conclusão

Não há nada de estranho no fato de o produto de um certo processo contribuir para o desenvolvimento posterior desse mesmo processo ou até se tornar um fator essencial dele.

George Herbert Mead

Este estudo teve como propósito principal relacionar os padrões culturais encontrados em uma comunidade ribeirinha com os padrões relacionais que constituem a dinâmica das famílias que compõe o grupo de moradores que moram as margens do rio Araraiana. De fato, pretendia-se verificar a relação do que existia no micro, isto é, da estrutura e dinâmica das famílias, com a do macro, ou seja, a cultura; como também no sentido contrário, o que havia das representações simbólicas do contexto ribeirinho no interior das famílias.

A complexidade do objetivo desta pesquisa expõe a base teórica que inspirou permanentemente este projeto. De fato, subjacente a relação do micro-contexto familiar com a cultura ribeirinha está o modelo ecológico de Bronfenbrenner e o conceito de relações sociais como fontes inspiradoras deste trabalho. A noção de recursividade entre os contextos, onde, usando a linguagem de Bronfenbrenner, os diferentes níveis contextuais influenciam-se mutuamente esteve no alicerce da presente pesquisa.

Com base nas referências conceituais utilizadas foi construído uma abordagem multimetodológica que envolvia diferentes etapas, assim como, técnicas e procedimentos de coletas de dados. A primeira etapa, descrita como o momento que antecede a coleta propriamente dita, caracterizou-se pela preparação que permitiu a execução do projeto, e foi constituída por tarefas de formação-treinamento, elaboração de instrumentos, contato com o contexto de investigação, etc. A segunda etapa foi o momento de coleta que se deu através da aplicação do ISD e IR. Além destes dois inventários, foram utilizados o registro de situações estruturadas, o registro em diários de campo, genogramas da comunidade e das famílias focais, ecomapas e mapas de rede das famílias focais.

Destaca na presente pesquisa a compatibilidade não apenas teórica, mas também metodológica. Partindo da noção de que os contextos (família e cultura) se influenciam mutuamente, a seção do método foi organizada com base na noção de que os instrumentos e técnicas utilizados mantêm entre si uma relação recursiva onde os dados derivados de um instrumento e técnica complementam e são complementados pelos elementos do banco de dados encontrados através da utilização de outro instrumento e técnica.

Afora o fato dos dados apresentados neste trabalho serem consequência da combinação de múltiplas metodologias, vale a pena destacar que este trabalho foi construído sustentado na noção de construção coletiva do conhecimento. Durante as diferentes fases, antes e durante o processo de coleta e na posterior análise, houve a intensa participação dos membros da equipe de investigação. De fato não se trata do olhar solitário de um pesquisador, mas o resultado intenso e contínuo das reflexões do grupo de pesquisa.

O uso da abordagem multimetodológica associado a noção de construção coletiva do conhecimento permitiu identificar alguns elementos marcantes que caracterizam sócio-demograficamente a cultura ribeirinha. Dentre estes vale a pena destacar: 1) o estado de isolamento social em que vive esta comunidade, 2) o modo de vida extrativista sustentado na crença de “fraqueza” da terra que restringe o desenvolvimento da cultura agrícola, 3) a mudança gradativa da natureza expressa através da escassez dos recursos naturais como o peixe, o camarão e os animais da floresta que outrora eram abundantes, 4) a educação descontextualizada associada à desvalorização e baixa motivação dos membros da comunidade e, finalmente, 5) o desejo do homem ribeirinho de permanecer no rio.

No que diz respeito aos dados obtidos através da aplicação do IR destaca-se aqueles que dizem respeito a importância das variáveis: gênero, idade e relação de parentesco enquanto fatores que influenciam nos padrões de divisão de tarefas no interior da família. Neste sentido, aos homens é destinado o papel das atividades de subsistência econômica e de obtenção de subsistência alimentar, às mulheres é destinado o papel de exercer o cuidado físico, as tarefas domésticas e de tratamento e preparo de alimento. As filhas mais velhas dão suporte nas tarefas domésticas ou assumem o cuidado físico das crianças mais novas. Os filhos dão suporte principalmente nas tarefas desenvolvidas pelos pais. Além do mais, se percebe que há uma iniciação em papéis de gênero, sendo que no caso feminino parece ser mais prematuro e intenso. Às crianças pequenas não lhes é dada nenhuma atribuição, permanecendo o tempo todo brincando; contudo, aproximadamente por volta

dos 9 anos elas são introduzidas em habilidades referentes ao mundo do trabalho.

Através do IR verificou-se que a variável gênero influencia no desenvolvimento de interações extra-familiares, haja vista que o instrumento de contato com o mundo extra-familiar é fundamentalmente o barco, podendo ele ser a motor ou uma simples canoa a remo. Apesar de não restringir totalmente as interações, é evidente que o barco a motor amplia as potencialidades de contatos sociais, de modo que a distância não se torna um limite e o custo físico envolvido fica sensivelmente diminuído. Por outro lado, a condução de um barco é um poder estritamente masculino. Em todo momento em que essa pesquisa foi desenvolvida, não foi obtido nenhum registro de propriedade ou condução de barcos por mulheres.

Além da importância do gênero, da idade e das relações de parentesco os dados obtidos através do IR indicam que a casa é o grande lugar de encontro que costumam ocorrer primariamente no almoço e jantar e secundariamente no café da manhã e da tarde. A casa se mostra como o referencial nos seus dois sentidos, quando dela se aproxima ou quando dela se afasta (como é o caso da família B/M).

Os dados que derivaram da análise dos ecomapas e mapas de rede confirmam a importância da variável gênero principalmente no que diz respeito ao **papel** do pai no contexto familiar. Grande parte das relações com outros subsistemas é dependente das redes de relações do pai. Fica evidente a maior diversidade de relações deste quando comparada com a da mãe. Percebe-se que o modo como as tarefas encontram-se distribuídas no interior da família, resulta em um padrão de referencia espacial homem-comunidade e mulher-casa. O homem é o que mantém relações, sai mais de casa, faz as compras, sai para pescar, caçar. A mulher, por outro lado, é quem fica na casa ou no seu pequeno entorno. Seu mundo é mais circunscrito ao das interações familiares, fora destas poucas relações cotidianamente são desenvolvidas, quando muito, com seus parentes mais diretos.

Os dados colhidos nas situações estruturadas revelaram semelhanças e diferenças entre a **dinâmica** das famílias ribeirinhas e aquela encontrada nos

centros urbanos. Verificou-se que nos dois contextos existe uma forte interconexão entre o ciclo de vida do indivíduo e o **ciclo de vida** da família, de modo que as mudanças que ocorrem em um nível implicam em mudanças em outro nível, ou seja, existe um vínculo sistêmico entre o indivíduo e a família.

Os padrões recursivos encontrados no interior do sistema familiar não se limitam as relações entre o indivíduo e o grupo maior, mas podem ser encontrados no interjogo entre as relações conjugais e parentais. Tal como é sugerido na literatura, as relações conjugais influenciam nas parentais e vice-versa.

Um aspecto encontrado nos dados provenientes das situações estruturadas que difere daqueles descritos nos estudos que investigam a dinâmica das famílias urbanas, diz respeito ao modo como estão organizadas as relações entre os gêneros, ou seja, o quanto esta variável acarreta implicações nos padrões de **hierarquia** e exercício de **poder**, assim como nos **conflitos** e padrões de **fronteiras** encontrados entre os subsistemas.

De fato, no contexto ribeirinho estudado, as famílias apresentam padrões organizacionais que diferem dos padrões de família encontrados nos contextos urbanos. Apesar das mudanças ocorridas em torno dos papéis de gênero, nas famílias ribeirinhas as relações entre o masculino e o feminino estão sustentadas em rígidos papéis construídos tradicionalmente, mas que têm ao longo do último século sofrido ação dos efeitos da sociedade industrializada.

É difícil compreender a dinâmica familiar sem que se olhe para os modos de produção utilizados pela comunidade estudada. As famílias que moram as margens do rio Araraiana estão organizadas como uma sociedade extrativista, isolada geograficamente. Estes dois aspectos favorecem a condição de miséria em que se encontra o grupo estudado. Este fato constitui um marco desde o início da formação da família. Duas das quatro mulheres das famílias focais estudadas disseram que “fugiram” de casa, isto é abandonaram temporariamente sua família de origem para formar sua própria família. Além, destas alguns membros que pertencem ao sistema dos irmãos, isto é, a segunda geração, também “fugiram” de casa.

Dinâmica das relações intra familiares

Olhando os resultados encontrados a partir do modelo ecológico é possível formular algumas reflexões. Dentre estas destaca-se os elementos relacionais presentes no interior dos subsistemas e aqueles que intermediam as relações entre os subsistemas. Todavia é possível considerar que as relações familiares, como um todo, são marcadas fortemente pela questão do gênero. Na verdade esta é uma variável possível de ser identificada entre os subsistemas e intrasistemas. Assim, o gênero masculino, que pode ser o pai ou os filhos homens, ocupa lugares diferenciados que lhes atribui papéis e poder peculiares.

De modo geral, pode-se dizer que em todas as famílias o lugar de pai, de marido era o lugar mais privilegiado. Em termos hierárquicos, o pai e marido detêm o poder maior e conseqüentemente ocupa o lugar de maior status dentro do grupo. Mesmo em famílias, onde a mulher se destaca, como por exemplo, na família M/S, a figura paterna é identificada como portadora de autoridade, a quem todos inclusive a esposa, devem respeito e obediência. Em termos das relações conjugais percebe-se que as tarefas são postas considerando referencias que há muito tempo têm sido abandonadas nos contextos urbanizados.

Com base no que é considerado papel de homem e de mulher parece existir uma representação geral do que é uma “boa esposa” e um “bom marido”. No contexto ribeirinho estudado ser um “bom esposo” é o mesmo que ser um homem trabalhador, provedor do alimento que garante a sobrevivência da esposa e dos filhos. Já à esposa compete cuidar dos filhos, da casa, do marido e a este deve respeito e obediência.

A compatibilidade entre a representação que existe entre ser marido e esposa e o exercício destes papéis no dia-a-dia parece influenciar na organização das relações conjugais. Neste sentido, percebe-se que, com exceção da família M/S, os membros dos subsistemas conjugais, isto é, marido e esposa apresentam entre si relações de fronteiras rígidas, presas aos seus papéis. Por outro lado, as relações do casal enquanto uma unidade com o

subsistema filial parece mais propensa ao emaranhamento, uma vez que na maioria das vezes o casal dispõe de poucos momentos de intimidade.

As relações conjugais são marcadas pelo poder do marido que estabelece as regras não apenas na relação com a esposa, mas também com o restante do sistema. Deste modo, os conflitos conjugais não são resolvidos como uma consequência natural da negociação entre marido e esposa, mas como uma resultante do poder do esposo.

Tal como em outros contextos, o surgimento dos conflitos parece estar relacionado à insatisfação dos parceiros no que se refere a papéis previamente estabelecidos. No entanto, este descontentamento se expressa de modo sutil quase imperceptível aos olhos do observador o que pode estar indicando que o processo de mudança pelo qual passou as relações conjugais nos contextos urbanos está sendo processado em um ritmo extremamente lento. De fato, os padrões de relação encontrados nos subsistemas conjugais lembra aqueles identificados nas sociedades tradicionais.

No que diz respeito as relações encontradas no interior do grupo dos irmãos percebe-se que não apenas a variável gênero, mas também o fator idade e conseqüentemente ordem de nascimento são fundamentais. Neste sentido, parecem existir quatro categorias grupais de irmão, dentre estes, dois são constituídos pelos sujeitos mais velhos, sendo que um é formado pelos meninos e o outro pelas meninas. No outro extremo encontram-se os mais jovens que formam dois grupos, um formado por homens e outro por mulheres.

Estas categorias definem não apenas o lugar ocupado pelos membros, mas também os papéis, as tarefas, assim como a qualidade das relações entre os indivíduos. Deste modo, o irmão mais velho do sexo masculino ocupa o lugar de maior status e a este cabe o papel de liderar os demais irmãos. Aos irmãos mais velhos cabe a tarefa de ajudar o pai nas atividades de subsistência, as irmãs mais velhas ficam encarregadas nas tarefas domésticas que são compartilhadas com a mãe, e os cuidados dos irmãos mais jovens. Os irmãos mais jovens, meninos e meninas, não desempenham nenhuma tarefa e se mantêm ao longo do dia em atividades lúdicas, sendo que na medida que avançam no desenvolvimento, aproximadamente aos 9 anos, são introduzidos

em atividades peculiares ao grupo de meninos ou de meninas que já auxiliam em tarefas de trabalho.

A qualidade das relações entre os irmãos parecem ser igualmente definidas pelos dois fatores acima assinalados. Os padrões de negociação assim como as estratégias utilizadas para resolver os conflitos são marcadas pela idade e pelo gênero. Neste sentido, é mais provável que se encontre no contexto ribeirinho estudado uma postura feminina mais ligada a evitação de conflito, semelhante a que foi identificada entre as irmãs da família B/M diante do irmão P, enquanto os meninos parecem mais dispostos ao enfrentamento.

Como era de esperar, dentro do grupo de irmãos que pertencem ao mesmo sexo, a idade parece ser o fator determinante nas negociações e resolução de conflitos. Deste modo os mais velhos são detentores de mais poder do que os mais jovens. Pode-se concluir que a condição do mais jovem do sexo feminino é a que apresenta maior desvantagem na relação com os demais membros do grupo de irmãos.

Tal como já foi assinalado acima, com pouquíssimas exceções, a relação entre os subsistemas conjugais e fraternais apresenta uma forte tendência ao emaranhamento, uma vez que as fronteiras entre os pais e os filhos não são claras, e sim confusas e nebulosas. Uma das evidências deste fato pode ser percebido através do relato dos pais, que em geral, dormem em cômodos separados. Na maioria das famílias estudadas as mães dormiam junto dos filhos menores enquanto o pai com os filhos mais velhos ou, quando estes não existiam, dormia sozinho tal como B no sistema B/D.

É possível que este fato se deva não apenas em função de aspectos subjetivos da relação, mas como uma consequência direta do modo como a casa da família ribeirinha está estruturada. Esta, que em geral apresenta pequenas proporções, não oferece espaços físicos onde o casal possa se manter, em alguns momentos, separados do subsistema constituído pelos filhos.

Percebe-se que a qualidade das relações pais e filhos, ou seja, das relações parentais sofre influencia do poder paterno. Com algumas variações

de intensidade, o pai funciona como aquele que estabelece as regras e restrições comportamentais. Embora o pai seja o elemento que estabelece a relação da família com a comunidade, é freqüente identificar nas relações entre pai e filhos a tendência paterna de dificultar o contato da família com o mundo exterior. A postura restritiva do pai pode ser identificada no sistema C/N onde, embora os filhos já se encontrem na fase adulta, C tenta se impor, dificultando a ida destes às festas que ocorrem na comunidade.

Semelhante a outros contextos, as mães que vivem as margens do rio Araraiana desempenham a tarefa de mediadoras afetivas entre filhos e pais. Em geral os vínculos dos filhos com os pais são mais distantes do que destes com as mães cujas ações visam a aproximação ou mesmo a evitação de conflitos entre pais e filhos.

Independente do nível de aproximação entre filhos e pais, o processo de identificação parental resulta da ação de um conjunto de forças. Provavelmente, a identidade familiar, mais do que as características pessoais de pai e de mãe, influenciam nos padrões de identificação dos filhos com os pais.

Um aspecto interessante diz respeito ao fato dos padrões parentais estarem associados a identidade familiar. Por outro lado, esta sofre influência da historia familiar dos cônjuges em separado. Este dado remete a noção de transgeracionalidade onde aspectos de uma geração podem ser transmitidos para a geração subsequente através dos padrões relacionais da atualidade. Esta perspectiva possibilita refletir sobre as limitadas possibilidades de mudanças relacionais encontradas no interior das famílias estudadas.

De certo modo, os modelos disponibilizados às gerações mais novas somados ao estado de isolamento social no qual se encontra a comunidade investigada, dificultam o acesso a novos parâmetros, referencias que poderiam representar modificações nos padrões relacionais nas futuras famílias.

Em termos gerais, verifica-se que existe uma tendência, no contexto ribeirinho estudado, a conservação de antigos padrões que pode justificar o modo de organização destas famílias. Esta pode explicar as diferenças

identificadas entre a dinâmica dos grupos familiares pesquisados e aqueles que vivem nos contextos urbanos.

A história das relações familiares

A coerência entre a história familiar e os padrões atuais de relação encontrados nas famílias do rio Araraiana pode ser identificada ao longo das filmagens, das entrevistas semi-estruturadas e nas notas de campo. Utilizando os conceitos ecológicos de Bronfenbrenner, estes dados indicam os elementos que compõe o cronossistema.

É forte o movimento de repetição que ocorre nas gerações mais novas. Provavelmente, este fator está associado com a história de cada família, desde sua formação até a atualidade. Entende-se que a falta de opção na comunidade do rio Araraiana empurra as gerações mais novas para aquela que parece ser a única alternativa, isto é, juntar-se precocemente a uma outra pessoa e dar início a uma nova família. Em geral, as famílias se formam quando o casal ainda é muito jovem, quando não dispõe de condições que lhe permita dar um salto qualitativo, de modo que a futura geração possa ter acesso a bens e recursos melhores do que os da geração anterior.

Um bom exemplo que indica este padrão repetitivo nas histórias familiares refere-se a semelhança entre a estratégia utilizada por R que saiu, “fugiu” da casa de seus pais e foi compor com seu namorado um sistema conjugal. Tal como R, S, sua mãe, quando ainda eram muito jovem, abandonou a casa de seus pais para construir sua família atual.

Provavelmente a estratégia utilizada por R e seu companheiro, assim como por S e M não é apenas uma das conseqüências do estado de pobreza e isolamento social em que se encontra a comunidade investigada. De fato, a estratégia de formação das famílias parece ser a conseqüência das condições objetivas de vida do povo do Araraiana, como também um fator mantenedor destas mesmas condições.

Além de ser um elemento que ganha e dá sentido no contexto investigado que se caracteriza principalmente pelas condições miseráveis e pelo estado de isolamento, os padrões de repetição estão ligados às estratégias relacionais

que caracterizam as relações das famílias que moram as margens do rio Araraiana. Neste sentido, entende-se que a história particular de cada família mantém com a história da comunidade como um todo, uma ligação de interdependência onde o modo de viver do grupo se confunde com o modo de funcionamento de cada sistema familiar.

É importante destacar que a interconexão entre história social e história familiar não representa padrões homogêneos, uma vez que cada sistema apresenta modos particulares de funcionamento que tem sido denominado de cultura íntima. Neste sentido as fronteiras familiares funcionam como um filtro que permite a cada família se ajustar aos elementos que compõe o social de um modo peculiar (Serpell, Sonnenschein, Baker & Ganapathy, 2002).

Ao se pensar em torno da interconexão entre a história familiar e a história social, vale a pena lembrar estudos de desenvolvimento que indiretamente descrevem o funcionamento de famílias brasileiras (Bastos, Alcântara & Ferreira-Santos, 2002) assim como trabalhos que visam descrever o processo de mudança das famílias no Brasil (Bucher, 2003). Nestes trabalhos, a questão das mudanças não apenas estruturais, mas também organizacionais que ocorreram nas últimas décadas nas famílias no Brasil decorrem, em grande parte, da questão do gênero. A entrada da mulher no mundo do trabalho marcou o ingresso da família na Modernidade (Bucher, 2003). Com base na mesma premissa, Bastos e cols. (2002) destaca a força das mulheres no cotidiano das famílias que vivem em Novos Alagados e no Vale das Pedrinhas.

Sustentada nos trabalhos de Giddens (1997, 1999), Bucher (2003) descreve o modo das famílias tradicionais, modernas e pós-modernas se organizarem e considera que a família brasileira encontra-se em um estágio intermediário de transição entre o modo de vida tradicional e moderno. Sua afirmativa sustenta-se em dados de pesquisa que indicam as repercussões do trabalho principalmente nas relações conjugais. Bucher (2003) destaca as mudanças estruturais que nem sempre representam alterações na dinâmica dos papéis de marido e esposa.

Segundo Giddens (1999) nas sociedades tradicionais o passado é respeitado, os símbolos garantem a valorização das experiências das gerações

anteriores. A família assegura a continuidade do passado, do presente e do futuro e o casamento tradicional sustenta-se na desigualdade de sexos.

Para Bucher (2003) homem e mulher convivem na interseção de três dimensões socioculturais: a tradicional, a moderna e a pós-moderna. O predomínio de uma ou de outra depende do grau de desenvolvimento local e das influências recebidas pela globalização da informação e de outros setores.

Considerando o elemento que está na base desta discussão, isto é a questão de gênero e o estado de isolamento da comunidade investigada, os dados encontrados no contexto do rio Araraiana sugerem que estas famílias não fazem parte deste grupo descrito por Bucher (2003) e Bastos e cols. (2002). De fato, o modo como os papéis estão organizados, as relações dentro dos subsistemas conjugais, as funções parentais, assim como as relações com o trabalho indicam que as famílias estudadas apresentam um perfil que gira em torno de padrões mais tradicionais.

A dinâmica das relações familiares e os outros contextos

Além das relações que se processam no interior das famílias, é importante destacar que estas mantêm com outros contextos um conjunto dinâmico de ligações que repercutem no seu modo de organização. Dentre estes se destaca o trabalho, a rede de apoio social, o lazer e a igreja. As relações que ocorrem nestes contextos estão conectadas à estrutura e dinâmica das famílias.

Apesar do avanço tecnológico, os dados encontrados na presente pesquisa indicam que a comunidade que vive as margens do rio Araraiana é constituída por um grupo de pessoas que apresenta um modo de vida extremamente extrativista. Provavelmente este fator colabora com a influência da variável gênero sobre o mundo do trabalho.

A extração dos recursos da natureza é, na maioria das vezes, executada pela figura masculina. Embora se caracterize por ser uma atividade solitária, o extrativismo masculino demanda que este se afaste do espaço doméstico e, conseqüentemente, da esposa e dos filhos. Por outro lado, o trabalho feminino ocorre, em geral, no contexto da casa e de seus arredores. Neste sentido a

natureza do trabalho feminino garante à mulher uma relação de maior proximidade com os filhos do que seu companheiro. É possível que este fato justifique, parcialmente, a maior intensidade dos vínculos das mães com os filhos ao comparar com os vínculos entre os pais e os filhos.

Além das implicações do modo como o trabalho está organizado para a dinâmica das relações familiares, é importante dizer que o trabalho masculino oferece ao homem possibilidades relacionais que o trabalho feminino não dispõe. Embora o extrativismo seja, como já foi dito anteriormente, uma atividade solitária, esta demanda que o homem saia do espaço doméstico e entre em contato com outros sujeitos do mesmo sexo. De fato o trabalho dos homens oferece um espaço de circulação, de trânsito onde pessoas do mesmo sexo se encontram, mantêm contato e iniciam relações. A princípio este espaço é o próprio rio que funciona, neste caso não apenas como uma via de deslocamento, mas como uma ponte de interações e vínculos que por sua vez favorece a construção de outros espaços relacionais, como por exemplo, o do lazer (grupo do futebol).

Por outro lado, as relações femininas se limitam ao espaço da família, onde a mulher executa suas tarefas domésticas e de cuidado, assim como de mediadora entre o subsistema dos irmãos e a figura paterna. Neste sentido, o encontro com outras pessoas é restrito e o acesso da mulher a espaços mais amplos se dá somente por intermédio dos homens, seja por alimentar a família com as informações da comunidade, seja por conduzir fisicamente esta para contextos em que se dão interações comunitárias.

Se por um lado o trabalho feminino aproxima a mulher da família, o trabalho dos homens afasta-o do grupo familiar. Estes dois extremos podem ser relacionados à crise descrita na literatura que foi disparada com a entrada da mulher no mercado de trabalho e conseqüentemente o seu afastamento do sistema familiar. Parece que nas famílias ribeirinhas esta discussão pouco se aplica, haja vista que neste contexto a educação das crianças ainda é uma tarefa, na maioria dos casos, feminina.

Percebe-se que o modo como o trabalho de homens e mulheres se organiza no contexto ribeirinho está conectado com a qualidade relacional em

outros contextos. Entende-se que os encontros dos homens nos espaços de trânsito acima citados, possibilitam a estes construir outros momentos de relação cuja finalidade inicial é o lazer. De fato, o futebol constitui um elemento de atração que motiva a participação e a regularidade das relações no grupo masculino.

Se por um lado, o futebol aglutina os homens da comunidade do rio Araraiana em torno de uma atividade de lazer, as mulheres não dispõem de outros contextos cuja finalidade seja simplesmente a diversão, pois seu lazer está essencialmente restrito a assistir televisão de noite. Além da família, o outro espaço relacional que conta com a participação do sexo feminino é a igreja. Todavia, a religião envolve não apenas a mulher, mas toda a família com exceção dos homens que ocupam a maior parte de seu tempo com trabalho e lazer.

Como já foi observado, se por um lado a igreja e o trabalho das mulheres está fortemente vinculada ao grupo familiar, o trabalho masculino e o lazer afastam o homem da família. Neste sentido, a religião funciona como um forte sistema de crenças que se contrapõe ao grupo do lazer. Nota-se que a presença da igreja representa um rompimento nesta lógica, uma vez que alguns homens participam dos cultos evangélicos.

O envolvimento dos homens com a religião acarreta uma cisão na comunidade como um todo. Se por um lado àqueles que participam da igreja são considerados os “fiéis”, por outro, os que não se envolvem, mas cuja presença é certa no contexto de lazer, são percebidos como os “ímpios”. Neste sentido, M, que compõe o sistema M/S, é considerado um dos “fiéis”, uma vez que sua participação nos cultos religiosos é constante e sua ligação com o grupo familiar é intensa.

É importante destacar que esta classificação, “ímpios” e “fiéis”, repercute nas relações parentais, uma vez que as crianças do sexo masculino, como por exemplo C que compõe o sistema M/S, não podem participar nem tampouco assistir partidas de futebol, embora lhe seja permitido torcer pela tradicional equipe no Estado do Pará, Paysandu Sport Club.

Esta categorização dos espaços ocupados pelo masculino e feminino favorece a tendência à conservação dos padrões assinalados acima, onde a principal figura responsável pela educação das crianças é a mulher que mais do que a figura masculina se encontra em um estado de isolamento que auto se mantém, principalmente considerando que o único contexto relacional que participa, afora a família, é a igreja. Ora, sabe-se que as instituições religiosas valorizam a manutenção de padrões éticos e morais das gerações anteriores. Portanto, é previsível a sua influência na manutenção da submissão e do comportamento passivo da figura feminina e conseqüentemente na estrutura e dinâmica do grupo familiar.

Retomando a questão do trabalho, entende-se que mais do que um perfil extrativista, os moradores do rio Araraiana apresentam um perfil que lembra as estratégias utilizadas pelos nômades. De fato, ao longo do rio encontram-se constantemente casas abandonadas, o que indica a passagem de alguma família pelo local. Os moradores destas residências abandonaram suas casas na medida em que começaram a se defrontar com dificuldades para extrair a tala. Devido à retirada intensa deste recurso da natureza, tornou-se cada vez mais distante o acesso às áreas da mata onde se encontra este elemento natural. Com isto, os ribeirinhos estudados preferem mudar-se para outro ponto do rio em cujo entorno ainda seja possível extrair recursos naturais.

Além dos problemas recentes que esta comunidade tem enfrentado graças a este modo de subsistência, entende-se que esta forma de sobreviver colabora com um perfil de organização simbólica peculiar. O surgimento da agricultura representou um salto na história da civilização humana. O ato de cultivar a terra não apenas fixou o homem no campo, mas lhe impregnou a capacidade de planejar suas ações, ou seja, de apreciar sua realidade ao longo do tempo, de olhar antecipadamente para o seu contexto e assim ter mais controle sobre o seu meio (Diamond, 2004). Neste sentido, o homem passou a construir noções do que valorizava e que conseqüentemente desejava, passou a estabelecer metas, traçar objetivos para si e para sua família.

Parece que em termos cognitivos o homem ribeirinho da comunidade estudada apresenta um nível de organização cognitiva de planejamento de

suas ações semelhante aquele encontrado antes do surgimento da agricultura. A noção de tempo apresentada por esta comunidade não apenas é diferente de outros grupos sociais. De fato, durante muito tempo se pensou que a ausência de relógios entre os moradores provocaria uma percepção temporal distorcida. No entanto, é provável que este seja apenas um pequeno indicador desta percepção e não a causa. O que os dados estão sugerindo não constitui um elemento pontual que pode ser traduzido em algumas palavras como relógio, horas, minutos, mas parece representar algo maior que envolve toda a dinâmica da vida ribeirinha, no seu dia-a-dia, seus valores e crenças.

De fato, este é um grupo à parte do mundo globalizado produtor e consumidor de produtos considerados “valiosos” onde a grande parte da humanidade se encontra inserida. As poucas respostas apresentadas, quando questionados sobre o que fariam caso ganhassem muito dinheiro na loteria, giraram em torno da conservação da vida no rio, falou-se de comprar um terreno maior, fazer uma plantação de açaí, criar gado, comprar um barco, montar uma venda no rio, etc. Todas as falas sugeriam a manutenção da vida no contexto ribeirinho. Em nenhum dos casos se cogitou um rompimento com este modo de vida, e sim tentativas de superar as dificuldades encontradas no dia-a-dia do ribeirinho que vive no Araraiana.

Além da influencia do modo extrativista sob a o funcionamento cognitivo, vale a pena destacar que este modo de produção quando desenvolvido em escala familiar contribui para a manutenção do estado de isolamento. Vale dizer que este isolamento não diz respeito apenas a contextos mais complexos, mas ao isolamento do sujeito em relação ao seu vizinho. Para obtenção dos recursos conta-se somente com a força de trabalho presente dentro do sistema familiar, ou seja, é possível obter o recurso da natureza sem ajuda do outro, o que não demandará ligações, vínculos com outras unidades familiares. Além de contribuir com uma visão de tempo imediata, que se estende, no máximo por 48 horas, o modo extrativista considerando somente a força de trabalho familiar, não desenvolve pressões imediatas para desenvolvimentos de vínculos comunitários para fins de melhoria das condições de vida.

Cultura ribeirinha: contexto físico e simbólico

De fato, o trabalho, tal como está organizado, não constitui um fator que dê conta da formação de elos entre os moradores. Todavia, mesmo que de modo, incipiente, o lazer, e mais intensamente, a igreja constitui elementos aglutinadores que têm servido a função de unir os moradores em torno de elementos comuns, mas que pouco tem representado mudanças na qualidade de vida da comunidade.

Em termos gerais, o contexto geográfico é uma variável que contribui fortemente com o isolamento social que a população do rio Araraiana vive. Por sua vez, este fator contribui com o modo como a cultura ribeirinha está organizada, ou seja, com o sistema de crenças e valores da comunidade investigada. Percebe-se que o mundo simbólico da comunidade que mora as margens do rio Araraiana expressa o papel das práticas religiosas, o modo como a variável gênero influencia na divisão social dos papéis, o lugar que ocupa a escola na vida das pessoas, etc.

Sem dúvida, o isolamento físico em que se encontram as famílias ribeirinhas é um dos fatores que sustenta o modo como estas se constituem. Pode-se dizer que o isolamento físico somado à não disposição por parte do estado de serviços básicos de saúde e educação contribui para um quadro de exclusão social, onde tal população configura-se como “invisíveis” às políticas públicas. Há deste modo, uma relação de recursividade, ou seja, quanto mais isolado se encontra o indivíduo, menos chance este terá de romper com o isolamento. Isto significa que a forma como o contexto sócio-político mais geral está organizado, de modo a desconsiderar a existência da população ribeirinha e, o modo como as famílias se constituem em uma comunidade, tende a manter as famílias ribeirinhas nas mesmas estratégias das gerações anteriores e dificultam a realização de um salto que conduziria o homem ribeirinho a dispor de uma vida melhor.

Percebe-se que os elementos físicos (distância geográfica) e simbólicos (sistema de crenças e valores) mantêm entre si uma relação de interdependência que fortalece o estado de exclusão social das famílias estudadas. Este estado de isolamento as mantém envolvidas por fronteiras

rígidas que as impedem de ter acesso a recursos que lhes garantiriam uma melhor qualidade de vida. O rompimento com esta condição só será possível se ações oriundas do próprio grupo se manifestarem na comunidade ou se esta se tornar objeto do interesse das instituições governamentais.

A possibilidade de rompimento com a condição de isolamento em que estas pessoas se encontram através das relações na comunidade pressupõe a organização comunitária em associações que poderiam conduzir a cisão do padrão de recursividade entre contexto físico (isolamento) e contexto simbólico (crenças e valores). No entanto, compreende-se que esta organização constitui um desafio para os membros da comunidade que se encontram embutidos em seu conjunto de valores e crenças.

Coletivismo e Individualismo

A reflexão em torno dos padrões relacionais na comunidade que vive as margens do rio Araraiana se deu sob inspiração da literatura que tenta apresentar um sistema de classificação cultural. Algumas teorias têm tentado organizar os diferentes modos de vida encontrados nos estudos empíricos. Todavia, é evidente o lugar de destaque ocupado pelo modelo coletivista-individualista (Hofstede 1991, Triandis 1988, 1990) nas pesquisas que apresentam um viés culturalista. Os estudos apontam que em países desenvolvidos como por exemplo na Alemanha (Keller, Zach, & Abels, 2002) há um predomínio do padrão individualista de relação que se caracteriza pela valorização cultural da independência. Por outro lado, em países pobres como os da Ásia e da América latina predomina o padrão coletivista onde as relações familiares são prioridades em detrimento das relações fora da família (Lynch & Hanson, 1998).

Greenfield, Keller, Fuligni e Maynard (2002) consideram esta classificação muito simplista e reducionista, uma vez que em uma mesma cultura é possível identificar a coexistência de padrões que denotam independência e dependência (Killen & Wainryb 2000). Além do mais, cada cultura apresenta modos peculiares de expressar a independência e dependência.

Com base na noção de que os aspectos materiais e emocionais são os elementos que sustentam os padrões coletivista e individualista, Greenfield, Keller, Fuligni e Maynard (2002) destacam que em algumas culturas que sofreram mudanças econômicas radicais, tais como o Japão, apresentam um padrão de relação que combina independência econômica com interdependência emocional. Os autores sugerem que a modernização que ocorreu nestas culturas não acarretou perdas relacionais para a população.

Inicialmente se pensou que o modo de vida ribeirinho podia ser caracterizado como um modo coletivista, haja vista que se trata de uma comunidade extremamente pobre. No entanto, na medida em que a equipe de pesquisadores adentrou na comunidade e que teve acesso não apenas aos conceitos de independência e dependência, mas também às críticas e aos adendos a este arcabouço teórico, percebeu-se que a cultura ribeirinha não se enquadra dentro das classificações tradicionais, mas apresenta um perfil misto de relação que carece de conhecimento.

Ao falar de um modelo que sintetiza o individualismo e o coletivismo, Greenfield, e cols. (2002) destacam o avanço econômico como o fator responsável por estas mudanças. No entanto, parece que no caso do contexto ribeirinho os motivos que promovem a manutenção de padrões relacionais caracterizadas por independência e interdependência não são os mesmos apresentados pelos autores ao descrever o modo de vida de populações desenvolvidas economicamente.

Embora a pobreza seja um fato que em alguns contextos, tais como os observados nos meios urbanos, funciona como um elemento de aproximação, que fomenta a ajuda e apoio mútuo, é possível que no contexto ribeirinho esta não tenha o mesmo impacto sobre a formação e manutenção dos vínculos. De fato, é necessário olhar para o estado de miséria dos ribeirinhos associando-o a outros elementos encontrados naquele contexto.

Além da carência econômica, o isolamento, constitui uma característica marcante na cultura ribeirinha. Se por um lado, a pobreza pode favorecer a promoção de compartilhamento e apoio, o isolamento absoluto pode dificultar o

desenvolvimento de um conjunto de redes sociais com vista ao rompimento do próprio isolamento.

Apesar das conseqüências derivadas do isolamento que puxa a cultura ribeirinha para um padrão mais individualista, o estado de miséria impulsiona os grupos familiares em busca de apoio mutuo que caracteriza as culturas coletivistas. É constante nas falas dos moradores referencias a empréstimos, doações, prestação de assistência ao outro que se encontra doente, etc. Deste modo, parece que duas forças agem no sentido oposto acarretando uma identidade cultural mista que dependendo do ponto de observação pode se apresentar como uma comunidade individualista ou coletivista.

Os padrões relacionais encontrados fortalecem a ausência de políticas governamentais que visem a modificação de alguns aspectos da vida no rio Araraiana. A ação de políticas públicas poderia modificar não apenas o contexto ribeirinho estudado, mas também algumas características dos indivíduos envolvidos que podem estar dificultando a adaptação do homem em seu contexto de interação.

Na verdade é evidente as alterações na natureza, no entanto o homem ribeirinho estudado não tem conseguido se ajustar as transformações que estão ocorrendo em seu contexto e conseqüentemente construir estratégias compatíveis com este novo ambiente que lhe garanta não apenas sua sobrevivência e de sua família, mas também o mantenha no ambiente do rio, ou seja uma exploração sustentável dos recursos naturais.

De fato a permanência no contexto ribeirinho é difícil na medida em que as condições que garantem a sobrevivência, isto é, o trabalho, o acesso a saúde e a educação estão cada vez menos disponíveis à comunidade estudada. Neste sentido, a despeito do interesse da população investigada em continuar vivendo as margens do rio Araraiana, tal como foi descrito anteriormente, percebe-se o grande risco a que estas pessoas estão expostas. Entende-se que a ausência de ações governamentais voltadas para a população investigada empurra estes moradores para as periferias dos grandes centros urbanos onde vão em busca, principalmente, de trabalho,

saúde e educação, melhoria de condições de vida, que se revelam, em condições mais incertas do que a própria permanência no rio.

De fato, grande parte da população que se encontra na capital do Estado é proveniente de seu interior. Tal como em outras cidades do Brasil, a população que emerge dos contextos menos desenvolvidos se junta, nos centros urbanos, aos grupos que não conseguiram realmente ter acesso aos recursos materiais e simbólicos que necessita. A questão do despreparo, da desqualificação profissional restringe estes sujeitos a práticas profissionais pouco rendosas ou a ofícios marginais.

O que a princípio parecia ser um problema localizado no contexto ribeirinho invade o mundo urbano, acarretando o aumento da violência, do desemprego, etc. Nota-se, que se trata de uma ligação sistêmica, onde a ação da globalização promove não apenas o compartilhamento de representações, mas também a distribuição da pobreza e da baixa qualidade de vida.

Uma das possibilidades de continuidade

Do grande conjunto de elementos observados no decorrer deste trabalho entende-se como relevante, particularmente, o que se refere à investigação do ciclo vital da família e a relação deste com o ciclo de desenvolvimento.

A diferenciação estrutural progressiva da família implica particularmente em uma dinâmica de papéis, ou seja, uma aquisição ativa e rejeição de papéis pelos seus elementos, enquanto se adaptam à pressões recorrentes da vida com vista à sobrevivência do sistema familiar. O conjunto de estudos que mostram uma seqüência previsível de transformações na organização familiar está concentrado em populações de classe média.

Sabe-se que o “caminho” ou “carreira” da família comporta duas interfaces desenvolvimentais: indivíduo/grupo familiar e família/meio sócio-cultural (Relvas, 2000). Essas interfaces expressão-se principalmente através de “marcadores” designados na literatura da área como os momentos de transição dos estágios de desenvolvimento que passa a família. Alguns desses momentos são marcados por rituais, ritos de passagem ou iniciação, tal como o

casamento. Tais rituais são tomados pela literatura como assumindo a função de constituir uma identidade grupal.

Como foi observado neste estudo, durante todo o período de pesquisa não foram identificados a ocorrência de rituais, tanto do indivíduo no grupo familiar (por ex., comemoração de aniversário) como da formação e mudanças na família no meio (casamento). Se rituais são fundamentais, como observa a literatura, que implicações teriam a ausência desses em termos familiar como também da comunidade mais geral? Existiriam formas de rituais menos intensos presentes nos sistemas que não foram percebidos pelos pesquisadores? Seriam seus vínculos sustentados somente em atividades instrumentais de sobrevivência desenvolvidas nas rotinas? Ou, por ter o poder de comunicação simbólica, a recorrência dessa rotina se configuraria como um ritual? Considerando o contexto ribeirinho, quais os momentos críticos do desenvolvimento individual? Qual a relação desse desenvolvimento com o ciclo familiar? Essas e outras questões referentes à relação do ciclo de desenvolvimento do indivíduo com o da família poderiam ser privilegiadas em futuros estudos com esta população. Considera-se a relevância dos aspectos envolvidos nessa questão não somente em termos teóricos, mas principalmente em função das implicações práticas relacionadas ao desenvolvimento de políticas públicas em que a realidade de desenvolvimento dos indivíduos e de suas famílias seja considerada.

Recomendações Finais

É evidente o estado de exclusão social em que o povo ribeirinho se encontra. O pior aspecto do isolamento diz respeito ao fato deste se auto-manter. Neste sentido, as comunidades que se encontram em contextos geográficos isolados dificilmente se tornarão conhecidas caso se mantenha o desinteresse de instituições que tratam da aplicação de políticas públicas. Portanto, uma conseqüente contribuição do presente trabalho diz respeito ao fato deste representar uma tentativa de tornar as comunidades ribeirinhas da Amazônia menos invisíveis. Mais do que uma tentativa, o material aqui apresentado descreve dados relevantes que podem auxiliar na aproximação de

instituições científicas e governamentais que tenham por objetivo tornar a vida nas comunidades ribeirinhas um pouco melhor.

Entende-se que o conhecimento científico é fundamental, na medida que ele deve estar na base das ações, medidas, políticas que visem a superação das principais dificuldades da vida no rio, como por exemplo a questão do modo de sobrevivência, assim como o acesso a saúde e educação. As políticas públicas voltadas para o contexto ribeirinho devem ser planejadas com base em conhecimento consistente e não podem ter a pretensão de estabelecer intervenções na cultura ribeirinha que sejam disruptivas, incompatíveis com o modo de organização das famílias que vivem as margens do rio.

É importante dizer que as políticas públicas voltadas para o contexto ribeirinho não podem constituir ações isoladas, mas precisam estar interconectadas com uma rede complexa que envolve a sociedade como um todo. Realmente, manter o homem ribeirinho no seu espaço ecológico de modo equilibrado contribui com a estabilidade em outros contextos sociais. A ausência de políticas públicas voltadas para o cidadão do rio que lhe garanta a qualidade de vida no seu ambiente particular não representa um problema apenas do ribeirinho, e sim da sociedade como um todo. Portanto, as pressões junto às entidades governamentais não deve ser uma ação proveniente apenas daqueles que vivem as margens do rio, mas sim, de todos que compreendem que a sociedade é um todo integrado cujas partes mantêm entre si ligações de interdependência.

Referências Bibliográficas

- Anderson, E. (1991). Neighborhood effects on teenage pregnancy. In C. Jencks & P. Peterson (Orgs.), *The urban underclass* (pp. 375-398). Washington D.C: Brookings.
- Anderson, E. (1999). *Code of the Street: Decency, Violence, and the Moral Life of the Inner City*. New York: Norton.
- Anderson, S. A. & Gavazzi, S. M. (1990). A test of the Olson Circumplex Model: Examining its curvilinear assumption and the presence of extreme types. *Family Process*, 29, 309–324.
- Andolfi, M., Angelo, C., Menghi, P. & Nicolò-Corigliano, A. M. (1984). *Por trás da máscara familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Barkow, J. H., Cosmides, L. & Tooby, J. (1992). *The Adapted Mind: Evolutionary Psychology and the Generation of Culture*. New York: Oxford University Press.
- Baruch, D. W. & Wilcox, J. A. (1944). A study of sex differences in preschool children's adjustment coexistent with interparental tensions. *Journal of Genetic Psychology*, 64, 281–303.
- Bastos, A. C., Alcântara, M. A. R. & Ferreira-Santos, J. E. (2002). Novas famílias urbanas. Em E. R. Lordelo, A. M. Carvalho & S. H. Koller (Orgs.). *Infância brasileira e contextos de desenvolvimento*. (pp. 99-135). São Paulo: Editora da UFBA.
- Bateson, G. (1972). *Steps to an Ecology of Mind*. New York: Ballantine Books.
- Beavers, W. R. & Blumberg, S. (1968). A follow-up study of adolescents treated in an inpatient setting. *Journal of Diseases of the Nervous System*, 29, 606-612.
- Beavers, W. R. & Voeller, M. N. (1983). Family models: Comparing the Olson Circumplex Model with the Beavers System Model. *Family Process*, 22, 85-98.

- Belsky, J. (1981). Early human experience: A family perspective. *Developmental Psychology, 17*, 3-23.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development, 55*, 83-96.
- Bennett, L. A., Wolin, S. J. & Mcavity, k. J. (1988). Family identity, ritual, and myth: A cultural Perspective on life cycle transitions. In C. J. Falicov (Ed.), *Family Transitions: Continuity & change over the life cycle* (pp. 211-234). London: The Guilford Press.
- Berger, P. & Kellner, H. (1974). Marriage and the construction of reality. In R. L. Coser (Ed.), *The family: Its structures and functions*. New York: St Martin's Press.
- Bertalanffy, L (1982). *Des robots, des esprits et des hommes*, Paris: ESF.
- Bertalanffy, L. (1967). *Robots, hombres y mentes. La psicología em el mundo moderno*. Madrid: Ediciones Guadarrama.
- Bertalanffy, L. (1968). *Teoria Geral dos sistemas*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Bertalanffy, L. (1972). *La théorie générale des systèmes*, Paris: Bordas.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto editora.
- Bonacich, P., Grusky, O. & Peyrot, M. (1985). Family coalitions: A new approach and method. *Social Psychology Quarterly, 48*, 42-50.
- Boscolo, L., Cecchin, G., Hoffman, L. & Penn, P. (1993). *A terapia familiar sistêmica de Milão: conversações sobre teoria e prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bowen, M. (1960). A family concept of schizophrenia. Em D. D. Jackson, (Org.), *The etiology of schizophrenia*. New York: Basic Books.
- Bowen, M. (1978). *Family therapy in clinical practice*. Nem York: Jason Aronson.

- Boyce, W. T., Jensen, E. W., James, S. A. & Peacock, J. L. (1983). The family routines inventory: Theoretical origins. *Social Science and Medicine*, 17,4, 201-211.
- Brody, G. H., Stoneman, Z., & Burke, M. (1987). Child temperaments, maternal differential behavior, and sibling relationships. *Developmental Psychology*, 23, 354–362.
- Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. *American Psychologist*, 32, 513–531.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U. (1985). Freedom and discipline across the decades. In G. Becker, H. Becker & L. Huber (Orgs.), *Sonderdrucke aus: Ordnung und Unordnung* (pp. 326–339). Berlin, Federal Republic of Germany: Beltz Verlag, Weinheim, und Basel.
- Bronfenbrenner, U. (1986). The ecology of the family as a context for human development. *Developmental Psychology*, 22, 723–742.
- Bronfenbrenner, U. (1994). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1979)
- Bronfenbrenner U. (1995). The bioecological model from a life course perspective: reflections of a participant observer. In P. Moen, H. Elder Jr & K. Luscher (Orgs.) *Examining Lives in Context: Perspectives on the Ecology of Human Development* (pp. 599-618). Washington, DC: American Psychological Association.
- Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: Theoretical and operational models. In B. L. Friedmann & T. D. Wachs (Orgs.), *Conceptualization and assessment of environment across the life span* (pp. 3-30). Washington, DC: American Psychological Association.

- Bronfenbrenner, U. & Ceci, S. J. (1994). Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: A bioecological model. *Psychological Review*, 101, 568-586.
- Bronfenbrenner, U. & Evans, G. (2000). Developmental science in the 21st century: Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. *Social Development*, 9, 115-125.
- Bronfenbrenner, U. & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. Em W. Damon (Org.), *Handbook of child psychology*, (pp. 993-1027). New York, NY: John Wiley & Sons.
- Bucher, J. S. N. F. (1985). Mitos, segredos e ritos na família. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 1.
- Bucher, J. S. N. F. (1991). Migration Familiale, identité et changement socio-culturel. In Lavallée, M., Onellet, F., Larose, F. (1991) *Identité, culture et changement social*. Paris: Editions l'Harmattan.
- Bucher, J. S. N. F. (1999). O Casal e a família sob novas formas de interação. Em: T. Féres-Carneiro (Org.). *Casal e Família: entre a tradição e a transformação*. (pp. 82-95): Rio de Janeiro: Nav.
- Bucher, J. S. N. F. (2003) Relações Conjugais em transformação e sofrimento psíquico numa sociedade em transição. Em Costa, I.I. & cols. *Ética, Linguagem e Sofrimento*, ABRAFIPP: Brasília (pp. 295-307).
- Bucher, J. S. N. F. & Costa, I. I. (2003). Family Therapy in Brazil: memoir and development. In Kit. S. NG (Ed.) (2003). *Global Perspectives in Family Therapy*, N. Y.: Brunner-Routledge.
- Burgess, E. W. (1926). The family as a unity of interacting personalities. *The Family*, 7(1), 3-9.
- Burgess, R. G. (1984). *In the field: an introduction to field research*. London: Allen & Unwin.

- Burman, B., John, R. S. & Margolin, G. (1992). Observed patterns of conflict in violent, nonviolent, and nondistressed couples. *Behavioral Assessment*, 14, 15-37.
- Burr, W. R., Hill, R. & Nye, F. L. (1979). *Contemporary theories about the family*. The free press. New York
- Calix, A. R. (2004) *Is the ecomap a valid and reliable social work tool to measure social support?* Faculty of the Louisiana: dissertação de mestrado.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar. Em B. Carter & M. McGoldrick (Orgs.), *As mudanças no ciclo de vida familiar* (pp. 7-29). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cecconello, A. M. & Koller ' S. H. (2003). Inserção ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco, *Psicologia: Reflexão e. Critica*, 16.
- Cerveney, C. M. O. (1987). *Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa*, São Paulo: Casa do psicólogo.
- Christensen, A. & Pasch, L. (1993). The sequence of marital conflict: an analysis of seven phases of marital conflict in distressed and nondistressed couples. *Clinical Psychology Review*. 13, 3-14.
- Cicirelli, V. G. (1994). The individual in the family life cycle. In L. L'Abate (Org.), *Handbook of developmental family psychology and psychopathology*, (pp. 27-43). New York, N.Y.: Wiley & Sons.
- Collins, W. A., Maccoby, E. E., Steinberg, L., Hetherington, E. M. & Bornstein, M.H. (2000). Contemporary research on parenting: The case for nature and nurture. *American Psychologist*, 55 (2), 218-232.
- Cooper, C. R., Grotevant, H. D. & Condon, S. M. (1983). Individuality and connectedness in the family as context for adolescent identity formation and role taking skill. In H. D. Grotevant & C. R. Cooper (Orgs.), *Adolescent*

development in the family: New directions for child development, (pp. 43–59). San Francisco: Jossey-Bass.

- Cox, M. J. & Owen, M. T. (1993). Marital conflict and conflict negotiation: Effects on infant-mother and infant-father relationships. In M. Cox & J. Brooks-Gunn (Orgs.), *Confliction families: Causes and consequences. Symposium conducted at the meeting of the Society for Research in Child Development*, New Orleans, LA.
- Cox, M. J. & Paley, B. (1997). Families as systems. *Annual Review of Psychology*, 48, 243–267.
- Cox, M. J., Owen, M. T., Lewis, J. M. & Henderson, V. K. (1989). Marriage, adult adjustment, and early parenting. *Child Development*, 60, 1015–1024.
- Crane J. (1991). Effects of neighborhoods on dropping out of school and teenage childbearing. In C. Jencks & Peterson, P. (Orgs.), *The Urban Underclass* (pp. 299-320). Washington, DC: Brookings Inst.
- Crockenberg, S. B. & Langrock, A. (2001). The role of emotion and emotional regulation in children's responses to interparental conflict. In J. H. Grych & F. D. Fincham (Orgs.), *Interparental conflict and child development: Theory, research, and applications* (pp. 129–156). New York: Cambridge University Press.
- Cummings, E. M. & Davies, P. T. (1996). Emotional security as a regulatory process in normal development and developmental psychopathology. *Development and Psychopathology*, 8, 123–139.
- Cummings, E. M. & O'Reilly, A. (1997). Fathers in family context: Effects of marital quality on child adjustment. Em M. E. Lamb (Org.), *The role of the father in child development* (pp. 49–65). New York: Wiley.
- Cummings, E. M. (1994). Marital conflict and children's functioning. *Social Development*, 3, 16-36.

- Cummings, E. M., Ballard, M., El-Sheikh, M. & Lake, M. (1991). Resolution and children's responses to interadult anger. *Developmental Psychology, 27*, 462–470.
- Cummings, E. M., Vogel, D., Cummings, J. S. & El-Sheikh, M. (1989). Children's responses to different forms of conflict expression of anger between adults. *Child Development, 60*, 1392–1404.
- Cummings, E. M., Zahn-Waxler, C. & Radke-Yarrow, M. (1984). Developmental changes in children's reactions to anger in the home. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 25*, 63–74.
- David, A. (1965). *La cibernética y lo humano*. Barcelona: Editorial Labor.
- Davies, P. T., Myers, R. L., Cummings, E. M. & Heindel, S. (1999). Adult conflict history and children's subsequent responses to conflict. *Journal of Family Psychology, 13*, 610–628.
- De Antoni, C. & Koller, S. H. (2000). A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. *Estudos de Psicologia, 2*, 347-381.
- Deal, J.E., Hagan, M.S., Bass, B., Hetherington, E.M. & Clingempeel, G. (1999). Marital interaction in dyadic and triadic contexts: Continuities and discontinuities. *Family Process, 38*, 105-115.
- Dessen, M.A. (1997). Desenvolvimento Familiar: transição de um sistema triádico para poliádico. *Temas em Psicologia, 3*, 51-61.
- Diamond, J. (2004) *Armas, germes e aço: os destinos das sociedades humanas*. Rio de Janeiro: Record.
- Dollard, J. (1935). The family: Needed viewpoints in family research. *Social forces, 35*, 109.
- Dunn, J. & Munn, P. (1985). Becoming a family member: Family conflict and the development of social understanding in the second year. *Child Development, 56*, 480–492.

- Easterbrooks, M. A., Cummings, E. M. & Emde, R. N. (1994). Young children's responses to constructive marital disputes. *Journal of Family Psychology*, 8, 160–169.
- Elder, G. H. (1998). The life course as developmental theory. *Child Development*, 69:1-12.
- Elliott, J.R. (1999). Social isolation and labor market insulation: network and neighborhood effects on less-educated urban workers. *The Sociological Quarterly*, 40 (2):199-216.
- Emery, R. E. (1982). Interparental conflict and the children of divorce. *Psychological Bulletin*, 92, 310–330.
- Erel, O. & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 118, 108-132.
- Feagin, J., Orum, A. & Sjoberg, G. (1991). *A case for case study*. Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press.
- Feiring, C. & Lewis, M. (1978). The child as a member of the family system. *Behavioral Science*, 23, 225-233.
- Feldman, S.S., Wentzel, K.R., Weinberger, D.A. & Munson, J.A. (1990). Marital satisfaction of parents of preadolescent boys and its relationship to child and family outcomes in preadolescents. *Journal of Family Psychology*, 4, 213-234.
- Féres-Carneiro, T. (1983). *Família: Diagnóstico e Terapia*. Rio de Janeiro: Zahar editores.
- Fincham, F. D. & Osborne, L. N. (1993). Marital conflict and children: Retrospect and prospect. *Clinical Psychology Review*, 13, 75–88.
- Fiske, A. P. (2000). Complementarity theory: why human social capacity evolved to require cultural complements. *Personality and Social Psychology Review*, 4:76-94.

- Friedman, A. S., Utada, A. & Morrissey, M. R. (1987). Families of adolescent drug abusers are "rigid": Are these families either "disengaged" or "enmeshed," or both? *Family Process*, 26, 131–148.
- Gameiro, J. (1992). *Voando sobre a Psiquiatria*. Porto, Edições Afrontamento.
- Gano-Phillips, S. & Fincham F.D. (1995). Family conflict, divorce, and children's adjustment. In M. A Fitzpatrick, A. L Vangelisti (Orgs.), *Explaining Family Interactions* (pp. 206-231. Thousand Oaks: CA: Sage.
- Geertz, C. (1966). Religion as a cultural system. In M Banton (Org.), *Anthropological Approaches to Religion* (pp. 1-46). London: Tavistock.
- Gehring, T. M. & Marti, D. (1993). The architecture of family structures: Toward a spatial concept for measuring cohesion and hierarchy. *Family Process*, 32, 135-139.
- Gehring, T.M. (1993) *Family System Test (FAST): Manual*. Zurich: Beltz Test Gesellschaft.
- Giddens, A. (1999). *A terceira via*. Rio de Janeiro: Record.
- Giddens, A. (1993). *As conseqüências da modernidade*. São Paulo. Editora da Unesp.
- Giddens, A. (1997). A vida em uma sociedade pós-tradicional. In A. Giddens, U. Bech e S. Lash. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Unesp.
- Gjerde, P. F. (1986). The interpersonal structure of family interaction settings: Parent-adolescent relations in dyads and triads. *Developmental Psychology*, 22, 297-304.
- Goeke-Morey, M. C. (1999). *Children and marital conflict: Exploring the distinction between constructive and destructive marital conflict behaviors*. Unpublished doctoral dissertation. University of Notre Dame, Notre Dame, Indiana.

- Goeke-Morey, M.C., Cummings, E. M., Harold, G. T., & Shelton, K. H. (2002). Child responses to interparental conflict: Comparing the relative roles of emotional security and social learning processes. In Davies, H., Goeke-Morey & Cummings). *Child Emotional Security and Interparental Conflict. Monographs of the Society for Research in Child Development, Serial 270, 67(3)*.
- Gold, R. (1958). Roles in sociological field observations. *Social Forces, 36*, 217-223.
- Goldberg, W.A. & Easterbrooks, M.A. (1984). The role of marital quality in toddler development. *Developmental Psychology, 20*, 504-514.
- Gomes, J. V. (1987). *Socialização: um estudo com famílias de migrantes em bairro periférico de São Paulo*. São Paulo, (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Goncü, A., Mistry, J. & Mosier, C. (2000). Cultural variations in the play of toddlers. *International Journal of Behavioral Development, 24*, 321-329.
- Gottman, J. & Krokoff, L. (1989). Marital interaction and satisfaction: A longitudinal view. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 57*, 47-52.
- Gottman, J. M. (1994). *What predicts divorce?* Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Gottman, J.M. & Silver, N. (1999). *Sete princípios para o casamento dar certo*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.
- Gottman, J.M. (1993). The roles of conflict engagement, escalation, and avoidance in marital interaction: A longitudinal view of five types of couples. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 61*, 06-15.
- Gottman, J.M. (1998). Psychology and the study of marital processes. *Annual Review of Psychology, 49*, 169-197.
- Green, R. G., Harris, R. N., Forte, J. A. & Robinson, M. (1991). Evaluating FACES III and the circumplex model families. *Family Process, 30*, 55-73.

- Green, R. J. & Werner, P. D. (1996). Intrusiveness and closeness-caregiving: Rethinking the concept of family "enmeshment." *Family Process*, 35, 115–136.
- Greenfield, P. M. (2002). The mutual definition of culture and biology in development. Em H Keller, YH Poortinga (Orgs.), *Between Culture and Biology*, Cambridge: Cambridge Univ. Press
- Greenfield, P. M., Keller, H., Fuligni, A. & Maynard, A. (2002). Cultural pathways through universal development. *Annual Review of Psychology*, 54, 461-490.
- Grych, J. H. & Fincham, F. (1990). Marital conflict and children's adjustment: A cognitive–contextual framework. *Psychological Bulletin*, 108, 267–290.
- Grych, J. H. (1998). Children's appraisals of interparental conflict: Situational and contextual influences. *Journal of Family Psychology*, 12, 437–453.
- Grych, J. H., & Fincham, F. (1993). Children's appraisals of interparental conflict: Initial investigations of the cognitive–contextual framework. *Child Development*, 64, 215–230.
- Haley, J. (1976). *Problem-Solving Therapy*. São Francisco, Jossey Bass.
- Harris, A. G. (2000). *Life on the amazon: The anthropology a brazilian peasant village*. New York: Oxford University Press/The British Academy.
- Hartman, A. & Laird, J., (1983). *Family-centered social work practice*. NY: The Free Press.
- Harton, H. C. & Bourgeois, M. J. (2004). Cultural elements emerge from dynamic social impact. Em M. Schaller & C. S. Crandall (Orgs.) *The Psychological Foundations of Culture* (pp.41-75). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Heavey, C.L., Shenk, J.L. & Christensen, A. (1994). Marital conflict and divorce: A developmental family psychology perspective. In L. L'Abate (Org.), *Handbook of developmental family psychology and psychopathology* (pp. 221-242). New York, N.Y.: Wiley & Sons.

- Hetherington, E. M. (1988). Parents, children and siblings six years after divorce. Em R. A. Hinde, J. Stevenson-Hinde, (Orgs.). *Relationships Within Families: Mutual Influences* (pp. 311-331). Oxford: Clarendon.
- Hinde, R. A. (1979). *Towards understanding relationships*. London, Academic Press.
- Hinde, R. A. (1997). *Relationships: A dialectical perspective*. Sussex, UK: Psychological Press.
- Hoffman, L. (1981). *Foundations in Family Therapy*. New York: Basic Books.
- Hofstede G. (1991). *Cultures and Organizations: Software of the Mind*. London: McGrawHill
- Howe, G. W. (2002). Integrating Family Routines and Rituals With Other Family Research Paradigms: Comment on the Special Section. *Journal of Family Psychology, 16*, 437-440.
- Hubbard, R. M. & Adams, C. F. (1936). Factors affecting the success of child guidance clinic treatment. *American Journal of Orthopsychiatry, 6*, 81–103.
- Jackson, D. (1957). The question of family homeostasis. *The Psychiatric Quarterly Supplement, 31*, 79-90.
- Jenkins, J. (1992). Sibling relationships in disharmonious homes: Potential difficulties and protective effects. In F. Boer & J. Dunn (Orgs.), *Children's sibling relationships* (pp. 125–138). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Johnson, V. K., Cowan, P. A. & Cowan, C. P. (1999). Children's classroom behavior: The unique contribution of family organization. *Journal of Family Psychology, 13*, 355–371.
- Karpowitz, D. M. (1980). A conceptualizations of the american family. In E. Fine (Org.), *Handbook on parent education*. New York: Academic Press.
- Kaslow, F. W. (1987). Trends in family psychology. *Journal of Family Psychology, 1*, 77–90.

- Katz, L. F. & Gottman, J. M. (1993). Patterns of marital conflict predict children's internalizing and externalizing behaviors. *Developmental Psychology*, 29, 940–951.
- Katz, L. F. & Gottman, J. M. (1995). Marital interaction and child outcomes: a longitudinal study of mediating and moderating processes. In D Cicchetti & S. L Toth (Orgs.), *Rochester Symposium on Developmental Psychopathology: Emotion, Cognition, and Representation* (pp. 301-342). Univ. Rochester Press.
- Keller, H, Zach, U. & Abels, M. (2002). The German family in Germany. In J Roopnarine & U Gielen (Orgs.), *Families Across Cultures*, ed. Boston, MA: Ally & Bacon.
- Keller, H. (2002). The role of development for understanding the biological basis of cultural learning. In H. Keller, Y. H Poortinga, A. Schoelmerich (Orgs.), *Between Culture and Biology*.(pp. 213-40). Cambridge: Cambridge Univ. Press.
- Kelsey-Smith, M. & Beavers, W. R. (1981). Family assessment: Centripetal and centrifugal family systems. *American Journal of Family Therapy*, 9, 3-21.
- Kendrick, C. & Dunn, J. (1983). Sibling quarrels and maternal responses. *Developmental Psychology*. 19, 62-70.
- Killen. M. & Wainryb, C. (2000). Independence and interdependence in diverse cultural contexts. In S. Harkness & C. Raeff (eds.), *Variability in the Social Construction of the Child: New Directions in Child and Adolescent Development*, (pp. 5-21). San Francisco: Jossey Bass.
- Kitayama S, Markus H. R. (1995). Culture and self: implications for internationalizing psychology. In Goldberger & Veroff (1995), *The Culture and Psychology Reader*, pp. 366–83, New York: NY University Press.
- Knapp, M.L. & Hall, J.A. (1999). *Comunicação não-verbal na interação humana*. São Paulo: JSN Editora Ltd.

- Kreppner, K. & Lerner, R. M. (1989). Family systems and life-span development: issues and perspectives. In K. Kreppner & R. M. Lerner (Eds.), *Family Systems and Life-Span Development* (pp. 1-33). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Kreppner, K. (1988). Changes in parent-child relationships with the birth of the second child. In R. Palkovitz & M.B. Sussman (Orgs.), *Transitions to Parenthood* (pp. 157-181). New York, N.Y.: The Haworth Press.
- Kreppner, K. (1992). Development in a developing context: Rethinking the family's role for the children's development. In L.T. Winegar & J. Valsiner (Eds.), *Children's development within social context* (pp. 161-180). Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum.
- Kreppner, K. (1995). Padrões comportamentais da família perante um segundo filho. Em J. Gomes-Pedro & M.F. Patricio (Orgs.), *Bebé XXI: criança e família na viragem do século* (pp. 431-463). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Kreppner, K. (2000). The child and the family: Interdependence in developmental pathways. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 11-22.
- Latané, B. & Bourgeois, M. J. (2001). Successfully simulating dynamic social impact: three levels of prediction. In J. Forgas & K. Williams (Orgs.), *Social Influence: Direct and Indirect Processes: The Sydney Symposium on Social Psychology* (pp. 61-76). Philadelphia, PA: Psychol. Press.
- Latané, B. & L'Herrou, T. (1996). Spatial clustering in the conformity game: dynamic social impact in electronic groups. *Journal. Personal. Social. Psychology*, 70, 1218-1230.
- Lehman, D. R., Chi-yue, C. & Schaller, M. (2004). Psychology and culture. *Annual Review of Psychology*, 55, 689-714.
- Lewis, J. M., Bearvers, W. R., Gosset, J. T. & Phillips, V. A. (1976). *No single thread: Psychological health in family systems*. Nueva York: Brunner/Mazel.

- Lewis, O. (1955). *Five families*. Basic Books. New York.
- Leyendecker, B., Lamb, M. E., Harwood, R. L. & Scholmerich, A. (2002). Mothers socialisation goals and evaluations of desirable and undesirable everyday situation in two diverse cultural groups. *International Journal of Behavioral Development*, 26, 248-258.
- Liddell, C., Henzi, S. P. & Drew, M. (1987). Mothers, fathers, and children in an urban park playground: A comparison of dyads and triads. *Developmental Psychology*, 23, 262–266.
- Liddle, H. A. (1987). Family psychology: The journal, the field. *Journal of Family Psychology*, 1, 5–22.
- Luo Lu & Yu Yi Lin. (1998). Family roles and happiness in adulthood. *Personality and Individual Differences* 25, 195-207.
- Lynch, E. W., & Hanson, M. J. (1998). *Developing cross-cultural competence: A guide for working with children and their families* (2nd ed.). Baltimore: Paul H. Brookes.
- Markus, H. R, Kitayama, S. (1991). Culture and the self: implications for cognition, emotion and motivation. *Psychological Review*. 98:224–53.
- McGoldric, M., Gerson, R. & Shellenberger, S. (1999). *Genograms: Assessment and Intervention*. W.W. New York/London: Norton & Company.
- Mead, M. & Baldwin, J. (1971). *A Rap on Race*. Philadelphia and New York: Lippincott. Paperback edition published.
- Mebert, C.J. (1991). Variability in the transition to parenthood experience. Em K. Pillener & K. McCartney (Orgs.), *Parent-child relations throughout life* (pp. 43-57). Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum.
- Merriam, S. B. (1988). *The case study research in education*. San Francisco: Jossey-Bass.

- Merton, R. N. & Kendall, P. L. (1946). The focused interview. *American Journal of Sociology*, 51, 541-557.
- Minuchin, S. (1974). *Families and family therapy*. Boston: Harvard University Press.
- Minuchin, S. (1990). *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas,
- Minuchin, S., Montalvo, B., Guerney, B., Rosman, B. & Schumer, F. (1967). *Families of the slums*. New York: Basic Books.
- Minunchin, P. (1988). Relationships within the family: A systems perspectives on development. Em R. Hinde & J.S. Hinde (Orgs.), *Relationships within families: Mutual influences* (pp. 8-25). Oxford: Clarendon Press e University Press.
- Minunchin, P. (1985). Families and individual development: Provocations from the field of family therapy. *Child Development*, 56, 289-302.
- Nichols, M. P. & Schwartz, R. C. (1998). *Terapia Familiar: conceitos e métodos*. Porto Alegre-RS: Artmed.
- Notarius, C. & Markman, H. J. (1993). *We can work it out: Making sense of marital conflict*. New York: Putnam.
- O'Brien, M., Margolin, G. & John, R. (1995). Relation among marital conflict, child coping, and child adjustment. *Journal of Clinical Child Psychology*, 24, 346–361.
- O'Leary, K. D. & Smith, D. A. (1991). Marital interactions. *Annu. Rev. Psychol.* 42, 191-212.
- Oliveri, M. & Reiss, D. (1987). Social networks of family members: Distinctive roles of mothers and fathers. *Sex Roles*, 17, 719–736.
- Olsen, S.; Dudley-Brown, S. & McMullen, P. (2004), Case for blending pedigrees, genograms and ecomaps: Nursing's contribution to the 'big picture' *Nursing and Health Sciences*, 6, 295–308

- Olson, D. H. (1986). Circumplex Model VII: Validation studies and FACES III. *Family Process*, 25, 337–351.
- Olson, D. H., Russell, C. & Sprenkle, D. (1983). Circumplex model of marital and family systems: VI. Theoretical update. *Family Process*, 22, 69–83.
- Parke, R. D. (1996). *Fatherhood*. Cambridge, MA: Harvard Univ. Press.
- Peluso, M. L. (2003). O potencial das representações sociais para a compreensão interdisciplinar da realidade: Geografia e Psicologia Ambiental. *Estudos de Psicologia*. 8, 2, p. 321-328.
- Petzold, M. (1995). Aprender a ser pai. Em J. Gomes-Pedro & M.F. Patricio (Orgs.), *Bebé XXI: criança e família na viragem do século* (pp. 133-150). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Rabinovich, E. P. (2002) Contextos coletivistas de desenvolvimento: uma análise comparativa intracultural. Em: Eulina R. Lordelo; Ana Maria A. Carvalho; Sílvia H. Koller. (Orgs.). *Infância brasileira e contextos de desenvolvimento*. São Paulo, p. 165-204.
- Rabinovich, E. P. (2005). Por uma Psicologia Ambiental das diferenças. *Psicologia USP*, 16, 119-127.
- Radke-Yarrow, M., Richters, J. & Wilson, W. E. (1988). Child development in a network of relationships. Em R. Hinde & J. Stevenson-Hinde (Orgs.), *Relationships within families: Mutual influences* (pp. 48-67). Oxford: Clarendon Press & University Press.
- Relvas, A. P. (2000). *O ciclo vital da família: perspectiva sistêmica*, Porto: edições Afrontamento.
- Romanelli, G. (1986). *Famílias de camadas médias: a trajetória da modernidade*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo.
- Romanelli, G. (1998). Pais e filhos: o relacionamento entre gerações em famílias de camadas médias. *Paidéia: cadernos de psicologia e educação*, 14/15, 123-136.

- Ruesch, J & Bateson, G. (1951). *Communication: The Social Matrix of Psychiatry*. New York: W. W. Norton and Company.
- Ryan, M. (1981). *The cradle of middle class*. Cambridge, Cambridge University Press. médias. Caxambu, XV Encontro Annual da Anpocs.
- Sampson, R. J. (1988). Local friendship ties and community attachment in mass society: a multi-systemic model. *American Sociological Review*, 53:766–79
- Sampson, R. J. & Groves, W. B. (1989). Community structures and crime: testing social disorganization theory. *American Journal of Sociology* . 94:774–802
- Satir, V. (1967). *Conjoint Family Therapy*. Palo Alto: Science and Behavior Books.
- Satir, V. (1980). *Peoplemaking*. Palo Alto. Science and Behavior Books.
- Serpell, R., Sonnenschein, S., Baker, L. & Ganapathy, H. (2002). Intimate Culture of Families in the Early Socialization of Literacy. *Journal of Family Psychology*, 16, 391-405.
- Shifflett-Simpson, K. & Cummings, E. M. (1996). Mixed message resolution and children's responses to interadult conflict. *Child Development*, 67, 437–448.
- Simionato-Tozo, S. M. P. & Biasoli-Alves, Z. M. M. (1998). O cotidiano e as relações familiares em duas gerações. *Paidéia Cadernos de Psicologia e Educação*, 14/15, 137-150.
- Siqueira, R.C., Ribeiro, M.B. & Duarte, W.F. (1999). Transformações observadas nas relações do casal com o nascimento do primeiro filho [Resumo]. Em *Anais do II Encontro de Psicologia Clínica da Universidade Presbiteriana Mackenzie* (pp. 311-317). São Paulo, S.P.: Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- Sluzki, C. E. (1997) A rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas. São Paulo. Casa do Psicólogo.

- Small, M. L. & Newman, K. (2001). Uly disadvantaged: The Rediscovery of the Family, the Neighborhood, and Culture. *Annual Review of sociology*, 27, 23-45.
- South, S. J. & Crowder, K. D. (1999). Neighborhood effects on family formation: concentrated poverty and beyond. *American Sociological Review*, 64, 1, 113-132.
- Sroufe, L.A. & Fleeson, J. (1988). The coherence of family relationships. Em R. Hinde & J. Stevenson-Hinde (Orgs.), *Relationships within families: Mutual influences* (pp. 27-47). Oxford: Oxford University Press.
- Steinberg, L. D. (1981). Transformations in family relations at puberty. *Developmental Psychology*, 17, 833-840.
- Stevenson-Hinde, J. (1988). Individual in relationships. Em R.A. Hinde & J. Stevenson-Hinde (Orgs.), *Relationships within families: Mutual influences* (pp. 68-80). Oxford: Clarendon Press.
- Stierlin, H. (1972). *Separating parents and adolescents*. Nueva York: Quadrangle Press.
- Sue, S. & Zane, N. (1987). The role of culture and cultural techniques in psychotherapy: A critique and reformulation. *American Psychologist*, 42, 37-45.
- Szapocznik, J. & Kurtines, W. M. (1993). Family Psychology and Cultural Diversity: Opportunities for Theory, Research, and Application, *American Psychologist*, 48, 400-407.
- Taylor, S. E., Peplau, L. A., & Sears, D. O. (1997). *Socialpsychology*. New Jersey: Prentice-Hall Company.
- Tellis, W. (1997). Introduction to case study by Winston Tellis. *The qualitative report*, 03 In (<http://www.nova.edu/ssss/QR/QR3-2/tellis1.html>)
- Tigges, L. M, Browne, I. & Green, G. P. (1998). Social isolation of the urban poor: race, class, and neighborhood effects on social resources. *The Sociological Quarterly*, 39, 1, 53-77.

- Touraine, A. (1974) : *Pour la sociologie*, Paris, Éditions du Seuil.
- Towle, C. (1931). The evaluation and management of marital status in foster homes. *American Journal of Orthopsychiatry*, 1, 271–284.
- Triandis, H. C. (1988). Collectivism and individualism: a conceptualization of a basic concept in cross-cultural social psychology. In *Personality, Cognition, and Values*, ed. C Bagley, GK Verma. London: Macmillan.
- Triandis, H. C. (1990). Cross-cultural studies of individualism and collectivism. In Berman (Org.), *Cross-Cultural Perspectives: The Nebraska Symposium on Motivation*, (pp. 41-134). Lincoln: Univ. of Nebraska Press.
- Triandis, H. C. (1996). The psychological measurement cultural syndromes. *American Psychologist*, 51, 407-415.
- Trost, J. (1995). O processo de formação da família. Em J. Gomes-Pedro & M.F. Patricio (Orgs.), *Bebé XXI: criança e família na viragem do século* (pp. 55-67). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vaitsman, J. (1994). *Flexíveis e plurais*. Rio de Janeiro: Rocca.
- Vartanian, T. P. (1999). Adolescent neighborhood effects on labor market and economic outcomes. *Social Service Review*, 73, 142-167.
- Vasconcellos, M. J. E. (2002). *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Campinas-SP: Papirus.
- Weiss, R. L. & Heyman, R. E. (1997). A clinical-research overview of couple interactions. In W. K. Halford & H. J. Markman (Orgs.) *Clinical Handbook of Marriage and Couples Intervention* (pp. 13-41). London: Wiley.
- Whyte, W. F. (1984). *Learning from the field*. Beverly Hill, CA: Sage
- Wiener, N. (1948). *Cybernetics or control and communication in the animal and the machine*, Cambridge, Massachussets: The MIT press.
- Wiener, N. (1950). *Cibernética e sociedade. O uso humano de seres humanos*. São Paulo: cultrix.

- Wiesenfeld, E. (2005). A Psicologia Ambiental e as diversas realidade humanas
Psicologia, 1, 1-2.
- Williamson, D. S. (1982). Personal authority in family experience via termination of the intergenerational hierarchical boundary: III. Personal authority defined, and the power of play in the change process. *Journal of Marital and Family Therapy*, 8, 309–323.
- Wilson, W. J. (1987). *The Truly Disadvantaged: The Inner City, the Underclass, and Public Policy*. Chicago: Univ. Chicago Press.
- Wilson, W. J. (1996). *When Work Disappears: The World of the New Urban Poor*. New York: Knopf.
- Wood, B. (1985). Proximity and hierarchy: Orthogonal dimensions of family interconnectedness . *Family Process*, 24, 487-507.
- Wood, B. & Talmon, M. (1983). Family boundaries in transition: A search for alternatives, *Family Process*, 22, 347-357.
- Youniss, J. & Smollar, J. (1985). *Adolescent relations with mothers, fathers, and friends*. Chicago: University of Chicago.
- Zamberlan, M. A. T. (1997). Práticas psicossociais de cuidados no ambiente familiar. Em M. A. T. Zamberlan & Z. M. M. Biasoli-Alves (Orgs.) *Interações familiares: teoria, pesquisa e subsídios à intervenção* (pp. 59-82). Londrina: Universidade Estadual de Londrina.

Disponível: <http://www.fgv.br/ibre/> Instituto Brasileiro de Economia-IBRE.

Disponível: http://www.sepof.pa.gov.br/estatistica/ESTATISTICAS_MUNICIPAIS/Mesor_Marajo/Arari/PontaPedras.pdf

Anexos

a) Quem faz parte da sua família ?

b) Tem algum filho morando fora? Qual é o motivo?

Há quanto tempo ?

Controle da natalidade

c) Vocês usam alguma forma de controlar o nascimento das crianças?

d) Com que idade foi sua primeira gravidez ?

III. RENDA FAMILIAR

Mãe ou madrasta = R\$ _____

Pai ou padrasto = R\$ _____

Outros (que contribuam):

Quem ? _____ Valor = R\$ _____

TOTAL= R\$ _____

Em salários mínimos: _____

OBS: No caso de responsável, identificar a renda de cada componente da família, de acordo com o roteiro acima

Agricultura e pecuária

a) Há ou já houve cultivo da terra ?

De quê ?

Há quanto tempo ?

b). Há ou já houve criação de algum animal ?

Qual ?

Há quanto tempo ?

Divisão de trabalho

Atividade alimentar:

c) Quem faz as compras ?

d) Onde faz as compras da casa ?

e) As compras são feitas? () mensalmente () quinzenalmente () semanalmente

f)Quais são os itens comprados ?

g) Quanto gasta, por mês, nas compras com toda a família?

IV. MORADIA

a) Situação da moradia: Própria Alugada Invasão Cedida Outros

b) Tipo de terreno: () Seco () Alagado () Semi-alagado

c) Número de cômodos: _____

d) Número de paredes na casa _____

e)Material das paredes _____

f) Material do telhado _____

g) Material do chão _____

h) Descrição geral da casa

i) Ambiente externo.

j) Disposição dos ornamentos e enfeites: () Ordenado () Desordenado () Não tem

k) Plantas: () Ordenado () Desordenado () Não tem

l) Disposição dos móveis: () centralizado () Descentralizado

m) Locais para brincar

n) Há quanto tempo vocês residem nesta localidade? (anos e meses)

o) Onde moravam anteriormente

p) Por que mudaram ?

qj) Onde os seus pais moravam anteriormente ?

r) e os pais de seu companheiro, onde moravam ?

s) Vocês pretendem continuar morando aqui ? Porque ?

r) Aparelhos domésticos: () TV () Rádio () Aparelhos de som () Geladeira () fogão

V. ESTADO CIVIL ATUAL

a) solteiro casado vive junto separado/divorciado
 viúvo

b) 1º companheiro 2º companheiro
 3º companheiro 4º companheiro ou +

OBS: Caso tenha se separado dos pais das crianças, há quanto tempo isto aconteceu ? (anos e meses)

h) Quantos filhos teve com cada com\panheiro?

1º companheiro _____ 2º companheiro _____
 3º companheiro _____ 4º companheiro ou + _____

c) Há quanto tempo você vive com o seu marido/companheiro atual? (anos e meses)

d) Data do casamento/união _____

e) Houve cerimônia no seu casamento ? _____

Como foi?

f) Alguém pediu a mão de quem ?

g) Você casou virgem? _____ O que você acha da virgindade?

VI. CRENÇAS E VALORES

a) Você deseja que sua filha case virgem ?

b) Você acha que isto vai acontecer ? Porque ?

c) Na sua opinião, é mais difícil cuidar de meninos ou de meninas?

Porque _____

d) Quais são os trabalhos das meninas?

e dos meninos ? _____

e) E na hora de castigar, quem é mais castigado, os meninos ou as meninas ?

Porque?

f) Como são os castigos ?

Metas de futuro e educação

a). Escolaridade e ocupação dos avós

	NOME	APELIDO	IDADE	ESCOLARIDADE	OCUPAÇÃO
Avó materna					
Avô materno					
Avó paterno					
Avô paterno					

b) Há alguma criança que não está freqüentando creche ou instituição escolar?

(especificar motivo(s), caso a resposta seja positiva)

c) Por que você quer que seu filho vá para a escola?

d) Como vocês acham que será a vida de seus filhos daqui a 20 anos ?

VII. RELIGIÃOa) Possui religião? Sim Nãob) Qual? Católica Protestante Espírita Outras

c) Freqüência: mensalmente esporadicamente (pelo menos uma vez por ano) quinzenalmente não freqüente semanalmente

d) Quem freqüenta mais a igreja, o homem ou a mulher ? _____

Porque você acha que isto acontece ?

e) Sobre o que é falado nos encontros religiosos? Quais são os assuntos falados pelo pastor na igreja ?

f) e o batismo, como ocorre ?

g)Quais são as roupas usadas ? É diferente para meninos e meninas? Como ?

h) e quando morre alguém, como é o funeral ?

i) Já Morreu alguém de sua família? Quem?

j) Como foi esta perda para a família ?

k) Do que vocês têm mais medo? (após eles responderem, sugerir o rio, a mata, o estrangeiro, por último Deus)

VIII. CARACTERÍSTICAS DA REDE SOCIAL DE APOIO DA FAMÍLIA.

a) Com quem na sua família, vocês podem realmente contar quando estão com alguma necessidade?

Obs.: Colocar a ordem de importância nos quadradinhos correspondentes, conforme objetivo do projeto, isto é, considerando todas as categorias ou por subcategorias (familiares e não familiares).

MEMBROS FAMILIARES

esposa marido primeiro filho segundo filho terceiro filho + 4 _____

Por parte da mãe: avô avó tio tia outros _____

Por parte do pai: avô avó tio tia outros _____

b) Além da sua família, com quem vocês podem realmente contar quando estão com alguma necessidade?

REDE SOCIAL - NÃO FAMILIAR

amigos vizinhos empregada babá professora

outros _____

IX. SAÚDE

a) Uso de substâncias na família:

TIPO DE SUBSTÂNCIA	MEMBROS DA FAMÍLIA								
	Mãe	Pai	Avô / Avó	Tios/ tias	Sobrinhos(s)	Padrasto	Madrasta	Irmãos (ãs)	Outros (especificar)
Cigarro									
Álcool									
Drogas									

b) O que faz com o lixo: () Enterrado () Queimado () Ar livre () Rio

c) De onde vem a água que você utiliza para beber ?

d) Como faz para tratar?

c). Quais foram e são as doenças mais frequentes na família?

d) Quais são os remédios usados? (Explorar o uso dos remédios caseiros)

X - GERAIS –

Brincadeira

a) Do que as crianças brincam?

ANEXO 02 - O Inventário de rotina (IR) 1ª Versão

Família: _____ Entrevistador(a): _____
 Data: / / Tempo: Início/_____Término/_____
 Membro: _____ Idade: _____ Subsistema: _____
 Respondente: _____

Para cada intervalo de tempo que se indica no quadro que se segue, descreva a atividade que realizou o local e de quem estava acompanhado.

- Marcar dia da semana da rotina investigada: Rotina típica dos membros da família de SEGUNDA – SEXTA / DOMINGO (

Hora	Atividade S/atividade, Lazer, T. Domestico, estudo	Local Rua, casa, escola	Companhia Colegas da mesma idade, familiares, adultos	Observações Freqüência, duração, conteúdo, qualidade, aonde dormem, com quem.
00 às 01				
01 às 02				
02 às 03				
03 às 04				
04 às 05				
05 às 06				
06 às 07				
07 às 08				
08 às 09				

Hora	Atividade S/atividade, Lazer, T. Domestico, estudo	Local Rua, casa, escola	Companhia Colegas da mesma idade, familiares, adultos	Observações Frequência, duração, conteúdo, qualidade, aonde dormem, com quem.
09 às 10				
10 às 11				
11 às 12				
12 às 13				
13 às 14				
14 às 15				
15 às 16				
17 as 18				
18 às 19				
19 às 20				
20 às 21				
21 às 22				
22 às 23				
23 às 00				

ANEXO 03 - O Inventário de rotina (IR) 2ª versão

Família: _____ Entrevistador(a): _____
 Data: / / Tempo: Início/_____ Término/_____
 Membro: _____ Idade: _____ Subsistema: _____
 Respondente: _____

Para cada turno que se indica no quadro que se segue, descreva a atividade que realizou o local e de quem estava acompanhado.
 - Marcar dia da semana da rotina investigada: Rotina típica dos membros da família de **SEGUNDA – SEXTA / DOMINGO (**

Turno	Atividade S/atividade, Lazer, T. Domestico, estudo	Local Rua, casa, escola	Companhia Colegas da mesma idade, familiares, adultos	Observações Freqüência, duração, conteúdo, qualidade, aonde dormem, com quem.
Madrugada				
Manhã				

ANEXO 04 – Termo de consentimento livre e esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pesquisa: “Rotinas, estrutura e dinâmica das relações familiares de uma comunidade ribeirinha da região amazônica”.

Coordenador: Simone Souza da Costa Silva

1. Natureza da pesquisa: Você é convidada a participar desta pesquisa, que tem como finalidade relacionar a estrutura e dinâmica das relações familiares com a rotina de uma comunidade ribeirinha. Além disso, a pesquisa pretende destacar o papel da cultura sobre o funcionamento familiar.

2. Participantes da pesquisa: Na primeira etapa da pesquisa participarão as 22 famílias moradoras do rio Araraiana. Nas fases subseqüentes participarão apenas 6 famílias que serão selecionadas com base em alguns critérios tais como: número de filhos, idade das crianças, doença mental, etc.

3. Envolvimento na pesquisa: Ao participar deste estudo você deve permitir que um pesquisador lhe visite para lhe apresentar um conjunto de perguntas abertas referentes a rotina familiar, as expectativas em relação ao futuro. Além destas questões, você receberá algumas visitas do pesquisador que permanecerá em sua residência observando a vida familiar. Em algumas visitas o pesquisador usará máquina fotográfica, gravador ou filmadora. Cada visita, seja para entrevista ou observação, deve durar mais ou menos uma hora.

Você tem a liberdade de recusar a participar sem qualquer prejuízo para você. Sempre que quiser você poderá pedir mais informações sobre a pesquisa. Poderá entrar em contato com o coordenador da pesquisa através dos telefones 276-9533 ou 8113-8179.

4. Sobre as visitas: As visitas serão marcadas com antecedência e caso, apareça algum imprevisto para a família, a visita pode ser remarcada.

5. Riscos e desconforto: A participação nesta pesquisa não traz complicações, talvez, apenas, um pequeno sentimento de timidez que algumas pessoas podem sentir diante de algumas questões apresentadas.

6. Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais e anônimas, por este motivo você não terá que se identificar em nenhuma parte do questionário. Esclarecemos ainda que estas informações serão veiculadas apenas no meio científico.

7. Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não deverá ter nenhum benefício direto. Entretanto, nós esperamos que esta pesquisa nos de informações importantes sobre a dinâmica de funcionamento do grupo familiar que subsidiarão a prática não apenas de profissionais que trabalham com

comunidades semelhantes mas também com populações diferentes. Além do mais estes dados poderão servir de base para a elaboração de políticas públicas compatíveis com o modo de viver da população ribeirinhas que tradicionalmente tem sido abandonada não apenas pelo poder público mas também pelo conhecimento científico.

8. Pagamento: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa. E nada será pago por sua participação.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu interesse em participar da pesquisa.

Simone Souza da Costa Silva (pesquisador responsável)

Rua Farias Rodrigues, 16

Fone: 276-9533

Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa, que me sinto perfeitamente esclarecido sobre o conteúdo da mesma, assim como seus riscos e benefícios. declaro ainda que, por minha livre vontade, aceito participar da pesquisa cooperando com a coleta de material para exame.

Local e Data

Assinatura do representante da família

ANEXO 05 – Mapa das relações genealógicas na comunidade do Araraiana.

